

**FLÁVIA VELLOSO ALVES**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO  
(UFG/RC) NAS NARRATIVAS DOS SERVIDORES TÉCNICOADMINISTRATIVOS  
DE 1987 A 2015**

**CATALÃO**

**2017**

---

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:     Dissertação     Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

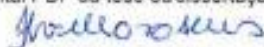
Nome completo do autor: Flávia Velloso Alves

Título do trabalho: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO (UFG/RC) NAS NARRATIVAS DOS SERVIDORES TÉCNICO-ADMINISTRATIVOS DE 1987 A 2015

3. Informações de acesso ao documento:

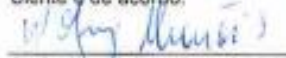
Concorda com a liberação total do documento  SIM                                     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>3</sup>

Data: 14 / 06 / 2018

---

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.                                    Versão atualizada em setembro de 2017.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO

FLÁVIA VELLOSO ALVES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO  
(UFG/RC) NAS NARRATIVAS DOS SERVIDORES TÉCNICOADMINISTRATIVOS  
DE 1987 A 2015**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Educacionais.

**CATALÃO**

**2017**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Velloso Alves, Flávia  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO  
(UFG/RC) NAS NARRATIVAS DOS SERVIDORES  
TÉCNICOADMINISTRATIVOS DE 1987 A 2015 [manuscrito] / Flávia  
Velloso Alves. - 2017.  
221 f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade  
Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação  
em Educação, Catalão, 2017.  
Bibliografia. Apêndice.

1. Universidade Federal de Goiás Regional Catalão. 2. Técnicos  
administrativos em educação. 3. Histórias de vida. I. Honório Filho,  
Wolney , orient. II. Título.

CDU 37(09)







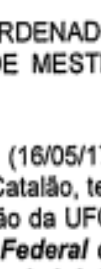
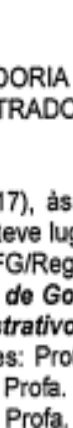
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UAEE – UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário, Bloco I, Sala 1A – Catalão (GO) CEP – 75.704 020 - Fone: (64) 3441-5366.  
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: [ppgeduc.ufg@gmail.com](mailto:ppgeduc.ufg@gmail.com)  
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: [secretariappgeduc@gmail.com](mailto:secretariappgeduc@gmail.com)

ATA DA 65ª SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE  
FLÁVIA VELLOSO ALVES

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO  
PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM  
EDUCAÇÃO PELA MESTRANDA FLÁVIA VELLOSO ALVES

Aos dezesseis dias do mês de maio do ano de dois mil e dezessete (16/05/17), às 14h (quatorze horas), no Sala de Reuniões 104, Bloco L, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 65ª Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, da estudante Flávia Velloso Alves, intitulada: "*Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão (UFG/RC) nas narrativas dos servidores técnico-administrativos de 1987 a 2015*". A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores: Prof. Dr. Wolney Honório Filho (PPGEDUC/UFG – Orientador e Presidente da Banca), Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (PUC-GO – Membro Externo) e Profa. Dra. Aparecida Maria Almeida Barros (PPGEDUC/UFG – Membro Interno). Os examinadores, na ordem citada, arguíram a mestranda sobre a dissertação apresentada, tendo a mesma explicado e/ou rebatido as críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foram anunciados os resultados: Wolney Honório Filho, Aprovada; Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida, Aprovada; Aparecida Maria Almeida Barros, Aprovada. Média Final: **APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao título de Mestre em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, aos dezesseis dias do mês de maio do ano de dois mil e dezessete (16/05/17).

Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida –   
Profa. Dra. Aparecida Maria Almeida Barros –   
Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida –   
Profa. Dra. Aparecida Maria Almeida Barros – 

Secretário   
  
Flávia Velloso Alves  
Técnico Administrativo em Educação  
Universidade Federal de Goiás  
SIAPE 1749488 - Matr. 96484

FLAVIA VELLOSO ALVES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO**

**(UFG/RC) NAS NARRATIVAS DOS SERVIDORES TÉCNICOADMINISTRATIVOS  
DE 1987 A 2015**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do  
título de Mestre em Educação, defendida e aprovada em \_\_\_/\_\_\_/2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.

---

Dr. Wolney Honório Filho - PGEDUC/UFG/Regional Catalão. Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aparecida Maria Almeida Barros  
PGEDUC/UFG/Regional Catalão

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Aos incompreendidos que enfrentam as batalhas e superam as expectativas todos os dias.

Ao meu pai, que me apoia em tudo que faço.

## AGRADECIMENTOS

Ao me graduar em Arquivologia, no ano de 2006, pela Universidade de Brasília – UNB, escrevi em meus agradecimentos finais que tudo aquilo estava acontecendo porque Deus tinha me levado até ali e que Ele me deu mais do que tudo que pedi e que pensei, mais do que sonhei, muito mais. Naquele momento, nem imaginava que, verdadeiramente, eu conquistaria, por intermédio Dele, o mestrado que, para mim, vai além dos meus sonhos, muito obrigada, Senhor, por me dar mais do que eu espero.

Agradeço ainda aos meus familiares, por todo apoio que recebi, especialmente da minha vó, Argentina Velloso, e meu pai, Sérgio Velloso, pelo apoio incondicional aos meus estudos, muito obrigada por estarem sempre ao meu lado.

A caminhada para chegar até o mestrado foi longa, passei por uma especialização em Gestão Pública e agradeço a cada professor pelas aulas ministradas. Nesse caminho, encontrei também pessoas especiais que me auxiliaram, tais como a professora Jupyracyara Jandyra Barros, minha vizinha e amiga, que me encorajou e impulsionou cada passo meu para o mestrado, desde fazer uma disciplina como aluna especial, até o auxílio da escrita da dissertação, apontando-me a cada momento, em todos os caminhos acadêmicos a seguir. Assim como ela, a mais que colega de trabalho, Diana Coelho, que sempre corrigiu meus trabalhos acadêmicos voluntariamente e com muito carinho e dedicação.

O apoio psicológico também foi fundamental nessa caminhada, Zilda e Regivane, minhas terapeutas, muito obrigada por me fazerem acreditar que eu era capaz. Nesta jornada, muitas pessoas estiveram ao meu lado e torcendo por mim: Lorena Carvalho, que fez questão de se certificar que eu acordaria para fazer a prova do processo seletivo; Rodrigo Brandão, que sempre me ajudou com as questões de tecnologia, muito obrigada meninas, sei que vocês não ficaram na cidade até o fim do meu mestrado, mas sei que, de coração, vocês estão comigo. Ao Marco Antônio Lima, por me ceder espaço em sua casa para que eu pudesse escrever quando minha casa não era um lugar confortável para fazer isso, por também me dar apoio emocional e me auxiliar na escrita.

Não posso deixar de agradecer aqui ao Conselho Gestor da Regional Catalão, que me concedeu licença por um ano e meio para que eu pudesse me qualificar, agradeço na pessoa da Professora Luanna Lobato, que, enquanto conselheira à época, defendeu diante dos conselheiros o meu direito de qualificação profissional, muito obrigada.

Neste mesmo sentido, agradeço aos colegas de trabalho por me apoiarem a fazer o mestrado e me darem suporte diante da minha ausência. Fundamentais para esta conquista

foram as colegas do mestrado, cada momento, cada dúvida, cada angústia, cada sorriso valeu a pena para vivermos esse sonho juntas, meninas. Esses momentos só foram possíveis porque o PPGEDUC mantém uma qualidade ímpar de docentes que nos fazem buscar, cada dia mais, qualidade em nossas pesquisas.

Gostaria de agradecer, em especial, às professoras Ana Maria Gonçalves e Selma Perez por exigirem sempre de mim e me fazerem trilhar um caminho acadêmico com mais dedicação e ética. Meu agradecimento e louvor ao meu orientador Professor Wolney Honório Filho que, além de fazer um excelente trabalho e exigir bastante de mim, é um grande Ser Humano, que permitiu expor minhas ideias e pensamentos de forma acadêmica e foi generoso em relação ao cumprimento de metas e prazos.

Agradeço, ainda, aos professores da linha História e Cultura do PPGEDUC por me direcionarem nas aulas de Seminário em Pesquisa I e II sobre quais as melhores formas de conduzir minha pesquisa. Mais alguns professores me auxiliaram no trabalho, mesmo não participando do programa de mestrado, a professora Nádia Campos e o professor Maxwell Pereira me indicaram autores da área de administração para me ajudarem a compor minha bibliografia utilizada, muito obrigada. A professora Maria José da Silva sempre discutiu a temática comigo e me cedeu a oportunidade de fazer um estágio em docência com ela, muito obrigada, querida.

Agradeço, em tempo, a minha querida amiga Kelma Gonçalves que, quando me vi em desespero, pedi seu auxílio e ela sentou ao meu lado, leu meu trabalho e discutiu as ideias comigo, sem o seu apoio, esta dissertação não teria se realizado. Gostaria de agradecer a minha banca, tanto de qualificação quanto de defesa, professoras Aparecida Almeida e Maria Zeneide, vocês tornaram o meu trabalho muito melhor.

Não posso deixar de agradecer, também, aos participantes que se dispuseram a contribuir com a pesquisa. Sem mais, agradeço a todos que, de forma direta ou indireta, ajudaram-me a chegar até aqui e que por um lapso de momento esqueci-me de citar, que Deus abençoe a todos vocês e lhes conceda, assim como me concedeu, mais do que sonhei.

O resultado mais sublime da educação é a tolerância.

Helen Keller

## LISTA DE SIGLAS

ADCAC	Associação dos Docentes do Campus Catalão
ASUFEGO	Associação de servidores da Universidade Federal de Goiás
BDTD	Banco digital de teses e dissertações da Biblioteca Nacional
CAC	Campus Avançado Catalão
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior
CESUC	Centro de Ensino Superior de Catalão
CIDARQ	Centro de Informação e Documentação e Arquivo
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
COSUNI	Conselho Universitário
CSU	Centro Social Urbano
CRUTAC	Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária
EAD	Ensino a Distância
FASUBRA	Federação de Sindicatos dos Trabalhadores em educação das Universidades Brasileiras
FATECA	Faculdade de Tecnologia de Catalão
FUNRURAL	Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IFG	Instituto Federal de Goiás
IF Goiano	Instituto Federal Goiano
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
UFAM	Universidade do Amazonas
UFCAT	Universidade Federal de Catalão
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFG/RC	Universidade Federal de Goiás Regional Catalão
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNB	Universidade de Brasília
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UFV	Universidade Federal de Viçosa

PCCTAE	Plano de Carreira dos Cargos Técnicos administrativos em Educação
PCS	Plano de Cargos e Salários
PDE	Plano de Desenvolvimento da Educação
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação de Catalão
PUCRCE	Plano Único de Classificação e Redistribuição de Cargos e Empregos
PUC-GO	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
PUC-RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PMC	Prefeitura Municipal de Catalão
PNE	Plano Nacional de Educação
QRSTA	Quadro de Referência do Servidor Técnico-Administrativo
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RONDOM	Projeto de Integração Social
SIAPE	Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos
SINT-	Sindicato dos Trabalhadores Técnicos-Administrativos em Educação das
IFESgo	Instituições Federais de Ensino Superior no Estado de Goiás
SMTC	Secretaria Municipal de Trânsito de Catalão
STA	Servidores Técnicos administrativos
TAE's	Técnicos Administrativos em Educação

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Reprodução do álbum de fotos de Gestão 1998 - 2002. Homenagem aos primeiros TAEs que chegaram à instituição.....	44
<b>Figura 02</b> - Reprodução do álbum de Gestão 1998 - 2002 ao fundo, os TAEs à época.....	59
<b>Figura 03</b> - Reprodução de foto que demonstra a rotina de trabalho dos TAEs em 1996.....	62
<b>Figura 04</b> - Servidores TAEs participando do registro de informatização da Biblioteca.....	84
<b>Figura 05</b> - Pirâmide de Hierarquia de necessidades de Maslow.....	88
<b>Figura 06</b> - Reprodução de cópia de um jornal que noticiou a visita do então Governador Marconi Perillo a Catalão para entrega de cheque para a construção da biblioteca e auditório	109
<b>Figura 07</b> - Fotos que registram a construção dos prédios em 2003 .....	111
<b>Figura 08</b> - Vista aérea da Regional Catalão em 2003 .....	115
<b>Figura 09</b> - Vista aérea da Regional Catalão. Demonstração do crescimento do Campus depois das obras do REUNI .....	115
<b>Figura 10</b> - Vista aérea noturna da Regional Catalão.....	121
<b>Figura 11</b> - Movimento de Greve dos TAEs em 2011 em frente à biblioteca.....	128

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Demonstração de cargos de acordo com nível e escolaridade segundo PCCTAE	45
<b>Quadro 02</b> - Participantes da entrevista e os critérios porque foram selecionados .....	48
<b>Quadro 03</b> - Mobilidade institucional dos participantes da entrevista .....	48
<b>Quadro 04</b> - Síntese das relações dos participantes com a instituição .....	56

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> - Demonstração dos TAEs separados por gênero.....	45
<b>Gráfico 02</b> - Distribuição de TAEs da Regional Catalão por nível de classificação dos cargos .....	46
<b>Gráfico 03</b> - Demonstração do nível de escolaridade dos TAEs da Regional Catalão.....	47
<b>Gráfico 04</b> - Demonstração de quantidade de TAEs que trabalham nas atividades fim e meio .....	63
<b>Gráfico 05</b> - Mobilidade de qualificação dos servidores da UFG/RC.....	79

## LISTA DE APÊNDICES

<b>APÊNDICE A</b> - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA BOBY .....	144
<b>APÊNDICE B</b> - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA LIZ .....	171
<b>APÊNDICE C</b> - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA MARGOT .....	197
<b>APÊNDICE D</b> - TEXTO RESPONDIDO A PARTIR DO ROTEIRO KATE.....	214
<b>APÊNDICE E</b> - ROTEIRO RESPONDIDO GEORGINA.....	220
<b>APÊNDICE F</b> - ROTEIRO SEMIESTRUTURADO .....	227

## RESUMO

Esta pesquisa aborda a percepção do Técnico Administrativo em Educação (TAEs), por meio de suas histórias de vida, a respeito da Universidade Federal e Goiás – Regional Catalão (UFG/RC). Discutimos a partir da indagação: como se constitui a história da (UFG/RC) na perspectiva de TAEs. O objetivo geral é narrar a história da UFG/RC, no período de 1987 a 2015, na perspectiva de seus TAEs. Os objetivos específicos são: I - como chegaram a ser o que são: técnico administrativo em educação na UFG/RC; II - investigar os bastidores da UFG/RC diante das atividades dos TAEs; III - analisar como se deu a biografia institucional da UFG/RC a partir das histórias de vida de seus servidores TAEs. Foi empregado o método histórias de vida que, por meio das reações espontâneas dos sujeitos e vivências particulares investiga valores e padrões culturais que compõem material histórico, revelando o comportamento humano e institucional da UFG/RC. Recolhidas entrevistas semiestruturadas, os dados foram analisados a partir de Bolívar (2014), que propõe considerar o entendimento compartilhado como uma ação simbólica comum, que cria e mantém uma organização, ou seja, a realidade organizacional é entendida como uma construção narrativa: os grupos escolares em lugar de realidades objetivas têm sua própria biografia institucional.

**Palavras-chave:** História de vida. Biografia institucional. Técnico administrativo em educação. Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

## RESUMEN

### UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO (UFG/RC) EN LAS NARRACIONES DE LOS SERVIDORES TÉCNICOADMINISTRATIVOS DE 1987 HASTA 2015

Esta investigación aborda la percepción del técnico administrativo en la educación (TAEs), com base em sus histórias de vida, acerca de la Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão (UFG/RC). Discutimos a partir de uma pergunta: cómo se há constituído la história de la (UFG/RC) en el punto de vista de los TAEs. El objetivo general es narrar la história de UFG/RC en el periodo de 1987 hasta 2015, con la perspectiva de sus TAEs. Los objetivos específicos son: I - cómo llegaron a ser lo que son: técnico administrativo en educación en la UFG/RC; II - investigar los bastidores de la UFG/RC sobre las atividades de los TAEs; III – analizar cómo lo hizo la biografía institucional de la UFG\RC con base en las histórias de vida de sus servidores TAEs. Fue empleado el método de historias de vida que, a través de las reacciones espontáneas de los sujetos y experiencias privadas investiga valores y padrones culturales que hacen el material histórico, revelando el comportamiento humano y institucional de la UFG/RC. Recogidas las entrevistas semiestructuradas, los datos fueran analizados a partir de Bolívar (2014), que propone teniendo el entendimiento compartido como una acción simbólica comun, que crea y mantiene una organización, es decir, la realidade organizacional es entendida como una construcción narrativa: los grupos escolares em lugar de realidades objetivas tienen su própria biografía institucional.

**Palabras-clave:** Historia de vida. Biografía institucional. Técnico administrativo en educación. Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão.

## **ABSTRACT**

### **UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - REGIONAL CATALÃO (UFG/RC) IN THE NARRATIVES OF THE SERVERS TECHNICIAN ADMINISTRATIVE FROM 1987 UNTIL 2015**

This research deals with the perception of Administrative Technician in education (TAEs), through their life stories about the Federal University and Goiás-Catalan Regional (UFG/RC). We discuss from the question: How is the history of (UFG/RC) from the perspective of TAEs. The general objective is to narrate the history of UFG/RC, in 1987 until 2015, with a view to their TAEs. The specific goals are: I- how came to be what they are, administrative technician in education at UFG/RC; II- analyze how did the institutional biography UFG/RC from the life stories of your servers TAEs. It was employed the method of life stories, through the spontaneous reactions of the subject and private experiences investigates cultural values and standards that make up historical material, revealing the human and institutional behavior of UFG/RC. Collected semi-structured interviews, data were analyzed from Bolívar (2014), which proposes to consider the understanding shared as a common symbolic action, which creates and maintains an organization, such as, the organizational reality is understood as a narrative construction: the school groups in objective realities have your own institutional biography.

**Keywords:** History of life. Institutional biography. Administrative technician in education. Universidade Federal de Goiás- Regional Catalão.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	22
<b>CAPÍTULO I – COMO CHEGARAM A SER O QUE SÃO: técnico administrativo em educação na UFG/RC</b> .....	34
<b>1.1 Aporte teórico</b> .....	34
<b>1.2 Identidade</b> .....	36
<b>1.3 Perfil dos Técnicos Administrativos em Educação de acordo com Departamento do Pessoal da Regional Catalão</b> .....	45
<b>1.4 Participantes da pesquisa narrativa</b> .....	47
1.4.1 <i>Sujeitos da pesquisa</i> .....	51
1.4.2 <i>Como se tornaram técnicos administrativos em educação na UFG - RC</i> .....	56
<b>1.5 Considerações parciais sobre o capítulo</b> .....	59
<b>CAPÍTULO II – OS BASTIDORES DA UFG-RC DIANTE DAS ATIVIDADES DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO</b> .....	61
<b>2.1 Ideia de bastidor</b> .....	61
<b>2.2 Técnico educador</b> .....	65
2.2.1 <i>Para que técnico administrativo precisa ter mestrado e doutorado?</i> .....	69
<b>2.3 A carreira</b> .....	75
<b>2.4 A qualificação dos TAEs da Regional Catalão</b> .....	78
<b>2.5 Visibilidade profissional</b> .....	80
<b>2.6 Satisfação no trabalho</b> .....	87
<b>2.7 Precarização do trabalho</b> .....	91
<b>2.8 Considerações parciais sobre o capítulo</b> .....	95
<b>CAPÍTULO III - A BIOGRAFIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA UFG REGIONAL CATALÃO A PARTIR DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO</b> .....	97
<b>3.1 Histórias de vida <i>versus</i> História institucional</b> .....	97
<b>3.2 O Ensino Superior em Catalão</b> .....	100
3.2.1 <i>A UFG na cidade de Catalão</i> .....	102
<b>3.3 A expansão da instituição e a criação de novos <i>campi</i></b> .....	112
<b>3.4 A UFG no interior e as relações com a Regional Goiânia</b> .....	117
<b>3.5 A formação do corpo técnico administrativo</b> .....	121
3.5.1 <i>A chegada de novos técnicos</i> .....	122

<b>3.6 Representatividade, embates e conquistas .....</b>	<b>125</b>
<b>3.7 Considerações parciais do capítulo.....</b>	<b>132</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>134</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>137</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>143</b>

## INTRODUÇÃO

Estou no ensino público federal desde 2002. Cursei minha graduação em Arquivologia na Universidade de Brasília – UNB, até o ano de 2006. Durante minha estada como aluna na referida Universidade, tive poucos contatos com Técnicos Administrativos em Educação – TAEs, pois, como meu curso era noturno, havia poucos servidores nesse horário. Eu, de certa forma, sabia de suas existências, pois quando queríamos algo da secretaria, como uma declaração de matrícula ou outro documento, por exemplo, deixávamos anotado em um livro que ficava em cima do balcão e, alguns dias depois, o que precisávamos estava lá, dentro do mesmo livro, pronto para ser retirado. Durante toda a minha graduação, meu contato com os servidores administrativos da UNB foi assim, meio anônimo, até sabia que o nome do secretário do meu curso era “Tarcísio”, pois era um nome bastante falado e solicitado entre os professores quando necessitavam de algo burocrático, contudo, não me recordo de já tê-lo visto.

Afora os contatos que tive com o pessoal da biblioteca e do registro acadêmico no dia de minha matrícula, foram poucas as vezes que tive conhecimento destes outros “personagens” universitários que não eram professores e alunos. Para bem falar a verdade, tive conhecimento pleno dessa categoria de trabalhadores na universidade quando, em meados de 2005, fui dar entrada nos documentos para minha formatura e emissão de diploma e não consegui, pois os servidores estavam em greve. Confesso que, naquele momento, tive um sentimento de revolta, uma vez que pensava que minha vida acadêmica e, futuramente, profissional não tinha nada a ver com as reivindicações trabalhistas daqueles sujeitos. Mal podia saber que eles lutavam pelo plano de carreira do qual hoje participo.

Desde 2007, como arquivista, realizei inúmeras consultorias arquivísticas. em diversos órgãos da Capital Federal, tais como Ministério da Agricultura, Ministério do Turismo e Arquivo Nacional. Ao tomar conhecimento de um concurso público para arquivista na Universidade Federal de Goiás, *campus* Catalão, vi a oportunidade de estabilidade e segurança na carreira. Em 2009, fui aprovada no concurso, tomei posse do meu novo cargo<sup>1</sup> e, desde então, posso afirmar que “mudei de lado”, deixei de ver as universidades federais como expectadora e aluna e, talvez, tenha me tornado uma “Tarcísio”, aquela funcionária que faz o serviço aparecer, mas que não é vista.

---

<sup>1</sup> Sou Arquivista na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão e, atualmente, desempenho a função de Coordenadora do Centro de Informação e Documentação e Arquivo - CIDARQ.

Durante esses sete anos de trabalho na Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás (UFG/RC), percebo que, embora faça parte do grupo dos novos servidores, já vi muitos acontecimentos e posso asseverar que a ótica de quem está por trás das cortinas é diferente daquela de quem está no comando da peça ou de quem, simplesmente, está assistindo. Afirmo, ainda, que minha história de vida está nas entranhas da instituição, uma vez que passo lá oito horas por dia e, para trabalhar, mudei de cidade, então, posso dizer que a maior parte das minhas relações interpessoais em Catalão foi/é forjada nas paredes da UFG/RC.

Meu processo de formação também está sendo construído nesse local, tendo em vista que, em 2010, concluí uma especialização em Gestão Pública e, atualmente, sou aluna regular no Programa de Pós Graduação em Educação – PPGEDUC, vinculado à Unidade Acadêmica Especial de Educação da UFG/RC. Inserida nesse contexto, ao cursar a disciplina “Cultura e Memória nos Processos Formativos”, oferecida pelo PPGEDUC em 2014, como aluna especial, durante a escrita de um artigo que versava sobre formação e história de vida de trabalhadores terceirizados de uma instituição de ensino superior em Catalão/GO, uma colega de trabalho me disse: “Ninguém nunca me entrevista, estou aqui há muitos anos, tenho muito para falar”.

Tal ocorrência despertou em mim a atenção para outro fato: notei que a maioria das consultas realizadas no Centro de Informação e Documentação e Arquivo – CIDARQ em busca de documentos para subsidiarem pesquisas acadêmicas a respeito de recursos humanos, nessa Regional, enfocavam trabalhadores terceirizados ou professores. Documentos sobre os Técnicos Administrativos em Educação – TAEs – eram pouco procurados. Essa consulta ocorreu em uma única pesquisa, a respeito da rotatividade de funcionários públicos na UFG/RC, para um trabalho de conclusão de curso de graduação.

Ao perceber essa evidente lacuna, procurei amadurecer a possibilidade de buscar a narrativa histórica da Instituição Regional Catalão da Universidade Federal de Goiás, a partir da perspectiva dos TAEs, tomando-os como sujeitos fontes, portadores de visões e inserções nesse processo de constituição histórica da instituição. Acredito que esse viés possa trazer outro olhar sobre a instituição, uma vez que esses indivíduos trabalham indiretamente com o ensino superior, ou seja, eles não são docentes, o que faz com que possuam uma perspectiva diferenciada a respeito da história e da tradição da organização, de modo que, enquanto participam da história da instituição, o contrário também acontece, pois a instituição transforma a história de vida deles.

Assim, formulei o seguinte problema de pesquisa: Como se constitui a história da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão na perspectiva das histórias de vida dos

Técnicos Administrativos em Educação entre os anos 1987<sup>2</sup> a 2015? Não obstante, analisar a narrativa histórica dessa instituição escolar sob a ótica desses sujeitos, no período mencionado, torna-se o objetivo da pesquisa. Especificamente, pretendo caracterizar as histórias de vida desses sujeitos e como chegaram a ser profissionais administrativos em uma instituição de ensino superior. Pretendo, ainda, apresentar a biografia institucional dessa Regional.

Situada no sudeste do estado de Goiás, Catalão, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, surgiu por volta dos anos 1792 ou 1793, com a finalidade de ser a localidade em que religiosos e homens de guerra se instalavam para descansar. A partir de 1736, efetivou-se o povoado do espanhol “O Catalão”. Em 1835, deixou de ser povoado e elevou-se ao nível de freguesia e vila de pouso de bandeirantes e fazenda “Catalão”. Em 1850, abarcando Ipameri e Corumbaíba, tornou-se comarca, com a designação de Comarca do Rio Paranaíba e, em 1859, adquiriu a condição de Cidade. Desde então, vários territórios foram anexados a Catalão e desmembrados, tornando-se municípios autônomos, tais como Goiandira, Três Ranchos, Ouvidor, Davinópolis e Cumari. A partir de 2007, Catalão passou a ser um município constituído por mais dois distritos, Pires Belo e Santo Antônio do Rio Verde. Segundo o último censo demográfico de 2010, a população de Catalão é de 86 mil e 647 habitantes. Com a economia alicerçada na indústria, conta também com a área de serviços e agropecuária e tem a receita anual acima dos 300 milhões de reais.

De acordo com Silva (2009), presente em Catalão desde 1983, a Universidade Federal de Goiás - UFG, em princípio, figurava na cidade apenas como um projeto de extensão. A partir de 1986, a Prefeitura Municipal, preocupada com o *déficit* de professores no município, investiu financeiramente na instituição a fim de que fossem implantados cursos de licenciatura, tais como Letras, Geografia, História, Matemática e Pedagogia. Com a implantação do curso de Ciências da Computação, em 1996, o *campus* Catalão passou a atuar para além da área de licenciatura. Apesar das dificuldades econômicas e políticas, o *campus* Catalão/ UFG foi se consolidando e, com o passar dos anos, foram implantados outros cursos, totalizando, no ano de 2015, vinte e dois cursos de graduação, nove mestrados, um doutorado e por volta de vinte especializações em nível *lato sensu* (dados fornecidos pelo *site* da instituição). Hoje, diante de um novo estatuto, a UFG se subdivide em regionais, ficando a de Catalão designada como Regional Catalão.

---

<sup>2</sup> O *campus* foi criado em 1983, mas considerei a data de 1987 como inicial para essa pesquisa, pois é a data de ingresso da TAE mais antiga em atuação no momento.

Aponta-se ainda, atualmente, a possibilidade dessa Regional se tornar Universidade autônoma, possivelmente denominada Universidade Federal de Catalão<sup>3</sup>.

A respeito da história dessa instituição, encontram-se publicadas três obras: a primeira é uma dissertação de mestrado, defendida em 1991 pela Professora Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida (1992) e intitulada “A extensão universitária: uma terceira função”, em que a autora faz uma explicitação de como ocorreu a implantação do *campus* avançado na época. Para tanto, recorre às análises dos elementos da história da educação brasileira articulados às questões do clientelismo político local e regional que permearam a implantação do referido *campus* e a criação dos cursos de Geografia, Letras, Matemática e Pedagogia na década de 1980.

No artigo apresentado em 1997, no IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, sociedade e educação no Brasil”, intitulado “Expansão e interiorização da Universidade Federal de Goiás nos anos 80: a parceria com o poder público municipal”, Luiz Fernandes Dourado versou a respeito da implementação de convênios de modo a garantir o ensino público superior e gratuito nas cidades de Catalão e Jataí, em Goiás.

A terceira obra é um livro da professora Maria José da Silva (2009), “A História do Campus Catalão UFG – 1983-2002”, em que a autora retrata a história do *campus*. Nesse trabalho, a investigação girou em torno de políticas de interiorização de cursos na UFG, implementadas a partir de 1980. Buscou ainda relatar a situação dos professores dessa instituição que, embora trabalhassem em uma universidade federal, tinham vínculo empregatício com a prefeitura municipal da cidade de Catalão.

Nesse contexto, ambas as obras são fundamentais para a discussão sobre a constituição histórica do *campus* Catalão, hoje Regional Catalão. Porém, em nenhuma dessas obras os técnicos administrativos foram acolhidos enquanto sujeitos da pesquisa, porque as ênfases de ambas priorizaram outras questões e sujeitos de investigação.

Em princípio, de acordo com Dourado (1997), os convênios firmados juntamente com a prefeitura Municipal de Catalão para a permanência do *campus* na cidade visavam apenas a contratação de professores regidos pela Consolidação das Leis de Trabalho – CLT, sem garantia de estabilidade no emprego, embora fosse um cargo público. No caso de rompimento do convênio, era garantido somente ao aluno o direito de término do curso em Goiânia. Desde então, vem se mantendo a renovação de convênios e, embora sempre tenham existido casos de

---

<sup>3</sup> Desde meados de novembro de 2015, vem sendo discutido em âmbito estadual e federal o desmembramento das Regionais Catalão e Jataí da UFG, tornando as duas Regionais universidades autônomas.

servidores administrativos lotados na Regional Catalão, a figura e garantia de seus provimentos só foram previstas na renovação do convênio em 2014<sup>4</sup>.

Segundo o setor responsável pela gestão de pessoas dessa Regional, até o ano de 2006 havia somente seis servidores administrativos federais na Instituição. A partir daí, começou a expansão e interiorização, e vieram mais vagas de TAEs para a Regional. No entanto, a estrutura administrativa se mantém, até hoje, híbrida, com trabalhadores federais, municipais e terceirizados.

O quadro de servidores técnicos administrativos conta, em outubro de 2015, com 97, dos quais, 77 são federais e 20 municipais. A Regional dispõe, também, de 113 servidores terceirizados, o que pode ser um sintoma de que, face ao *déficit* de servidores efetivos, recorre-se a essa prerrogativa de contrato como forma de viabilizar as atividades internas. A atual estrutura atende cerca de 4000 alunos, balizando-se nos pilares da educação superior que são: Ensino, Pesquisa e Extensão.

Considero que os técnicos administrativos em educação se constituem como uma categoria que, até hoje, não foi ouvida ou referenciada em pesquisas, tanto na Regional Catalão da UFG quanto em outros trabalhos. Enxergando-os como um grupo social que possui suas peculiaridades, que pode ter uma visão diferenciada dessa instituição e, ao mesmo tempo, coletiva, pautar-me-ei nesse grupo para o desenvolvimento deste trabalho e conhecimento a respeito da história da instituição.

Para alcançar o objetivo desta investigação, utilizei, basicamente, o método (auto) biográfico para narrar as histórias de vida dos trabalhadores administrativos da UFG/RC, com a finalidade de observar suas formações e perceber como se constituiu a organização escolar. Nesse método, podem ser usados dois tipos de materiais, os primários, que são, fundamentalmente, a utilização de entrevistas estruturadas ou não; e os secundários, em que se pode utilizar fotografias, recortes de jornal, diários, entre outros documentos possíveis de serem utilizados para triangular os dados de interesse para a pesquisa.

Para tanto, procedi a uma compilação de fontes metodológicas. A principal delas foi a coleta de narrativas, por meio de entrevistas semiestruturadas e escritas sobre si dos próprios entrevistados. De acordo com Bolívar (2014), o enfoque biográfico e narrativo da organização oferece um modo alternativo para descrever, analisar e teorizar os processos e práticas educativas na escola. Da mesma forma, a realidade organizacional é vista como uma construção narrativa, que possibilita buscar os sentidos que os atores dão aos processos

---

<sup>4</sup> Convênio 336 de 2014, celebrado entre a UFG e a PMC.

organizativos. Ademais, as histórias e relatos da organização contribuem para mediar, compartilhar e, em último caso, constituir a realidade organizativa.

Em um primeiro momento, realizei uma análise documental de assentamentos individuais dos TAEs, que são os registros funcionais, ou seja, toda a documentação que diz respeito aos fatos ocorridos na vida funcional do servidor, de acordo com a Lei nº 8112, de 11 de dezembro de 1990, que dispõe sobre o regime jurídico dos servidores públicos civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais, com o intuito de identificar qual as trajetórias desses sujeitos em suas carreiras durante a estada como Técnico Administrativo em Educação e sua permanência na Regional Catalão. Fiz, também, uma cartografia<sup>5</sup> para mapear onde estão esses técnicos administrativos hoje, qual sua lotação na Regional Catalão, quem são e quais suas formações.

Realizei, ainda, uma busca em fontes secundárias, conforme orienta Michel (2009), tais como planos de cargos da instituição, portarias, regimentos, estatutos, correspondências e outros. Aliás, esse momento de apreciação de documentos foi crucial para a definição dos critérios e seleções de quais sujeitos participariam da próxima etapa da pesquisa. Na primeira etapa, ainda busquei documentos produzidos institucional e academicamente, que refletem a história da Regional.

Ultrapassadas essas etapas de pesquisa em fontes secundárias, parti para as entrevistas aos sujeitos selecionados, alicerçada nas recomendações do Comitê de ética<sup>6</sup> em Pesquisa na UFG, que poderão nos transmitir, a partir de suas histórias de vida, a sua percepção da UFG/RC. Definidos os partícipes das entrevistas, fiz o convite e todos aceitaram. Então, pedi para que cada um me enviasse relatos de suas vidas pregressas à entrada na instituição, com a finalidade de conhecer melhor esses sujeitos, suas histórias de vida, suas formações, de onde vieram e, possivelmente, entender como eles percebem a organização.

Tendo em vista que meu nicho de pesquisa são os TAEs federais, que pertencem ao Plano de Carreira dos Cargos Técnicos administrativos em Educação (PCCTAE) e que atuaram profissionalmente até o ano de 2015, o primeiro critério para a escolha foi o tempo de serviço na Regional; o segundo, a classificação dos cargos; terceiro, a formação acadêmica; e quarto, a representação sindical. Foram entrevistados cinco indivíduos, três por meio de entrevista oral gravada e transcrita, e duas escritas manualmente, pelos próprios indivíduos, que alegaram timidez e preferiram escrever, uma vez que, assim, melhor se expressariam.

---

<sup>5</sup> O termo “cartografia” aqui não se refere ao termo utilizado na geografia de representação dos espaços; foi utilizado como analogia de como foram investigados os documentos em detrimento da trajetória dos TAEs.

<sup>6</sup> Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG sob o número CAAE 53549315.7.0000.5083.

Como já dito, pesquisei com base na história de vida de sujeitos, TAEs, o que é concebido como um método de investigação qualitativa em educação (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Nesse método de pesquisa, utiliza-se como fontes de informação pessoas cuja experiência de vida esteja diretamente ligada ao objeto de estudo, por meio de relatos escritos ou falados. Para Bolívar (2003), na “investigação narrativa, [...], os informantes falam deles mesmos, sem silenciar sua subjetividade”.

Dessa feita, levando em consideração os relatos dos entrevistados, tentei compreender a história da Universidade Federal de Goiás em Catalão e sua biografia institucional, por meio do olhar peculiar do servidor Técnico Administrativo em Educação, diante do contexto histórico da instituição. O modo como ele transforma a instituição, concomitantemente, provoca transformações no sujeito.

Para tal propósito, utilizei as colaborações da gestão da informação e do conhecimento. De acordo com Valentim (2008), a Gestão da Informação se apoia nos fluxos formais (conhecimentos explícitos) e a Gestão do Conhecimento nos fluxos informais (conhecimento tácito). A Gestão da Informação trata daquilo que é registrado, independente do suporte: papel, disquete, CDROM, internet, intranet, etc., constituindo-se nos *ativos informacionais tangíveis*. A Gestão do Conhecimento trabalha no âmbito do não registrado: reuniões, eventos, construção individual de conhecimento, valores, crenças e comportamento organizacional, experiências práticas, educação corporativa, conhecimento de mundo etc., constituindo-se nos *ativos intelectuais (intangíveis)*.

Bolívar (2003, p. 03, grifos do autor) aponta que “contar as próprias vivências e ‘ler’ (no sentido de ‘interpretar’) esses fatos e ações, a luz das histórias que os atores narram, se convertem em uma perspectiva peculiar de investigação”. Sendo assim, e mediante o auxílio de documentos oficiais, em conjunto com o enfoque biográfico adotado neste trabalho, a história de vida se atentou para as reações espontâneas, vivências particulares, visões pessoais que traduzam valores, padrões culturais, dentre outros aspectos, segundo os pontos de vista dos sujeitos abordados. Logo, a história de vida serve para recolher material histórico, mas também para compreender os aspectos básicos do comportamento humano ou das instituições. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 92):

As histórias de vida sociológicas são, frequentemente, uma tentativa para reconstruir a carreira dos indivíduos, enfatizando o papel das organizações, acontecimentos marcantes e outras pessoas com influências significativas comprovadas na moldagem das definições de si próprios e das suas perspectivas sobre a vida.

Ainda sobre a utilização de histórias de vida como forma de investigação, mais especificamente, modo de investigação de instituições educacionais, Bolivar (2014, p. 347, grifos do autor, tradução livre) afirma que:

O cruzamento das “histórias de vida” profissionais, expressadas nos relatos de vida, pode configurar a “história biográfico-institucional” do centro escolar, marcando seus ciclos de desenvolvimento. Ao reunir uma série de relatos de vida pertencentes ao mesmo centro escolar, colocando-os uns em relação aos outros, assim como as estruturas e contexto histórico, se inscrevem e proporcionam uma certa “saturação”, que permitem compreender a história do grupo estudado.

Na Regional Catalão e na bibliografia atual, há poucos estudos que abordam a análise histórica da instituição superior na perspectiva de TAEs. Em contraponto a essa afirmação, em seu trabalho denominado “Lugares, tempos e saberes em História da Educação nas instituições de formação de professores no Brasil”, Gatti (2005) aponta as categorias de análise que se destacaram no quadro conceitual recolhidas dos textos de Nosella e Buffa, entre os anos 1996 e 2000. Nesse quadro, aparece brevemente a categoria mestres e funcionários (perfil) como tema estudado a respeito da história das instituições escolares. No entanto, mesmo diante desse apontamento, conclui-se que técnicos administrativos em educação não se constituem como fonte de pesquisas nesses estudos.

Aqui, especificamente, esses estudos estão pautados na história da educação, na história das instituições escolares, além de calcar os pés nas histórias de vida para balizar a investigação. Nesse sentido, alguns autores renomados já escreveram a esse respeito e, portanto, auxiliaram-me a pensar e me apontaram como tratar o meu objeto de pesquisa:

A História da educação ainda é território privilegiado para tomar do passado as pistas que podem nos conduzir à iluminação do presente. Trata-se sob qualquer hipótese, de investigar, sistematizar e divulgar os movimentos e os deslocamentos pelos quais ritos e tradições escolares são constituídos: por saberes, por valores, por atitudes e por exemplos (BOTTO, 2014, p. 115).

Para Miguel (2012, p. 244), “conhecer a história da educação justifica-se para que se possa, compreendendo seu desenvolvimento, contribuir para melhora-la”. Nosella e Buffa (2008, p. 21) afirmam que os estudos a respeito de instituições escolares “[...] podem ser um instrumento para uma nova compreensão da escola, elevando, assim, o autoconhecimento de seus profissionais ao estabelecerem comparações com outros, e, portanto, aumentando a

responsabilidade de suas opções”. Vê-se, portanto, que o estudo dessas instituições é importante para o entendimento político, social e histórico local, estadual e nacional.

Não existe instituição escolar que não mereça ser pesquisada. Ao se tornar objeto de estudo, traz para a superfície do cotidiano aspectos institucionais e educacionais novos ou incógnitos anteriormente. Instituições de ensino, desde os anos 1990, são estudadas, sobretudo nos programas de pós-graduação, e observa-se que alguns temas são recorrentes nesses estudos:

[...] privilegiam a instituição escolar considerada na sua materialidade e nos seus vários aspectos: o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; a vida da escola; o edifício escolar: [...]; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: [...]; as normas disciplinares: [...]; eventos: [...]. (NOSELLA; BUFFA, 2008, p.16).

Nota-se, nessa citação, que a categoria de profissionais não docentes não aparece como um dos temas abordados nos estudos atuais. Como tem sido dito aqui, a relação entre história das instituições e técnicos administrativos, ou melhor, a história das instituições na perspectiva dos técnicos administrativos é um tema pouco estudado, o que torna relevante esta pesquisa.

Sanfelice (2009) explica que o pesquisador, ao investigar uma instituição educativa, não deve ter obstáculos quanto ao uso de novas fontes de recursos enriquecedores das pesquisas. Trabalhar com a ótica do corpo administrativo de instituições de ensino se torna mais uma possibilidade de conhecimento da história das instituições escolares, ou seja, “[...] uma escola pode ser vista a partir de várias perspectivas, aliás, é isso que torna a história uma ciência aberta” (NOSELLA; BUFFA, 2008, p. 25).

No que se refere a historiar uma instituição escolar, muitas podem ser as formas de obter suas informações. Capelle (2007, p. 133) afirma que:

Nossas experiências nos permitem perceber que a utilização de diversos tipos de fontes, de forma concomitante, tais como as escritas, orais e iconográficas são de grande valia nos trabalhos que investigam histórias de instituições escolares. Essa diversidade possibilita a interligação dos dados que se complementam e enriquecem o fenômeno histórico em estudo.

Sendo assim, possibilitar que indivíduos tragam para o hoje suas histórias, suas memórias a respeito das instituições em que trabalham e, em particular, suas interpretações

dos fatos, é dar outro sentido e/ou significado ao que conta a história escrita por meio de documentos oficiais.

As lembranças e os esquecimentos que constroem nossas instituições (e que são igualmente construídos por elas) são constantemente permeados por relações de poderes que se estabelecem entre os seus diversos grupos. Se considerarmos que o poder é também produtor de individualidades, poderemos inferir que ele está ligado aos que detêm o saber. Os indivíduos e as instituições são produções de constantes interações entre poderes e saberes e todo conhecimento só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber. Não há saber neutro, já que todo saber é político. (OLIVEIRA, 2009, p. 2).

Ao evocar que sujeitos reflitam e nos revelem suas histórias de vida, e que identifiquem quais experiências foram significativas para sua formação, fazemos um trabalho de resgate da memória desses indivíduos. Afinal, conforme pontua Halbwachs (2004, p. 75), “a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifestou já bem alterada”.

Nesse contexto, percebo que memória e história institucional se constituem dentro dos regimes discursivos, adequando materiais e oportunidades para que as pessoas reflitam sobre as versões de si sobre a instituição. Contar as histórias das instituições é um modo de dar sentido a elas e de reafirmar a sua relação com os membros. Não obstante, ao refletir sobre seu papel dentro da instituição, o indivíduo faz uma análise sobre sua própria participação ali.

Ainda sob a perspectiva de Halbwachs (2004, p. 51), “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Logo, se sujeitos que trabalham já há algum tempo na mesma instituição trazem à superfície do presente suas lembranças de história de vida e formação diante do contexto de suas trajetórias profissionais, posso inferir que parte da memória institucional será trazida à tona também nesse processo. Sobre isso, Souza e Gatti Júnior (2003) afirmam que:

O historiador não trabalha com memória individual e nem com memória coletiva, ele faz sim uso das duas, mas para construir a memória histórica que é provisória, é uma racionalização e está sempre em construção. Ela é a tentativa da construção do passado. Tenta entender o que é comum e incomum nos diferentes grupos sociais. É a linha condutora. Pois não interessa para o historiador refazer o real e sim interpreta-lo. (SOUZA, GATTI JÚNIOR, 2003, p. 92).

Conjugadas várias formas de obter informações do objeto estudado, pretendo alcançar o objetivo do trabalho, que é reconhecer a categoria dos TAEs como sujeitos que vivenciam a instituição com uma ótica própria, que influenciam e são influenciados pela história institucional, que produzem memórias, e, a partir das narrativas desses sujeitos, reconstruir ou reelaborar a história institucional da UFG, Regional Catalão.

Para conduzir a interpretação dos dados levantados no tecido da biografia institucional, tomarei como referência o que aponta Bolívar, Domingo e Fernandes (2001, p. 198-199) como uma “postura analítica e de reconstrução do sentido”. Consiste em produzir, de modo metódico, sentido a partir da exploração de entrevistas, observando as falas dos entrevistados como pedaços de um mundo social, apreendendo o tipo de discurso e suas lógicas internas de constituição, mergulhando no universo de sentido do indivíduo, desvendando seu universo de vida.

A análise temática das transcrições também foi abordada aqui, seguindo o critério de comparação das falas dos sujeitos e a tipologia dos argumentos, buscando a interpretação progressiva, a partir da indução, para os materiais empíricos. As categorias de análise se deram a partir do sentido que os entrevistados atribuíram subjetivamente as suas práticas e, durante as análises, foram consideradas as saturações de informações e a oposição de ideias.

Para se tornar uma interpretação de dados coerente, contextualizei as falas dos convidados da investigação e problematizei, colocando em voga a dialética dos relatos relevantes com a finalidade de trazer equilíbrio científico à história institucional que desejo conhecer aqui, por meio das narrativas dos TAEs.

Diante do exposto, a dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, trato do objetivo específico – Como cheguei a ser o que sou: técnico administrativo em educação na UFG/RC, e apresento o perfil geral de todos os técnicos administrativos da UFG/RC, expondo onde estão lotados, quais suas formações, as características comuns a todos os técnicos administrativos. Nesse capítulo, também esboço as histórias de vida dos entrevistados no que diz respeito à escolaridade, procedência familiar e ao que os levou a serem técnicos administrativos em educação.

Com a finalidade de investigar os bastidores da UFG/RC diante das atividades dos técnicos administrativos, o segundo capítulo apresenta a ideia do que acontece nos bastidores da Regional Catalão. Nele, configuro qual é o trabalho do técnico administrativo, apresento as diferenças entre atividades meio e fim e aponto as considerações sobre o técnico educador e a relação com a carreira e a formação. Nesse capítulo, trago ainda a percepção do técnico a respeito de sua visibilidade, valorização e satisfação com o trabalho.

Já no terceiro capítulo, em cumprimento do objetivo específico de fazer uma biografia institucional da UFG/RC, a partir das histórias de vida de seus servidores técnicos administrativos, exponho como as histórias de vida dos entrevistados se constituem na biografia institucional, ou seja, como suas vidas e profissão se relacionam com a história da instituição.

## **CAPÍTULO I – COMO CHEGARAM A SER O QUE SÃO: técnico administrativo em educação na UFG/RC**

“Nós que passamos apressados pelas ruas da cidade merecemos ler as letras e as palavras de gentileza” (Marisa Monte).

### **1.1 Aporte teórico**

Ensino, pesquisa e extensão são os pilares das universidades federais brasileiras e professores e alunos são, de modo geral, os protagonistas desse cenário. Por serem coadjuvantes nesses espaços, são poucos os estudos que têm os TAEs como sujeitos principais de pesquisas a respeito da história da educação superior no Brasil. Castro (2015), em um estudo sobre os TAEs da Universidade Federal de Goiás, denominado “A profissionalização, o trabalho e a Gestão da Educação Superior”, observa que a temática:

se constitui num hiato quanto ao “rol” de pesquisas científicas e não há identificação de nenhum trabalho publicado com essa especificidade. Consideramos que esse grupo de trabalhadores ainda não obteve a atenção de pesquisadores, talvez por não ter a sua devida importância social reconhecida. (CASTRO, 2015, p. 03, grifos da autora).

Em buscas realizadas em bancos de dados como Comissão de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES), SCIELO, Google Acadêmico e Banco Digital de Teses e Dissertações da Biblioteca Nacional (BDTD), quando os sujeitos em questão são objeto de estudo, aparecem em pesquisas nas áreas de gestão, qualidade de vida no trabalho, treinamento, saúde do trabalhador, direitos trabalhistas, entre outros. Todavia, ainda que com esses resultados, alguns me chamaram a atenção.

Luiza Virginia de Castro Silva, em sua dissertação intitulada “O papel do servidor técnico administrativo na gestão universitária do campus da Universidade Federal do Ceará em Cariri”, de 2010, buscou investigar as competências dessa categoria de servidores na reestruturação do ensino superior público. Entretanto, calçou suas perspectivas de análise da pesquisa em planejamento estratégico de gestão de pessoas, não trazendo para o centro do estudo a visão dos TAEs a respeito da instituição.

Outros trabalhos que colocam os TAEs como fonte de pesquisa, em sua grande maioria, têm foco na gestão. É o caso do livro “Gestão universitária sob a perspectiva dos

técnicos administrativos”, de 2015, da autora Fernanda Lino Formigli Alves, em que a autora procurou identificar e analisar como os TAEs percebem seu trabalho em relação ao modelo de gestão adotado em um instituto de uma Universidade Pública de Minas Gerais. Podemos citar, também, o caso do livro “A Gestão pública na visão dos técnicos administrativos em educação das universidades públicas e institutos federais”, de 2014, organizado por Adelmária Ione dos Santos.

Na dissertação “Universidade Federal do Tocantins (Campus Arraias): história, expansão e perspectivas atuais”, de 2013, a autora, Marizeth Farias Ferreira expõe brevemente alguns relatos de TAEs e suas visões sobre a referida universidade.

Em 1996, João Eduardo Fonseca defendeu uma dissertação pela PUC-RIO, intitulada “Novos atores na cena universitária” e que se transformou em livro posteriormente. Nessa obra, o autor busca compreender o lugar social ocupado pelo técnico administrativo em educação nas instituições federais de ensino superior, em especial, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Já em 2011, Yone Maria Gonzaga contribui para a temática com a dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG, intitulada “Trabalhadores e trabalhadoras técnicas administrativas em educação na UFMG relações raciais e invisibilidade ativamente produzida”. Nesse sentido, as ideias da autora colaboram com o nosso trabalho quando menciona:

A luta dos trabalhadores/as técnico-administrativos lotados na UFMG para participarem ativamente da vida universitária não é diferente da desencadeada pelos seus pares nas demais universidades. Desde 1984, quando participaram da histórica greve do setor da educação, os trabalhadores vêm buscando construir uma trajetória onde não sejam vistos como meros serviçais.

Interessa-lhes sair da condição de “Barnabé”, - terminologia utilizada por França (1990), em obra já citada nesse estudo, para designar o trabalhador com pouca visão política sobre si mesmo e o seu entorno, para se colocarem como sujeitos da própria história e produtores de conhecimento. (GONZAGA, 2011, p. 90).

A investigação de Gonzaga, embora com foco nas demandas raciais entre as relações trabalhistas, já trazia no seio de sua pesquisa questões que são enfrentadas, até hoje, pelos técnicos administrativos e que, no momento, focalizo nesta investigação.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Arthur Schlunder Valle defendeu, em 2014, também no Programa Pós-graduação em Educação da UFMG, a dissertação intitulada “Trabalhadores técnicos-administrativos em educação da UFMG: inserção institucional e

superação da subalternidade”. O autor esboça, logo no resumo, suas ideias sobre o espaço destinado a esses sujeitos na UFMG:

[...] a contribuição dos trabalhadores técnico-administrativos em educação para a consecução dos objetivos da Universidade vem sendo, historicamente, considerada de forma secundária, homogênea e quantitativamente, ou seja, como um meio necessário para atingir determinados fins, quais sejam o ensino, a pesquisa e a extensão. Essa constatação, na prática, irá fazer com que o servidor sofra uma perda de referenciais de inclusão no cotidiano institucional e que o seu trabalho não tenha um significado tangível, não percebendo uma relação objetiva e causal entre o que fazem e os objetivos institucionais. Essa exclusão também é parte do processo de constituição da própria Universidade e das relações de poder que se constituem em seu interior. (VALLE, 2014, p. 7).

Conforme apontam Fonseca, Gonzaga e Valle em seus estudos sobre os técnicos-administrativos em educação, nos últimos anos, esses sujeitos são excluídos das atividades finalísticas das instituições universitárias federais, o que é uma realidade recorrente, também, na Regional Catalão. Essa ausência de identificação pode se refletir nas atividades cotidianas do trabalho, levando o sujeito a uma crise de identidade.

## 1.2 Identidade

Ao se propor um estudo que procura refletir a respeito do conceito de identidade, é preciso ter a clareza de que, na contemporaneidade, tal conceito tem passado por processos de mudanças que geram crises capazes de alterar os sistemas sociais, políticos e filosóficos. Conforme Hall (2006, p. 7),

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Mediante a complexidade do debate que perpassa as posturas identitárias, em Hall (2006) é possível identificar a constituição de identidades que atravessam os sujeitos na história da humanidade. Dentre essas identidades, o autor destaca as posturas identitárias assumidas pelo sujeito do Iluminismo, pelo sujeito sociológico e pelo sujeito pós-moderno. Para o autor, nas identidades dos dois primeiros grupos, os sujeitos possuíam como

característica o fato de assumirem papéis na modernidade, marcados pela estabilidade simbólica, universalidade social, rigor cultural e conservação política. Por isso, o sujeito do Iluminismo era visto enquanto ser dotado de uma razão capaz de torná-lo humano, enquanto o sujeito sociológico era caracterizado pelo sentimento de pertença a determinado grupo responsável pelos processos de socialização que lhe permitiriam assimilar certa cultura, à qual sua identidade estaria vinculada.

Por outro lado, os elementos identificados nos sujeitos anteriores, que tinham como característica o fato de constituírem posturas identitárias “feitas” para durarem ao longo do tempo, bem como para alcançar certo nível de hegemonia no tecido social, não podem ser observados no sujeito da pós-modernidade pelo fato de ser identificado como:

[...] não tendo identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas no redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.12-13, grifos do autor).

De acordo com Hall, o sujeito pós-moderno é fragmentado, fugidio, flexível e em mutação. Assim, é como se não tivesse uma identidade fixa ou se sua constituição identitária não fosse enumerada no singular, enquanto identidade, mas, sim, no plural, como identidades temporárias. É esse sujeito pós-moderno, caracterizado como pertencente ao contexto da pós-modernidade, com certa postura identitária volátil, que se configura no indivíduo que, ao se assumir como tal, de maneira consciente ou inconsciente, tendo clareza ou não dos processos filosóficos marcantes de sua identidade, irá constituir outros paradigmas societários capazes de abalar as certezas universais da macro esfera da modernidade.

Essa assunção de outras posturas identitárias por parte desses indivíduos, ontem coadjuvantes e hoje protagonistas de si ante as (in)certezas do amanhã, situadas em um mundo de rápidas transformações, estabelece novas formas de humano e sociedade. Para

tanto, ao invés de apenas mencionar a denominada crise de identidade pela qual os indivíduos vêm atravessando, é preciso compreender como se deu esse processo e, para tal, é necessário buscar na história os elementos que permitem compreender o mencionado fenômeno.

É na Grécia Antiga, na filosofia pré-socrática, que se encontram os primórdios do que se entende por identidade. Naquele contexto, era possível identificar denominações opostas que vão culminar em posicionamentos díspares acerca do mesmo tema. Dentre essas posições, destacam-se a essencialista e a nominalista. De acordo com Dubar (2009), Parmênides:

[...] parece ter sido o primeiro a enunciá-lo, em seu célebre *Poema*, escrito no século V a. C. [...]. A fórmula “O ser é, o não-ser não é” foi entendida como a afirmação de que “a identidade dos seres empíricos”, sejam eles quais forem, é “o que permanece o mesmo apesar das mudanças” [...]. (DUBAR, 2009, p. 12, grifos do autor).

Em Parmênides, portanto, a identidade dos indivíduos é permeada por uma espécie de essência que independe de contextos, ou mesmo do movimento da história; a identidade permanece estável. É como se houvesse uma espécie de identidade única, global, que caracterizasse os seres humanos. Já a segunda posição acerca da identidade, a nominalista, na compreensão do mesmo autor, também pode ser relegada a outro filósofo grego: “[...] Assim, Heráclito escrevia: ‘Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio’. Também lhe é atribuída a fórmula: ‘Tudo flui’ (*panta rei*). Não há essências eternas [...]” (DUBAR, 2009, p.12-13, grifos do autor).

No pensamento expresso por Heráclito, o mundo está imerso em sucessíveis mudanças, que podem ser visualizadas tanto nos fenômenos da natureza como na vida dos indivíduos que se identificam com determinada identidade. Dessa maneira, de acordo com o pensamento nominalista, pode-se verificar que a identidade não é algo imutável, ao contrário, ela se transforma a partir do tempo e do contexto onde se dá, fato que implica na impossibilidade de uma identidade essencialmente humana, global e hegemônica, uma vez que, tanto a história como a cultura e as relações sociais são determinantes na variedade de modos de ser humano.

[...] O que existe são modos de identificação, variáveis no decorrer da história coletiva e da vida pessoal, destinações a categorias diversas que dependem do contexto. Essas maneiras de identificar são de dois tipos: as identificações atribuídas pelos outros [...] e as identificações reivindicadas por si mesmo [...]. (DUBAR, 2009, p. 14).

Dessa reflexão, é possível apreender que a cada novo momento na história têm-se identidades, constituições identitárias que os indivíduos assumem, seja nos grupos que frequentam, seja para si próprios. Entretanto, sem desconsiderar os diferentes momentos da história da humanidade, Dubar (2009), a partir dos clássicos da sociologia, compreende que existem contextos de destaque, tais como os séculos XIX e XX, para o entendimento da crise que se instaurou sobre a identidade dos indivíduos na contemporaneidade.

[...] processo de civilização, fundado na centralização política e na complexificação social [...], é inseparável da emergência e da difusão de novas crenças, em particular filosóficas e religiosas. Trata-se não apenas de acréscimo das trocas entre grupos ou indivíduos anteriormente isolados, mas também da apropriação decisiva, por indivíduos particulares, de novas maneiras de pensar e de dizer as relações entre eles e as significações de sua existência temporal [...]. (DUBAR, 2009, p. 33).

Aqui, o processo de civilização pode ser entendido enquanto mecanismos simbólicos, que têm o objetivo de levar o indivíduo à apreensão dos códigos culturais e de conduta (língua, educação, política e religião), valorizados por determinado grupo, aquele em que encontra-se situado no tempo e no espaço social. Desse modo, é como se houvesse uma espécie de herança identitária que deve ser transmitida às novas gerações, tendo em vista sua apreensão, cujo domínio representará a futura humanização do ser. Logo, pode-se concluir haver o entendimento de uma espécie de identidade genuinamente humana, universal, moldada através da assunção identitária do grupo.

Ademais, dentre os grupos culturais que formam o indivíduo, pode-se citar a família, o Estado, a escola, a igreja e demais instituições nas quais os indivíduos se socializam e identificam elementos estruturantes de sua identidade, tanto aquela assumida para o grupo quanto aquela assumida para si.

Durante todo o século XIX, os Estados-nações vão impor-se progressivamente como forma predominante do Nós societário. A invenção do nacionalismo vai permitir, notadamente, legitimar a *identidade nacional* como forma identitária dominante. Esse movimento vai conduzir, no século XX, a duas guerras mundiais que serão as mais mortíferas da História [...]. (DUBAR, 2009, p. 38, grifos do autor).

Segundo Dubar (2009), o século XIX pode ser entendido enquanto momento propício para as investidas do processo de civilização, uma vez que é nesse século que se lançam as bases fundantes dos chamados Estados-nações, fato que gera uma espécie de mentalidade identitária “bairrista” e nacionalista, em que os indivíduos legitimam os mecanismos

simbólicos do Estado no tocante à formação de uma identidade genuinamente branca, francesa/germânica/inglesa/russa e europeia, o que desencadeou duas guerras de proporções mundiais. O estudioso ainda explica que o processo de civilização não está a salvo das crises que o conceito de identidade atravessa na história, porque, segundo ele, a constituição de blocos econômicos ao longo do Século XX, como o caso da União Europeia, não gerou uma espécie de pertencimento globalizado, mesmo que seja na Europa, uma vez que os indivíduos ainda assumem posições identitárias vinculadas à concepção nacionalista oriunda do século XIX.

Não se pode então pretender, como por vezes deixa supor Norbert Elias, que se assista à emergência de um Nós globalizado [...]. A União Europeia é um deles, mas essa construção política não implica, no momento, nenhuma “identidade europeia” [...]. As antigas “identidades nacionais” permanecem como recursos e referências prioritárias para eles [...]. (DUBAR, 2009, p.40, grifos do autor).

A partir desse contexto, é possível identificar que o processo de civilização, enquanto mecanismo simbólico de constituição de uma identidade universal, não consegue materializar essa empreitada, fato que irá se configurar em uma espécie de crise de identidade, haja vista que, por mais que tenha ocorrido uma homogeneização da economia, da moeda, os indivíduos se assumem como vinculados à sua nação de origem e não ao bloco homogêneo continental.

O segundo clássico da sociologia em que se encontra a discussão de uma possível constituição identitária universal pode ser identificado nos estudos de Max Weber, no que se refere à relação da religião com o capitalismo nos países europeus que passaram pela Reforma Protestante.

[...] o nascimento do capitalismo moderno era concomitante, segundo Weber, com a emergência, na história, daquela forma simbólica que marca o resultado da racionalização religiosa e que dá origem a uma figura radicalmente nova do crente: o puritano calvinista persuadido de realizar sua salvação eterna pelo sucesso de sua empresa [...].  
O desencanto do mundo é, para Weber, o resultado dessa longa cadeia histórica que vai do comunitário mais imbuído de magia ao societário mais calculista [...]. (DUBAR, 2009, p.51-52).

Dubar atribui ao pensamento de Max Weber a tentativa de compreender a complexa mudança que se deu na Europa na passagem do pensamento mágico, mítico, para o processo de racionalização social oriundo de uma cultura religiosa germânica, suíça, inglesa, calvinista com bases burguesas, gestada pela Reforma Protestante. Essa reformulação do Cristianismo

irá constituir uma identidade cujo modelo se assenta na crença de que a prosperidade material é uma das maneiras de representar o reino dos céus na Terra. Ser rico é ser abençoado, é ser predestinado e um dos sinais de uma futura vida pós morte no paraíso. Identifica-se, nessa nova leitura de mundo, a constituição de uma identidade burguesa, protestante, racional, calculista e regulada pelas leis do mercado, impondo-se enquanto modelo hegemônico identitário nas relações constituídas entre a sociedade e o indivíduo.

Para Dubar (2009), ocorreram crises, também, nessa tentativa de homogeneizar as identidades, sobretudo a partir de fins do século XVIII e início do século XIX, pelo fato de que a existência de classes sociais, bem como as diferenças entre os países industriais e os países do terceiro mundo, no século XX, tornaram impossível a criação de uma identidade única, tendo por modelo a burguesia.

A crise econômica mundial veio desestabilizar as formas de regulação anteriores estabelecidas, logo após a guerra, nos países industrializados [...]. Novos profetas (de Gandhi a Dalai-Lama) fizeram ouvir suas vozes no que se chamava o Terceiro Mundo para resistir aos imperialismos totalitários vindos do Ocidente ou do Oriente. Vozes religiosas (de Martin Luther King ao papa João Paulo II) cristalizaram mobilizações contra os totalitarismos racistas ou materialistas [...]. (DUBAR, 2009, p.53-54).

Ao falar em classes sociais, chega-se ao terceiro movimento da sociologia, em que se observa certa leitura da realidade que procurou universalizar um modelo de identidade, mas agora alicerçado no discurso da superação das classes sociais.

O enriquecimento da burguesia, cada vez mais característicos da “identidade burguesa”, inclusive em sua versão ascética e puritana, iria, no decorrer do século XIX, em todos os países tocados pelo capitalismo, revelar seu avesso: a exploração econômica, a dominação de classe. As classes populares transformadas em classes perigosas são excluídas dessa configuração identitária burguesa: seus filhos vão trabalhar na fábrica (e não ir à escola), amiúde muito jovens; as próprias mulheres vão ser alistadas na produção (fora da família); os operários vão tentar resistir (primeiro quebrando as máquinas), depois se organizar (no sindicato e, às vezes, no partido operário). [...] A dominação como exploração econômica e exclusão “societária” vai engendrar a luta de classes e talvez gerar uma nova forma identitária inédita. (DUBAR, 2009, p. 55, grifos do autor).

Esse discurso, de acordo com Dubar (2009), pode ser visto na referência sociológica de Marx e Engels, que tinham em mente uma espécie de identidade proletária, cuja característica era o engajamento dos indivíduos no processo revolucionário para a superação do capitalismo e a constituição de um modelo associativo identitário comunista.

[...] Foram o capitalismo e a sociedade burguesa societária [...] que, segundo eles, romperam os vínculos vitais, constitutivos da “humana condição”. A revolução os restabelece sob uma forma nova, voluntária, associativa. Mas são, para Marx e Engels, os mesmos vínculos sociais, os da “comum” humanidade. (DUBAR, 2009, p. 60, grifos do autor).

Em contrapartida, ainda que houvesse uma série de lutas sociais pautadas nos valores contestatórios defendidos por Marx e Engels, percebe-se a possibilidade de consenso entre o militantíssimo, no que concerne ao método revolucionário capaz de decretar a derrocada do sistema, e, muito menos, no que se refere à construção da sociedade posterior ao capitalismo. A dita identidade de esquerda, comunista e enviesada pela consciência de classe não conseguiu se universalizar.

[...] O que há de realmente comum, no plano indenitário, entre os primeiros militantes proudhonianos ou anarquistas, operários de ofício altamente qualificados dos anos de 1860 [...] e os militantes operários reformistas, partidários do “socialismo municipal”, jogando a carta das eleições e da democracia parlamentar? Eles diferem, aliás, uns e outros, dos primeiros militantes operários ligados ao marxismo de versão “guesdista” (ou seja, marxista ortodoxa) [...] (DUBAR, 2009, p. 63-64, grifos do autor).

O mesmo pode ser identificado nos movimentos sindicais da segunda metade do século XX, haja vista que, por mais que existam entidades sindicais que procuram aglutinar os trabalhadores, de outro ponto de vista, percebe-se não haver consenso no que se refere ao real papel das forças sindicais na sociedade contemporânea e à identidade do sindicato e de seus associados. É o que Dubar (2009) irá identificar em trabalhos de campo:

Por ocasião de minhas diversas pesquisas de campo, no Líbano (1970-1971), entre os mineiros do Pas-de-Calais (1978-1979), entre os assalariados de um estabelecimento da administração Renault ou de uma central da EDF [Électricité de France] (1983-1984) e em várias grandes empresas privadas (1987-1988), acreditei às vezes identificar uma forma identitária específica, irreduzível *a priori* a todas aquelas identificadas em outras camadas sociais e centrada no militantismo contestatório e no engajamento em organizações sindicais ou políticas que se definem como “revolucionárias” [...]. (DUBAR, 2009, p. 65-66, grifos do autor).

A partir de suas pesquisas mundo afora, sobretudo em experiência realizada no Líbano, o autor identificou diferentes discursos, que se configuraram em diferentes identidades, perpassando o imaginário sindicalista no tocante às instituições dessa ordem. Destacam-se alguns discursos, entre eles, o saudosismo da luta pelo comunismo encampada

no passado por militantes sindicalizados, hoje idosos, bem como o discurso de jovens libaneses sindicalistas que se afastaram das lutas macrosociais, aquelas pautadas na tônica da superação do capitalismo em direção à construção de outra sociedade, e que se aproximaram de questões mais pontuais relativas às demandas políticas de sua nação de origem:

É por isso que se pode defender a ideia segundo a qual as configurações precedentes estão “em crise” [...]. Nenhuma forma pode, no alvorecer do terceiro milênio, ser considerada como dominante em relação a todas as outras e provida de uma legitimidade “superior”. Não se pode antecipar nenhuma saída inelutável, nem mesmo provável, às evoluções em curso e à crise que permanece. Certamente, atrás desses processos em ação podem-se identificar atores coletivos, práticas sociais, relações de poder e tentar avaliar possibilidades de dominação, de legitimação ou de vitória. Mas essas previsões não desenham uma nova configuração histórica das formas identitárias cujo arranjo parece, mais que nunca, contingente e largamente imprevisível. (DUBAR, 2009, p. 70-71, grifos do autor).

Ante o quadro que se forma, é possível visualizar a existência de um processo de crise identitária que impede a proliferação de um modelo único, de proporções universais, no que diz respeito ao conceito de identidade. Indivíduos pertencentes aos mesmos grupos de socialização estão sujeitos à assunção de outras novas identidades, que não expressam em uníssono os mesmos discursos e práticas. Pode-se identificar, a partir de Dubar, que na era contemporânea, tentativas de encampar modelos universais de identidade não estão desconectadas de atitudes políticas e simbólicas imbuídas de poder, de dominação, mas, ao mesmo tempo em que surgem, são intensamente criticadas e combatidas pelas minorias. Por fim, ainda é importante considerar que:

[...] o aumento da liberdade individual pode coincidir com o aumento da impotência coletiva na medida em que as pontes entre a vida pública e privada são destruídas, ou, para começar, nem foram construídas; ou, colocando-se de outra forma, uma vez que não há uma maneira óbvia e fácil de traduzir preocupações pessoais em questões públicas e, inversamente, de discernir e apontar o que é público nos problemas privados (BAUMAN apud SCHMIDT, 2012, p. 205).

Vislumbra-se, dentre os resultados da dita crise de identidades, uma impotência, cada vez mais latente, das instituições públicas, dos grupos, das associações comunitárias e dos movimentos políticos em administrar a complexa relação entre o todo e as partes, entre a massa e o sujeito, fato que desestabiliza o coletivo e se constitui como via de emancipação à assunção de identidades outras, díspares das organizações sociais que outrora se pretendiam hegemônicas.

Tendo o exposto em vista e, a respeito da identificação do técnico administrativo em educação dentro das universidades, Fonseca (1996, p. 175) explica:

[...] evidenciou-se como os funcionários através de seu envolvimento crescente com questões institucionais da universidade, ao mesmo tempo em que vão interpor ao debate universitário diagnóstico e formulações interessantes, irão construir para si uma identidade social nova, capaz de legitimá-los como agentes representativos da instituição e como atores relevantes dos processos que visam ao estabelecimento de um modelo institucional democrático e mais favorável ao desenvolvimento das IFES, numa perspectiva que privilegia o envolvimento efetivo das universidades com amplas demandas dos segmentos sociais desvalidos.

Nesse sentido, é comum indivíduos se auto identificarem ou até mesmo confundirem suas identidades com o local em que trabalham quando são questionados sobre quem são e, geralmente, suas respostas são: Sou o “João” da UFG, por exemplo. Sendo assim, pode-se alegar que esses sujeitos emaranham suas vidas com a história institucional, culminando então em uma identidade institucional coletiva, permeada de estruturas identitárias individuais.

**Figura 01** - Reprodução do álbum de fotos de Gestão 1998 -2002. Homenagem aos primeiros TAEs que chegaram à instituição

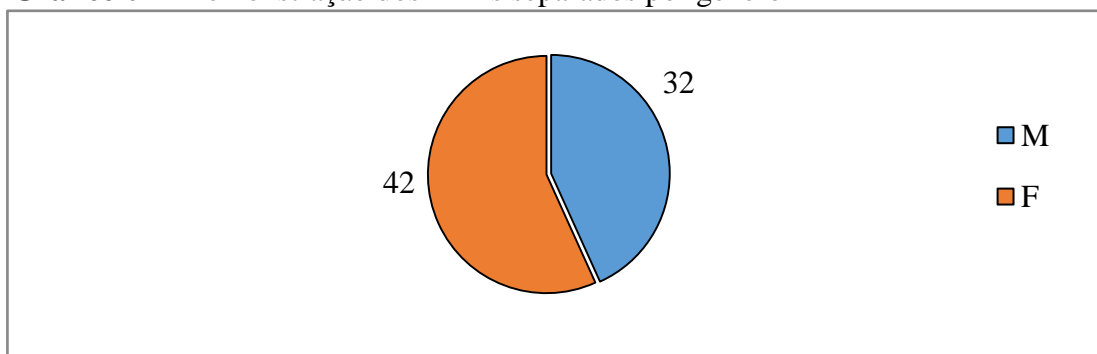


Fonte: Acervo CIDARQ/UFG/RC.

### 1.3 Perfil dos Técnicos Administrativos em Educação de acordo com Departamento do Pessoal da Regional Catalão

Até o mês de abril de 2016, o quadro de servidores Técnico Administrativos em Educação da Regional Catalão era composto por 74 pessoas, sendo 42 do gênero feminino e 32 do gênero masculino, conforme pode ser visto no Gráfico 1.

**Gráfico 01** - Demonstração dos TAEs separados por gênero



**Fonte** : Elaborado pela autora.

A Lei 11.091 de 12 de janeiro de 2005 dispõe sobre a estruturação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico Administrativos em Educação no âmbito das Instituições Federais de Ensino vinculadas ao Ministério da Educação e dá outras providências, como estabelecer a classificação dos cargos e o nível de exigência de escolaridade de ingresso mediante concurso público. O ingresso na carreira técnica-administrativa em educação, em todas as instituições de ensino público federal técnico ou superior no Brasil, segue as seguintes características, constantes no Quadro 1:

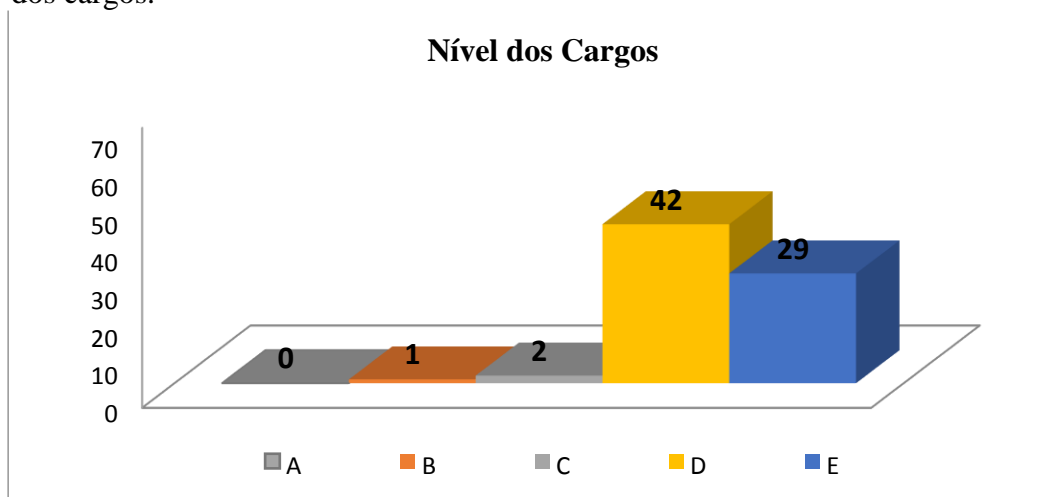
**Quadro 01** – Demonstração de cargos de acordo com nível e escolaridade segundo o PCCTAE

Nível de classificação	Escolaridade exigida para ingresso
A	Alfabetizado até nível fundamental incompleto.
B	Alfabetizado até nível fundamental completo.
C	Fundamental incompleto, até médio com profissionalizante.
D	Médio completo, até médio com profissionalizante.
E	Curso superior em áreas específicas exigidas pelo cargo.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme o plano de cargos supracitado, os servidores TAEs da Regional Catalão são classificados da seguinte maneira:

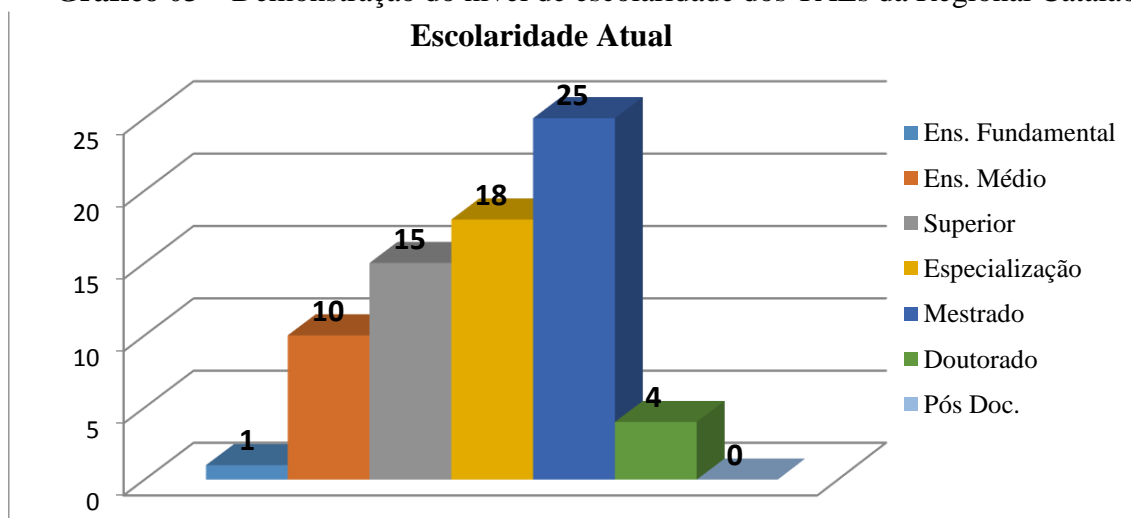
**Gráfico 02** – Distribuição de TAEs da Regional Catalão por nível de classificação dos cargos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse quantitativo, observa-se que o cargo com maior número de servidores na Regional Catalão é o de nível “D”, majoritariamente ocupado por assistentes em administração, tendo em vista que exige uma escolaridade de nível médio ou técnico e possibilita certa mobilidade entre os setores. Pode-se dizer que é um dos “preferidos” das gestões quando se fala em vagas de concurso. Já os cargos de nível “E” são de nível superior, bastantes específicos de cada área, e as pessoas lotadas ali são indispensáveis para seus setores, portanto, não permitem mobilidade.

Em análise, vê-se que é surpreendente o nível de escolaridade dos 74 servidores técnico-administrativos em educação dessa regional. O quadro a seguir mostra que, embora a maior parte dos cargos seja de ensino médio, a quantidade de técnicos com nível superior e pós-graduação é expressiva:

**Gráfico 03** – Demonstração do nível de escolaridade dos TAEs da Regional Catalão

Fonte : Elaborado pela autora.

Pelo exposto no gráfico, pode-se inferir que, nessa Regional, os técnicos estão buscando o conhecimento e, nesse processo, inclui dizer, ainda, que estão em busca de seu espaço na instituição.

#### 1.4 Participantes da pesquisa narrativa

Conforme explicitado na parte metodológica desta pesquisa, escolhi os participantes das entrevistas depois de recolher dados em documentos funcionais no Departamento do Pessoal da Regional Catalão. A partir de então, criar critérios intencionais para selecioná-los não foi fácil. Definir parâmetros para representar uma categoria tão heterogênea é muito complexo, mas, o mais importante para a seleção foi definir atores que representassem melhor a instituição, afinal, o foco desta pesquisa é buscar a história institucional por meio das narrativas de seus servidores.

O primeiro critério de seleção de participantes desta investigação foi que todos os indivíduos deveriam ser servidores técnicos administrativos em educação na Regional Catalão pertencentes ao quadro de servidores ativos da instituição; o segundo critério foi o tempo de serviço na organização; o terceiro, a formação acadêmica enquanto servidor; e o quarto, a representação sindical. A classificação do cargo a que o entrevistado pertence, segundo o plano de carreira, também foi relevante para a seleção. E, para resguardar a privacidade e a intimidade de nossos participantes, adotei codinomes. A seguir, no Quadro 02, apresento um quadro com o nome fictício do entrevistado e o motivo pelo qual foi entrevistado. Logo após,

há um breve resumo de seus relatos e histórias de vida, até se tornarem TAEs na Regional Catalão.

**Quadro 02** – Participantes da entrevista e os critérios porque foram selecionados

<b>Codínome</b>	<b>Tempo de serviço na Regional Catalão</b>	<b>Formação acadêmica</b>	<b>Representação sindical</b>	<b>Classificação do cargo</b>
Georgina	28 anos	Especialista	Sim	Nível D
Liz	18 anos	Doutoramento	Sim	Nível D
Kate	08 anos	Doutora	Não	Nível E
Margot	18 anos	Mestre	Sim	Nível D e Nível E
Boby	08 anos	Especialista	Sim	Nível D

**Fonte:** Elaborado pela autora.

O fundamental para a escolha desses participantes foi que todos são reconhecidos na categoria de TAEs como pessoas que os representam e, principalmente, que suas histórias de vida estão/são relacionadas com a história institucional. Esse notório saber se reflete na mobilidade que tais sujeitos tiveram na carreira e na instituição, nas funções executadas, fazendo assim com que tenham profundo conhecimento a respeito da instituição e suas percepções são diversificadas sobre essa mobilidade.

**Quadro 03** – Mobilidade institucional dos participantes da entrevista

<b>Codínome</b>	<b>Mobilidade institucional</b>	<b>Lotação atual</b>	<b>Funções exercidas</b>	<b>Percepção</b>
Georgina	“Desde que iniciei minhas atividades na Regional Catalão, trabalho no mesmo local. Antes, denominado por secretaria acadêmica do <i>Campus</i> Avançado de Catalão, hoje, Seccional do Centro de Gestão Acadêmica da Regional Catalão”.	I - Seccional da do Centro de Gestão Acadêmica	I - Iniciou como secretária responsável pelo atendimento aos coordenadores de curso, direção do <i>campus</i> e comunidade em geral. Como todos os servidores lotados naquele setor.	Acredita que o tempo de serviço e a graduação tenham sido o fator determinante para que fosse convidada a exercer tais funções.

			<p>II - Em 2006, assumiu o cargo de Coordenadora da Secretaria Acadêmica do <i>Campus</i> de Catalão com a função gratificada.</p> <p>III - Na atual gestão, secretária acadêmica responsável por cursos.</p>	
Liz	<p>I - Secretária Acadêmica, juntamente com a secretaria da Direção</p> <p>II - Secretária da Direção</p> <p>III- Biblioteca</p>	Secretaria do Curso de História	<p>I - Secretária da direção</p> <p>II - Atendente de biblioteca</p> <p>III - Secretária de curso</p>	<p>“Todos os lugares por onde passei, podem ter certeza que não foi por reconhecimento de minha qualificação e muito menos por respeito ao meu tempo de serviço (36 anos só no serviço público). A grosso modo diria que foi uma forma de punição por em certos momentos ter discordado de algumas atitudes. E o pior é ter manifestado isso. Paguei o preço e sou consciente de que continuo pagando”.</p>

Kate	I - Seccional do Centro de Gestão Acadêmica	Coordenação de Graduação	I - Atividades de auxiliar administrativo no controle acadêmico  II - Coordenadora Administrativa de Graduação da Regional Catalão	“Acredito que meu desenvolvimento profissional e pessoal tem como uma de suas balizas a formação que busquei, com o incentivo da instituição”.
Margot	I - Coordenação de Pesquisa, PósGraduação e Extensão  II - Secretária Administrativa	Departamento de Pessoal	I - Secretária Administrativa  II - Chefe do Departamento de Pessoal.	“Acredito que essa mudança de função se deu devido ao tempo de serviço e à reestruturação da Regional”.
Boby	I - Secretária dos cursos de Psicologia e Pedagogia. (Concomitantemente)  II - Secretária do curso de Pedagogia	Secretaria do Mestrado em Educação	Secretário de cursos	“Quando chamaram os outros aprovados dos concursos foi disponibilizando para cada curso um funcionário isso ia ficando liberado. E aí eu optei por ficar na pedagogia porque na minha visão por ser justamente um curso mais antigo e tal, mais estruturado”.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Nesse contexto, pode-se inferir que os sujeitos da pesquisa percebem bem a organização em que trabalham e reconhecem, por meio de sua mobilidade institucional, o crescimento, a reformulação da estrutura e suas progressões na carreira devido à formação acadêmica e profissional. Apontam ainda as contradições dos processos de relações interpessoais e a possibilidade de escolha de sua lotação funcional diante da chegada de novos recursos materiais e humanos.

### 1.4.1 Sujeitos da pesquisa

Georgina, nascida e criada em Goiandira - Goiás, em 1962, filha caçula de seis irmãos. Filha de lavrador e dona de casa, é casada com professor e mãe de três filhos, uma com mestrado e dois universitários. Passou por várias privações quando criança, sua família incentivava os estudos e desde cedo almejava trabalhar com educação:

[...] adorava ler às escondidas revistas de telenovelas. Além disso, sentia-me realizada quando brincava de ser professora e dava aulinhas para alguns amigos. Alimentava, com isso, meu desejo de que algum dia pudesse ser uma professora de verdade. (Georgina, 04 de junho de 2016).

Teve sua formação inicial na própria cidade, de forma seriada. Iniciou o curso Técnico em Contabilidade em Goiandira, mas logo se mudou para Goiânia e teve acesso ao ensino particular. Sobre sua primeira experiência profissional, ela conta o seguinte:

Ainda nesse mesmo momento, no meio de tanta novidade, comecei minha vida profissional. Tive a oportunidade de trabalhar por dois anos e meio no antigo Centro Social Urbano (CSU). [...]. Nesta dada oportunidade, tive a experiência de estar dentro de uma sala de aula, sozinha, sem nunca antes ter trabalhado com crianças.

Recordo-me bem que se tratava de uma sala de pré-escola, com 45 alunos, sendo que muitos deles eram crianças carentes. Era difícil mantê-los em harmonia. Todavia, mesmo com o grande desgaste, fui muito feliz trabalhando ali. Além de gostar do que eu fazia, o carinho que recebia daquelas crianças revigorava minhas energias. Isso, sem contar o quanto foi importante eu ter meu primeiro trabalho e, a partir daí, o meu próprio dinheiro. (Georgina, 04 de junho de 2016).

Devido a sua primeira experiência trabalhista e ao seu sonho antigo de infância, optou por cursar Pedagogia na Universidade Católica de Goiás, hoje PUC-GO. Começou a trabalhar no setor de recursos humanos da Universidade Federal de Goiás e, logo em seguida, foi morar em um pensionato e trabalhar na Faculdade de Engenharia da UFG, em Goiânia, tornando-se, então, independente financeiramente. Em 1987, pediu remoção para a Regional Catalão.

Liz, nascida na cidade de Colatina - ES, em 1961, é filha do meio, tendo mais dois irmãos, foi alfabetizada por tias professoras em turmas conjugadas, em uma escola rural do Espírito Santo. Casada, mãe de um casal de filhos, uma doutoranda na área de Letras, outro Educador Físico. Sempre ávida por estudar, desde seus primeiros passos nas letras, teve isso como um grande desafio:

Digo isso porque, naquela época, o normal era as pessoas irem para a escola com idade mais avançada, entre 10 e 18 anos. É quando os pais liberavam os filhos (as) para frequentarem a escola, no máximo até a quarta série primária. Eu particularmente fui privilegiada pelo contato com as tias professoras, era a menor e mais nova aluna da sala de aula. [...] A recordação que tenho é de que foram dias difíceis, porque quando terminei a quarta série primária e tive que sair do convívio escolar junto às tias, meu avô me tirou da escola, porque, segundo ele, eu já sabia as quatro operações matemáticas (soma, subtração, divisão e multiplicação), escrever e ler, principalmente a bíblia na igreja. Sendo assim não precisava frequentar ambientes com pessoas desconhecidas. [...] isso porque tive que terminar o Ensino Fundamental e o Ensino Médio sem que ele soubesse, tudo muito bem escondido. Algumas vezes tive que omitir. Saía arrumada para ir à escola e dizia que estava indo à Igreja ensaiar canto. E assim consegui com muita dificuldade estudar e trabalhar desde os 12 anos de idade. (Liz, 05 de junho de 2016).

Mesmo com grandes dificuldades e com muitas mudanças de moradia da família, que saiu do Espírito Santo e foi para o Mato grosso e Rondônia, Liz ingressou no curso de Técnico Agrícola, mas, na escola onde estudava, depois de dois anos, descobriu que o curso não era reconhecido pelo Ministério da Educação e, então, ela cursou o Magistério. Fascinada pela busca do conhecimento, Liz prosseguiu com os estudos:

Após um tempo distante dos bancos escolares, quando vim para trabalhar na UFG, senti necessidade de retornar aos estudos principalmente para auxiliar meus filhos nas atividades escolares. Deu tão certo que tomei gosto pela situação. Graduei-me em 2003 (Curso de Letras) pela UFG (Universidade Federal de Goiás-GO), uma pós-graduação *latu sensu* na mesma instituição, mestrado na UFU (Universidade Federal de Uberlândia - MG), e Doutorado (cursando) na FLUP (Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Portugal). (Liz, 05 de junho de 2016).

Seus primeiros contatos profissionais se deram desde cedo, trabalhou de babá, aos 12 anos, a vendedora de tecidos. Sua experiência com o serviço público também é vasta. Iniciou no extinto FUNRURAL (instituição responsável por processos de aposentadorias de pessoas idosas e inválidas – década de 1980). No que diz respeito ao trabalho com educação, Liz deu início em um centro de saúde no distrito onde morava, Nova União Ouro Preto do Oeste - RO, e ação social na formação de grupos sociais de trabalhadores rurais, senhoras, jovens e crianças na mesma cidade. Logo após, permaneceu na Escola Agrotécnica Federal de Urutá - GO por cinco anos, até que pediu redistribuição, em 1996, para a Regional Catalão.

Kate, nascida em 1974 e criada em Catalão, tem, ao todo, oito irmãos. Iniciou sua escolarização pouco antes dos cinco anos de idade, em escola pública, e permaneceu até o

final do ensino médio. Casada, é mãe de um menino que está cursando o nono ano do ensino fundamental e de uma menina que frequenta o primeiro estágio da educação infantil.

Devido a problemas financeiros, Kate teve sua iniciação profissional muito cedo, pois ela e sua irmã mais velha se tornaram arrimo de família. Precisou completar o ensino fundamental e médio trabalhando como manicure em salão de beleza. Com facilidade para aprender, o ambiente escolar era agradável para ela:

Eu adorava estudar! A escola era meu lugar preferido, talvez porque lá fosse onde eu podia mostrar o que sabia fazer e podia me soltar, vivendo realmente como uma adolescente e não como um estivo da casa. Entre os alunos da classe, sempre fui dos primeiros. Era conhecida pelo meu capricho nas tarefas, pelas excelentes notas e comportamento exemplar. Além disso, tinha uma gama de amigos! (Kate, 03 de junho de 2016).

Tendo o ensino médio concluído, ela passou um ano sem estudar, trabalhou em um laboratório de análises clínicas e, mesmo sem incentivos, conseguiu aprovação na UFG - Regional Catalão para o curso de Letras, no ano de 1992. Sempre dedicada aos estudos, Kate conquistou o respeito de seus professores:

Foram tempos bons, eu tinha um trabalho e estudava em um lugar maravilhoso! Passava grande parte dos meus intervalos de aula na biblioteca, onde começava a ler um livro literário e continuava a semana toda, até concluir a leitura. Os barzinhos, as rodas de amigos, “matar” aulas, situações muito comuns entre alunos universitários não me faziam falta. Sempre fui muito séria e responsável e gosto de fazer tudo da forma correta, por isso, me dedicava aos estudos. Como o dinheiro não sobrava, pois recebia o salário e gastava ele todo com as despesas de casa, não podia pagar coletivo, então, saía da minha casa a pé e ia para o campus. Gastava em torno de 50 minutos de caminhada, tanto na ida quanto na volta. Fazia bolhas nos pés, chegava suada e cansada para as aulas, não tinha dinheiro para tirar cópias dos livros por isso precisava copiar as partes importantes, mas isso nunca foi impedimento ou desculpa para mim, pois acredito que conquistamos as coisas a partir de nosso próprio esforço, nada nos vem de graça. (Kate, 03 de junho de 2016).

Graduada em 1995, Kate iniciou sua carreira na área de educação como professora temporária na cidade de Três Ranchos - GO. Em 1999, foi aprovada em um concurso para docente estadual na cidade de Catalão e continuou a trabalhar em sala de aula, agora em sua cidade mesmo. Sempre ativa, já ocupou cargos de coordenadora da merenda, coordenadora pedagógica, coordenadora geral de escola e secretária geral de escola. Além disso, ministrou aulas em colégios particulares na cidade onde reside. Em 2007, Kate foi convocada para assumir uma vaga de técnica administrativa em educação na Regional Catalão.

No que diz respeito à formação acadêmica de Kate, ela continuou a conduzir os estudos de forma ativa e dedicada:

Sou graduada em Letras – Português pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (1995), e em Biologia (2005), pela Universidade Estadual de Goiás. Também sou Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (1997) e em Leitura e Ensino pela Universidade Federal de Goiás (2006), Mestre em Linguística e Linguística Aplicada (2009) e Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (2013). (Kate, 03 de junho de 2016).

Margot é nascida na cidade de Anápolis - GO, em 1971, segunda filha de fazendeiro com professora, casada, mãe de três filhos, um mestrando e dois universitários. Sempre morando em pequenos povoados de zonas rurais de cidades goianas, começou a sua escolarização pouco antes dos cinco anos de idade. Sempre em contato com o mundo escolar, por causa de sua mãe, foi cuidadosa com a escola até completar o ensino fundamental I e II. Sempre dedicada, Margot seguiu em busca de novos conhecimentos:

[...] estudei até o 1º ano do ensino médio, cursando Técnico em Contabilidade e Magistério. Nessa época, já sentia vontade de buscar novos horizontes e no 2º ano me mudei para Catalão, onde concluí o científico. Os dois anos que morei em Catalão para fazer o científico foram muito difíceis para mim. Sentia muito a ausência da minha mãe e dos cuidados que tinha em casa. Além disso, tive muita dificuldade em algumas matérias, pois fazia dois cursos profissionalizantes e o científico tinha outra perspectiva. Apesar de todas as dificuldades foram dois anos de muito crescimento pessoal. Tive que me matricular em um cursinho de inglês, pois não conseguia acompanhar as aulas na escola e o contato com uma língua estrangeira foi fundamental para a minha constituição enquanto sujeito que produz sentidos a partir do conhecimento. (Margot, 06 de junho de 2016).

Concluído o ensino médio, Margot logo buscou o ensino superior, entrou nos cursos de Direito, no Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC) e de Letras, na UFG - Regional Catalão. Em virtude de seu casamento e maternidade, mudou-se para a cidade de Goiânia - GO e deu uma pausa nos estudos por três anos. Depois, retornou a Catalão e continuou os estudos. Sua iniciação profissional ocorreu no período em que ministrou aulas em cursos particulares de inglês. Sobre sua formação acadêmica e profissional, Margot reflete:

Cursar Direito teve muita relevância para o meu crescimento, mas a ruptura com o curso e o retorno após a maternidade me fizeram refletir e ponderar sobre as prioridades em minha vida o que me levou a fazer o concurso e

desistir da advocacia. [...] já trabalhando na UFG fiz o curso de Letras, Especialização em Gestão Pública e Mestrado em Estudos Linguísticos, esse na UFU. Fazer o curso de Letras me levou a refletir sobre as questões da linguagem/discurso e os aspectos políticos, sociais, históricos que permeiam o processo de ensino-aprendizagem. Para fazer o Mestrado tive liberação para a qualificação e, nesse tempo, trabalhei como professora de Inglês no Centro de Línguas da Regional Catalão. Minhas experiências como professora, como estudante e pesquisadora me fizeram suscitar reflexões acerca das transformações a que estamos sujeitos pelo conhecimento. Talvez em busca dessas transformações, pretendo me preparar para fazer o doutorado no próximo ano... (Margot, em 06 de junho de 2016).

Margot chegou à Regional Catalão no ano de 1997, redistribuída do Instituto Federal Goiano de Urutaí. Iniciou sua carreira como TAE na Regional Catalão no cargo de classificação “D” e, em 2014, prestou concurso para o cargo de Secretária Executiva da mesma Regional, passando para um cargo de classificação “E”.

Boby é nascido e criado em Catalão - GO, em 1978, casado. Sempre estudou em escola pública e sua iniciação escolar foi seriada. Sempre bom aluno nos ensinamentos fundamentais I e II, teve uma reprovação no ensino médio devido às brincadeiras com os colegas de escola. Começou a trabalhar desde cedo, aos 12 anos, em uma serigrafia, não por necessidade, mas para ter seu próprio dinheiro no final do mês. Depois, trabalhou um tempo junto a seu tio em um escritório de uma empresa terceirizada da COPEBRAS.

Quando terminou o ensino médio, iniciou o magistério, mas não deu continuidade. Após, trabalhou na Câmara de Vereadores de Catalão como assessor de gabinete e, mais adiante, em um cargo Comissionado na Secretaria Municipal de Trânsito de Catalão – SMTC. Sobre sua formação, Boby explica:

Entrei na universidade em 2001, três anos que depois terminei... aí fui fazer o vestibular. [...]eu tinha uma tendência para História, eu gostava muito de história, mas eu tinha o Zé Luís, uma pessoa que trabalhei com ele também na serigrafia, ele tinha acabado de entrar e estava fazendo Geografia e falando muito bem da Geografia. Mostrava os trabalhos que tinha feito no computador, eu achava muito legal, aqueles mapas, perfil geológico e até muito bonitos, porque ele fazia uns trabalhos muito bonitos mesmo. E minha irmã fez Geografia e tinha gostado do curso. Eu fiquei na dúvida entre História e Geografia, e vim para Geografia. Além disso, o Souza Filho com quem eu convivia bastante estava na Geografia, então acabei optando por Geografia e vim para cá. (Boby, 02 de junho de 2016.)

Boby ingressou na carreira de técnico-administrativo em educação no ano de 2006. Já como servidor e sindicalista, lutou para que fosse implantado um curso de pós-graduação *latu*

*sensu* destinado aos TAEs e conseguiu. Sendo assim, em 2009, ele se tornou especialista em Gestão Pública.

Enfim, a diversidade de histórias de vida de nossos participantes, suas raízes, suas formações, os motivos pelos quais vieram e permanecem na Regional Catalão nos apontam a riqueza de seus pontos de vista a respeito da instituição. Assim como propõe Bolívar (2014, p. 347):

Ao reunir uma série de relatos de vida pertencentes ao mesmo centro escolar, pondo-os em relação uns com outros, bem como com as estruturas e contexto histórico nas que se inscrevem, proporcionam uma verdadeira “saturação”, que permite compreender a história do grupo estudado. O relato polifônico de diversos atores, conjuntando pelo pesquisador, reconstruí o conhecimento da instituição.

Ou seja, biografar a história de vida desses participantes e a forma como se relacionam com a instituição, levando em consideração outras fontes históricas, é trazer à tona a biografia institucional da UFG-Catalão.

#### 1.4.2 Como se tornaram técnicos administrativos em educação na UFG - RC

O quadro a seguir apresenta algumas informações a respeito de como foi a chegada de nossos participantes na Regional Catalão, suas datas de entrada na instituição, suas formações acadêmicas e setores em que trabalham atualmente.

**Quadro 04** - Síntese das relações dos participantes com a instituição

Participante	Ano de entrada na instituição	Forma de ingresso na instituição	Significado	Formação Acadêmica
Georgina	1987	Remoção	“Por enfim, em 1987, já com o curso superior concluído, solicitei remoção do meu trabalho para o antigo Campus Avançado de Catalão. Foi assim que, depois de nove anos, retornei a minhas antigas origens. Neste mesmo período, fui convocada para assumir o cargo de professora do estado de Goiás, contudo, fiz a opção de seguir trabalhando somente na UFG.”	Pedagoga com especialização em Literatura Brasileira

Liz	1997	Redistribuição	“Eu particularmente falando, eu vi uma oportunidade para estudar, não só para mim, mas para os meus filhos também. Eu moro numa cidade onde tem uma estrutura educacional porque tinha o campus e o Cesuc, uma cidade pequena, eu tinha que aproveitar.”	Licenciada em Letras com especialização em Leitura e Ensino, com ênfase em Estrutura, Organização e Funcionamento Textuais e Discursivos. Mestre em Literatura. Em fase de doutoramento em Literatura.
Margot	1997	Redistribuição	“Meu pai foi assassinado então foi assim uma história muito triste, eu tinha voltado por causa dele, ele faleceu. E	Bacharel em Direito, licenciada em Letras, com especialização em
			quando meu pai faleceu foi motivação para eu vir embora, eu não queria que meu filho ficasse lá, crescesse naquela cidade e vim embora em dezembro. Eu consegui, era difícil aquela época o processo de redistribuição, não era fácil como hoje, não exigia que tinha código de vaga em contrapartida, então a redistribuição acontecia se o reitor quisesse, se o diretor, no caso, era diretor e não reitor, dependia mesmo do apoio político dos diretores, dos gestores, um pouco difícil de conseguir.”	Gestão pública mestrado em Estudos Linguísticos.

Kate	2007	Concurso	“Prestei concurso para Técnico Administrativo Federal (TAE) para o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais para trabalhar na Regional Catalão. Fui aprovada em quarto lugar e eram apenas duas vagas. Quando estava organizando a documentação para assumir o cargo de professor substituto, recebi a convocação para tomar posse como TAE, pois houve duas desistências. Foi um dos melhores dias da minha vida, afinal, agora eu seria servidora efetiva numa instituição que eu respeitava e que foi parte importante em minha vida.”	Licenciada em Letras e em Biologia. Especialista em Planejamento Educacional. Especialista em Leitura e ensino. Mestre em Linguística e Linguística Aplicada. Doutora em Estudos Linguísticos.
Boby	2006	Concurso	“Surgiu o concurso da UFG, aí esse concurso o salário inicial era mais baixo do que eu ganhava na Prefeitura. Mas eu estava doidinho para sair da Prefeitura. E fiz o concurso e vim para cá.”	Geógrafo especialista em Gestão Pública.

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante do exposto no quadro, cada participante teve uma motivação para ingressar da UFG-RC. Para uns, foi a oportunidade de regressar para o seio familiar, para outros, a oportunidade de estudar, ainda para outros, a chance de ter uma nova vida, tanto profissional quanto pessoal. Nesse sentido, França (1993, p. 31-32) considera:

A entrada para o serviço público marca um momento especialmente significativo em suas vidas: a partir daí é que a profissão passa a ser definida através de uma identidade funcional, que é o sinônimo do órgão que empregador. [...] O serviço público é no mais das vezes o divisor de águas entre um passado instável com muita rotatividade de emprego e um presente tão pouco afortunado quanto antes, porém, sem dúvida alguma muito mais seguro.

Não obstante, diante da fala de França (1993), pode-se inferir que as histórias de vida dos entrevistados foram modificadas a partir da entrada na UFG-RC, embora alguns já fossem funcionários públicos anteriormente ao ingresso nessa Regional, mas, foi nessa instituição que permaneceram a maior parte de suas vidas e é onde estão e pretendem ficar até sua aposentadoria.

**Figura 02** - Reprodução do álbum de Gestão 1998 – 2002 ao fundo, os TAEs à época



Fonte: Acervo CIDARQ/UFG/RC.

### 1.5 Considerações parciais sobre o capítulo

A pretensão até o presente momento foi de trazer a produção acadêmica a respeito da atuação e espaço, dentro das universidades federais brasileiras, a respeito dos técnicos administrativos em educação. Busquei, aqui, encontrar apontamentos, ponderações e lacunas sobre a carreira técnica administrativa nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Diante desta investigação, constatei que existem poucos trabalhos a respeito da temática, sobretudo na área da Historiografia da Educação, levando em consideração as narrativas de TAEs a respeito das instituições.

Realizei, ainda, uma reflexão histórica sobre identidade e crise de identidade nas instituições, em conformidade com Hall (2006) e Dubar (2009), para que pudesse apontar questões de identificação com a carreira e a instituição pelos técnicos administrativos apresentados. Logo em seguida, apresentei o perfil dos técnicos administrativos em educação pertencentes ao quadro de servidores da Regional Catalão que são participantes desta pesquisa, levando em consideração que é fundamental, para se conhecer a instituição, apreciar os indivíduos que ali trabalham, pois, de acordo com Bolívar (2014, p. 335), “Os indivíduos constroem socialmente as organizações mediante os relatos/ histórias que contam das experiências vividas nelas”.

Assim sendo, reconhecer a trajetória institucional dos sujeitos que participaram e os processos vivenciados, tanto na área pessoal quanto profissional, é descrever um pouco, também, da instituição. A partir dos apontamentos delineados neste capítulo, foi possível

elencar outros tópicos a serem discutidos nesta investigação, tais como: os bastidores da Regional Catalão e a constituição da biografia dessa instituição.

## CAPÍTULO II – OS BASTIDORES DA UFG-RC DIANTE DAS ATIVIDADES DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO

“Por isso eu pergunto  
A você no mundo  
Se é mais inteligente  
O livro ou a sabedoria?”  
(Marisa Monte)

### 2.1 Ideia de bastidor

Em uma peça de teatro existem várias funções a serem desempenhadas. Em cena, ficam os atores diante da plateia, há um diretor que conduz o espetáculo e, por trás do palco, nos bastidores, existem várias pessoas dando apoio para que o enredo possa acontecer. Em analogia a uma peça teatral, podemos visualizar a gestão universitária, em que os atores são os professores, a plateia são os alunos, os dirigentes são as gestões e nos bastidores estão os técnicos administrativos em educação, dando suporte para que o enredo, o ensino, a pesquisa e a extensão saiam a contento. Um de nossos entrevistados recorre a essa analogia, também, para explicitar o trabalho dos TAEs:

Então, é um papel muito importante porque é o trabalho do técnico nos bastidores que faz isso tudo rodar. Inclusive nos projetos de estabelecer, por exemplo, o curso de Medicina. Tem uma técnica lá trabalhando para fazer o PPC do curso [...] porque é a função técnica dar suporte para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, é o trabalho do técnico, ele é essa função, é a função de possibilitar que tudo isso ocorra com o trabalho que ele desenvolve. Para ter essa caneta aqui, que escreve no quadro e tudo, ela está aqui, a caneta, mas teve todo o trabalho técnico para ter essa caneta. (Boby, 02 de junho de 2016).

Bolivar (2014, 335) ressalta que, por meio de relatos, a identidade de um estabelecimento escolar, inicialmente, pode ser entendida como “a maneira em que os atores apresentam ou definem socialmente seu estabelecimento”. As organizações exitosas costumam ter uma poderosa concepção de sua identidade, isto é, uma maneira coerente de apresentar-se ante seus membros e público.

Não obstante, para elucidar melhor essa alusão à dramaturgia, deve-se aqui explicar as atividades fim e meio em instituições. As atividades finalísticas de qualquer organização são aquelas relacionadas a sua missão, ao que a instituição se propõe, já as atividades meio são aquelas que dão suporte para que a atividade fim aconteça. Cada organização tem uma missão

e, por isso, uma atividade fim diferente, no entanto, as atividades meio são comuns a todas as instituições no que se refere à gestão escolar. Alguns autores discorrem sobre o assunto:

Paro (2002a), tomando o conceito de administração em seu sentido mais geral, define-a como sendo a “utilização racional de recursos para a realização de fins determinados”. É, então, uma atividade essencialmente humana, pois só o homem “é capaz de estabelecer livremente objetivos a serem cumpridos” (p. 19). Explicitando o termo “utilização racional de recursos”, o autor recorre a origem da palavra racional – do latim *ratio*, que significa razão. Assim, usar racionalmente recursos significa: a) que tais recursos sejam adequados aos fins visados; b) o emprego desses recursos deve se dar de forma econômica. Nesta acepção, os fins não podem ser separados de seus meios. (BRASIL, s.d., p.1, grifos no original).

De acordo com a Constituição de 1988, que promulgou a autonomia universitária e a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão nas IFES, esse tripé se constitui como o pilar de sua missão, logo, todas as atividades que têm por finalidade essas funções são consideradas atividades fim. As atividades meio são: administração geral, organização e funcionamento; pessoal; material; patrimônio; orçamento e finanças; documentação e informação; comunicações e outros assuntos referentes à administração pública.

**Figura 03** - Reprodução de foto que demonstra a rotina de trabalho dos TAEs em 1996

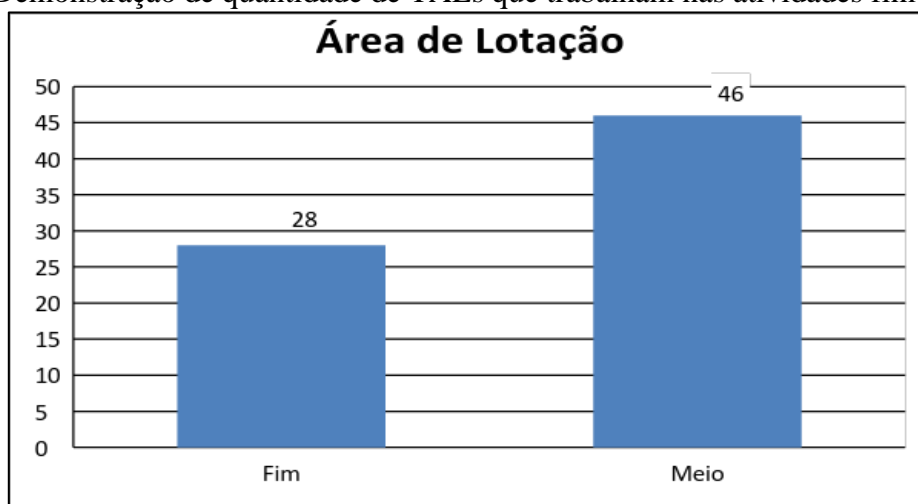


**Fonte:** Acervo CIDARQ/UFG/RC.

Portanto, pode-se dizer que o trabalho do técnico administrativo em educação está intimamente relacionado às atividades meio da instituição. Contudo, é preciso ter clareza de que existem unidades, departamentos e setores da instituição que são, prioritariamente,

voltados para atividades fim. Porém, os TAEs estão inseridos nesses espaços para executarem serviços de suporte. A título de demonstração, apresento a seguir um gráfico sobre a lotação dos servidores e a característica predominante da atividade.

**Gráfico 04** – Demonstração de quantidade de TAEs que trabalham nas atividades fim e meio



**Fonte:** Elaborado pela autora. Informações coletadas a partir dos assentamentos individuais dos TAEs da Regional Catalão.

Nota-se, pelo gráfico, que a maioria dos TAEs trabalha em setores relacionados às atividades meio, ou seja, exercem atividades que dão apoio ou suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Cabe aqui ressaltar que alguns cargos, tais como técnicos de laboratório nível D e técnico em assuntos educacionais nível E, são cargos totalmente voltados à atividade finalística. O primeiro exige do ocupante do cargo conhecimentos específicos de cada área e esses servidores estão sempre em contato com os alunos e professores. O segundo determina que o ocupante desse cargo tenha formação em licenciatura, para que possa atuar, diretamente, em funções pedagógicas.

Na Regional Catalão, as Unidades Acadêmicas Especiais, as Coordenações de Graduação, de Pesquisa e de Extensão são exemplos de setores que têm suas atividades voltadas para as atividades fim. Já a Direção, a Biblioteca, a Coordenação de Administração e Finanças e o Centro de Informação Documentação e Arquivo são exemplos de setores que têm as atividades voltadas para as atividades meio. A respeito do trabalho técnico administrativo e as relações com as atividades fim e meio, Valle (2014, p. 23) explica:

Além das atribuições de suporte operacional e administrativo, constata-se que não há atividade relacionada ao tripé ensino, pesquisa e extensão - no qual se assenta a razão de ser da Universidade - que se desenvolva na Instituição que não conte com o trabalho do técnico-administrativo em

educação, de forma direta ou indireta. O Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação (PCCTAE) indica que são atribuições gerais dos cargos que integram o Plano: planejar, organizar, executar ou avaliar as atividades inerentes ao apoio técnico-administrativo ao ensino; planejar, organizar, executar ou avaliar as atividades técnico-administrativas inerentes à pesquisa e à extensão nas Instituições Federais de Ensino; executar tarefas específicas, utilizando-se de recursos materiais, financeiros e outros de que a Instituição Federal de Ensino disponha, a fim de assegurar a eficiência, a eficácia e a efetividade das atividades de ensino, pesquisa e extensão das Instituições Federais de Ensino.

No que se refere à historicidade das atividades meio e às funções técnicas administrativas nas universidades, Fonseca (1996) destaca que a construção da universidade no Brasil foi tardia e arraigada de subordinação a uma ordem colonialista, o que veio culminar com uma concepção liberal, autoritária e burocrática. Sendo assim, aponta como se deu o espaço que os TAEs ocupam hoje:

É fato que, combinado com a concepção autoritária do modelo de estruturação e de gestão universitária, concorreu para explicar a irrelevância atribuída ao corpo de funcionários o papel inteiramente acessório de seu trabalho no interior de uma organização que tardaria a se tornar complexa, como é na atualidade e cuja atividade essencial foi, por longo período de tempo, o ensino ministrado em pequena escala por um corpo docente igualmente pouco numeroso. As funções estritamente burocráticas que exerciam, sem quaisquer vínculos mais estritos com a atividade fim, faziam dos funcionários meros serviçais, submetidos a uma estrutura rigidamente hierarquizada, na qual lhes era reservado nada mais que o alheamento. (FONSECA, 1996, p. 34).

Não obstante, a alienação desses sujeitos perdurou até meados da década de 1980, quando, não unanimemente, começaram a se organizar e a refletir a respeito do seu papel na universidade:

Evidentemente que não se constituindo em uma consciência generalizada por parte dos servidores, as reflexões que os mesmos farão a partir da década de 80 representam a tentativa de apropriação do objeto de trabalho da instituição universitária, em uma perspectiva de superação da dicotomia entre atividade fim e atividade meio, reflexão esta que, a partir da realidade concreta em que estão inseridos, buscou formular propostas relacionadas à compreensão e valorização do seu papel, a finalidade da instituição universitária e contraposições à hegemonia docente, que se impõe no campo administrativo, do ensino, da pesquisa e da extensão como única, ou no mínimo majoritária, na produção, reprodução e disseminação do saber. Os 'atores' universitários são vários e várias são as suas contribuições. A finalidade de produção e transmissão do saber, baseado na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é da "Universidade" e não de uma categoria profissional. Ou seja, não existe uma propriedade dos processos no

interior da Universidade e, nesta compreensão, todos os trabalhadores no interior das instituições federais de ensino devem ser igualmente responsáveis pela consecução de seus objetivos. (VALLE, 2014, p. 67, grifo do autor).

A partir de então, estabeleceu-se o movimento dos TAEs em busca de uma identidade própria nesse espaço de produção e disseminação do saber, tentando superar a dicotomia entre as atividades fim e meio, colocando-se diante da instituição como indivíduos que dão suporte ao ensino, à pesquisa e à extensão, mas que, também, produzem conhecimento.

O debate acerca das funções técnicas das instituições de ensino não se apresenta somente no ambiente das universidades, essa é uma questão que vem sendo discutida há anos no âmbito da gestão escolar. Semelhante à ação dos técnicos administrativos em educação, algumas profissões ligadas à educação já passaram pelo mesmo engodo institucional: delimitar qual a função do profissional que trabalha em sala de aula e qual o papel do profissional que trabalha na parte administrativa das organizações escolares. Denominando as atividades administrativas como técnicas e as atividades docentes de políticas, Saviani (1983, p. 142) conclui:

Ora, a identificação dos fins implica imediatamente competência política e imediatamente competência técnica; a elaboração dos métodos para atingi-los implica por sua vez imediatamente competência técnica e imediatamente competência política. Cabe enfim, acumular forças unificar lutas visando a consolidar os avanços e tornar irreversíveis as conquistas feitas trilhando um caminho sem retorno no processo de reapropriação, por parte das camadas trabalhadoras do conhecimento elaborado e acumulado historicamente.

Diante do arremate do autor, os profissionais pedagogos chegaram ao impasse de a quem caberia o dever de lecionar e a quem caberiam as funções administrativas e auxiliares dentro de uma instituição escolar. Esclarecida a dicotomia, o Ministério da Educação (MEC) lançou um documento, em 2004, denominado: “Por uma política de valorização dos trabalhadores em educação: em cena os funcionários da escola”, em que apresenta diretrizes para iniciativas de valorização dos trabalhadores de escolas de ensino básico e propõe a inserção desses trabalhadores no ensino de crianças.

## **2.2 Técnico educador**

Em vista das lutas e busca de sua identidade social e espaço dentro das IFES, alguns desses sujeitos passaram a conjecturar a respeito da sua função educadora na instituição. Sobre esse assunto, considerou Fonseca (1996, p. 203):

A presença e as iniciativas desses novos atores na cena universitária vão provocar impactos e reações diversas no âmbito do pensamento acadêmico, que oscilará das posições mais drasticamente resistentes e contestatórias às opiniões em cuja sensibilidade transparece a preocupação e o cuidado analíticos diante de um fato social novo e relevante.

Nesse sentido, o papel de educador dos TAEs se torna uma discussão proeminente no interior das universidades, tendo em vista que o ato de educar não está, somente, no que os livros e professores podem repassar aos alunos; a aprendizagem pode se dar, também, subjetivamente, na forma em que os alunos são tratados e conduzidos pelos TAEs que estão ali, não para ensinar, diretamente, mas que, de certa forma, contribuem para as formações dos estudantes, demonstrando como serem bons profissionais e cidadãos. Sobre a temática, eis o que nos disseram alguns de nossos entrevistados:

Considero-me uma profissional que trabalha com a educação haja vista ser servidora em uma instituição de ensino superior e desempenhar atividades que lidam diretamente com a graduação. [...] acredito que os técnicos têm participação no processo de aprendizagem dos alunos, não de forma direta, mas por meio do desenvolvimento de suas atividades. No meu caso, por meio da orientação aos alunos sobre questões relativas à graduação, desenvolvimento de estudos sobre temas relativos à graduação, como evasão, por exemplo, e também por meio da aplicação/instrução do/sobre o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação e das/sobre as legislações relativas ao ensino superior e no âmbito da UFG, e da contribuição no desenvolvimento de eventos voltados à graduação. (Kate, 03 de junho de 2016).

Nessa colocação, ao descrever suas atividades, a técnica demonstra que seu trabalho vai além da transmissão do conhecimento acadêmico, pois, para orientar alunos a respeito da graduação e analisar a legislação vigente, o servidor tem que alcançar o conhecimento técnico que está por trás do conhecimento acadêmico. A técnica fornece o conhecimento do saber administrativo aos gestores, professores e alunos.

Outra entrevistada aponta que a educação vai além da sala de aula e que o professor, tendo suporte, educa melhor o aluno:

O contato que tenho com alunos é muito pouco. [...] mesmo assim a gente está inserida na universidade, acho que o processo educativo não é só dentro

da sala de aula. A gente atende professores o tempo todo, nós estamos lidando o tempo todo com os professores. (Margot, 06 de junho de 2016).

Nessa fala, Margot faz uma alusão de que existe uma troca de saberes, tendo em vista que o professor não pode trabalhar sem o conhecimento que o técnico tem para informar, e não existiria o trabalho técnico se o professor não estivesse lá para compartilhar o saber acadêmico aos alunos e funcionários.

Para alguns dos entrevistados, a atividade educadora vai além da produção e transferência de conhecimentos, ela perpassa o modo de tratamento das pessoas:

Mexo com pessoas, com seres humanos, eu tenho que ser educada porque senão eu não recebo educação do outro, eu estou numa instituição de educação, eu tenho que trabalhar com educação. [...]Educadora sim, responsável pela educação, sim. [...]a sociedade requer e me paga o meu trabalho, eu me vejo uma pessoa competente, respeito minha clientela, que são os alunos, professores, são os pais com os quais eu trabalho, com a comunidade, com a sociedade, respeito isso e procuro tratá-los como gostaria de ser tratada, só isso. (Liz, 05 de junho de 2016).

Aqui, Liz fez-me inferir que a forma como ela trata as pessoas já é uma maneira de demonstrar qual tipo de educação é transmitido naquele lugar, uma vez que o tratar bem se torna o cartão de visitas da instituição. Outro TAE observa que seu esforço para trabalhar e atender bem as pessoas e com educação se reflete no modo como foi reconhecido em um dos setores em que trabalhou. Aponta as diversas vezes que foi homenageado nas sessões de formatura, devido ao seu cumprimento de dever enquanto servidor público, e ainda aponta seu entrosamento com os alunos.

Não é me gabando, mas eu era muito bem visto por elas. A gente sempre recebia elogio pelo tratamento que dava para as outras pessoas, porque eu tenho uma concepção de que o servidor público tem que atender bem ao público e não pode mentir. [...] desde que eu cheguei aqui eu sinto que estou fazendo parte da banca dos homenageados nas formaturas da Pedagogia principalmente. (Boby, 02 de junho de 2016).

Embora a busca pelo reconhecimento dos TAEs como educadores seja uma pauta que se estabeleceu desde a década de 1980 do século passado, esse é um atributo que não é unanimidade nem mesmo dentro da própria categoria na Regional Catalão. Sobre o assunto, Boby, que também é o representante sindical, revela:

Hoje, eu acho ainda que internamente, no *campus* principalmente, a gente tem uma turma, uma grande parte, principalmente daquelas pessoas são ligadas à gestão ou trabalha no prédio da Direção, principalmente o povo ligado às compras, eles não se veem inseridos nesse processo não, eles acham que o trabalho deles não tem nada a ver com as atividades de ensino, pesquisa e extensão, eles ainda têm essa visão separada, eu vejo isso muito. Ao ponto de eles falarem que o professor tem o serviço dele e eu o meu, e não é. Eles têm que ver que o trabalho deles impacta. (Boby, 02 de junho de 2016).

Boby, nessa fala, aponta que, para alguns TAEs, as atividades docentes e técnicas são independentes, contudo, conjectura que o trabalho do técnico complementa o trabalho do professor, da mesma forma que não existiria o trabalho do técnico se não existisse o trabalho do professor. Como também assevera Saviani (1983) ao explicar sobre a profissão dos pedagogos, é uma relação mútua, o que infere em um trabalho coletivo, ou seja, só há um trabalho dentro da universidade que é ensinar, pesquisar e fazer extensão, sendo assim, os colaboradores que dinamizam essas atividades não precisam se sobressair um diante do outro.

O mesmo entrevistado inferiu que 50% dos TAEs da Regional Catalão não enxergam que estão inseridos no processo educacional, porém, existem técnicos que possuem uma visão mais esclarecida:

Eu acho que quem está nos cursos, por exemplo, técnico em laboratório, pessoal que está nas coordenações, até o próprio pessoal que trabalha nas coordenações de graduação, pesquisa, eles têm um entendimento melhor do que é o cargo de técnico, da função do cargo, porque estão vivenciando aquelas situações, ou sabem que a função deles acarreta no processo de ensino, pesquisa, extensão. Eu acho que as pessoas que ocupam essas funções têm essa visão, justamente por conviverem mais com os professores e os alunos. (Boby, 02 de junho de 2016).

Interessante que, nessa última fala, Boby, que sempre trabalhou nas coordenações de curso, acredita que o trabalho que desempenha está ligado à educação devido à proximidade e reconhecimento que tem por parte dos alunos. Infere ainda que a proximidade física dos TAEs junto aos professores, alunos e comunidade acadêmica no geral causa mais a percepção do trabalho educador.

Agora o pessoal que está afastado, que convive com a parte só burocrática eles não têm. Inclusive um exemplo disso é a Felícia, que trabalha no transporte, o Carlton e o Thales, eles trabalhavam nas coordenações das engenharias. O que fizeram eles saírem das coordenações é que eles não queriam se relacionar com aluno, eles não suportavam porque aluno está ali o tempo todo, mas eles não queriam se relacionar com os alunos e são 3 formados em Administração, pediram para ir para áreas administrativas e

foram atendidos. Foram para essas áreas administrativas e ali eles acham que o serviço deles não tem nada a ver, não depende mais de professor, nem de estudante, mas eles também não enxergam que tem impacto, mas porque estão na área administrativa não acham. (Boby, 02 de junho de 2016).

Já nessa parte da entrevista, aponta que, para alguns técnicos, o afastamento dessas áreas de trabalho se tornou desejável, o que leva esses indivíduos a acreditarem que suas funções não estão relacionadas às atividades de ensino, pesquisa e extensão. Bobby diz que tenta convencer os colegas de trabalho de que o serviço deles faz parte de um todo, que o ofício administrativo não existe por si só, não existe razão para fazer uma licitação, uma compra e transportar objetos e pessoas dentro de uma universidade se o intuito não for alcançar a missão institucional, que é educar pessoas em nível superior.

Inclusive a gente conversa fora daqui, a gente sempre costuma discutir isso. Eu, o Victor<sup>7</sup> e o Eduard. O Eduard não se vê como parte desse processo e o Victor tem uma concepção diferente, de que a gente é parte do todo, da universidade, do que desenvolve, o trabalho da gente tem importância [...] a gente pega no pé deles e fala, é claro que depende dele, mas você trabalha com licitação numa instituição de ensino e não tem o ônibus para levar o pessoal para o trabalho de campo? E até hoje ele não se enxerga lá, acha que isso não tem nada a ver e o trabalho dele depende é de outros fatores. Então ainda falta esse esclarecimento para muita gente. (Boby, 02 de junho de 2016).

Em contraposição às ideias de que TAEs e professores, cada um tem seu trabalho, e que esses dois papéis não se correlacionam ou se completam enquanto atividades educadoras, Bobby revela que em conversas formais e informais a categoria busca consenso sobre o fato de que, para que essas atividades que são o tripé do bom funcionamento de uma universidade se realizem, as funções administrativas têm que estar bem organizadas e em consonância com as funções finalísticas.

### *2.2.1 Para que técnico administrativo precisa ter mestrado e doutorado?*

Essa é uma pergunta recorrente nos bastidores da Regional Catalão devido à falta de entendimento sobre a função educadora do serviço técnico administrativo. Alguns gestores e professores questionam a necessidade de qualificação em nível *stricto sensu* para servidores da área administrativa, por entenderem que mestrado e doutorado são direitos exclusivos de

---

<sup>7</sup> Os nomes de servidores da Regional que foram citados nas entrevistas foram trocados para resguardar suas privacidades.

quem trabalha em sala de aula. Além disso, existe um pensamento velado de que a busca por formação dos técnicos é um comportamento dos servidores que só querem obter vantagens pessoais, tais como o afastamento do trabalho e remuneração.

Alguns alegam que TAEs qualificados não trazem benefícios para a instituição, no entanto, uma vez que se reconhecem como educadores e fazem parte do processo de formação dos alunos, a busca por qualificação aumenta. Por estarem no meio acadêmico é natural que esses indivíduos se interessem pela área, aliás, para alguns cargos, o conhecimento científico é fundamental para o melhor desenvolvimento de suas funções.

É bom que os TAEs tenham mestrado e doutorado para que possam orientar melhor o público e, além do conhecimento acadêmico, eles têm o conhecimento institucional, que é o capital intelectual da instituição, o objeto da gestão do conhecimento. Em um artigo intitulado “Os trabalhadores técnicos administrativos em educação da Universidade Federal de Goiás: trabalho, profissionalização e gestão do ensino superior”, Castro (2015, p. 14) observa:

A ausência de investigações e estudos acadêmicos sobre esse conjunto de trabalhadores não significa que sua participação seja insignificante para o desenvolvimento do ensino superior público federal. Ao contrário, nota-se que o envolvimento de trabalhadores TAE's nas atividades essenciais da UFG é capaz de produzir uma maximização de resultados, considerando que essa categoria está cada vez mais qualificada e preparada profissionalmente para assumir suas funções.

Ana Lúcia Ferraresi, em 2003, defendeu uma dissertação sobre fatores que estimulam técnicos administrativos da UFSC a cursarem mestrado e doutorado. Naquela época, não existia remuneração por titulação para os TAEs e ela apontou os fatores que os instigavam, chegando ao seguinte resultado:

O estudo demonstrou que os aspectos pessoais relacionados à satisfação pessoal predominaram na decisão dos TAE's em cursarem mestrado ou doutorado. De acordo com a análise dos dados, fatores como a limitação e restrição na carreira técnico-administrativa, satisfação pessoal e segunda carreira, foram os principais fatores que estimularam os TAE's a cursarem mestrado ou doutorado (FERRARESI, 2003, p. 7).

Hoje, a titulação já é remunerada e faz parte do plano de carreira. É evidente que a recompensa financeira é um fator motivacional para alavancar a formação do corpo administrativo das universidades, contudo, nossos entrevistados fazem outras considerações:

[...] às vezes tinha alguma coisa para fazer, me chamavam e falavam assim, Liz você poderia fazer, mas você não tem curso superior, e nem está cursando, e eu falava tudo bem. Aí quem tinha assumia ou procuravam outra pessoa para fazer. Mas eu não entrei na faculdade por causa disso, eu já vim para cá pensando em estudar. Então, quando eu vi um curso matutino, a primeira turma matutina, eu fiz, [...] então achei o que eu queria, passei no vestibular direitinho e fui fazer um curso matutino. (Liz, 05 de junho de 2016).

O depoimento de Liz nos mostra que o que a motivou a buscar qualificação em ensino superior foi o fato de já ter vindo para a Regional Catalão em busca de melhores condições de estudo, tanto para ela quanto para sua família. Quando teve a oportunidade, aproveitou. Revelou ainda que, por algumas vezes, deixou de exercer atividades por não ter formação superior, então, procurou meios para sanar essa deficiência em sua carreira. Depois dessa qualificação, ela ainda fez duas especializações, mestrado e agora faz o doutoramento, o que significa que, ter cursado o ensino superior, motivou-a a buscar mais conhecimento.

Alguns destacam a diferença que a formação acadêmica exerce no cumprimento de suas atividades cotidianas:

Entendo que minha escolarização me auxilia bastante nas atividades profissionais que desenvolvo, principalmente devido à minha área de formação, que é a linguagem. A formação na área da linguagem me proporciona grande facilidade para compreender o que leio, produzir relatórios e redigir documentos em geral, realizar estudos, fazer exposições orais publicamente, enfim, realizar uma gama de atividades que tem a linguagem, tanto oral quanto escrita, como fundamento principal. (Kate, 03 de junho de 2016).

Diante da fala de Kate, podemos inferir que a qualificação de servidores que trabalham na área administrativa é importante não somente para o desenvolvimento pessoal deles, mas também para o desenvolvimento institucional, já que o conhecimento adquirido por eles é revertido, diretamente, na execução dos seus trabalhos. Inclusive, essa é uma discussão que já perpassou por âmbitos superiores à UFG-RG.

O Decreto nº 5.824, de 29 de junho de 2006, estabeleceu os procedimentos para a concessão do Incentivo à Qualificação e para a efetivação do enquadramento por nível de capacitação dos servidores integrantes do Plano de Carreira dos Cargos Técnico Administrativos em Educação, instituído pela Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005. Nesse decreto, já estão definidos quais os ambientes organizacionais das IFES estão relacionados às áreas de conhecimento que os servidores lotados naquele ambiente poderão se qualificar com percentual maior de remuneração. Assim sendo, o servidor pode buscar formação em uma

área que não seja correlata ao seu ambiente organizacional, contudo, não receberá o valor total do incentivo à qualificação. Como os valores diminuem entre dez e vinte por cento se o servidor se qualificar em uma área de conhecimento que seja de relação indireta ao seu ambiente organizacional, é provável que a maioria dos TAEs busque formação nas áreas de conhecimento com relação direta à função que desempenham. Sendo assim, a qualificação da maioria dos servidores que busca mestrado e doutorado impacta, diretamente, nas atividades desenvolvidas, colaborando para o desenvolvimento institucional.

No que se refere à visibilidade institucional, servidores técnicos administrativos em educação pós-graduados representam prestígio para a Regional, fato esse, inclusive, que compõe os relatórios institucionais. No relatório da gestão 2011-2014, a política de qualificação de servidores é notada como uma preocupação e uma meta a ser implementada pelas gestões seguintes:

A busca por melhores condições de trabalho, além da capacitação e qualificação dos servidores TA do Campus é uma luta dos servidores e faz parte da política da atual direção, que não mediu esforços para qualificar seu quadro. Também consideramos como uma demanda urgente a elaboração de diretrizes de política de qualificação do quadro de servidores TA, além da viabilização de cursos de capacitação que possibilitem que os servidores do Campus estejam atualizados e habilitados em suas áreas de trabalho. (Relatório de Gestão da Regional Catalão, 2014, s.p.).

Embora ter um quadro de servidores TAEs qualificados com mestrado e doutorado ainda não garanta retorno em recursos financeiros para a instituição, diferente do que ocorre com a qualificação de docentes, mencionar o fato em relatórios de gestão, planos de ação e documentos de auto avaliação ou avaliação do MEC denota que as atividades realizadas por esses indivíduos serão executadas com maior competência, pois eles estão mais preparados. Seguindo essa linha, Margot avalia que a qualificação colabora para o melhor desenvolvimento das funções e que sua visão a respeito da instituição mudou:

Acho que muda sim gente, tudo o que a gente aprende, tudo o que a gente lê, tudo o que a gente estuda faz com que a gente modifique tudo. Acho que sou uma Margot antes de fazer o mestrado e uma Margot depois de ter feito o mestrado. (Margot, 06 de junho de 2016).

Aqui, Margot destaca o papel formador da pós-graduação em sua vida, afirma que o conhecimento adquirido com o mestrado foi além do conhecimento científico registrado nos

livros e artigos, mas resultou, também, em seu crescimento pessoal. Sobre esse assunto, Ferraresi (2003) aborda o conceito de conhecimento:

O conhecimento é fator competitivo numa organização. Sabemos, também, que o conhecimento é diferente de informação, pois a informação provém de comunicações e o conhecimento provém de um processo seletivo adquirido não só através da educação formal, como também da experiência prática. Os diversos níveis profissionais que constituem a organização são verdadeiras fontes de informação, conhecimento, qualidade e produtividade. E são responsáveis pelo bom ou mau desempenho das diversas atividades e objetivos da instituição. Toda a força produtiva de uma organização agrega informação e conhecimento. (FERRARESI, 2003. p. 05).

No que se refere à gestão do conhecimento ou capital intelectual da instituição, as IFES se destacam por uma peculiaridade e/ou uma vantagem em relação aos outros estabelecimentos públicos e privados: os seus servidores, tanto professores quanto técnicos administrativos, têm como missão a produção e a disseminação do conhecimento. Sendo assim, essas organizações terão mais potencial se souberem valorizar e utilizar esses recursos humanos como um todo.

Ainda sobre conhecimento técnico especializado, alguns TAEs consideram importante a formação para o desenvolvimento de suas atividades, mas não fundamental:

Como trabalhamos com o ensino superior, penso que o fato de ter passado por uma graduação e pós-graduação ajudou-me a compreender melhor esse universo. Sendo assim, acredito que a escolarização me auxilia sim nas atividades profissionais, mas não é o fator principal para o bom desempenho da função. (Georgiana, 04 de junho de 2016).

Nessa fala, Georgina, que é a funcionária mais antiga em atuação na Regional, demonstra que ter se qualificado mais do que o nível do cargo lhe exigia foi interessante para que ela conhecesse o *metiê* da instituição. Contudo, diante de outras falas dela sobre sua história de vida relacionada à instituição, acredita que a experiência adquirida e o seu tempo de serviço é o que melhor alicerça a eficácia e a eficiência do seu trabalho. Para ela, a prática é mais importante que o conhecimento, tendo em vista que a experiência leva ao conhecimento.

Em 2008, Coutinho, Diogo e Joaquim publicaram um artigo em que observaram que os funcionários mais antigos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) tendem a reproduzir o mesmo pensamento que Georgiana, acreditam que “os mais novos geralmente possuem maior domínio teórico do que prático, por isso solicitam apoio aos mais experientes.

O ensino ocorre por tutoria, ou seja, todos aprendem a trabalhar trabalhando” (COUTINHO; DIOGO; JOAQUIM, 2008 p. 103). Para as autoras, essa dicotomia de ideias se dá pela renovação do perfil dos servidores públicos nos últimos anos.

A investidura nos cargos públicos tem se dado por meio de concurso público, então, é estimulada a concorrência, o que faz com que os candidatos que ingressam na carreira estejam cada vez mais qualificados, a maioria já entra na instituição com um grau maior de instrução do que o cargo exige, diferente dos funcionários mais antigos. Dessa forma, por estarem inseridos no meio acadêmico e já conhecerem o processo para o ingresso nos programas de mestrado e doutorado, mesmo quem ainda não cursou mestrado enxerga a importância e a comodidade que o serviço público proporciona para quem deseja a formação.

A gente quer, está numa instituição de ensino, tem todas as condições, você pode se licenciar, então é uma ladeira você não fazer isso. Não tem dificuldade nenhuma, a instituição não vai pôr empecilho, mas incentiva a gente a sair, então tem que fazer. (Boby, 02 de junho de 2016).

Nesse momento da entrevista, Bobby deixa claro seu conhecimento no que diz respeito aos seus direitos enquanto servidor público previstos na lei geral que regulamenta o serviço público e no que está garantido pelo PCCTAE, contrapondo à ideia de que TAEs não necessitam de qualificação em nível *stricto sensu*. Magalhães et al (2010) observam uma relação conflituosa com os docentes que apresentam um certo receio ante o aperfeiçoamento dos servidores técnicos e não veem como contribuição ao seu trabalho. “Em parte, é devido ao medo de concorrência, eles não conseguem observar o trabalho do técnico como um somatório de resultados positivos e, no final, um ganho para a universidade como um todo” (MAGALHÃES et al, 2010, p. 71).

Além da garantia do direito assegurado aos servidores por lei, é necessário que a qualificação e a capacitação sejam um projeto institucional. Conforme observa Evani Larisse dos Santos em sua dissertação de mestrado intitulada “Ganhos de produtividade e qualidade na Universidade de Amazonas – UFAM um estudo sobre a capacitação dos servidores”:

As universidades públicas federais brasileiras já adotaram em seus planos de gestão estratégica um modelo para o desenvolvimento de seus quadros de pessoal através dos cursos de capacitação e qualificação para um maior ganho de produtividade. Outro desafio é estimular a criação de mecanismos que propiciem o desenvolvimento profissional, fomentando a aprendizagem e oferecendo aos servidores oportunidades reais de crescimento profissional. (SANTOS, 2012, p. 43).

Assim, para que haja uma boa gestão universitária e bom atendimento ao público em geral, que é a comunidade acadêmica, é importante, além de fatores de outras ordens, não somente que os TAEs busquem formação, mas que a Regional Catalão possua um planejamento de qualificação e capacitação para eles e que preveja, também, a pós-formação para que esses indivíduos possam aplicar os conhecimentos adquiridos no local em que trabalham, revertendo o investimento institucional em ações que otimizem a gestão universitária.

Enfim, para os TAEs da Regional Catalão, qualificar-se vai além do ganho salarial, porque, assim como estudou Ferraresi (2003), a satisfação pessoal é um dos principais elementos que levam esses indivíduos a cursarem uma pós-graduação. Nesse sentido, as falas dos entrevistados demonstram que a formação influenciou em seu trabalho e mudou sua percepção sobre a instituição. Vale ressaltar, contudo, que, diferente do apontado por Ferraresi (2003), não foi identificada a questão da limitação da carreira nem a busca por outra.

### 2.3 A carreira

Em 2003, de acordo com o estudo de Ferraresi, não havia um plano de carreira para os TAEs. No entanto, outros autores já haviam falado sobre o assunto, e discussão ainda encontra-se em pauta. No livro “O Barnabé: consciência política do pequeno funcionário público”, Barbara Heliodora França faz, em 1993, uma observação a respeito da carreira desses servidores:

Os funcionários técnicos administrativos das universidades são aqueles que apresentam os maiores rendimentos no interior do conjunto e que tem um PCS<sup>8</sup> recente, que contou com a participação da categoria organizada. Ambas as conquistas foram obtidas em campanhas que culminaram em greves. Além disso, tem jornada oficial de 8 horas diárias, mas maior maleabilidade nos horários; relação mais informal com as chefias e maior acesso a cursos de aperfeiçoamento/ especialização, visando à progressão funcional. (FRANÇA, 1993, p. 44).

Em contraponto a essa afirmação, Fonseca, Gonzaga e Valle (1996, p. 35) fazem um breve histórico de como se constituiu o Plano de Carreira da categoria, afirmando que, até meados de 1960, não havia corpo administrativo organicamente estruturado nas universidades públicas e o pequeno quadro de funcionários era pertencente ao Ministério da Educação e Cultura. A partir do estabelecimento da classificação de cargos do serviço civil do Poder

---

<sup>8</sup> Plano de Cargos e Salários.

Executivo, por meio da Lei nº 3.780, as universidades passaram a ter TAEs em seu quadro funcional.

Somente na década de 1980 foi conquistada uma carreira própria para os TAE's. "O plano único de classificação e redistribuição de cargos e empregos (PUCRCE), em larga medida originário das formulações dos próprios servidores, promove a reinserção dos técnicos admirativos na organização universitária". (FONSECA; GONZAGA; VALLE, 1996, p. 169, grifos do autor).

Embora tenha sido um avanço e uma conquista para a categoria, a adoção do PUCRCE cometeu algumas distorções na classificação de alguns cargos. Além do mais, havia limitação de progressão funcional por titulação e não distinguiu progressões por qualificação ou capacitação. Nesse sentido, Valle (2014, p. 89) considera:

Assim é que em função de questões inerentes à própria concepção do Plano, às persistentes e contínuas alterações impostas pelos sucessivos governos e à própria gestão interna do mesmo, ele foi sendo descaracterizado, impondo aos servidores técnico-administrativos, mais uma vez, a necessidade de refletir, em outros patamares, sobre o seu trabalho, a estruturação e a organização deste.

Gonzaga (2011) asseverou que, depois de muitas lutas e embates políticos entre técnicos, representantes do Ministério do Planejamento e das Universidades, o governo atendeu, em parte, às reivindicações dos TAEs. A aprovação do Plano de Carreira dos Cargos Técnico Administrativos em Educação, em 11 de janeiro de 2005, reconheceu o trabalho da categoria, vinculando a função desses profissionais ao objetivo institucional.

O outro aspecto importante do PCCTAE foi que, pela primeira vez, o governo não só reconheceu a importância da qualificação e capacitação dos servidores técnico-administrativos para a prestação de um serviço mais eficiente aos usuários, como também instituiu uma tabela com índices remuneratórios proporcionais à qualificação de cada servidor. Entretanto, após o enquadramento dos TAE's no PCCTAE, verificou-se a defasagem educacional dos trabalhadores/as, tal qual já havia sido observado em 1987, quando da implantação do PUCRCE. (GONZAGA, 2011, p. 89).

Configura-se, portanto, um novo plano de carreira para os TAEs. Embora com algumas divergências, esse plano instituiu, entre outras vantagens, a remuneração por titulação e, cada vez que o servidor se gradua em algum segmento formal de educação que esteja relacionado a sua área de formação e atuação profissional, ele é remunerado

percentualmente, de acordo com seu salário base. Foi instituída, também, a progressão por capacitação, em que o servidor pode fazer cursos de curta duração, em horas, para progredir na carreira, além de prever progressão por tempo de serviço. Esse plano, que está em vigor desde 2005, já foi alterado e recebeu algumas adequações. Sobre suas carreiras, nossos entrevistados observaram:

O nosso plano de carreira eu considero ele muito bom, o vencimento inicial é baixo e essa concepção eu tenho a partir das orientações dos sindicatos, das greves, de entender como se deu o surgimento desse plano de carreira, que está sempre sendo aprimorado, salvo engano, é a terceira versão, que já está caminhando para a quarta. (Boby, 02 de junho de 2016).

Margot, que ficou 18 anos na Regional Catalão ocupando o cargo de nível C, prestou concurso para o nível E em 2014 e foi aprovada, revelou qual foi sua motivação para isso: além do ganho salarial, sua insatisfação com a limitação da carreira do nível C e o nível D.

Fiz esse concurso assim no limite mesmo, no que eu poderia fazer para não ser prejudicada na aposentadoria, eu tenho que ficar 10 anos no cargo e vai dar 10 anos certinho, acho que por isso que vou ter que trabalhar um ano a mais ou talvez até não sei, mas vou ficar pelo menos 10 anos da minha posse. Eu já vou fazer 2 anos em julho, que eu estou no meu novo cargo e o que me motivou foi que fiz mestrado no meu cargo antigo porque antes não podia fazer mestrado, não progredia aí, a partir da lei..., fiz o mestrado no cargo antigo e tenho graduação, mestrado, especialização (Margot, 06 de junho de 2016).

Magalhães et al. (2010), em seu estudo sobre o aperfeiçoamento do técnico administrativo da Universidade Federal de Viçosa, constatou a mesma ressalva entre seus entrevistados.

[...] abordou-se também a necessidade de mudança das leis no serviço público pelo fato de a legislação, atualmente, não permitir que o funcionário mude de cargo, a não ser por meio de outro concurso público. O servidor que foi contratado para determinado cargo possui os requisitos para realizar as atribuições daquele cargo; assim, ao realizar um aperfeiçoamento, muitas vezes, ele adquire uma qualificação maior do que aquela exigida para seu cargo. Nessa situação, o STA<sup>9</sup> não pode mudar para um cargo que seja mais coerente com seu nível de qualificação. Por isso, segundo os entrevistados, a lei tem que ser revista de modo que permita a mudança de cargo dentro da instituição. (Magalhães et al. 2010. p. 75-76).

---

<sup>9</sup> Esta foi a abreviação que os autores utilizaram em seu artigo para os servidores técnicos administrativos – STA. Aqui, utilizamos Técnico administrativos em educação – TAEs.

Foi o que aconteceu com Margot, uma de nossas entrevistadas, pois, para que pudesse desfrutar de mais benefícios em virtude de maior qualificação do que o cargo que ocupava exigia, fez e passou em outro concurso, na mesma instituição; embora ainda na carreira técnica administrativa, porém, de nível superior.

Não obstante que o PCCTAE tenha sido um grande ganho para a categoria e que reconheça e estimule a qualificação acadêmica, vê-se nele problemas de progressão na carreira, porque, ao qualificar-se, o servidor TAE não muda de cargo, volta para a mesma função que executava antes. Esse é um dos fatores que implicam em desvio de função, já que, uma vez qualificado, a instituição faz proveito dos conhecimentos adquiridos pelo TAE, dando-lhe funções que vão além do que o seu cargo exige. A única maneira que existe para mudança de cargo para os TAEs é fazer um novo concurso, assim como fez Margot.

Outra entrevistada não está satisfeita com o plano de carreira e as progressões por capacitação, aquelas que são adquiridas com a realização de cursos de pequena duração:

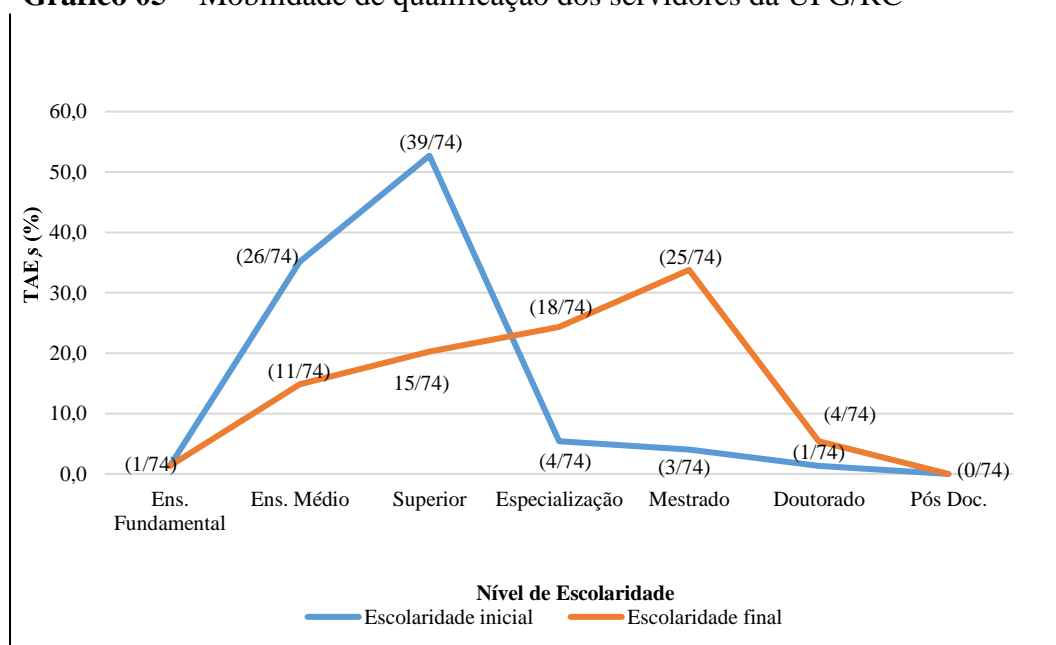
Eu acho defasado, desrespeitoso, acho que o nosso sindicato não move, não age, não faz nada porque já tem 12 anos que não sobe um nada por capacitação no meu rendimento, só por qualificação. Para mim só vale qualificação, especialização, mestrado e doutorado, mas em termo de capacitação só tem limites, então tem 12 anos que eu não tenho progressão nenhuma. Não tem nada, então a gente não tem incentivo para nada. Então se eu quiser alguma coisa, eu já fiz uns 3 ou 4 cursos de 100hs mas para mim não vale nada porque já tem mais de 10 anos que nossa carreira é defasada, desrespeitosa, é vergonhosa. (Liz, 05 de junho de 2016).

De fato, o PCCTAE contém algumas falhas no que se refere aos cursos de pequena duração. Para a carreira de nível médio, a carga horária mínima para a progressão é de 90 horas e a máxima é de 150, com interstícios de um ano e meio para cada mudança de nível. Já para os técnicos de nível superior, a carga horária mínima é de 120 horas e a máxima de 180, também com interstícios de um ano e meio para cada progressão. Alcançadas as cargas horárias máximas para a capacitação, os servidores estagnam na carreira, não podendo mais serem contemplados com essa progressão. Para que tenham ganhos salariais por aperfeiçoamento, é necessário que busquem formação por meio de mestrado e doutorado, como é o caso de Liz.

## **2.4 A qualificação dos TAEs da Regional Catalão**

Diante da remuneração por titulação e do plano de carreira consolidado, pode-se observar que os TAEs da Regional Catalão continuam buscando garantir seu lugar no espaço acadêmico por meio da qualificação. O gráfico a seguir mostra o nível de escolaridade com que esses sujeitos entraram na instituição:

**Gráfico 05** – Mobilidade de qualificação dos servidores da UFG/RC



**Fonte:** Elaborado pela autora, a partir dos assentamentos individuais dos servidores.

Vê-se que, ao longo dos anos, o número de técnicos que possuíam somente nível médio diminuiu de 26 para 11, demonstrando que 15 buscaram aprimorar sua formação. O número de servidores que entraram com o nível de escolarização superior foi de 39 para 15, o que nos leva a inferir que 24 buscaram realizar pós-graduação. Aqueles que ingressaram na instituição com especialização somavam 4 indivíduos, hoje, o número de técnicos especialistas é de 18. O aumento mais significativo de desenvolvimento na formação é o dos sujeitos com mestrado. Inicialmente, eram 3, hoje, esse número é de 25, ou seja, 22 técnicos buscaram se qualificar melhor. Com relação ao doutorado, a Regional Catalão ganhou mais 3 técnicos administrativos, totalizando 4.

Além da melhora do plano de carreira, pode-se apontar, também, que um dos fatores que impulsionaram a formação dos TAEs foi o crescimento do número de cursos oferecidos na Regional Catalão, em nível de graduação, especialização, mestrado e doutorado, possibilitando que pudessem se graduar sem precisar deslocar para outras cidades. Sobre esse assunto, Castro (2014, p. 04) alerta:

Observa-se que, atualmente, a elevação da escolarização, do nível intelectual e profissional dos servidores técnicos na UFG tem contribuído com a eficiência dos processos de gestão, de ensino, de pesquisa e com a extensão, embora esses trabalhadores não recebam a devida visibilidade nessas ações.

Diante dessa afirmação, cabe aqui relatar o que os TAEs da Regional Catalão ponderam sobre sua visibilidade e valorização.

## **2.5 Visibilidade profissional**

Como se pode medir o valor de uma categoria de funcionários em uma instituição pública?

A rotina de trabalho desses funcionários tem como característica principal que o seu resultado não se concretiza em uma mercadoria, em um valor de uso e de troca imediatamente palpável: são papéis e objetos protocolados, registrados ou expedidos, trabalho cujas atividades podem ser chamadas “abstratas”. Não vivendo diretamente as contradições de ver extraído de seu trabalho um sobrevalor (FRANÇA, 1993, p. 96, grifos do autor).

Não se pode dizer que os TAEs sofrem com os mesmos problemas que os operários de uma fábrica, constituindo-se então uma classe proletária dentro das universidades. Contudo, pode-se afirmar que existe uma percepção de que a categoria é uma classe inferior e essa falta de valorização acaba culminando em invisibilidade. Um de nossos entrevistados revelou qual era sua perspectiva, na qualidade de aluno, sobre os funcionários da instituição:

Quando fiz graduação aqui eu não sabia o que era técnico, de verdade, eu achava que todo mundo era professor, inclusive o pessoal da biblioteca, a gente achava que era professor. Não tinha esse negócio de técnico administrativo [...]. (Boby, 02 de junho de 2016).

A afirmação de Boby a respeito de sua visão do trabalho técnico enquanto aluno demonstra a realidade das IFES. Verdadeiramente, o trabalho do técnico mitiga o trabalho do

professor, pois, se voltarmos aos primórdios das funções administrativas nas instituições escolares, não havia a figura do técnico administrativo, mas as atividades meio sempre existiram. Sendo assim, provavelmente, esses trabalhos eram exercidos por professores, o que nos leva a pensar que o trabalho do professor e do técnico deveria ser um só e não havia separação, de modo que o aluno não percebia que tudo fazia parte de um todo. Contudo, Fonseca, Gonzaga e Valle (1996, p. 34) também concordam que é uma questão histórica que ocorre nas universidades: “Compõe ainda o perfil do trabalho realizado do corpo administrativo das IFES um traço que persiste desde a criação das universidades no país [...] trata-se da alienação que se manifesta no nível do trabalho técnico-administrativo em relação à institucionalidade universitária”.

Ao estudar a universidade em que trabalha, a UFMG, Gonzaga (2011) afirmou, no recolhimento de um depoimento de técnicos administrativos da referida instituição, que essa invisibilidade dos TAEs é histórica:

Uma história que pode ser contada e analisada sob dois prismas: primeiro, a partir dos movimentos iniciados nos anos de 1980 que reivindicavam muito mais que “arroz e feijão, mas também, saúde e educação públicas” e de qualidade.

Segundo, pelas estratégias construídas por esses/as trabalhadores/as para se contraporem ao processo de invisibilidade ativamente produzida no âmbito da UFMG e se fazerem respeitados no cotidiano institucional, e, construir uma identidade profissional, dentro de uma instituição, onde todas as instâncias de poder ainda são ocupadas por apenas um segmento: o docente. (GONZAGA, 2011, p. 81, grifos do autor).

Correlacionado a observação de Gonzaga, de que as instâncias de poder nas universidades são preenchidas em sua maioria por docentes, uma de nossas entrevistadas ponderou:

[...] eu acho que o técnico administrativo sempre vai ser diminuído. Essa é a visão que pelo menos eu penso do professor enquanto gestor, como todos os nossos gestores são professores, então é difícil mudar isso, é difícil, parece que tem que ser professor. Até quando a pessoa ela se sobressai um pouco no trabalho, ela é chamada de professor, isso eu já vi aqui no *campus* inúmeras vezes, o técnico administrativo sendo chamado de professor, quando ele desenvolve um trabalho que aparece (Margot, 06 de junho de 2016).

A Lei de Diretrizes Bases (LDB), no artigo 56, estabelece que as instituições de ensino superior sigam o regime de gestão democrática, com a ressalva de que setenta por cento dos assentos de órgãos colegiados e comissões sejam ocupados por docentes. Diante da fala

mencionada, nota-se que os TAEs gostariam de ter um espaço maior nos cargos diretivos da Regional Catalão, contrapondo a referida lei. Contudo, pode-se inferir, também, que a fala de Margot se remete à questão de visibilidade e reconhecimento. Pela obrigação da maioria dos gestores serem professores, é difícil que técnicos administrativos alcancem cargos que sejam diretivos como assessorias, chefias de gabinete e presidência de comissões, mesmo que sejam capacitados para isso.

A servidora observa que, quando um técnico administrativo tem o seu trabalho reconhecido, ele recebe o título informal de “professor” e começa a ser chamado assim. Apreende-se, então, que a realização de serviços de destaque é um direito reservado à categoria docente. Quando apresenta um bom trabalho, o técnico administrativo “merece” ser chamado de professor. Vale lembrar que o *status* de professor dentro da Regional Catalão tem mais prestígio do que o de técnico, mesmo que ambos tenham a mesma titulação acadêmica e o mesmo nível de conhecimento.

[...] acho que em todos os trabalhos tem aquelas pessoas que trabalham, que fazem com que as coisas aconteçam e tem aquelas que são mais políticas, que aparecem na hora que precisam aparecer, e trabalham tem vezes que não. E sempre são os professores também, mesmo que eles não sejam. (Margot, 06 de junho de 2016).

Nessa fala, Margot aponta a percepção de que ser servidor administrativo não é um critério usado pelos gestores no momento de escolherem alguém para determinado cargo ou função. Denota-se, pela fala da entrevistada, que, assim como acontece no relato do estudo da UFMG, dentro das instituições, para se obter visibilidade ou valor, a pessoa tem que estar investida no cargo de professor, o que não deveria acontecer, tendo em vista que os TAEs estão na instituição oito horas por dia, desenvolvem as atividades corporativas e, portanto, conhecem mais a instituição e podem ter mais informações que auxiliem nas tomadas de decisões. Ainda sobre essa temática, Margot continuou:

Significa ser tratado diferente mesmo, se tem, por exemplo, um trabalho de peso para ser feito, um técnico raramente vai ser procurado para fazer, raramente. Mesmo que ele tenha formação para isso e capacidade. A gente vê isso em vários setores aqui do campus, diversos, não é só no setor onde eu trabalho não. Por exemplo, existe um cargo comissionado que, nem vou dizer de função não, não estou falando de gratificado não. De reconhecimento mesmo, se o cargo está aqui e precisa ser desenvolvido por uma pessoa, mesmo que o técnico tenha mais conhecimento porque, em algumas coisas, é claro que o técnico que está ali trabalhando todo dia vai ter mais conhecimento que uma outra pessoa que não está ali trabalhando, que vai assumir um cargo mais político, o professor é chamado e o técnico não,

mesmo que o técnico tenha ensinado o professor. Já aconteceu muito isso e isso pode acontecer ao contrário também, mas assim eu falo que o técnico nunca é reconhecido ao ponto dele ser, do gestor ter a confiança de passar essa atribuição para ele. Isso a gente vai ver quando for criada a universidade, isso é um ponto que a gente vai ver assim com muita força. (Margot, 06 de junho de 2016).

Aqui, Margot reflete sobre a natureza política da distribuição dos cargos comissionados, que nem sempre são escolhidos pelo conhecimento ou capacitação das pessoas para exercerem o papel de chefia daquelas funções. De acordo com a fala dela, e como temos conhecimento, as gestões são eleitas de quatro em quatro anos e esses cargos têm essas mesmas rotatividades, são ocupados por professores, enquanto os TAEs, que estão rotineiramente lotados nesses setores, são quem detêm o conhecimento institucional. As gestões passam, os técnicos ficam e a cada nova eleição repassam suas memórias para os próximos gestores. A entrevistada reforça, ainda, que na Universidade Federal de Catalão – UFCat, que está por vir, o caráter político das ocupações dos cargos será bem marcante.

Embora Margot afirme que o problema de reconhecimento dos técnicos não seja por causa de cargos com gratificação, Bobby nos traz a visão dele enquanto sindicalista e quem se envolve com as questões dos TAEs da Regional Catalão como um todo:

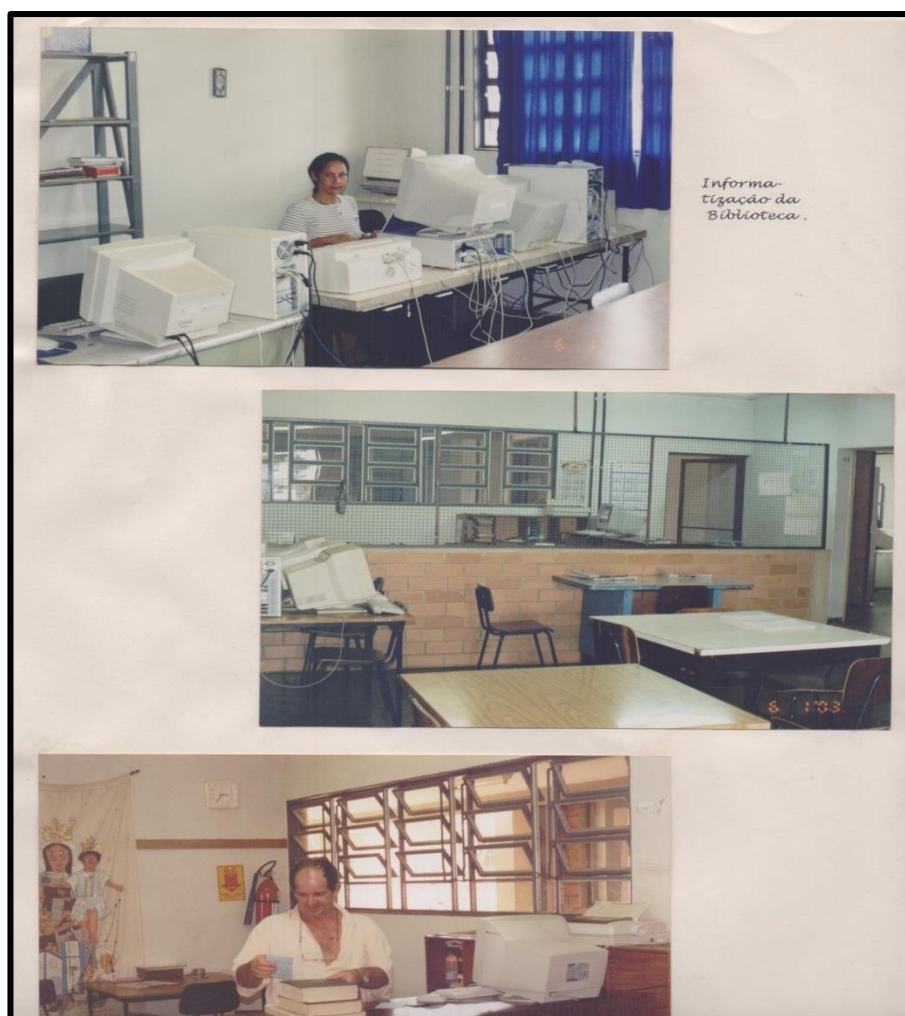
Uma crítica que a gente tem da gestão 2014 - 2018<sup>10</sup> é porque tinha técnicos lá embaixo que tinham funções de chefia, colocaram professores para ocuparem essas mesmas funções, com a função gratificada e mantiveram o técnico que sabia fazer o trabalho, continua no setor, mas recebe ordens de outra pessoa que não sabe, que não é técnico, não desenvolve a função técnica, mas está ali. Eu acho, por exemplo, em Goiânia que já está estruturada ou até na UFU, isso não se dá, porque tem as funções definidas e cada um sabe o seu papel. Por exemplo é a mesma coisa se eu quiser da aula. (Bobby, 02 de junho de 2016).

Percebe-se nessa fala uma comparação entre as gestões e o funcionamento de como os procedimentos institucionais acontecem na UFG em Goiânia ou em outras instituições de ensino superior federal. Denota-se, aqui, que o técnico requer garantia de seu espaço, uma vez que não existe a possibilidade de inversão de papéis. O técnico não quer ensinar o professor a ministrar aulas, e também não quer o docente assumindo o seu papel, tendo em vista que cada um tem o total *know how* das funções que exerce.

---

<sup>10</sup> Os nomes dos gestores foram substituídos pelas datas de suas gestões para que a pesquisa não denote cunho pessoal, e para que se preserve as imagens dos gestores.

**Figura 04** - Servidores TAEs participando do registro de informatização da Biblioteca



**Fonte :** Acervo CIDARQ/UFG/RC.

Uma das constantes situações que os TAEs reclamam, e que, nesse momento, nossos entrevistados dão voz, é o fato deles quererem se qualificar, direito conquistado pela Lei

8.112 de 11 de dezembro de 1991, e garantido pela Lei 11.091 de 12 de janeiro de 2005. Quem nos trouxe essa questão foi Kate:

Observo que os técnicos administrativos não recebem o respeito e a consideração que devem por uma parte da comunidade acadêmica. Não são raras as vezes em que escutamos comentários desagradáveis sobre a competência de alguns técnicos, sobre as greves, sobre ociosidade no trabalho e tantas outras coisas, como, por exemplo, o porquê de um técnico buscar a formação em nível de pós-graduação para atuar no serviço administrativo. (Kate, 03 de junho de 2016).

Afora as reclamações a respeito da busca da formação pelos TAEs, apreende-se dessa última fala que os técnicos têm a percepção de que são perseguidos por aquele velho estigma de que funcionários públicos não trabalham, “fazem corpo mole” e que não têm direito à greve. Se essa impressão estiver correta, ela não faz sentido, uma vez que professores também são servidores públicos, embora não tenham que cumprir horário de oito horas diárias na instituição.

Voltando a falar a respeito da procura pela formação por parte dos TAEs, pode-se entender que esta se tornou um engodo institucional, tendo em vista que os professores são escolhidos com mais frequência para ocuparem cargos de relevância na instituição, sob a alegação de que são melhores qualificados para isso. Contudo, quando existem técnicos com formações suficientes para ocuparem essas funções, eles não são requisitados. Percebemos essa situação pela fala de Liz, que é graduada em Letras, especializada, fez mestrado e no momento faz seu doutoramento em Portugal. Ela diz:

Relativo aos meus conhecimentos, não me usam não. Eu acho que dar oportunidades, acreditar nas pessoas talvez, pode ser também que eu não passe credibilidade, não sei o que eu teria que fazer. Talvez teria que fazer um curso em como passar, transmitir credibilidade. (Liz, 05 de junho de 2016).

Outra questão que impacta na formação do técnico é a volta ao trabalho depois da qualificação, por vezes, eles se sentem frustrados por terem conhecimentos que vão além dos exigidos para o cargo para o qual prestaram concurso e se sentem mal aproveitados na organização. Magalhães et al. verificaram essa situação na UFV.

O pessoal que trabalha nos departamentos está preparado, mas não recebe estímulo. Falta estímulo tanto financeiro quanto moral. Outra questão diz respeito ao treinado não saber o que vai fazer quando volta, pois, como não existe um direcionamento da UFV nesse sentido, o funcionário tem que

buscar meios para criar seu espaço de atuação, ou seja, não consegue aplicar os conhecimentos adquiridos como gostaria. (MAGALHÃES et al., 2010, p. 72).

Observo ainda que a fala de Liz sobre a falta de reconhecimento causa uma baixa autoestima e problemas com a autoimagem nos indivíduos pertencentes à categoria dos TAEs. Nas palavras da entrevistada:

Porque as pessoas não acreditam em mim, eu acho isso, deve ser baixa estima, não sei, se fosse isso, seria isso. Mas me vejo como pessoa inteligente, me vejo uma pessoa capaz, eu me vejo uma pessoa de potencial, me vejo uma pessoa criativa, mas talvez eu não tenha me achado... ou auto marketing... (Liz, 05 de junho de 2016).

Outras questões que surgiram nessa conversa sobre visibilidade e valorização dizem respeito à falta de apoio ou reconhecimento, não só por parte da Regional Catalão, mas por parte do governo, e a baixa remuneração:

Acredito que muitos de nós, servidores, às vezes nos sentimos um pouco frustrados. Passamos uma vida trabalhando com zelo, responsabilidade e dedicação para que o nome de nossa instituição seja respeitado lá fora. Por outro lado, quando se trata de um problema relacionado ao servidor, não vemos o mesmo empenho e preocupação por parte dos administradores e governantes para tentar solucioná-los. Sem falar de anos e anos sem um aumento digno de salário e de alguns deles concedidos tão somente através de inúmeras e longas greves. Acho que ganho pouco pelos meus mais de 30 anos de trabalho na UFG. (Georgiana, 04 de junho de 2016).

A percepção de falta de visibilidade e de desvalorização é comum à maioria dos servidores, de acordo com a fala de nossos entrevistados. Bobby, que é o representante sindical, pondera:

Igual eu falei para vocês, principalmente o pessoal que trabalha com a direção, a gestão, são só reclamações de desvalorização, de retirada de funções, mas acho que assim em sua maioria o pessoal sente sim valorizado. (Bobby, 02 de junho de 2016).

Conforme explicitado, a questão da invisibilidade e da desvalorização de técnicos administrativos em educação nas universidades federais é, de acordo com a história, latente. Valle (2014, p. 22) considera que:

Um duplo padrão é constituído: se de um lado a Instituição historicamente tem uma representação do papel do servidor como subalterno, por outro persiste um distanciamento (e mesmo alienação) do servidor em relação ao seu papel e ao papel da Universidade.

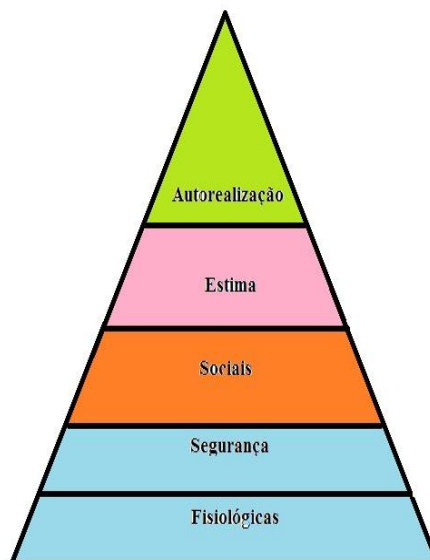
Cabe ressaltar que a luta pelo espaço dos TAEs está posta desde o início das primeiras universidades, com as conquistas de planos de carreira, o direito à qualificação, reconhecido oficialmente, e a função técnica tida como parte das atividades de ensino, pesquisa e extensão. Contudo, esse papel não foi efetivado em todos os espaços acadêmicos, pois, no que se refere à Regional Catalão, devido a sua história recente, ainda existem embates sobre relações de poder e o entendimento de que, com o crescimento da instituição e/ou a consolidação da Universidade Federal de Catalão, esses conflitos deverão diminuir.

## **2.6 Satisfação no trabalho**

Apesar da constatação do sentimento preponderante de falta de visibilidade e valorização entre os técnicos administrativos em educação da Regional Catalão, nossos entrevistados demonstraram que gostam do que fazem profissionalmente e explicitaram seus planos para o futuro, dentro e fora da instituição.

Existem várias teorias, formas e modelos para estudar os níveis de satisfação de funcionários no trabalho. Não tenho a intenção de, neste tópico, mensurar o contentamento dos entrevistados por meio dessas proposições. A intenção aqui é analisar o que esses indivíduos falam a respeito do trabalho nos bastidores da Regional Catalão e a forma como essa atividade se relaciona com suas biografias e expectativas de vida.

Conhecida como a hierarquia das necessidades, temos uma pirâmide que foi elaborada pelo Psicólogo Abraham Maslow, por volta da metade do século passado. Essa formulação, que foi uma das primeiras nesse campo do saber, conjectura que as necessidades seriam as mesmas para todos os seres humanos que trabalham, sem levar em consideração diversos fatores como cultura e qualificação. Sabemos que já foram desenvolvidas outras teorias que levam em consideração esses fatores, mas, para ponderar sobre as narrativas aqui descritas, abordarei a teoria de Maslow, que ainda é a mais utilizada para observar o comportamento humano e motivacional nas organizações até hoje.

**Figura 05** – Pirâmide de Hierarquia de necessidades de Maslow

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir das ideias formuladas por de Lévy-Leboyer (1999).

Segundo Lévy-Leboyer (1999), Maslow definiu as necessidades humanas no trabalho como fisiológica, tal como comer, vestir, dormir, sexo e moradia. Ao satisfazer o primeiro nível da pirâmide, o trabalhador busca o segundo nível, que são aspectos de segurança, tais como: estabilidade no emprego, amparo médico, seguridade social e segurança antiviolença.

Ainda sob a perspectiva de Lévy-Leboyer (1999), Maslow define as duas primeiras etapas da pirâmide como as necessidades de nível baixo, uma vez que os indivíduos precisam satisfazê-las para se sentirem saudáveis e protegidos. Em se tratando dos TAEs da Regional Catalão, pode-se dizer que estes já alcançaram os dois patamares descritos por Maslow, assim como os servidores públicos em geral, que têm os melhores salários em comparação ao mercado privado e, portanto, têm suas necessidades básicas supridas e a garantia de emprego lhes dá segurança para buscarem as próximas etapas da pirâmide de Maslow.

A respeito da necessidade de garantir seu sustento e a relação que mantém com a sua profissão, uma de nossas entrevistadas reflete: “É claro que eu não trabalho só por amor não, trabalho pelo dinheiro também. Eu não trabalho só por amor não, mas eu gosto do que eu faço, do meu trabalho, do que eu faço” (Margot, 06 de junho de 2016). A terceira necessidade apontada na pirâmide de Maslow é a social, que se refere às relações interpessoais e afabilidade no ambiente de trabalho e fora dele. A percepção disso na Regional Catalão é elencada, também, pela mesma servidora: “A universidade é formada por pessoas e muitas vezes a gente se esquece disso, muita gente esquece disso, acha que só estamos aqui para

trabalhar, e só, e não é, somos pessoas, somos seres humanos, não é só para trabalhar não”. (Margot, 06 de junho de 2016).

Maslow, de acordo com Lévy-Leboyer (1999), aponta que trabalhadores com nível social mais baixo se ocupam de buscarem as necessidades mais básicas da pirâmide e os trabalhadores com um nível social mais elevado buscam satisfazer às necessidades mais complexas da hierarquia. Um aspecto que apareceu nas entrevistas foi a falta de promoção de qualidade de vida no trabalho na Regional Catalão:

Acho que falta isso aqui no campus, essa parte de RH deveria implementar isso. Acho que falta essa parte de Qualidade de vida. Tem muito servidor que pratica muitas atividades que poderiam ser inseridas e infelizmente não tem, não sei se na UFG em Goiânia tem. Eu lembro que no final do ano tinha algumas atividades como corrida, mas ano passado procurei para participar, mas não tinha, então eu acho que isso é um pouco fraco na UFG, porque é o que a gente pode mudar na UFCat. (Margot, 06 de junho de 2016).

Margot, que até o momento da entrevista ocupava um cargo de gestão no Departamento Pessoal, demonstrou nessa fala que suas expectativas em relação à instituição e seu trabalho vão além das satisfações fisiológicas e de segurança, ela aponta que a instituição poderia oferecer programas que promovam melhor qualidade de vida aos seus servidores. Nessa conjuntura, em se tratando de necessidades, a próxima na hierarquia analisada por Maslow, de acordo com Lévy-Leboyer (1999), é a de estima, que sintetiza o desejo de reconhecimento pelo seu trabalho, sentimento de utilidade e prestígio para a instituição.

Gosto muito do que faço. Sinto-me bem e realizada. Consegui alcançar o ápice do que meu cargo me permite, pois, trabalho em uma coordenação geral, sou coordenadora administrativa, com função gratificada com valor igual ao recebido pelas coordenações de curso e coordenações específicas, recebo, ainda, a gratificação por qualificação de mestrado e doutorado. Não tenho ambições de assumir outros cargos de *status* mais elevado, como algumas pró-reitoras ou coordenações que são possíveis para os técnicos administrativos. (Kate, 03 de junho de 2016).

Kate, aqui, demonstra que embora seja qualificada em nível *stricto sensu*, já alcançou o patamar que gostaria na instituição. Reflete sobre o conhecimento de que poderia ocupar cargos mais elevados possíveis aos TAEs ou mudar de cargo e frequentar a instituição como professora, mas não tem essa expectativa. “Ressalto que pretendo trabalhar na UFG até me aposentar, pois desenvolvo uma atividade que gosto, em um ambiente que me satisfaz profissional, financeira e intelectualmente”. (Kate, 03 de junho de 2016).

Outros colegas, no entanto, mostram-se desanimados com a instituição e entendem que serão mais úteis à sociedade depois que se aposentarem:

Aí a gente pensa assim eu nunca vou me aposentar, mas quando você faz 30 anos de trabalho você vê muita coisa na sua vida, porque você fala assim será que ainda vou conseguir contribuir para que mude alguma coisa? Eu cheguei à conclusão que eu não vou mais contribuir para a mudança, de nada. Como técnico administrativo dentro da instituição, não, não vou mudar, não vou dizer em outra função, talvez seria professora, mas isso pode ser em qualquer outro lugar, não precisa ser na universidade. (Margot, 06 de junho de 2016).

Alcançando o topo da pirâmide, Lévy-Leboyer (1999), à luz de Maslow, aponta que a próxima necessidade almejada é a de autorrealização. Alguns entrevistados vislumbram essa possibilidade após se aposentarem.

Com minha formação posso ir prestar um concurso, ir para qualquer lugar, vou trabalhar de voluntária, eu posso mudar alguma coisa, mas aqui na instituição não vejo possibilidade de mudar, de contribuir para mudar, de mudança não, não eu não vejo. (Liz, 05 de junho de 2016).

Interessante que duas das entrevistadas manifestaram o desejo de realizar serviços voluntários. Liz, por sentir que sua formação não é aproveitada como técnica administrativa, acredita que poderá contribuir em outro lugar, e Margot, devido a problemas pessoais, tomou essa decisão:

Eu passei por alguns problemas bastante sérios agora recentemente e aí fiquei pensando no que vou fazer depois de me aposentar, se eu vou continuar trabalhando, não como a Georgiana, mas tenho a formação de direito, fiz o curso de direito. Então eu quero estudar, quando estiver na hora mais próxima de aposentar e quero trabalhar mesmo, atuar como advogada, já fiz a prova da OAB e voluntariamente. O que eu sofri agora me levou a ter esse desejo e quero fazer isso. Hoje o meu plano é esse. (Margot, 06 de junho de 2016.)

Concluo que, no geral, os TAEs da Regional Catalão se sentem satisfeitos com o que fazem, contudo, elencam alguns dissabores em relação à convivência institucional. E eles estão respaldados por outras pesquisas e conclusões, como a de Castro (2015, p. 11), por exemplo.

É possível entender, que só o trabalho em si não basta. É preciso que o trabalhador tenha consciência de si e de suas habilidades. E, cada vez mais,

os TAEs estão desenvolvendo essa consciência, tanto coletiva, quanto individualmente. O ambiente da universidade proporciona a elevação do senso crítico, da formação humana e profissional e favorece a construção ideológica dos indivíduos com relação ao mundo que o cerca.

Posso dizer, então, que os indivíduos entrevistados desejam, além de um trabalho fixo e estável, fatores que os façam se sentir bem no ambiente em que trabalham. Nesse momento, quando não atendidos em seus anseios, alguns demonstram que pretendem obter a satisfação profissional fora da instituição, mesmo que seja de maneira voluntária.

## **2.7 Precarização do trabalho**

Uma das questões que foi muito frequente na fala dos entrevistados diz respeito à precarização do trabalho na Regional Catalão. Kate, que trabalha na Coordenação de Graduação, afirma:

De forma geral, vejo que ser técnico administrativo em educação na Regional Catalão ainda é algo que me causa um pouco de desgaste, sobretudo, físico, pois no meu setor trabalhamos com um contingente pequeno de servidores e atendemos à uma demanda muito extensa, composta por 26 cursos de graduação presenciais e 2 a distância. Nesse contexto, o público da Coordenação de Graduação em que atuo envolve docentes, discentes, coordenadores de curso, chefias das Unidades Acadêmicas Especiais, comunidade e todas as demandas da graduação na Regional Catalão. Também percebo esse excesso de trabalho em vários outros setores. [...] acho que meu salário é compatível com as funções atribuídas ao meu cargo, que é Técnico em Assuntos Educacionais, nível E (curso superior). Além disso, possuo incentivo à qualificação pelo mestrado e pelo doutorado, no entanto, quando penso nas funções que desempenho, que vão bem além daquilo que é previsto para o cargo, haja vista a escassez de servidores na Regional Catalão, então, penso que o salário poderia ser melhor ou as atribuições diminuídas. (Kate, 03 de junho de 2016).

Embora Kate reconheça que sua remuneração mensal seja adequada para sua formação, ela acredita que há uma sobrecarregada de serviço. Essa constatação segue nas demais falas:

Considero a pior parte quando não temos o suporte necessário para atendimento e cumprimento de nosso trabalho. Como temos prazos a cumprir, muitas vezes isso se torna inviável se não trabalharmos além do nosso horário de trabalho. (Georgiana, 04 de junho de 2016).

Na fala anterior, nota-se a falta de estrutura da instituição e de pessoal para cumprir atividades que, com prazos curtos, obriga o corpo administrativo atual a extrapolar suas funções e horários. Sobre a precarização do trabalho dos TAEs, Castro (2015) relaciona essa dificuldade com a adesão da UFG ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e assevera que, com o crescimento dos cursos ofertados, as expansões de estruturas físicas e o aumento de professores, alunos e técnicos administrativos, o volume de trabalho aumentou e a universidade vem se assemelhando às empresas privadas.

Na organização pública, o trabalhador tende a possuir os mesmos problemas que um trabalhador de uma organização privada. A necessidade de se atingir metas, cumprir horários e tarefas, acúmulo de atividades, também assombram o funcionalismo público. É notório os casos de LER, DORT, estresse e demais problemas de saúde mental que preenchem diversas entidades governamentais, incluindo as universidades. (CASTRO, 2015, p. 6).

Ribeiro (2011) aponta que a lógica do REUNI aumenta o número de alunos e vagas nas IFES sem a ampliação proporcional do quantitativo de servidores técnico-administrativos, busca suprir a carência de funcionários com a alternativa inaceitável do trabalho, muitas vezes precário, de terceirizados, bolsistas e estagiários. Para ele, essas práticas apontam para o comportamento de privatização das universidades públicas.

Boby, pela sua representação sindical, mostra-nos um quadro mais abrangente sobre o *déficit* de TAEs na Regional Catalão:

Está com muito *déficit*, não é suficiente nem um pouco. Haja vista o acúmulo de funções e os desvios de funções que tem, são muitos, muitos mesmo. A gente pode pegar o pessoal do assistente administrativo, que é um exemplo dos terceirizados. Eles assumem funções de técnico administrativo, e o que acontece você tem um técnico administrativo concursado ganhando 4 mil reais para pegar e devolver livro e você tem um terceirizado com 1000 e pouco fazendo licitação. Isso está errado, não pode ser assim. É porque tem carência de técnico, as pessoas não gostam de mexer onde são felizes, então ninguém vai criar confusão, pois você tem que assumir mais funções porque você fez concurso para isso, mas se houvesse mais técnicos aí sim poderia melhorar essa situação. Falar assim, o terceirizado tem que fazer funções de baixa complexidade justamente por isso, porque o vínculo é precário, ele vai embora, o técnico não, vai ficar a carreira toda, vir 20, 30 anos. Tem que aprender a executar a função que vai ficar no tempo, não o terceirizado. (Boby, 02 de junho de 2016).

Nessa fala, Bobby revela muitos pontos enfrentados pela categoria na Regional Catalão, além da falta de pessoal. Aponta a questão da terceirização de serviços, pois, pela escassez de concursos públicos, a instituição acaba colocando um terceirizado para fazer o serviço de técnico, ganhando por volta de um quarto do que uma pessoa concursada ganha. Ainda sobre a temática, relata:

E a gente tem isso muito, tinha na gestão 2008 - 2014 e está na gestão 2014 - 2018 também, eu acho que na atual aumentou, porque aumentou o número de terceirizados. Com essa coisa do atual gestor não conversar com as pessoas e tirar as funções gratificadas, ninguém vai assumir a responsabilidade que tinha anteriormente sem devida remuneração. Então aí o terceirizado chega para ser recepcionista e acaba virando um gestor aqui dentro, isso acontece aqui, acontece em Goiânia. Em Goiânia menos porque tem mais gente, mas acontece. (Bobby, 02 de junho de 2016).

Outra questão que apareceu nas falas foi a falta de diálogo sobre as funções de cada servidor que trabalha na parte administrativa na Regional Catalão. Há uma percepção de que, para os últimos gestores, aumentar o número de servidores não concursados para exercerem algumas funções é vantajoso, tendo em vista que os servidores terceirizados são passíveis de demissão e, por isso, trabalharão com mais dedicação e por um salário menor, sem direito a manifestações contrárias.

Gonzaga (2001) relata que na UFMG aconteceu algo parecido na época dos governos de Fernando Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, ou seja, postos de trabalho que exigiam menor qualificação foram extintos das universidades e órgão públicos em geral. Sobre esse assunto, ela destaca:

No lugar de um Estado forte, organizado e com pessoal qualificado para o exercício das funções, verificou-se o sucateamento das instituições públicas, principalmente, as universidades; privatização de diversos órgãos e empresas; suspensão de concursos públicos e dos reajustes salariais, além da crescente terceirização. As instituições públicas, dentre elas, as universidades, passaram a conviver com múltiplas formas de organização do trabalho, tipos de vínculos empregatícios, carreiras diferenciadas etc. (GONZAGA, 2011, p. 87).

Sendo assim, na Regional Catalão, embora tenha havido concursos desde 2006, a demanda de trabalho só cresce e esses postos de trabalho que deveriam ser preenchidos por servidores concursados são ocupados por funcionários terceirizados, que são contratados para exercerem cargos que exigem uma formação não tão complexa, contudo, fazem serviços desviados de função. Essa situação confirma, mais uma vez, que os trabalhos da atividade

meio são tratados com desleixo por governantes e gestores, o que não se constata com o cumprimento das atividades fim.

Mais um problema elencado nessa fala de Bobby é a questão de postos de trabalho gratificados que foram retirados dos TAEs. Essa situação acontece e os técnicos acabam se recusando a exercer funções sem a devida comissão. Então, para suprir essa carência, um terceirizado é colocado no lugar. Ademais, existe ainda o fato do desvio de função, como bem lembra Bobby:

[...] o técnico já acaba acumulando funções ou desviado de função. Por exemplo, vou citar o caso do Walter, que é técnico em assuntos educacionais que desde o começo foi desviado de função. Primeiramente, ele trabalhava como secretário da direção, depois foi para o protocolo, que também não é função dele e agora está no financeiro. Todas as funções ele desempenhou com competência, mas nenhuma é a função para a qual ele foi concursado, que é trabalhar diretamente com a graduação ou com a pesquisa ou extensão, no desenvolvimento dos projetos políticos pedagógicos. [...] hoje ele tem uma função de confiança e é depositada muita responsabilidade nele. Eu acho que sim, que até ele assumir essa função de hoje ele não era satisfeito com o trabalho que desempenhava. Esse é um exemplo, pode-se pensar em outros. (Bobby, 02 de junho de 2016).

Sobre o desvio de função de servidores, Bobby apresenta o caso de um servidor que, embora tenha sido concursado para funções ligadas à atividade fim da instituição, em mais de dez anos, somente trabalhou com atividades meio. Contudo, o referido servidor, aparentemente, está satisfeito com a função que exerce e demonstra que a instituição, até o momento, não tinha uma política de alocação de servidores por cargo e competências, o que acarretou no desvio de função de servidores e na atribuição de tarefas que exigiam mais complexidade e responsabilidade para terceirizados.

Bobby continuou sua observação enquanto sindicatário e estabeleceu comparações com outras instituições de ensino superior:

[...] não tem esse conflito de atribuições, não tem tanto desvio de função, tanto o técnico da UFU que eu conheço mais de perto e dos institutos, dos institutos porque tem mais vagas. O Instituto já começa com um monte de vagas de técnico, bem diferente da UFG. Aqui era para ter 200 técnicos e tem 70. O instituto de Itumbiara onde o Fausto fez o concurso, que é do tamanho do campus Catalão, ele tem 150 técnicos. Então é uma diferença enorme [...] Goiânia não tem isso. Por exemplo, o Sávio, o Ferdinando, a Amanda, que saíram do *campus* para irem para lá, eles foram e chegaram e ninguém ficou quebrando galho, chegaram para funções específicas. Hoje se chegar um técnico administrativo aqui ainda tem disputa, a própria vaga do Sebastião, se a gente não dá o grito, ele teria sido raptado para outro lugar,

porque o pessoal fica de olho, é a carência do servidor, aí todo mundo está esperando para receber. (Boby, 02 de junho de 2016).

São muitos os casos relacionados à precariedade de serviços na Regional Catalão, que vão desde excesso de trabalho à má remuneração pelos serviços prestados, que culminam em um desgaste físico para os TAEs da Regional Catalão. Os desvios de função são comuns e a disputa por técnicos recém-chegados é acirrada. Pelas falas dos entrevistados, nota-se que são muitos os postos de trabalho faltantes e falta, também, uma gestão de pessoas e planejamento ou mesmo de políticas para o preenchimento eficaz dessas vagas.

## **2.8 Considerações parciais sobre o capítulo**

Neste capítulo, pretendi explicitar a analogia entre a universidade e uma peça de teatro no intuito de mostrar que, para o ensino, a pesquisa e a extensão acontecerem, é preciso um exímio trabalho, executado por técnicos administrativos em educação. Com o auxílio de estudos já realizados a respeito da temática que envolve as universidades e o trabalho técnico administrativo, busquei desvelar as diferenças entre atividades fim e meio de uma instituição de ensino superior. Conforme escreveu Bolívar, 2014, p. 339):

Na medida em que os atores não têm um único relato sobre a organização, não acostuma existir uma identidade organizacional unívoca, mais bem está constituída por uma intertextualidade de redes de narrativas. O enfoque narrativo não materializa a organização nem necessariamente tem que se focalizar nas narrativas comuns.

Não obstante, não pretendi aqui buscar a verdade do saber institucional, mas dar voz aos atores coadjuvantes desse cenário que, por algum momento, tornam-se até mesmo roteiristas da encenação. De acordo com as narrativas de nossos entrevistados, foram expostos os temas que vieram à tona a respeito dos bastidores da Regional Catalão, tais como a busca pelo reconhecimento institucional do técnico administrativo como educador, como tem se dado a carreira deles, a busca pela formação, a falta de visibilidade e a valorização da carreira e, por fim, a precarização dos trabalhos.

O mais importante em estudar os bastidores da Regional Catalão foi trazer à tona ponderações sobre o cotidiano de trabalho dos TAEs e tornar em conhecimento institucional, de modo que os entrevistados puderam refletir sobre seu trabalho, deixar como legado a forma que enxergam a organização e apontar possíveis transformações, assim como assevera Bolívar (2014, p. 345):

A realidade então existe através dos entendimentos narrativos dos atores, que as confirmam ao pôr em cena através dos relatos. Se a maior parte do saber organizativo como sabemos é tácito (vivido, mas não expressado discursivamente, implícito), o reconhecer ao narrar, facilita sua transferência e funcionalidade. O reconhecimento do adquirido implica que as pessoas cheguem a ter consciência de que têm uns saberes experienciais, extraídos de sua vida profissional nas situações de trabalho. Mas, para que cheguem a adquirir o caráter do saber, devem ser reflexivamente verbalizados, em modo que provoquem a transformação da experiência, ao formalizá-la mediante a posta em perspectiva no curso espacial e temporal da vida profissional e institucional. As organizações, de fato, têm uma memória institucional, que pode ser ativada e empregada tanto para assentar projetos futuros de ação como para aprender como instituição.

Seguindo o previsto nesta pesquisa, foi apresentado o perfil do técnico administrativo da UFG-RC. Neste capítulo, expus o que acontece na coxia da cena universitária e, para o próximo capítulo, pretendo apresentar a Biografização Institucional.

## CAPÍTULO III - A BIOGRAFIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA UFG REGIONAL CATALÃO A PARTIR DAS HISTÓRIAS DE VIDA DOS TÉCNICOS ADMINISTRATIVOS EM EDUCAÇÃO

“O mundo é uma escola  
a vida é o circo  
amor palavra que liberta  
já dizia o profeta”  
(Marisa Monte).

### 3.1 Histórias de vida *versus* História institucional

Bolívar (2014) aponta que o enfoque biográfico e narrativo de uma corporação educacional é um modo alternativo para expor, analisar e teorizar os processos e as práticas educativas. Para o autor, as organizações são como construções sociais e são constituídas por conjuntos de relatos coletivos que circundam a cultura interior e a imagem externa da instituição. Por meio dessas narrativas, constrói-se o sentido comunitário e se manifesta a memória institucional, a história e constitui-se sua identidade organizacional e profissional.

Dessa forma, as organizações escolares podem ser observadas a partir das histórias que os membros que as compõem relatam e dão significados, bem como das percepções a respeito dos acontecimentos. Os sujeitos constroem as organizações nos modos como as veem, vivem e as expressam. Sendo assim, as identidades, as memórias e a história institucional são ferramentas que possibilitam que as pessoas pensem sobre as versões de si na instituição.

A UFG tem importância fundamental em minha vida, pois, como disse em momento anterior, tive uma infância e adolescência muito simples, fui financeiramente pobre, sem recursos para estudar e a UFG apareceu para mim como uma oportunidade de mudar minha realidade, pois ela estava ali, à minha frente, só dependendo de mim o ingresso no curso e sua conclusão. [...]. Diante disso, posso afirmar que a UFG é parte da minha vida e de quem sou hoje (Kate, 03 de junho de 2016).

Na narrativa de Kate, há a influência marcante e formadora que a Regional Catalão teve sobre sua vida. Enquanto a história institucional estava se desenvolvendo, a entrevistada ia se transformando e constituindo os pilares de sua própria vida. Segundo Josso (2004, p. 36), “o conceito de formação é agrupado por temporalidade, processos, experiência, prática e conhecimento, consciência, subjetividade, identidade, formação psicossociológica, econômica e política, que as histórias de vida nos contam”. O que não é diferente, quando se analisa as experiências dos entrevistados para esta pesquisa.

Minha história de vida foi construída tendo a UFG como um dos alicerces, [...]. Assim, posso dizer que minha história de vida é permeada pela UFG e, quiçá, pela própria história da UFG em Catalão, pois esta também foi uma história de luta, desafios e conquistas. Diante disso, penso que também contribuí para a história da UFG em Catalão, uma vez que nela estive presente como discente de graduação e de especialização, técnica administrativa e pesquisadora (Kate, 03 de junho de 2016).

A experiência de trabalho de Kate na UFG é realçada por ela mesma, que não separa, praticamente, sua história pessoal com a da instituição.

Enfim, penso que se não tivesse me ocorrido a oportunidade de ingressar em um curso superior na UFG em Catalão, talvez minha vida tomasse outro rumo, mas, com certeza, acredito que não teria sido o rumo que eu sempre desejei, pois, como mencionado em outro momento, desde que era aluna da graduação eu pensava que seria minha realização trabalhar em uma universidade, que é um local em que eu me sinto muito bem (Kate, 03 de junho de 2016).

Outros participantes também indicam a importância da Regional Catalão na construção de suas vidas, relações e formações, e reconhecem que foi e é uma história permeada por enfrentamentos e vitórias.

O Campus nos deu e tem dado muitas alegrias. Foi aqui que encontrei minha alma gêmea: dois jovens ainda inexperientes que vêm trabalhar em Catalão, se conhecem, casam-se e formam uma linda família. Tivemos três filhos, muitas alegrias e, também, várias dificuldades de diversas ordens. Passamos longos períodos de baixos salários. Durante esse período, meu esposo fez mestrado e doutorado. Anos depois, eu também fiz um curso de pósgraduação. Dessa forma, fomos trilhando e vencendo as dificuldades do dia a dia (Georgina, 04 de Junho de 2016).

A admissão de Georgina na Regional Catalão aparece como um momento “charneira” (JOSSO, 2004), ou seja, aquele em que sua vida mudou de sentido. Esse ingresso influenciou não só a formação da entrevistada, mas a de sua família e descendência.

A UFG/RC representa grandes conquistas para minha vida pessoal. Eu e meu esposo trabalhamos na UFG Catalão há mais de 29 anos. Tudo que tenho hoje foi construído com o fruto do nosso trabalho prestado nessa instituição. Isso, sem falar que meus filhos tiveram a oportunidade de estudar aqui, assim como várias pessoas do meu círculo familiar. Vale destacar, inclusive, que vários deles hoje estão trabalhando e ganhando bons salários. Aqui também fizemos grandes e sólidas amizades, dentro e fora da

universidade. Hoje posso dizer com muito orgulho que vencemos (Georgina, 04 de Junho de 2016).

Liz, que também tem um marido que trabalha da Regional Catalão, faz turno contínuo de seis horas diárias, porque trabalha com atendimento ao público e esse é o padrão de quem trabalha nessa função. A servidora revela que, no momento, trabalhar na UFG altera sua rotina de trabalho, de estudo e familiar.

Então porque eu venho à noite e por causa do meu doutorado, o curso concedeu que eu fizesse meio período, porque eu não tenho licença. Então eu não trabalho durante o dia, só à noite. Como não tem ninguém que quer trabalhar a noite, não tem funcionário, não tem estagiário, não tem terceirizado, ninguém quer trabalhar a noite, aí eu trabalho, faço minha jornada do trabalho reduzida, no período da noite. Eu vejo o Sampaio à tarde, à tarde meu marido está em casa. A gente sai para fazer as coisas de rua, de comércio, a gente resolve nossa vidinha à tarde, descanso um pouquinho (Liz, 05 de junho de 2016).

Boby reconhece, também, um momento charneira em sua vida: depois que começou a trabalhar na Regional Catalão, obteve alguns benefícios que não teria se não tivesse entrado no serviço público federal.

Antes de vir para cá, casei em 2005 e quando casei era comissionado da prefeitura. Nem pensava estou casando e preciso de uma estabilidade, não pensava nisso. Então, mas aí depois que vim para cá, que eu fui pensar nessa coisa, realmente estabilidade do serviço público é muito boa, te dá a possibilidade de pensar a longo prazo. Por exemplo, hoje a gente tem a casa, graças ao meu emprego federal não só por causa da estabilidade porque tem toda uma linha de crédito diferenciado para você comprar para sua casa. Tenho carro, essas coisas que eu seguindo a prefeitura não podia pensar nisso, só poderia pensar em pagar aluguel (Boby, 02 de junho de 2016).

Pode-se notar que, para cada sujeito entrevistado, a UFG-RC tem sua devida importância, cada um enxerga a instituição de maneira peculiar, bem como a forma com que ela interagiu e continua interagindo em suas biografias. Sendo assim, conforme analisa Bolívar (2014), por meio de relatos de membros da instituição, pode-se observar que, com a identidade pessoal do indivíduo e a coletânea de suas narrativas, pode-se chegar à identidade organizacional.

[...] os relatos são modos primários por meio dos quais as pessoas dão sentido ao seu mundo. [...], contando nossas próprias histórias nós damos a nós mesmos uma identidade, reconhecendo-nos nas histórias que contarmos sobre nós mesmos. Pode-se, analogicamente, transladar as teses sobre a

identidade individual como narrativa à identidade organizativa. As identidades são, pois, desenvolvidas, conservadas e reconfiguradas por meio dos relatos. (BOLÍVAR, 2014, p. 338).

Desta feita, as narrativas aqui coletadas são um resgate da memória institucional, mas não somente por meio de documentos escritos, ou narrativas para a remontagem do fato histórico, mas, sim, pela percepção desses TAEs do que acontece em sua volta. As histórias aqui contadas são aquelas que não estão descritas nos registros formais da instituição, são as contadas nas reminiscências individuais. O objetivo, portanto, é entender a História institucional por meio das narrativas desses sujeitos.

### **3.2 O Ensino Superior em Catalão**

De acordo com Silva (2009, p. 46-47), a busca pela implantação de cursos em nível superior na cidade de Catalão emergiu desde a década de 1970. Embora houvesse uma predileção para o ensino superior público, nesse momento, era pleiteada qualquer forma de implantação, fosse ela privada, pública estadual ou pública federal. Essa busca se deu por uma necessidade cultural da região e para que a cidade tivesse mais prestígio, tendo em vista que era uma cidade polo do sudeste goiano.

Esse interesse em trazer o ensino superior a Catalão se deu porque havia, naquela década, uma política de interiorização de universidades hasteada pelo governo militar, como estratégia de dispersão de centros em que jovens poderiam se encontrar e promover ações contra o governo e a favor da democracia. Não obtendo êxito naquela década, o ensino superior chegou a Catalão como um projeto de extensão da UFG, em 1983, de forma pública e federal e, logo mais tarde, em 1985, de forma privada, com a inauguração do Centro de ensino superior de Catalão (Cesuc).

A educação superior para mim é o grau mais elevado da educação formal brasileira e possui como finalidades principais promover o desenvolvimento cultural, científico, intelectual e reflexivo do indivíduo, por isso, inclui a realização de estudos, pesquisas, investigações, trabalhos práticos e outras atividades que possibilitam ao mesmo desenvolver-se como cidadão ativo, atuante, profissional. Por isso, entendo que a educação superior é de extrema relevância para a vida do indivíduo, pois ela não interfere apenas no aspecto financeiro e intelectual, mas também nos diversos âmbitos da vida social e coletiva (Kate, 03 de junho de 2016).

Nossos entrevistados demonstram que enxergam a missão da instituição em que trabalham enquanto TAEs, de forma que se identificam e reconhecem que as atividades que

exercem têm uma finalidade, as correlacionam com suas vidas e se veem como colaboradores sociais em virtude de sua atuação profissional. Sobre a relação trabalho e histórias de vida, Dubar aponta que, por meio do primeiro, os indivíduos reconhecem a si e aos outros.

[...] as formas visadas não são apenas relacionais (identidades de atores num sistema de ação), são também biográficas (tipos de trajetórias no decorrer da vida de trabalho). As identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas, de os indivíduos se identificarem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego. (DUBAR, 2009, p. 117-118).

Diante das falas, podemos apontar, mais uma vez, o carácter formador do trabalho dos TAEs, não somente porque viabilizam a passagem de conhecimento entre professores e alunos, mas porque, ao mesmo tempo em que participam desse processo, tornam-se, também, sujeitos “aprendentes”. Segundo Josso (2004), o sujeito aprendente é o sujeito que aprende no processo de aprendizagem.

Trabalhar em uma instituição que forma pessoas em nível superior é algo que me completa, pois, gosto muito de estudar e me qualificar. O estudo sempre fez parte da minha vida e ver as pessoas no ambiente universitário buscando por conhecimento e se tornando multiplicadoras de saberes, desenvolvendo pesquisas, criando, recriando, inovando, buscando por novas descobertas é algo que me causa um imenso prazer. E sinto que, de certa forma, e talvez de uma forma bem humilde, faço parte dessas conquistas (Kate, 03 de junho de 2016).

No que se refere à educação superior em Catalão nos dias atuais, pode-se dizer que, além da UFG-RC, houve a consolidação do Cesuc que, hoje, oferece nove graduações e três pós-graduações em nível *latu-sensu*. Outras instituições surgiram ao longo do tempo, tais como a Faculdade de Tecnologia de Catalão (Fateca), que está, junto com o Cesuc, oferecendo, desde 2005, o curso na área de tecnólogo. Existe, ainda, a Faculdade Politécnica de Goiás, que se estabeleceu na cidade desde o ano de 2016 e, no momento, oferece três cursos na área das engenharias. Outra possibilidade para a formação em nível superior na região são os cursos de ensino a distância (EAD), já que alguns estabelecimentos mantêm polos de apoio presencial na cidade, tais como a Faculdade Anhanguera, Estácio e Universidade Paulista – Unip.

Compreendo a educação, de maneira geral, como um conjunto de hábitos, costumes, valores e conhecimentos que são compartilhados, (re)aprendidos entre gerações, sendo um processo contínuo de constantes aprendizagens e troca de experiências.

Entendo a educação superior como mais um nível de ensino que, infelizmente, nem todos têm acesso. A referida etapa, além de ampliar o conhecimento, também nos conduz a uma formação específica qualificada e especializada. (Georgina, 04 de Junho de 2016).

Uma das entrevistadas aponta o poder transformador da educação, não somente para a cidade:

Muito, pois é através da educação superior que começamos a ver o mundo de uma forma diferente. Uma boa formação nos leva a despertar nossa consciência crítica e a emitir nossas próprias opiniões. É muito bom. Recebermos o aluno no ato da matrícula e acompanharmos sua vida acadêmica do início ao fim do curso. É notório e satisfatório ver o crescimento da maioria deles (Georgina, 04 de Junho de 2016).

Desta feita, constato que a inserção da modalidade de ensino superior em Catalão era pleiteada desde a década de setenta. Hoje, pelos relatos de nossos entrevistados, essa é uma realidade em pleno desenvolvimento, pois, em suas falas, é possível identificar que o olhar deles para a educação ofertada é o de que a reconhecem como elemento transformador, não só da cidade, mas de vidas, da comunidade em geral, de alunos, de pais de professores e de suas próprias vidas.

### 3.2.1 A UFG na cidade de Catalão

Visando formar profissionais no próprio Estado, sem depender de mandar seus jovens para se qualificarem em outras regiões do país, foi concebida a Universidade Federal de Goiás, no final do ano de 1960. De acordo com o *site* da UFG, a universidade foi criada a partir da junção das Faculdades de Direito e Farmácia e Odontologia, Escola de Engenharia, Conservatório de Música e a Faculdade de Medicina. Naquele momento, além de aprimorar a oferta de mão de obra na região, buscava-se transformá-la em um centro pedagógico cultural, social e político sem ideias, sem ideologia pré-estabelecida.

Em se tratando da história da educação superior no Centro-Oeste brasileiro, segundo Silva (2009) e Dourado (1997), houve, naquela década, um movimento que buscou a interiorização, desde a era Vargas até Juscelino Kubitschek. A construção de Brasília, a mudança da capital e a modernização administrativa foram fatores que influenciaram a implantação de universidades nessa região. No tocante a Goiás e ao Distrito Federal, foram inauguradas, nos três anos consecutivos, a Universidade Católica de Goiás (UCG), em 1959, a UFG, em 1960 e a Universidade de Brasília (UnB), em 1961, todas elas nas capitais.

Nesse período, segundo Silva (2009), a instalação de centros de ensino superior nas cidades do interior de Goiás foi tímida, basicamente nas cidades de Anápolis, Ceres e Cidade de Goiás. No entanto, houve inúmeras autorizações de implantação de universidades nas cidades interioranas, que partiram dos poderes legislativos e executivos, tanto municipais quanto estaduais, o que denota o anseio dessas populações por ensino e o caráter político dessas reivindicações. As cidades que obtiveram êxito em seus pedidos tiveram instaladas, em sua maioria, instituições públicas em detrimento das privadas.

Sendo assim, a UFG foi estruturada em pleno Regime Militar, o que lhe retirou a autonomia, pois, nesse período, houve grande retirada de investimentos financeiros das universidades e perseguições políticas, além da retirada, também, dos intelectuais da cena acadêmica, comprometendo a pesquisa em todo país. Na reforma da educação, em 1968, foram vinculadas às universidades brasileiras o ensino, a pesquisa e a extensão. Depois, em 1972, a UFG começou a implantar suas políticas extensionistas, que visavam levar as práticas universitárias para o interior do Estado.

Em princípio, Silva (2009) e Dourado (1997) concordam que a extensão na UFG se caracterizou como a implementação do cumprimento dos estágios curriculares nas cidades do interior do estado e, só mais tarde, houve a consolidação e implantação de *campi* avançados, seguindo as diretrizes de interiorização adotadas pelo MEC, em substituição ao Projeto RONDON<sup>11</sup> e aos Centros Rurais Universitários de Treinamento e Ação Comunitária (CRUTAC). Em parceria com organizações da sociedade civil, a partir da década de 1980, a UFG expandiu suas atividades no interior de Goiás.

A interiorização é vista, portanto, como mecanismo de ampliação de oportunidades e serviços, gerando assim, as condições de desenvolvimento das cidades interioranas consideradas como polos de irradiação de desenvolvimento socioeconômico. (SILVA, 2009, p. 53).

Nesse contexto, Silva (2009) relata em seu trabalho de pesquisa documental como se deu a escolha da cidade de Catalão para a vinda da UFG. A pesquisadora constatou que, em princípio, era prevista a firmação de convênios com as prefeituras de Porto Nacional, Jataí e Firminópolis. Então, o conselheiro Arédio Teixeira Duarte reclamou a inclusão de um *campus* em Catalão, tendo em vista que a cidade se destacava pela exploração mineral no país.

---

<sup>11</sup> O Projeto Rondon, coordenado pelo Ministério da Defesa, é um projeto de integração social que envolve a participação voluntária de estudantes universitários na busca de soluções que contribuam para o desenvolvimento sustentável de comunidades carentes e ampliem o bem-estar da população. O Projeto teve início em 1967 e retomou em 2005.

Ascendia, portanto, como potência na área minero-química-industrial e sua posição geográfica também contribuía para o desenvolvimento da região, uma vez que a cidade se localiza às margens da BR 050, que liga o centro ao sul do país, além de ter grande influência política e econômica na região. Essa mesma percepção teve uma de nossas entrevistadas ao refletir sobre o motivo que a fez mudar para catalão.

Apesar que está próxima a Uberlândia que tem outras coisas, outros cursos, outras faculdades, mas acho assim que Catalão é uma cidade bem localizada. É uma cidade do interior, mas que consegue ter uma coisinha de interior, mas se procurar algo de uma cidade desenvolvida, ela tem também para oferecer. (Liz, 05 de junho de 2016).

De acordo com Silva (2009), a vinda da UFG para a cidade de Catalão não era consenso entre os conselheiros, porque alguns apontavam que isso somente favoreceria as elites da cidade. Outra conselheira, Maria do Rosário Cassimiro, interveio a favor de Catalão, argumentando que os cursos a serem instalados no interior não seriam permanentes e que a ideia era suprir as necessidades locais e transferir para outros locais. Acrescentou, ainda, que poderiam ser utilizadas instalações ociosas disponibilizadas pelas prefeituras.

Diante dos dados coletados, Silva (2009, p. 62) observa que, além do reconhecimento de Catalão como município em pleno desenvolvimento, dois fatores contribuíram para a criação do *Campus Avançado Catalão* (CAC): o primeiro, que a Pró-Reitora de Extensão na época era oriunda de Catalão, a Professora Maria do Rosário Cassimiro que, a partir de 1981, tornou-se Reitora da UFG. O segundo ponto favorável foi que o Conselheiro Arédio Teixeira Duarte, que também era de Catalão, apresentou a demanda ao Conselho Universitário (COSUNI) e conseguiu a inclusão da cidade no programa de interiorização da UFG. Em 1980, houve uma diagnose do município para atender aos propósitos do programa.

Sendo assim, devido à força política desses conselheiros, a UFG chegou a Catalão em 1983, em uma cerimônia de inauguração que, à época, contou com a presença da Ministra da Educação. De fato, o ensino superior público só veio a acontecer na cidade em 1986, antes disso, foram ofertados, inicialmente, estágios e prestações de serviços à comunidade. O concurso vestibular só aconteceu em 1986, para os cursos de licenciaturas em Letras e Geografia, conforme orientava o programa de interiorização, para que fosse priorizada a formação de professores. Diante desse contexto, nossos entrevistados nos revelam suas impressões sobre a estada da UFG em Catalão.

É uma instituição de grande alcance social. Através dela várias famílias puderam sonhar - e vivenciar este sonho se tornando realidade - com a possibilidade de ver seus filhos e netos fazendo um curso superior. Há alguns anos isso não seria possível, uma vez que a maioria das famílias não tinha condições de mandar seus filhos estudarem fora de Catalão (Georgina, 04 de Junho de 2016).

Georgina, que é a técnica mais antiga em atuação na Regional Catalão, aponta a facilitação do acesso ao ensino superior às famílias do sudeste goiano que não teriam condições de pagar universidades privadas aos seus integrantes e nem mandá-los para estudar fora da cidade. Essa perspectiva vai ao encontro do que pondera Almeida (1991, p. 151) ao relatar que a população naquela época tinha que se contentar com os ensinos profissionalizantes e médio.

Para a instalação e manutenção do CAC foram firmados diversos convênios com a Prefeitura Municipal de Catalão, foi disponibilizado pelo MEC o espaço do Centro de Formação de Professores, cabendo à Prefeitura o investimento de recursos humanos e materiais. Almeida (1991) e Silva (2009) apontam que houve uma grande mobilização das lideranças políticas para ter uma instalação de ensino superior na cidade, a qualquer custo, e, da mesma maneira, foram doados a uma instituição privada terrenos e materiais.

A faculdade que tinha aqui era particular, privada, as pessoas não tinham tanto acesso. Eu, particularmente, nunca teria chance de pagar faculdade para mim e para meus filhos lá e sem contar assim que, eu via que era uma cidade próspera, as pessoas buscam isso, não sei se é devido às empresas da redondeza, às mineradoras e assim por estar bem localizada. (Liz, 05 de junho de 2016).

Sendo assim, Liz concorda com Georgina a respeito da dificuldade de acesso à Educação superior por parte da população catalana. Em 1987, ainda com o objetivo de formação de professores para suprir as necessidades do município, que tinha que trazer de fora profissionais para lecionar, foram renovados os convênios para a manutenção dos cursos de Geografia e Letras e realizados convênios para a implantação dos cursos de Pedagogia e Matemática; em 1989, foram renovados os convênios anteriores e implantado o curso de Educação Física; em 1990, foi celebrado o convênio para a implantação do curso de História.

Bom eu acho que Catalão seria uma cidade assim completamente diferente se não existisse a UFG aqui. Diferente, eu acho que a UFG só trouxe benefícios para a cidade, formando profissionais, coloca no mercado de trabalho. É uma cidade que tem uma universidade e uma universidade pública, não desfazendo das universidades particulares, a gente sabe que a

universidade pública tem outra característica diferente da particular. Então, Catalão inclusive é vista de outra forma por ter uma universidade pública aqui (Boby, 02 de junho de 2016).

Nosso entrevistado também pensa na mesma perspectiva de Georgina e Liz no que se refere ao que significava, e ainda significa, para a região ter uma universidade pública em seu território. Assim, na ótica dele, a UFG trouxe muitos benefícios e, inclusive, a imagem da cidade foi melhorada.

Principalmente na parte da educação, a presença da UFG é notada, faz-se notar, porque... desde que eu me lembro a educação de Catalão, a educação pública de Catalão, ela é muito boa, está recebendo prêmios, ela está sendo referência em determinada área; e de onde vem isso? O gestor fala que é das políticas que ele adota e tal, é dos professores que estão lá trabalhando. E os professores que estão hoje, em sua grande maioria, que estão na prefeitura, são formados aqui na UFG, então são 30 anos de formação de professores aqui atuando nas escolas de catalão e região, principalmente nas de Catalão, (Boby, 02 de junho de 2016).

Boby assevera que a presença da UFG na cidade influencia, diretamente, a educação da cidade e de todo sudeste goiano, não apenas no ensino superior, mas nos ensinos fundamentais I e II e no ensino médio, uma vez que a maioria dos profissionais que trabalham nessas áreas é formada na Regional Catalão.

Eu penso que a universidade como um todo, porque tem projetos de pesquisa que são desenvolvidos aqui na cidade, tem projetos de extensão que atendem à comunidade e essa é uma forma de inserção muito importante, colocar o aluno, o profissional no mercado de trabalho. O profissional que a gente pensa, que sai daqui com a formação de qualidade, então está inserido sim. A universidade não está só aqui ocupando um espaço não, ela faz parte mesmo do crescimento da cidade (Margot, 06 de junho de 2016).

Margot entende que, além da importância da UFG para a educação da região, a presença da instituição impacta na cidade em muitos aspectos. Os projetos de pesquisa e extensão que são desenvolvidos contam com a colaboração de toda a comunidade acadêmica, o que culmina no favorecimento de toda a sociedade catalana, além de colocar a cidade na rota científica do país.

Muitos percalços aconteceram durante a implantação do CAC na cidade, tais como a busca para que os cursos implantados não fossem temporários. Então, foram celebrados convênios com a Prefeitura Municipal para a realização de concursos para a contratação de professores. Nesse momento, foi formada uma congregação com as participações de

professores, alunos e funcionários para deliberarem a respeito das questões acadêmicas e administrativas do *campus* a serem levadas a Goiânia.

A UFG-GO, sede da Reitoria, não se comprometeu diretamente com a interiorização, uma vez que entendia que os cursos estavam na cidade temporariamente e tinha em seu regimento que ela promoveria condições para que a comunidade assumisse, gradativamente, o funcionamento dos cursos. Os convênios estabelecidos sempre foram mediados pela UFG, a PMC e o Poder Público. As práticas pedagógicas e administrativas foram sendo discutidas e decididas nas reuniões de congregação e, assim, foi se formando a identidade institucional. A UFG implantada em Catalão já não era mais a mesma de Goiânia, a partir, daí surgiram as primeiras ideias de uma universidade autônoma em Catalão.

Em mais uma tentativa de estabelecer sua identidade institucional, o CAC, em 1992, elaborou e apresentou aos dirigentes da UFG, diferenciado do que foi estabelecido no ano de 1985, de acordo com Silva (2009 p. 136), a demarcação de “sua configuração como uma força política no âmbito de sua relação com a UFG e a prefeitura local”. Até então, o CAC era apenas um órgão suplementar da UFG e estava subordinado à Pró-Reitoria de Extensão, mas já demonstrava o interesse em se tornar unidade da UFG.

Como sinal do espírito institucional que se formava ali, em 1994, ocorreu a primeira eleição para diretor no CAC, quando o professor Ailton José Freire, do curso de Matemática, foi eleito. Nesse momento, os professores já começaram a desenvolver atividades de pesquisa e extensão. Em seguida, em 1995, foi feita uma reforma no CAC, com recursos da própria UFG, o que caracterizava a dicotomia das ações de constituição de uma identidade própria, uma vez que ora contava com recursos municipais para manutenção e qualificação de professores e fornecimento de recursos materiais, ora recebia recursos da própria UFG.

Sendo assim, a independência proposta pelo regimento de 1992 e consolidada por meio da eleição para diretor em 1994 retrocedeu, tendo em vista que, por motivos de doença na família, o então diretor eleito pediu afastamento e sua vice-diretora também pediu afastamento, por motivos pessoais. Nesse momento, era grande a rotatividade de professores, então, a Reitoria em Goiânia voltou a indicar diretores para o CAC e nomeou a Professora Elza Maria Stacciarini para a direção, a qual exerceu o mandato de 1995 a 1998. Foi nessa época que chegaram ao *Campus* duas de nossas entrevistadas<sup>12</sup>, Liz e Margot.

Em contraponto às adversidades pelas quais o CAC passou, em 1995, mais uma vez, a organização da sociedade civil reivindicou junto à Reitoria da UFG a criação do curso de

---

<sup>12</sup> A partir daqui os nomes dos gestores não serão mais citados por motivos éticos, todas as referências aos gestores citados por nossos entrevistados serão reproduzidas pelos anos de Gestão.

Ciência da Computação no CAC, devido à demanda de mercado. Esse pedido estava na contramão do projeto de interiorização, o qual previa somente a formação de professores. Porém, depois de um estudo de viabilidade, foi firmado o convênio entre a PMC e a UFG, em 1996, para a criação de mais um curso no *campus*.

Dessa forma, de acordo com Silva (2009), surgiu o debate político entre dois grupos no CAC: um que acreditava que a criação de novos cursos no *campus* seria um bom caminho para a autonomia, e outro que defendia investimentos nos cursos já existentes, para melhorar a qualidade de ensino superior ofertado.

Nesse contexto acadêmico permeado por controvérsias no campo epistemológico e no campo político-ideológico tem se construído uma história universitária que entre 1986 e 1996 foram dez anos de assentamento de tijolos num processo incessante de produção acadêmica (SILVA, 2009, p.188).

Entre 1995 e 1999, houve muitos embates entre os docentes do CAC, que reclamavam melhores condições de trabalho, e PMC, que não queria arcar sozinha com os custos da manutenção do *campus* em Catalão e, ainda, a reitoria da UFG, que se omitia em tratar seus *campi* de interior como parte integrante do âmbito administrativo e pedagógico institucional. “Então eu via isso, achava que não só ia ficar na licenciatura, quando veio o curso de computação eu já achava que seria possível essa busca, essa necessidade, essa possibilidade de ter outros cursos” (Liz, 05 de junho de 2016). Pelo olhar de Liz, implantar novos cursos que não fossem só na área de formação de professores era uma possibilidade e uma necessidade a ser buscada. Vale dizer que, nesse período, houve uma reedição do regimento interno.

Até o presente momento da elaboração deste trabalho, sintetizamos as impressões registradas nas pesquisas documentais de Almeida (1991), Dourado (1997) e Silva (2009), com a finalidade de situar a nossa pesquisa no tempo e no espaço. Como os três trabalhos possuem o recorte temporal de 1983 a 2002, a partir daqui serão apontados os acontecimentos prioritariamente sob o ângulo dos TAEs e suas biografias. Quando necessário, recorreremos a documentos primários e secundários para contextualização das informações prestadas por nossos entrevistados.

De acordo com o levantamento bibliográfico que realizei a respeito do período que abrange os anos de 2000 a 2005, há poucos registros de como se deu o funcionamento do CAC. Então, para a reconstrução desse período, utilizei a narrativa de nossos entrevistados.

A gestão 1998-2002 veio. Na época que a gestão 1998-2002 veio foi bastante assim tumultuado também para nós, porque não sei se você lembra, a gestão 1998-2002 quando ela chegou teve problemas com a Sula e fui eu nessa época que fui para a secretaria. Eu fui até para o lugar da Sula, a Sula teve um problema muito sério com ela. A Sula foi para o conselho tutelar e não voltou mais para cá. E eu fiquei na secretaria no lugar da Sula. (Margot, 06 de junho de 2016).

Além de contar com as informações dadas pelos entrevistados, existem documentos imagéticos, como a Figura 06, que nos mostram as construções e inaugurações dos prédios da biblioteca e do auditório, com a presença do governador de Estado, o que demonstra a relação do governo estadual no *campus*, configurando, mais uma vez, o misto de intercessões de poderes que constituíram a identidade organizacional do CAC.

**Figura 06** - Reprodução de cópia de um jornal que noticiou a visita do então Governador Marconi Perillo a Catalão para entrega de cheque para a construção da biblioteca e auditório



**Fonte :** Acervo CIDARQ/UFG/RC.

A ausência de informações do período citado pode ter se dado por herança das políticas neoliberais do Governo Fernando Henrique Cardoso, de 1995 a 2002, que sucatearam as universidades públicas federais, favorecendo a criação de novos cursos superiores em universidades privadas. A partir de 2003, quem esteve à frente do Estado foi o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) que, embora tenha implementado também os

programas de financiamento estudantil em instituições particulares, voltou a investir em programas de expansão e interiorização das IFES.

Sobre esse período, nossos participantes relataram pouco, mas produziram fontes orais da trajetória percorrida nessas datas. Margot, que veio de uma escola técnica, hoje denominada Instituto Federal Goiano (IF Goiano), logo notou a diferença de estrutura:

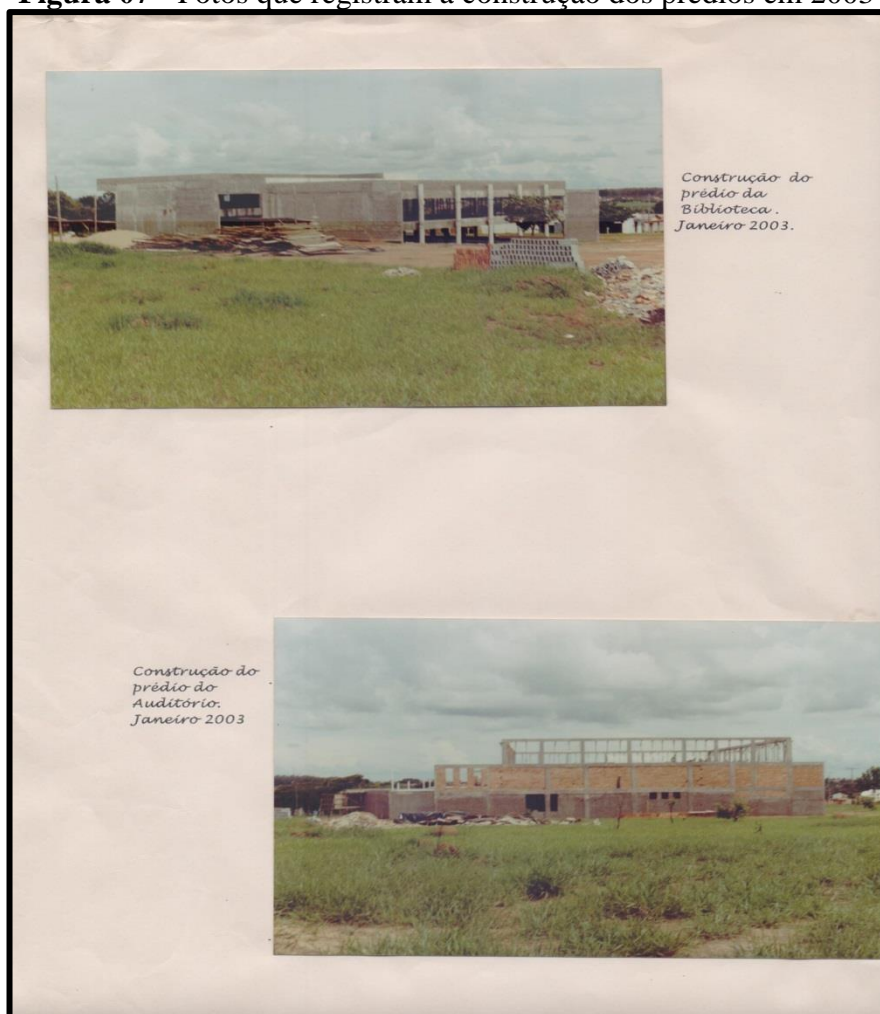
Eu trabalhava numa escola muito rica, em meu primeiro concurso eu trabalhava no gabinete do diretor e assim cada um tinha um computador já naquele ano, cada um tinha um computador. A gente tinha uma máquina eletrônica porque naquela época estava começando a usar o computador, se a gente tivesse documento que precisava fazer, era uma máquina toda chique, parecia computador, papel à vontade, tudo à vontade. A gente trabalhava com tudo do bom e do melhor, cheguei a Catalão não tinha nada. Eu trabalhava numa sala, era eu, a chefe de gabinete e o vice-diretor, o diretor tinha uma sala do lado da nossa, vim para cá. E a gente trabalhava todo mundo em uma sala só. (Margot, 06 de junho de 2016).

Segundo os relatos recolhidos, após a gestão 1998-2002, que também foi designada pela Reitoria, assim como a anterior, o CAC voltou a ter soberania em suas decisões e foi feita uma eleição para diretor.

O gestor 2002-2006 era aquele professor que, enquanto professor que ele passou no concurso que ele chegou aqui, ele era não sei se pode usar essa expressão, era gaiato, mas era. Quando ele falou que ia se candidatar à direção, nós todos achamos isso super estranho (Margot).

Embora esse período tenha sido pouco retratado, foi de grande importância estrutural para o *campus*, porque, nessa época, foi inaugurado o prédio da biblioteca e a direção foi transferida para lá. No final dessa gestão, também começou a se discutir a respeito dos recursos que viriam para o *campus* com a adesão ao novo programa de expansão.

**Figura 07** - Fotos que registram a construção dos prédios em 2003



Fonte: Acervo CIDARQ/UFG/RC.

A UFG aderiu ao programa Reuni<sup>13</sup> em 2005, o que significou uma grande mudança na história da educação em Catalão e na história institucional. Em 2007, o COSUNI aprovou o novo regimento interno do CAC, em que ele não se configurava mais como um *campus* avançado, mas como uma unidade da universidade, fato que abordarei mais à frente. Sobre a presença da UFG em Catalão, nossos entrevistados fizeram mais algumas considerações:

[...] entendo que a UFG contribuiu/contribui de forma relevante para o desenvolvimento da cidade de Catalão, uma vez que ela forma profissionais bastante capacitados para suprir o mercado de trabalho na cidade e na região, contribuindo para a movimentação da economia. Temos ótimos professores atuando nas redes de ensino particular e pública, enfermeiros, engenheiros, químicos, psicólogos, geógrafos, educadores físicos, etc. que se formaram nesta instituição (Kate, 03 de junho de 2016).

<sup>13</sup> Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

Desse modo, eles avaliam que a chegada da UFG na região foi um fator transformador para a rotina da cidade e continua sendo. Contudo, Bobby pondera a respeito do reconhecimento dessa situação.

Mas parece que é uma coisa que as pessoas se esquecem disso ou não falam, fica na mão do gestor da época, ninguém ressalta essa importância da UFG aqui para Catalão e região, principalmente na educação e agora, com essa vinda dos novos cursos, os que formaram aqui em mestrado da Letras, da Educação até os que estão ali na história, eles estão dando aula no Cesuc, a maioria fez mestrado aqui dentro, então está repercutindo no ensino particular. E o pessoal que está formando em Engenharia, vindo a maioria aluno de fora, impacta diretamente no preço dos aluguéis, valorização dos imóveis. E isso aparece que não é sentido pela comunidade. A comunidade catalana me parece que não enxerga essa importância da UFG aqui, inclusive quando se anunciou que ia federalizar uma universidade autônoma as pessoas da comunidade local de Catalão passou assim que legal e pronto, não veem o impacto que isso vai gerar. É claro que esse impacto vai gerar, se o orçamento for investido na cidade, você desenvolver políticas para as licitações comprarem aqui e tal, fazer circular mais dinheiro, vai atrair mais pessoas, mais prestadores de serviço e tudo (Bobby, 02 de junho de 2016.).

Bobby mostra uma visão integrada da instituição com a comunidade catalana e a cidade, de um modo geral, contudo, pondera que a visão que ele tem enquanto TAE e cidadão catalano o permite valorizar a presença da universidade pública e federal na cidade, porém, não visualiza essa valorização por parte dos membros da sociedade. Seguindo uma mesma linha, Bolívar (2014, p. 340) explica que:

Por sua vez, a imagem organizativa refere-se tanto às maneiras em que os membros acham que outros vêem à organização, os sentimentos e crenças que as audiências têm dela, bem como os membros apresentam ou projetam sua organização para influenciar aos outros no que pensam dela. Desde o outro lado, igualmente a imagem ou reputação vem dada pela maneira em que os outros externos percebem à organização.

Diante do exposto até o momento, verifico que a história da UFG em Catalão é uma narrativa muito rica, composta por vários fatos, fatores e atores sociais. Observo que ela está em busca de reconhecimento do seu potencial econômico, político e, principalmente, acadêmico no âmbito regional, estadual, nacional e, quiçá, internacional. Essa consideração se faz necessária para a autoafirmação de sua identidade institucional, que vem sendo construída no decorrer desses anos.

### **3.3 A expansão da instituição e a criação de novos *campi***

Programas de expansão e interiorização do ensino superior fizeram parte dos planos de governo em diversas épocas e marcaram a história da educação do país. Não obstante, o governo Lula visou cumprir as metas de maiores investimentos nessa área, estipulados pelo Plano Nacional de Educação (PNE) (2001-2011). O programa REUNI foi implantado em todo país em duas fases, a primeira compreendeu os anos de 2003 a 2006 e, a segunda, de 2007 a 2012. De acordo com o Relatório de análise da expansão de universidades federais (2003-2012), produzido pelo MEC:

A primeira fase se deu com a finalidade interiorizar o ensino superior público federal, o qual contava até o ano de 2002 com 45 universidades federais e 148 câmpus/unidades. O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), criado pelo Decreto nº 6.096/2007, tinha como objetivo principal criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação presencial, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais. Também havia a possibilidade de criação de novos câmpus para o interior do país, de acordo com o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) das universidades. (BRASIL, 2012 p. 9).

Sendo assim, a partir do momento em que a UFG ingressou no programa, em 2005, houve mais investimentos em seus dois *campi* mais longínquos da cidade de Goiânia, Catalão e Jataí. Para a Regional Catalão, que naquele momento se configurava como unidade da UFG, isso foi um divisor de águas. Com os recursos advindos do programa em 2006, foram criados os cursos de bacharelado em Administração e as licenciaturas em Ciências Biológicas, Física, Psicologia e Química.

Em 2008, foram implantados os cursos de Engenharia Civil, Engenharia de Minas e Engenharia de Produção. Em 2009, foram criados os cursos de Enfermagem, Ciências Sociais e Letras com habilitação em Inglês. Nesse período, foram feitas novas eleições para diretor do *campus*, que assumiu a gestão 2006-2010 e, depois, concorreu novamente ao cargo, sendo reeleito, e conduziu a maior parte de implantação e consolidação dos recursos acertados do REUNI. A partir de então, foram se instalando os respectivos bacharelados dos cursos de licenciatura, programas de mestrado, cursos EAD e a pesquisa e a extensão se desenvolveram. O número de alunos aumentou gradativamente e, conseqüentemente, o de professores e técnicos administrativos também. Foi nessa ocasião que me tornei testemunha ocular dessa história. Sobre a expansão, os participantes desta pesquisa revelam a respeito:

Bom, a única coisa assim, só vejo pontos positivos nisso, a única coisa, o único ponto que é negativo, é que a gente se espalhou demais e hoje a gente nem conhece todo mundo mais, mas isso faz parte de todo processo de crescimento (Margot, 06 de junho de 2016).

De acordo com a fala de Margot e consoante com as imagens que serão reproduzidas abaixo (Figuras 08 e 09), é notório que a expansão não foi só um programa de governo que trouxe mais investimentos para a Regional Catalão, mas compreendeu um grande crescimento físico, de forma que ela lamenta ter se separado de alguns colegas de trabalho e não conhecer mais alguns que chegaram recentemente. Aliás, o Ministério da Educação (2012) nos traz dados a respeito dos números de contratações<sup>14</sup> de técnicos administrativos em todo país nesse período:

Número de técnicos administrativos nas universidades federais de 2003 a 2012 houve uma ampliação de aproximadamente 16% do corpo técnico-administrativo das Ifes no período de 2003-2012. No período de 2003 a 2007, que antecede ao Reuni, há oscilação no número de técnicos administrativos devido ao redimensionamento do quadro, atendendo ao disposto na Lei nº 9.632/1998. A partir de 2008, com a efetivação do Reuni, inicia-se uma curva ascendente na contratação dos técnicos administrativos. A partir do ano de 2010, pode ser verificado um aumento significativo do ritmo de contratação de servidores técnico administrativos. Esse crescimento é decorrente da publicação do Quadro de Referência do Servidor Técnico-Administrativo (QRSTA), o qual permitiu às universidades a reposição automática das vagas originárias de vacâncias (aposentadorias, óbitos, exonerações, dentre outros). Além disso, também foram autorizadas novas vagas para concursos públicos. (BRASIL, 2012, p. 19).

Abaixo, nas figuras 08 e 09, estão imagens aéreas que mostram a evolução da Regional no período aqui mencionado.

---

<sup>14</sup> Foram referenciados aqui somente os números de contratação de técnicos administrativos uma vez que é sobre a perspectiva deles o objeto de estudo.

**Figura 08** - Vista aérea da Regional Catalão em 2003



Fonte : Acervo CIDARQ/UFG/RC.

**Figura 09** - Vista aérea da Regional Catalão. Demonstração do crescimento do *Campus* depois das obras do REUNI



Fonte : Site institucional UFG/RC

Em se tratando de expansão, é evidente que não era o objetivo principal do programa o aumento do número de servidores administrativos, contudo, nota-se, também, que o referido programa trouxe ganhos para a categoria, tais como aumento de contingente, aumento salarial e incentivo à qualificação. Boby nos apresenta a sua percepção sobre isso:

Acho que foi a Zezé,<sup>15</sup> [...] na época ela que contava muito a história, em como se deu a história do *campus* para a gente e falava do que estava acontecendo, que era justamente o processo de expansão, ela quem falava, isso é inédito de vocês estarem aqui, não tinha concurso, há quanto tempo não tem concurso, é o primeiro concurso, vocês vieram para essas vagas dos cursos que estão aí e explicou o que era aquilo. Até então... Ela falava assim que a gente chegou, nossas vagas são do processo de expansão, processo de expansão da universidade. As vagas de técnicos que estão chegando agora é porque os novos cursos estão abrindo (Boby, 02 de junho de 2016).

São inegáveis as vantagens e benefícios que a Expansão e o Reuni trouxeram para a instituição, entretanto, todos os processos de implementação de programas também podem trazer desvantagens. Castro (2015) atenta para isso e nos traz a indagação sobre como o servidor técnico administrativo tem se percebido nessa trajetória e qual sua percepção a respeito desse programa, tendo em vista que, para qualquer projeto estatal e governamental dar certo, é preciso ter os servidores prestando apoio administrativo.

Eu vejo como um balão, deu um sopro e encheu, que pode explodir a qualquer momento. É a minha visão que tenho assim, eu acho que assim foi um “boom”, todo mundo se encantou, mas eu não vi o preparo para que isso acontecesse. Eu vi assim que deveria crescer “boom”, todo mundo quis isso rapidamente e parece que quanto mais cabeças mais dinheiro, parece que as cabeças não estão ficando suficientes (Liz, 05 de junho de 2016).

Liz, que está na instituição desde 1996 e trabalha em uma secretaria de curso, já vivenciou muitas venturas e desventuras nessa Regional. Ela relata aqui suas impressões a respeito do crescimento acelerado do *campus* em virtude dos programas de Expansão e Reuni. Mostra-se preocupada em relação aos recursos:

Então, eu tenho uma ligeira sensação que assim, vão faltar recursos, estão faltando recursos para a universidade. Foi um “boom” de cheia, encheu e agora acho que vai murchando, encolhendo, eu tenho experiência pelo nosso curso, era para ter 50 cabeças, 50 alunos, chamando de cabeças aqui porque assim que são tratados, então era para ter 50 alunos e fechou matrícula de ingressantes com 21 alunos. E o recurso vem para cobrir esses 50 alunos, será que vem? Eu me pergunto, não sei como funciona isso não, mas as poucas palestras, as poucas conversas que eu ouvi e presenciei nessa época da explosão, esse monte de curso então você olha os cursos de elite assim, matricular 12 alunos na 1º chamada, então é muito pouco, não é pelo “boom”, pela explosão, a dimensão, a proporção... (Liz, 05 de junho de 2016).

---

<sup>15</sup> A Zezé aqui citada é Silva, autora do livro que conta a história do campus entre 1983 e 2002. Seu nome não foi omitido por se tratar de uma figura notável entre o TAES.

Assim sendo, a Regional foi construindo sua história, reconfigurando-se, repaginando-se com a expansão, um novo tempo surgiu, não só para a organização, mas para a região sudeste de Goiás. Com a contratação de novos professores e novos técnicos, conseqüentemente, novos alunos foram surgindo, novos atores sociais, novos personagens. Houve mais presença do governo federal e os poderes estaduais e municipais estão se retirando de cena.

Agora, aquele *campus* de interior, que outrora era visto como temporário, vai se firmando com uma nova face de sua identidade organizacional. Chegaram muitas pessoas de outras cidades, nacionais e internacionais, trazendo consigo novas ideias, culturas, novas formas de pensar a universidade. Com novos projetos de pesquisa e de extensão, vieram oportunidades de reconhecimento técnico e científico, e a gestão 2008-2012, que havia sido reeleita para exercer o mandato 2012-2016, retirou-se para exercer o mandato de vice-reitoria. Então, assumiu sua vice direção *pro-tempore* e foram chamadas novas eleições para constituir a gestão 2014-2018.

### **3.4 A UFG no interior e as relações com a Regional Goiânia**

A partir de 2014, foram estabelecidas as Regionais Goiânia, Catalão, Cidade de Goiás e Jataí, com a alteração estatutária da UFG. Com essa nova configuração, as regionais tiveram que agrupar seus cursos em Unidades Acadêmicas Especiais e criar Câmaras de Graduação, Pesquisa e Extensão, e passaram a ter maior autonomia em suas funções administrativas e acadêmicas.

Eu acho que houve mudanças que foram para melhor. As unidades hoje eu acho que elas têm um respeito muito maior em Goiânia, de quando era só o curso, o departamento e até para nós também. Nós estamos tendo reuniões em Goiânia, esse ano até que vou dizer que está acontecendo, não aconteceu nenhuma esse ano ainda mais o ano passado, no começo do ano passado a gente estava indo a Goiânia com certa frequência para participar de reuniões, todas as regionais, Catalão, construção de Goiás e Goiás agora que quis participar desse processo de descentralização. [...] as unidades antes parece que eram mais limitadas, as unidades não, eram os departamentos, os departamentos eram mais limitados. [...] acho que assim mudou, melhorou a forma de tratamento depois que virou Regional, que virou unidade, mesmo que seja especial (Margot, 06 de junho de 2016).

Sobre essa mudança, Margot, que na época trabalhava no Departamento Pessoal, considera que a alteração no estatuto da UFG, que a tornou universidade multicampi, melhorou as relações entre as unidades acadêmicas, a administração local, a administração

geral da UFG e as outras regionais. Sobre essa dependência com a sede em Goiânia, Georgina conta uma história:

Dentre eles um fato marcante e ao mesmo tempo desagradável para mim era quando chegava o final do ano/semestre letivo e, coincidentemente, acontecia algum problema com o nosso sistema acadêmico. Com isso, tínhamos que deixar nossa família, filhos pequenos e - algumas vezes em um estado avançado de gravidez - deslocar de Catalão para Goiânia. Ficávamos por lá até três dias para, no Departamento de Assuntos Acadêmicos/UFG, digitar incessantemente os mapas de notas dos cursos ministrados em Catalão que, naquela época, era de responsabilidade do CGA. Além de ser extremamente cansativo e desagradável, acrescento que isso se repetiu inúmeras vezes e por longos anos. Sem falar que, infelizmente, muitas vezes nossas vidas eram colocadas em risco em função da direção de alguns motoristas imprudentes da instituição. (Georgina, 04 de Junho de 2016).

Ainda sobre a centralização de algumas atividades do Departamento Pessoal, Margot revela como se dá a relação com Goiânia:

Aquilo que a gente consegue resolver por aqui, a gente resolve tudo, o que a gente não consegue vai atrás mesmo em Goiânia, algumas questões são lá em Goiânia. Porque ainda tem infelizmente não tem acesso ao SIAPE da forma como deveria ter, então muita coisa a gente tem que recorrer a Goiânia porque para eles isso é ainda meio inadmissível, a gente ter esses acessos (Margot, 06 de junho de 2016).

Ela nos apresenta uma análise a respeito das rotinas de trabalho de Catalão, que são bem diferentes das rotinas executadas em Goiânia:

Esses dias chegou um professor lá, e o professor chega lá você vê os problemas que aparecem e com contracheque dele, a gente tem que ficar muitas vezes, porque a gente não tem conhecimento mesmo, não tem vergonha em dizer isso, que a gente não trabalha com isso, não tem a liberação de trabalhar com isso, a gente tem que ficar deduzindo coisas, porque tem vez que você tenta falar lá em Goiânia lá você não consegue, só funciona até as 3 horas da tarde. Se o professor chega 3:05 não tem jeito mais, aí a gente vai às vezes deduzindo sabe, a gente vai até aprendendo desse jeito. Porque você entra na internet, pesquisa e verifica, porque muita coisa a gente tem que deduzir mesmo, a gente não consegue resolver com eles na hora, e às vezes o professor quer na hora. (Margot, 06 de junho de 2016).

Nesse mesmo sentido, Bobby enxerga as mudanças pelas quais a UFG tem passado e como a Regional Catalão está cada vez mais arrimando sua identidade própria. Porém, analisa que, para a UFG em Goiânia, o processo de emancipação da Regional Catalão para se

transformar em universidade autônoma, talvez não seja vantajoso e, por isso, eles ainda mantêm o controle de algumas atividades.

Então eu acho que a gente está participando, vivendo um processo histórico, eu saí daqui tinha 7 cursos, saí da graduação tinha 7 cursos aqui dentro. Quando voltei como técnico já tinham 9 e um mestrado que era da Geografia, não sei se estava na primeira turma ou na segunda, mas já tinha o mestrado, e peguei o processo de expansão, REUNI. Entendo o que estava acontecendo e caminhando para esse processo de emancipação que está vindo aí. Eu estou muito empolgado com essa coisa de estar participando desse processo, vivendo esse processo. Embora eu tenha, como é que fala, um pé atrás com o que vai acontecer, acho que caminha forte, mas também penso que para a UFG vai ser uma pancada porque quando falar assim que emancipou, ela vai perdendo uns 300 doutores, 3000 mil alunos, na época que aconteceu 100 técnicos. Então eu acho que por mais que o discurso oficial seja que apoia a separação tenho um pezinho atrás com isso. Estou achando muito bom estar vivendo esse, participando desse processo e sempre participei das comissões, do conselho. (Boby, 02 de junho de 2016).

Também sobre as diferenças enfrentadas entre estar no interior e estar na sede, Bobby continua avaliando e faz uma analogia sobre como se deram as implantações de outras instituições fora de sede, em outros estados.

Eu conheço da UFU por conta de greves que a gente esteve conversando. Aparentemente, a UFG ela realmente não dá bola para o campus do interior, a sede não dá bola para o campus do interior, e é uma relação diferente, por exemplo, que a UFU tem quando abre um campus estrutura ele melhor [...] parece-me que tem organização melhor, levando em conta do interior, dos campus afastados da sede. A UFG meio que largou, em Jataí também, pelo que a gente conversou com o pessoal de lá, quando encontra em reunião do sindicato em Goiânia, seguem as mesmas reclamações nossas são de Jataí, de ficar perdido, de Goiânia não dar bola, isso principalmente no começo. A partir do momento que vai trabalhando, construindo a identidade, o modo de trabalhar isso é superado, mas parece que é isso, que as pessoas se sentem realmente abandonadas (Boby, 02 de junho de 2016).

Interessante que Bobby, ao relatar que buscaram sua própria forma de trabalhar, menciona o fato de que, nesse momento, a identidade da instituição está sendo construída. Esse pensamento vai ao encontro do que nos fala Bolívar (2014), quando aponta a ideia de que a identidade organizacional é constituída a partir da imagem que os seus membros avaliam que a instituição tem e a cultura praticada nela. Dessa maneira, ao se compreender que uma instituição escolar tem uma realidade construída socialmente, isso permite entendê-la pela sua própria história peculiar e como foram produzidas suas estruturas físicas e

administrativas, documentos padrões de ação, rituais e os significados diante de seus funcionários.

Cada escola tem uma cultura singular, com uma memória institucional, subjetivamente vivenciada e, portanto, que se desenvolve ao longo de um ciclo de vida. Nele, encontra sentido e continuidade, cada mudança, momento, ação, impacto, resistência, etc. Particularmente importa a *memória organizacional*, implícita ou latente na cultura organizativa e que é só recuperável desde os relatos da vida organizativa que põem em jogo todo o potencial de memória de indivíduos e coletivos (BOLÍVAR, 2014, p. 332).

Sobre a cultura organizacional desenvolvida a partir das experiências vividas, Liz, que veio a Catalão buscando estudar, conta uma recordação que nos remete aos ritos e práticas de gestão.

Eu entrei em 2000. Ainda era anual, fui fazer faculdade. Aí eu era a única funcionária aluna do *campus* e fiquei sem espaço para trabalhar porque eu era aluna e funcionária no *campus*, tinha uma norma que não podia trabalhar nem na direção e nem na biblioteca. Quase que eu fui para a rua. Aluno sim, não podia trabalhar na direção. (Liz, 05 de junho de 2016).

Como o *campus* era muito pequeno naquela época e tinha suas funções e setores limitados, ter uma funcionária que estudava gerou um desconforto institucional, porque as poucas funções que eram exercidas ali não a permitiam trabalhar em outro lugar.

Hoje é tudo diferente, eu sofri muito, isso me machucou muito, então, quando eu vi um curso matutino, a primeira turma matutina, eu fiz o curso matutino, e eu conversei com a direção, a direção concordou, ligou na UFG Goiânia, procurou saber direitinho se eu tinha direito, se eu poderia trabalhar fazendo 6 horas. Então achei o que eu queria, passei no vestibular direitinho e fui fazer um curso matutino. Aí eu não poderia trabalhar porque eu era aluna, mas isso me deu um conflito, me deu um mal estar, isso me causou uma sensação horrível porque primeiro eu não podia fazer as coisas, porque eu não tinha graduação, quando eu começo a fazer graduação não podia fazer porque eu era estudante, aí eu não podia ir para a biblioteca porque eu poderia favorecer, isso com essas palavras, favorecer os alunos do *campus*, porque eu era aluna, para empréstimo de livros. Eu não podia ficar na direção porque tinha documentos que dizem respeito a alunos e eu trabalhava com os funcionários e eu era aluna. Só tinha esses dois lugares, na época não tinha coordenação de curso, então me senti muito mal, eu era policiada (Liz, 05 de junho de 2016).

Todo esse processo e o que está sendo aqui exposto faz chegar à conclusão de que as normas, crenças e histórias são dimensões essenciais. É o entendimento compartilhado e uma ação simbólica comum que cria e mantém uma organização, ou seja, a realidade

organizacional é entendida como uma construção narrativa: “as escolas, em lugar de realidades objetivas, têm sua própria biografia institucional, histórias e processos de desenvolvimento que podem ser objeto de estudo” (BOLÍVAR, 2014, p. 332). Sendo assim, diante das narrativas, podemos notar a percepção que os TAEs têm sobre a construção da identidade da universidade que está em Catalão e que está se construindo enquanto universidade autônoma. Revelou-nos a dependência que ainda se tem da UFG em Catalão, mas que a Regional conseguiu estabelecer sua própria cultura organizacional.

**Figura 10** - Vista aérea noturna da Regional Catalão



**Fonte:** Clarison Dantas.

### **3.5 A formação do corpo técnico administrativo**

Até o presente momento, vimos como se deu a história da Regional Catalão diante das falas dos TAEs, em suas perspectivas de atuação e Silva (2009, p. 57) nos mostrou como foram convencidos os termos para a instalação de um programa de interiorização em Catalão. Definia-se ali que seriam utilizados recursos humanos oriundos da própria UFG, das esferas públicas municipal, estadual e federal e, ainda, recursos de instituições privadas.

Nesse contexto, há uma questão histórica e administrativa: o que a UFG considera ou considerava como recursos humanos? Somente professores? Ou nessa cláusula estavam embutidos os técnicos administrativos também? É sabido que para a constituição de um centro escolar não é essencial a presença do técnico administrativo, contudo, constata-se que seu

trabalho diminui a carga de trabalho do professor, uma vez que ele faz os serviços administrativos.

Esses critérios para a permanência da UFG em Catalão foram sendo repetidos nos próximos convênios assinados com a Prefeitura. Em todos eles, sempre apareciam as figuras do professor, do diretor, do coordenador de curso e dos alunos. O técnico administrativo em educação foi ser previsto somente no ano de 2014, por meio do convênio 336, justamente o derradeiro<sup>16</sup>, o qual prevê que o município poderá ceder técnicos administrativos à UFG e a possibilidade de qualificação desses técnicos, porém, não estabelece a quantidade de servidores que serão cedidos.

Sendo assim, o corpo técnico administrativo da Regional Catalão foi sendo arquitetado por funcionários cedidos pela Prefeitura e Estado, redistribuídos de outras instituições federais ou removidos a pedido da UFG Regional Goiânia, em pequena quantidade, até a implantação do Reuni. “Todos os técnicos administrativos, com exceção dos que trabalhavam na biblioteca. O resto eram poucos, tudo numa sala só” (Margot, 06 de junho de 2016).

### *3.5.1 A chegada de novos técnicos*

O primeiro concurso para técnico administrativo em educação para a Regional Catalão aconteceu em 2006, devido ao programa de interiorização adotado pela UFG, pois, com a abertura de novos cursos, novas vagas foram disponibilizadas. A respeito da vinda de novos técnicos para a Regional Catalão, os nossos entrevistados, que já estavam na instituição, dizem:

Eu achei que seria um fortalecimento para nossa categoria, mas eu tive colegas que acharam, se sentiram ameaçadas, eu não senti ameaçada porque eu não tinha nada a perder, nunca tive. Agora quem tinha algo a perder, um espaço a perder, eu nunca tive, então eu nunca me senti ameaçada. Pelo contrário, será que vai chegar gente com nova mentalidade, com outra nova forma de pensar, não impactou em nada, não vi diferença, assim de chegar, sinceramente não pensei nisso assim, porque eu via assim alguns colegas antigos ficarem apavorados, inseguros. [...] Não tem isso comigo. E eu pensava que nossa categoria seria um momento de fortalecimento, da gente ser notado, realmente é ver diferença, mas eu ouvi de colegas, de tomar meu espaço, não sei se tenho espaço aqui, não sei. Não vejo assim que alguém vai chegar e tomar meu lugar, que vai tomar minha atividade, que vou tirar férias e quando eu voltar alguém vai me devolver e ter assumido o meu lugar e não vai devolver. Nunca pensei assim, não sei se é bom ou ruim, mas isso não me afeta. (Liz, 05 de junho de 2016).

---

<sup>16</sup> Não haverá mais convênios com a Prefeitura, nem para contratação de professores.

Infere-se da fala de Liz que a ideia de ter técnicos novos assustava alguns servidores já locados, pois eles tinham medo de perder espaço, assim como acontece nas instituições privadas. Já para ela, que percorreu diversos lugares do país, diversas instituições nas áreas de ação social, saúde e educação, o novo não era algo a ser temido.

Eu, particularmente assim, vi isso como um ganho muito grande porque a gente era tudo muito centralizado em poucas pessoas, a gente viu a possibilidade de até porque a gente sempre quis trazer muita coisa de Goiânia para Catalão, a gente sempre quis muito isso. E com a vinda desses técnicos foi possível fazer isso, muito trabalho que era feito em Goiânia ou precariamente era feito aqui e depois ser feito de forma mais eficiente com a vinda dos técnicos. A gente assim colocou muita esperança em todos os sentidos, de um grupo maior que a gente era um grupo pequenininho e veio muita gente e nessa mudança mesmo na cara administrativa porque muitos cursos, já tinha muitos cursos, muitos não tinham uns 7. (Margot, 06 de junho de 2016).

Nota-se, a partir da fala de Margot, uma visão mais ampliada sobre a vinda de novos técnicos. Percebe-se que o desejo por autonomia e descentralização de algumas funções e a busca por uma identidade própria já vem de muitos anos. Abordadas as impressões dos funcionários mais antigos diante da chegada dos novos técnicos, eis a descrição dos fatos narrados por Bobby, que foi um dos novos técnicos a chegar. Ele afirma que no concurso que prestou foram por volta de 45 concorrentes, o que é bem diferente de hoje em dia, quando a média é de 300 candidatos.

Até que eu me lembro do pessoal que estava aí, vieram todos de outros locais. Mas a recepção foi muito boa. Só que a gente chegou e não tinha função, inclusive a primeira reunião com o diretor que nós tivemos, fechou a gente numa sala e disse para a gente ficar lendo o regimento da universidade para vocês entenderem o que é universidade, e não saiam dessa sala não. E assim no primeiro dia a gente ficou e depois o próprio Joseph, o pai dele era professor na UFG de Goiânia, lá do Instituto de Física. E ele ligou para o pai dele, disse que estava aguentando isso aqui não, o primeiro dia o diretor já veio dizendo para a gente ficar fechado dentro de uma sala e ninguém pode ver a gente. E aí nós fomos sair, conhecer a biblioteca, conhecer os outros técnicos, nem isso o diretor fez, apresentar a gente, teve isso não. Vinha, conhecia ele e ficava fechado no gabinete dele, estudando o regimento. Então a gente não tinha função, ficamos quase um mês sem fazer nada (Bobby, 02 de junho de 2016).

O relato de Bobby nos faz lembrar que nunca antes havia tido concurso para técnicos na Regional Catalão, então, a chegada de novos servidores não foi algo pensado, não se sabia o

que eles iriam fazer. Aparentemente, não havia o que fazer, mas, na verdade, havia muitas funções a serem desenvolvidas, todavia, a direção da época não sabia priorizá-las.

Aí teve um dia que estava mudando o gabinete, inaugurou o prédio da biblioteca lá em baixo, a direção desceu para lá e aí que a gente foi fazer a mudança do que tinha aqui em cima lá para baixo, mas não tinha função. E aí passou uns 15 dias e a gente começou a ficar incomodado com aquilo, você não tinha o que fazer aqui, então começou a ficar incomodado e a procurar serviço. Aí o diretor passava, tinha umas cadeiras quebradas, vê quantas cadeiras tinha quebradas, fazia esse tipo de coisa. Foi até que veio a eleição, eu acho que já tinha passado a eleição do diretor, mas aí veio a posse dele, aí que começou a estruturar uma coisa diferente, de mudar as funções do pessoal (Boby, 02 de junho de 2016).

Diante da falta de atribuições, esses técnicos, que eram cinco na época, tomavam decisões por si próprios e começaram a buscar conhecimento do que, de fato, estava ocorrendo, da expansão da universidade.

E a gente como ficava muito tempo à toa, a gente ficava muito na ADCAC<sup>17</sup>, porque tinha cafezinho e tal. Então ali eu conhecia a maioria dos professores e a Zezé. Ela falava assim que a gente chegou, nossas vagas são do processo de expansão, processo de expansão da universidade. As vagas de técnicos que estão chegando agora é porque os novos cursos estão abrindo (Boby, 02 de junho de 2016).

Durante esses momentos narrados por Boby é que se percebe os reais motivos pelos quais havia infindáveis reuniões na sala da direção e os novos técnicos não poderiam aparecer: porque seriam disputados pelos cursos antigos e os novos, já que nunca antes havia tido técnico exclusivo para cada curso. Então, com a vinda de novos cursos, os cursos antigos ficariam desfavorecidos.

Sim teve isso, inclusive no começo eu ficava à disposição da Psicologia e da Pedagogia, a gente não tinha esse conselho gestor, não sabia como funcionava a universidade. Então teve uma reunião do Conselho Diretor, que o pessoal brigou pelas vagas inclusive o diretor falou para a gente nesse dia, olha vocês somem daqui porque se verem vocês lá vai ter briga. Aí eu imaginava que eu ia aparecer lá e o povo ia me pegar lá, e ia sair me puxando, esse é meu, esse é meu. Então teve essa reunião do Conselho Diretor e ficou definido que cada servidor ia ficar à disposição de dois cursos, um novo e um antigo, realmente teve isso. Logo depois, em 2007, mesmo, chamou os outros aprovados e ia disponibilizando para cada curso e isso ia ficando liberado. E aí eu optei para ficar na Pedagogia porque minha

---

<sup>17</sup> Associação dos Docentes do *Campus* Catalão.

visão por ser justamente um curso mais antigo e tal, mais estruturado (Boby, 02 de junho de 2016).

Assim sendo, foi formada a categoria de técnicos administrativos em educação da Regional Catalão. Houve o aumento significativo de servidores federais, enquanto o número de servidores cedidos pelo município foi se estagnando, como observou Silva (2013 p. 08) a respeito do quadro de professores depois da implantação dos programas de interiorização e expansão. Essa é uma tendência, tendo em vista que existe um processo de federalização da Regional Catalão e que não serão renovados convênios entre a PMC e a UFG, nem repostos os servidores que forem se aposentando.

### **3.6 Representatividade, embates e conquistas**

Concomitantemente à formação da categoria dos TAEs, foi criada uma nova categoria na UFG-RC, a dos terceirizados. Sendo assim, compõem o corpo administrativo três categorias, as duas outras citadas e a de servidores da PMC. Contudo, para este estudo, busco somente a perspectiva dos servidores federais. Os entrevistados que ocupam os cargos há mais tempo trazem alguns relatos de como eram exercidas suas funções e como se dava a busca por seus direitos trabalhistas. “Bom, sindicalizados sim, mas a gente não discutia não, pois o nosso sindicato a sede sempre foi em Goiânia, então a gente na época não tinha nenhum grupo aqui, como tem hoje, bem ou mal, eles fazem uma ponte” (Margot, 06 de junho de 2016).

Nesse contexto, Margot nos informa que, anterior à chegada dos novos técnicos, as pessoas da categoria que estavam na UFG-RC estavam um pouco alienadas dos acontecimentos sindicais.

A gente revezava por um acordo entre a gente porque tinha alguém que tivesse encabeçando aqui de Catalão e a gente revezava, eu, a Georgina, a Liz, mas assim a gente não tinha realmente nenhuma, acho que, para nós, era a gente, não tinha discussão nenhuma, nenhuma, às vezes quando acontecia um movimento de greve, a gente até ia, se dispunha a ir a Goiânia, participava das reuniões em Goiânia mais nesses momentos, tirando isso a gente não tinha participação nenhuma mesmo no sindicato, ao menos que eu me lembre (Margot, 06 de junho de 2016).

Pensando o mesmo que Margot, Liz relembra os momentos de greve, quando eram poucos TAEs, e renova o seu sentimento de satisfação com a chegada de novos técnicos.

E eu achava que a gente era uma minoria, quando falava que ia ter greve, gente, 4, 5 pessoas vão fazer greve. E eu pensava que para nossa categoria seria um momento de fortalecimento, da gente ser notado, realmente é ver diferença (Liz, 05 de junho de 2016).

Enquanto nossos entrevistados se organizavam com pequenos passos para a sindicalização, em âmbito nacional já havia movimentos em prol do reconhecimento da categoria como profissionais da educação e busca de melhorias de condições de trabalho e salarial. Em 1973, foi criada a Associação de Servidores da Universidade Federal de Goiás (ASUFEGO), em princípio, a entidade foi criada voltada ao lazer, assistência à saúde do servidor e a atividades esportivas e culturais, uma vez que as universidades estavam sob o controle da ditadura militar. Em 1978, surge a Federação de Sindicatos dos Trabalhadores em Educação das Universidades Brasileiras (FASUBRA). A partir da década de 1980, com as IFES menos contaminadas pela influência militar, Fonseca (1996, p. 109) aponta que, por meio da mobilização e organização de suas representações sindicais, os TAEs se configuram como “novos atores na cena universitária”.

Já na década de 1990, a FASUBRA participou das discussões a respeito da autonomia universitária. Em 1993, a ASUFEGO se tornou Sindicato dos Trabalhadores Técnicos Administrativos em Educação das Instituições Federais de Ensino Superior no Estado de Goiás (SINT- IFESgo). Hoje, esse sindicato atua não somente em prol dos trabalhadores da UFG, mas também dos servidores do Instituto Federal Goiano (IFGO) e Instituto Federal de Goiás. Sobre o movimento sindical dos TAEs, Fonseca (1996, p. 109) afirma:

Tais ações lançarão em meio a cena Universitária desse período novas questões, cuja centralidade será o anseio por construir uma identidade social nova para os técnicos-administrativos, que ante a sociedade e à coletividade da instituição, os libere do estigma da irrelevância, da subalternidade da redução à condição uniforme de trabalhadores de segunda classe.

Não obstante, a luta desses trabalhadores se prolongou até a metade da década seguinte. De acordo com o *site* da FASUBRA, o ano de 2005 foi o ano mais emblemático para a categoria que, depois de uma longa greve, de aproximadamente 90 dias, foi conquistado o PCCTAE<sup>18</sup> que, além de instituir um plano de carreira, foi essencial para a identidade da categoria enquanto trabalhadores da educação. Voltando o olhar para UFG-RC, a representação desses trabalhadores ainda era tímida e, no tocante às mobilizações, o grupo

---

<sup>18</sup> Plano de Carreira dos Cargos Técnico-Administrativos em Educação.

de docentes já estava organizado, a ADCAC nasceu em 1990. Sendo assim, foi necessário restabelecer o sindicalismo no interior de Goiás.

Não tinha esse negócio de técnico administrativo, aí você chega e pergunta para o diretor o que vai fazer e ele não sabe, então não tinha essa coisa de que técnico faz. Depois que a gente estava aqui, há uns 2 meses, o pessoal do sindicato veio e explicou o que era técnico administrativo, a função do técnico na universidade, a separação das categorias, e aí que a gente começou a entender melhor isso, inclusive foi pesquisar o plano de carreira e tudo, isso foi em 2006 (Boby, 02 de junho de 2016).

Boby remonta ao passado ao mencionar a chegada dos novos técnicos na UFG-RC e explica que foi por meio de uma visita dos representantes do sindicato que ele e os colegas recém chegados foram ter consciência do que era ser TAE, do sentido da universidade e da categorização dos seus recursos humanos.

O pessoal mais antigo também eles passaram isso muito para a gente, para a gente não dar bola para professor, inclusive quando disse que tínhamos que trabalhar nos cursos, o pessoal quase dava os pêsames para a gente, nossa, aquela professora é ruim demais, aquele é horrível, não sei o que... Então a gente vinha com a carga muito negativa. Depois com o tempo você vai aprendendo que não é assim, você vai entendendo essa coisa. (Boby, 02 de junho de 2016).

Em mais uma fala de Boby, podemos notar que no âmbito da Regional Catalão essa separação entre categorias já estava arraigada na história da instituição. Ele continua contando a sua trajetória rumo ao conhecimento do que era universidade e qual o papel do técnico nesse processo.

Em 2007 teve a primeira greve e eu nunca tinha feito greve, já foi a primeira greve. A gente ficou mais de 100 dias de greve e no estágio probatório, de fazer greve ou não vai ser demitido, não vai passar no estágio probatório. O pessoal que estava aí há mais tempo nos orientou que não tinha nada a ver, que a gente tinha o direito de fazer greve. E depois que a gente foi com o tempo entendendo o lugar da gente no processo das atividades na universidade (Boby, 02 de junho de 2016).

**Figura 11** - Movimento de Greve dos TAEs em 2011 em frente à biblioteca



Fonte : Site do SINT -IFESgo.

E, nesse contexto, foi se estabelecendo a reorganização da categoria que, naquele momento, estava tomando uma nova cara, uma nova estrutura, uma nova identidade de TAEs da UFG-RC.

Na realidade foi na nossa primeira greve, até então, em 2007, a representante do sindicato, que era a Georgina, assim que chegamos a turma nova, a Georgina já queria passar o bastão. Ah, eu estou cansada... toda vida sou eu e tal, e passou para o Joseph, que precisava de um vice, eu fiquei sendo o vice do Joseph. E aí o Joseph, nessa greve de 2007, ele ficava muito em Goiânia e passava os informes que eu retransmitia para o pessoal. Depois da greve o Joseph ficou em Goiânia, que ele é de lá e queria ir embora e tal, ficou em Goiânia. No que ele foi embora, eu fiquei como representante sindical, e não queria ficar o representante, fiquei ficado, não queria. Mas aí ficou porque é uma coisa que ninguém quer assumir também (Boby, 02 de junho de 2016).

Nessa greve de 2007 foram garantidos aos técnicos, segundo a FASUBRA, dentre outras vantagens, o aumento do piso e do teto salarial dos TAEs, assistência à saúde suplementar do servidor e a paridade entre funcionários ativos e aposentados. Para uma categoria que estava restabelecendo os laços, foi uma vitória. Entretanto, segundo a fala de Boby, os TAEs, novos e antigos não se empolgaram muito com o movimento sindical e acabou “sobrando para ele” a representação. Essa situação vem se perdurando:

Veio a próxima eleição do sindicato. O Walter entrou como vice, também não queria ficar à frente, veio uma nova eleição do sindicato, o Venâncio

veio como vice, também ele estava terminando a graduação e não queria ficar à frente. Quando sai candidato o Venâncio assumiu, mas assumiu somente no período em que fiquei 3 meses afastado e voltei. E aí veio uma nova eleição do sindicato, a tendência era que o Venâncio, isso a gente não tinha conversado só entre nós, mas com pessoas que movimentam mais a parte sindical, que sou eu, o Roger, o Walter, o próprio Venâncio e que ele assumiria a cabeça de chapa. Isto para mim é muito tranquilo, não tem vaidade nenhuma com isso não. Mas, aí, o Venâncio estava de licença para o mestrado, aí nós queríamos o Roger, além dele ser técnico administrativo, tem vivência como professor da rede e dessa área de educação, de trabalhar em instituição educacional, então a gente avaliava que o nome dele era muito bom. Mas o Roger, justamente por isso, por ter dois vínculos, eu vou ficar de vice e você fica de novo, aí estou desde 2007, até hoje, como representante sindical. Mas vamos ver, acho que ano que vem isso muda (Boby, 02 de junho de 2016).

A categoria de TAEs se mostra muito apática<sup>19</sup> aos movimentos sindicais e, embora já tenham sido realizadas mais greves, algumas com ganhos outras não, ninguém, além de Bobby, se dispôs a liderar esses movimentos. Há inúmeras explicações para esse fato e, uma delas pode ser porque a categoria é nova e ainda está sem identificação. Dubar (2009, p. 171) nos traz a ideia de que na sociedade contemporânea há uma crise de vínculos sociais, o indivíduo não se atém mais aos aspectos políticos para benefício da sociedade e busca seus interesses individuais, portanto, muitas vezes, a luta coletiva é deixada de lado, em detrimento ao particular.

Nesse ponto, pode-se afirmar que o próprio PCCTAE, que foi uma conquista por meio da luta sindical, colabora para esse distanciamento da categoria, uma vez que, quanto mais o técnico se qualifica, mais tem retorno salarial. Então, as pessoas se ocupam de conseguir suas vantagens pessoais e não têm mais tempo para pensar no coletivo. Uma participante desta pesquisa analisa que essa acomodação dos TAEs se deve ao motivo de que a representação física do sindicato também é em Goiânia.

Eu sou umas dessas também que sou mais acomodada, mas o nosso grupo hoje a gente vê as nossas reuniões, nossos encontros com o grupo, mas as reuniões são mesmo na época de greve, a gente tem o que falta. Eu acho que falta aqui no campus um centro de convivência ou uma sala do sindicato como vocês tem da ADCAC. Nós não temos do sindicato, talvez se tivesse, falta esse momento da gente reunir, a gente só reúne em época de movimento de greve, de paralisação, tirando isso não tem. Mas esse grupo novo, de servidores mais novos, acho que muitos assim são bem, bem mais ativos assim nesse sentido do que eu, por exemplo, que acho que estou muito mais para trabalhar, para estudar do que para ficar pensando muito em política de capacitação, de qualificação, não faz muito parte das coisas que

---

<sup>19</sup> Somente 31 TAEs estão filiados ao sindicato, informação fornecida por dirigentes do SINT-IFESgo.

eu tenho como prioridades, mas são importantes (Margot, 06 de junho de 2016).

Isso posto, Bobby nos conta como tem se dado a sua experiência enquanto líder sindical, ele que já passou por três mandatos de gestão:

Sempre foi uma relação boa, falar assim que teve conflito com a gestão por conta de, da relação sindical também nunca teve. Uma vez pode-se dizer, não se pode dizer que foi um conflito, foi um desencontro que foi na campanha de reeleição da gestão 2008 - 2014, em que eu apoiei o opositor e por estar na frente do sindicato, virou uma grande confusão. Porque acaba parecendo que o sindicato está apoiando um outro candidato, mas o desconforto foi essa vez. Mas então nunca teve de falar que eu fui perseguido por isso, jamais, sempre foi uma relação harmoniosa (Bobby, 02 de junho de 2016.).

Nessa fala, ele nos demonstra que é difícil separar sua imagem como sindicalista de suas preferências pessoais e acaba tendo problemas em virtude de seu posicionamento político, mas que não representa o posicionamento político da categoria.

Até agora na eleição que foi essa última também do gestor 2014-2018 teve desconforto durante a campanha. Eu e o Venâncio fomos acusados de favorecer a candidatura de outra chapa. A gente tem essa preferência, mas nós estávamos na comissão, não tinha nada a ver aquilo, mas depois que passou o processo eleitoral também, isso se apaziguou, até me dou muito bem com o gestor atual, pessoal. Meus colegas reclamam muito dele, muito mesmo. Toda vez ele tratou a gente bem, inclusive os pedidos que a gente faz para ele, não tenho nada a falar dessa gestão, de negativo do atendimento dele com a categoria levando a relação que eu tenho com ele, não (Bobby, 02 de junho de 2016.).

Seguindo essa fala de Bobby sobre as últimas gestões, não posso deixar de mencionar as óticas dos TAEs a respeito do que é gestão universitária e suas vivências com os gestores. Nesse sentido, alguns nos apontam algumas experiências que tiveram e como isso interfere na trajetória da categoria.

Deixa eu respirar muito assim para medir minhas palavras. Aí entrou na nova direção e eu como funcionária [...] fui um dia para casa e quando eu cheguei para trabalhar 2 horas, minha mesa e minha cadeira não estavam lá dentro da sala, estavam do lado de fora, na pesquisa porque o novo chefe já tinha assumido, o funcionário já tinha entrado, da confiança e acho até correto isso. Você trabalha com quem você confia, com quem inspira confiança, com quem você tem afinidade, facilita as coisas. Então eu cheguei e minha mesa e minha cadeira estavam do lado de fora, eu disse que não vou pegar porque eu pego os móveis da minha casa, eu não vou pegar. Peguei

minha bolsa, meus trens e sentei debaixo da árvore lá fiquei. (Liz, 05 de junho de 2016).

Por meio dessa história, Liz nos retrata a vulnerabilidade que os TAEs ainda sofrem na instituição. Esse caso aconteceu há alguns anos, mas poderia acontecer novamente, porque os técnicos com a formação mais abrangente e que ocupam cargos não muito específicos, de nível E ou D, que exige apenas ensino médio, estão à mercê das decisões dos gestores de onde vão trabalhar. Margot também se posiciona em relação ao posicionamento de novos gestores: “A gestão 1998-2002 chegou, não sei se ela teve problema com a gestão anterior, ela demorou muito para enxergar a gente como servidor mesmo não como, sei lá. Ela tinha uma dificuldade muito grande, muito grande, até a gente se adaptar ou ela se adaptar” (Margot, 06 de junho de 2016).

Com as falas de Margot e Liz, inferimos que mudanças de gestão são marcantes para os servidores. Aparentemente, existe certa desconfiança em relação ao trabalho dos TAEs. Margot nos revela mais uma situação vivenciada, porém, com a gestão atual:

E hoje, além da distância física, a gente tem a distância mesmo de trabalho, o máximo que a gente faz é levar papel para a pessoa assinar e hoje a gente tem um pouco mais de facilidade para isso, mas há um tempo atrás a gente, até isso a gente tinha dificuldades de levar papel para as pessoas assinarem. Até não digo isso muito do diretor atual, não, porque ele no começo foi muito assim, o diretor, mas depois ele passou a confiar mais na gente. Mas, assim, quando ele não está aí, a gente precisa da assinatura de alguém pela direção, o que eu posso adiar eu adio, o que eu posso assinar eu assino. O que não dá, é a coisa mais difícil que tem, é super difícil. [...] porque tem uma sensação que a pessoa está desconfiando de você o tempo todo. E assim desconfiar do trabalho, o trabalho está ali, o negócio está ali... (Margot, 06 de junho de 2016).

Nota-se que, mais uma vez, a mudança de gestão é permeada por muitas incertezas para os TAEs e os novos gestores, o que não deveria ocorrer, tendo em vista que as gestões passam e os técnicos permanecem no mesmo lugar, todos os dias, fazendo as mesmas coisas. Em virtude dessas situações e de sua experiência, Margot aponta qual sua visão a respeito de um bom gestor:

Eu até penso, isso sou eu que penso também, o diretor deveria passar por vários, assumir coordenação de curso, assumir coordenação de estágio para depois ele ser eleito diretor, ser diretor, porque a impressão que a gente tem é essa, que falta conhecimento e por falta de conhecimento aí a desconfiança está o tempo todo, a gente fica o tempo todo nessa, pisando em ovos (Margot, 06 de junho de 2016).

Liz tem uma visão mais humanizada e idealista de como deveria ser, não somente as gestões, mas também as relações interpessoais entre professores e TAEs ou a instituição como um todo:

Eu acho que essas diferenças que a gente prega que não devem existir, não deveríamos vivê-las dentro da universidade. A universidade devia ter uma política, dentro da própria universidade, dentro do próprio campus, das pessoas serem mais pessoas, serem mais próximas, respeitar as pessoas, não ver as pessoas com diferença de cor aqui dentro, de tipo físico, de formação, eu acho que as pessoas deveriam ser vistas como as pessoas, não pelo o que tenho, não pelo que fiz, ou pelo que deixei de fazer. Eu sinto isso assim, pode ser coisas da minha cabeça, mas eu não tenho mais 10 anos e nem tenho 5 anos de trabalho, tenho 36 anos de trabalho. Então eu já tive várias experiências, então eu posso fazer o comparativo de tratamento com pessoas, de locais de trabalho, de como trabalhar, de como você está sendo respeitada no seu trabalho, como você sendo aproveitado no seu trabalho, isso eu sei (Liz, 05 de junho de 2016).

Liz observa alguns pontos destoantes do discurso de universidade, universalização do conhecimento, sugere que existem formas diferentes de tratamento entre pessoas, o que nos faz refletir se é esse o projeto de universidade que está sendo construído, se essa é a identidade institucional que está se formando. Pelo que foi constatado até o momento, foram muitas as lutas e as vitórias da categoria, contudo, consta ainda uma pendência em relação à representatividade.

### **3.7 Considerações parciais do capítulo**

Pretendi, neste capítulo, postular a respeito da história institucional a partir das biografias e história contadas pelos técnicos administrativos em educação, por meio do viés sugerido por Bolívar (2014), em que ele propõe que, ao narrar o centro escolar que trabalha, o membro reconhece a si próprio e se obtém, alcança-se não somente a identidade pessoal, profissional, mas também a identidade organizacional. Assim sendo, foi posta aqui a história levantada por meio de pesquisa bibliográfica e confrontada com as narrativas fornecidas, também foram elencados os processos de formação dos TAEs que trabalham em uma instituição que forma pessoas e traçada, ainda, a trajetória da UFG-RC e a forma como ela se relaciona com as histórias de vida desses indivíduos.

Devido ao grande recorte temporal que foi estabelecido para esta pesquisa, não foi possível fazer buscas e análises precisas dos acontecimentos narrados, todos os fatos aqui

mencionados foram descritos superficialmente, pois se priorizou a percepção do entrevistado sobre aquele acontecimento. Embora o TAE não seja o objeto de estudo, foi tratada aqui a representatividade, as lutas e conquistas da categoria, uma vez que essas questões já foram contadas por meio da percepção docente.

Destarte, chega ao final esta pesquisa, que almejou verificar a identidade e perfil dos TAEs da UFG-RC no primeiro capítulo, relatar os acontecimentos dos bastidores institucionais no segundo e tecer a biografização institucional, por meio dos relatos desses sujeitos, no terceiro e último momento. Sendo assim, sigo para as considerações finais do estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Apagaram tudo pintaram tudo de cinza  
A palavra no muro ficou coberta de tinta  
Apagaram tudo Pintaram tudo de cinza  
Só ficou no muro tristeza e tinta fresca”  
(Marisa Monte).

Situada no sudeste goiano, pertencente à região que é cortada pela estrada de ferro, Catalão, desde a década de 1970 do século passado, é reconhecida como polo de desenvolvimento minero-químico e industrial. Com o intuito de formar mão de obra especializada na região, a sociedade catalana buscou meios para implantação de uma instituição de ensino superior, fosse ela pública ou privada. Estabelecidas as conexões políticas internas da UFG, em cumprimento ao projeto de extensão para a interiorização da universidade, foi aprovada a ida da UFG para a cidade de Catalão, *a priori*, para formação de professores, em 1983. Contudo, o vestibular para os cursos de Geografia e Letras só aconteceu no ano de 1986, pois, até então, só eram promovidos na instituição estágios para os alunos de Goiânia.

Efetivada a presença da UFG na região sudeste do estado, a UFG-RC, por meio de convênios com a PMC, ao longo dos anos, foi aumentando o número de cursos e vagas ofertadas, todas nas áreas de educação básica. Em 1996, mais uma vez, por petição pública da sociedade civil, foi instalado o primeiro bacharelado da Regional. A partir de 2006, em mais um programa de interiorização e expansão, novos cursos voltaram a ser implantados. Dessa forma, em meio a muitos embates e conquistas, a Universidade foi sendo forjada em Catalão. Nessa construção, muitos atores estiveram em cena, alunos, professores e técnicos administrativos, que construíram, aos poucos, uma nova face da UFG, uma universidade com características próprias, com uma história própria, com personagens próprios e que, juntos, compõem a identidade institucional da Universidade em Catalão.

No bojo dessa construção de Universidade catalana, muitas histórias e memórias foram produzidas, algumas relatadas por meio de documentos orgânicos, outras se tornaram bibliografia da História da Educação em Goiás. Essas histórias podem ser vistas por diversos ângulos, ser contadas de diversas maneiras, por diversos sujeitos. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender a história da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão sob a perspectiva de Técnicos Administrativos em educação, entre 1987 a 2015. Para alcançar esse objetivo, foi utilizada uma compilação metodológica de levantamento

bibliográfico, pesquisa documental em fontes primárias e secundárias e entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas foram realizadas, todas, seguindo os parâmetros estabelecidos pelo Comitê de Ética da UFG e participaram delas cinco indivíduos que integram e estão em atuação no corpo técnico administrativo federal da UFG-RC. Ademais, as entrevistas foram norteadas pela teoria de Bolívar (2014) de que “Narrar a organização educacional: Memória institucional, e constituição da identidade”, por isso busquei empregar o método de Histórias de Vida.

Diante do estabelecimento do objetivo geral, foi postulado o objetivo específico: Como cheguei a ser o que sou: técnico administrativo em educação na UFG-RC – que foi tratado no primeiro capítulo deste estudo. Adiante, foi realizada uma discussão teórica, baseada em Hall (2006) e Dubar (2009), sobre a construção das identidades dos sujeitos, especificamente, os que constituem nosso *corpus* de pesquisa. Sendo assim, foi descrito o perfil dos TAEs e levantadas informações dos documentos contidos no Departamento Pessoal da UFG-RC.

Ainda no primeiro capítulo, foram apresentados os participantes entrevistados, os processos e as Histórias de Vida destes e o que os levaram a se tornarem técnicos administrativos em educação, bem como apresentadas suas trajetórias na instituição e como a história institucional está entranhada em suas biografias, o que me levou a concluir que eles se identificam com a organização em que trabalham.

O objetivo específico seguinte, os bastidores da RC-UFG diante das atividades dos técnicos administrativos, foi discutido no segundo capítulo, acompanhado de uma comparação entre as atividades fim e meio, com as características de uma peça de teatro, em que alunos e professores estão em cena e os técnicos administrativos estão nos bastidores para dar apoio ao espetáculo. Nesse capítulo, foram abordadas questões sobre como esses sujeitos se enxergam em meio às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Apresentada a função educadora dos TAEs e a necessidade da formação acadêmica desses servidores, foi apontado como se dá a carreira técnica administrativa nas IFES e elaboradas estatísticas sobre a qualificação desses profissionais. Percebi, ainda, que alguns TAEs não se sentem valorizados ou compreendidos na UFG-RC, mesmo detendo o conhecimento institucional, pois relatam as precarizações de seus trabalhos, que culminam nos desvios de função e terceirizações.

Por fim, o terceiro objetivo específico desta pesquisa foi compreender a biografia institucional da UFG-RC, a partir das histórias de vida de seus servidores técnicos

administrativos. Portanto, tratada no capítulo três, foi traçada, objetivamente, a trajetória da UFG-RC e como seus TAEs acompanharam essa história por meio de suas memórias, retomando-se as discussões sobre como se constituiu as identidades narrativas pessoal, profissional e organizacional.

Enfim, foi possível um levantamento de como se deu o ensino superior em Catalão e os TAEs puderam fazer considerações a respeito da importância da UFG-RC para o desenvolvimento da cidade e da imagem institucional. Nesse capítulo, registrei como se deu o processo de expansão e interiorização na regional e o conseqüente crescimento institucional e dos recursos humanos administrativos. Constatei que, para os TAEs, a implantação desse programa de governo foi observado como importante para a categoria, mas precisa de parcimônia para a manutenção.

No mesmo capítulo, foi inferido da fala dos técnicos que, embora a UFG tenha promovido a interiorização da educação superior em Goiás, não houve um comprometimento integral em fortalecer os *campi* de interior. Sendo assim, a Universidade em Catalão foi criando sua própria personalidade e, cada vez mais, tornando-se independente e ampliando sua própria identidade. Em se tratando de autonomia, os TAEs consideram que, mesmo a UFG não dando suporte para que isso aconteça, ela centraliza algumas funções que poderiam já ser executadas na UFG-RC.

Expostas as argumentações dos TAEs a respeito da instituição, abordamos as lutas, as vitórias e suas representações enquanto categoria e averiguamos que, efetivamente, a representação sindical se deu depois dos programas de expansão e interiorização de 2006, mas que ainda é tímida, uma vez que é uma categoria que está em formação e há certa apatia em relação às lutas de classe. Além disso, apontamos a vulnerabilidade dos TAEs na instituição, principalmente em época de mudança de gestão.

Para o fechamento das ideias elencadas nesta investigação, eu, Flávia, servidora TAE da UFG-RC desde 2009, posso apontar que a visão organizacional do servidor técnico administrativo é diferenciada das demais categorias e, embora o técnico queira se posicionar como profissional da educação, suas observações estão mais voltadas para as questões práticas e objetivas do trabalho, deixando as questões políticas e pedagógicas por conta de professores e gestores, o que já define bem qual o seu papel dentro da instituição. Enquanto arquivista, acostumada a analisar documentos oficiais, trabalhar com narrativas e histórias de vida dos TAEs, foi uma experiência ímpar para minha formação pessoal e pude concluir que esses servidores buscam formação acadêmica não somente para obterem vantagens pessoais, mas também para não ficarem alienados do processo educacional do ensino superior.

Não posso deixar de mencionar aqui que verifiquei a expectativa criada pelos TAEs em relação à criação da Universidade Federal de Catalão (UFCat), tanto que suas narrativas estavam permeadas desse assunto, por isso, não pude deixar de analisá-las, tendo em vista que, por meio delas, esboça-se o modo como esses sujeitos pensam a Universidade e que modelo de Universidade querem para Catalão, uma vez que eles não reconhecem esse espaço como a mesma UFG que está em Goiânia.

Sendo assim, considero que a História da UFG-RC nas narrativas de seus servidores técnicos administrativos está posta e que, nesse sentido, traz uma contribuição acadêmica tanto para a História das instituições escolares quanto para a metodologia de histórias de vida, e aumenta a bibliografia a respeito dos TAEs. Aponto que foi feito um recorte temporal muito extenso e que alguns aspectos das falas dos entrevistados não foram analisados, tais como relações interpessoais, visões de gestão universitária, infraestrutura, personalidades marcantes e influências políticas na UFG-RC. Porém, para todos esses assuntos foram gerados dados e materiais que, possivelmente, podem resultar em futuras publicações.

Observo, por último, que mais investigações podem ser produzidas a partir de perspectivas de diferentes sujeitos da UFG-RC, tais como professores, alunos ingressos e egressos, terceirizados e outros TAEs sobre como se deu a construção da Universidade em Catalão. Aprendi que, diferentes sujeitos, em diferentes situações, contemporâneas ou não, podem construir ou reconstruir a memória institucional de um centro escolar.

## REFERÊNCIAS

A EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS E A VOCAÇÃO REGIONAL: CAMPUS CATALÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Disponível em: <[http://www.diagramaeditorial.com.br/universitas/trabalhos/\\_zpages/\\_trabalhos/eixo4/maria\\_jo\\_se\\_da\\_silva.pdf](http://www.diagramaeditorial.com.br/universitas/trabalhos/_zpages/_trabalhos/eixo4/maria_jo_se_da_silva.pdf)>. Acesso em: 02 abr. 2017.

ANÁLISE SOBRE A EXPANSÃO DAS UNIVERSIDADES FEDERAIS 2003 A 2012. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=12386analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12386analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 05 abr.2017.

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães. **A Extensão Universitária**: uma terceira função. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, 1992.

ALVES, Fernanda Lino Formigli. **Gestão universitária sob a perspectiva dos técnicos administrativos**: estudo de caso em uma Instituição Pública de Minas Gerais. Ed. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/111091.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111091.htm)> . Acesso em: 14 out. 2014.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18112cons.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18112cons.htm)> . Acesso em: 20 maio 2015.

BRASIL. Casa Civil. Decreto nº 5.824, de 29 de junho de 2006. Estabelece os procedimentos para a concessão do incentivo à qualificação e para a efetivação do enquadramento por nível de capacitação dos servidores integrantes do Plano de Carreira dos Cargos Técnico Administrativos em Educação, instituído pela Lei nº 11.091, de 12 de janeiro de 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5824.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5824.htm)>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BRASIL. Lei nº 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 05 abr. 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Ed. Porto Editora, 1994.

BOLÍVAR, Antonio. Narrar la Organización Educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: ABRAHAO, M. H. M. B.; BOTÍA, A. B. **La investigación (auto)biográfica en educación**. Granada: Ed. Universidad de Granada, 2014.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNANDEZ, M. **La Investigación Biográfico-Narrativa em Educación**: enfoque y metodología. Madrid: La Muralla, 2001.

BOTTO, Carlota. A Liturgia da Escola Moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. In: **História da Educação (on-line)**. Porto Alegre, p. 99-127, 2014.

CAPELLE, Rosana Vidgal Santiago. **Grupos Escolares, Pesquisa Histórica, questões teóricas metodológicas**: a história oral em destaque. Ed. Foco. N. especial. p. 131-143, mar./ago. 2007.

CASTRO, Ana Caruline de Souza. Os Trabalhadores Técnico-Administrativos em Educação da Universidade Federal de Goiás: trabalho, profissionalização e gestão da educação superior. In: **II seminário da linha de pesquisa “trabalho, faculdade de ciências sociais” – UFG**. 16 e 17 de outubro de 2014. Anais... Disponível em: <<https://nest.cienciassociais.ufg.br/n/76231-trabalho-esociedade-transformacoes-identidades-e-conflitos>>. Acesso em: 20 maio 2015.

COUTINHO, Maria Chalfin; DIOGO, Maria Fernanda; JOAQUIM, Emanuelle de Paula. Sentidos do trabalho e saber tácito: estudo de caso em universidade pública. **Psic.** São Paulo, v. 9, n. 1, p. 99-108, jun./2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-73142008000100012&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142008000100012&lng=pt&nrm=isso)>. Acesso em: 11 fev. 2017.

DOURADO, Luiz Fernandes. Expansão e Interiorização da Universidade Federal de Goiás no anos 80: a parceria com o poder público municipal. In: SANFELICE, José Luís. **Anais do IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: História, Sociedade e Educação no Brasil**. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1997. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario4/index.htm](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario4/index.htm)>. Acesso em: 30 out. 2016.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

ESCOLA de Gestores da Educação Básica. **Atividades-Meio e Atividades-Fins**. Disponível em: <<http://moodle3.mec.gov.br/ufms/file.php/1/gestores/vivencial/pdf/atividademeiofim.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

FARIAS, Marizeth Ferreira. **Universidade Federal do Tocantins (Campus de Arraias) [manuscrito]: história, expansão e perspectivas atuais**. 2013. Disponível em: <[http://tede.biblioteca.ucg.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=1600](http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1600)>. Acesso em: 20 out. 2015.

FEDERAÇÃO DE SINDICATOS DE TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS – FASUBRA. Disponível em: <<http://www.fasubra.org.br/documentos/fasubra.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

FERRARESI, Ana Lúcia. Sugerindo Estratégias de Gerência para IFES. III **Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur**, Buenos Aires, 2003. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/116250/FERRARESI.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

FONSECA, João Eduardo do Nascimento. **Novos atores na cena universitária**. Rio de Janeiro: UFRJ/NAU, 1996.

FRANÇA, Bárbara Heliodora. **O Barnabé: Consciência política do pequeno funcionário público**. São Paulo: Cortez editora, 1993.

GATTI, Décio Junior. Lugares, tempos e saberes em História da Educação nas instituições de formação de professores no Brasil. **Eccos – Revista Científica**. São Paulo, v. 7, n. 2 p. 369-395, jul./dez. 2005.

GONZAGA, Yone Maria. **Trabalhadores e trabalhadoras técnico-administrativos em educação na UFMG: relações raciais e a invisibilidade ativamente produzida**. 2011. Dissertação – Mestrado em Educação: Conhecimento e Inclusão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2011.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Histórico de Catalão, 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=520510>>. Acesso em: 30 out. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed.. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÉVY-LEBOYER, C. **A crise das motivações**, São Paulo, Atlas, 1999.

MAGALHÃES, Elenice Maria de. A política de treinamento dos servidores técnico administrativos da Universidade Federal de Viçosa (UFV) na percepção dos treinados e dos dirigentes da instituição. **Rev. Adm. Pública** [online], 2010, vol.44, n.1, p.55-86. ISSN 00347612. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122010000100004>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MIGUEL, Maria Elisabeth Blank. A História, a memória e as instituições escolares: uma relação necessária. **Cadernos de História da Educação**, v.11, 1- jan./jun. 2012.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. Instituições Escolares: por que e como pesquisar. In: \_\_\_\_\_. **História e Filosofia de Instituições Escolares**: avaliação de uma linha de pesquisa. Parte integrante de relatório final – CNPQ, 2008.

OLIVEIRA, Antônio Barbosa de. A casa de Minerva: entre a ilha e o palácio - A problemática dos discursos e lugares. In: **ANPUH - XXV Simpósio Nacional de História** – Fortaleza, 2009. Anais... 2009.

PROJETO RONDON. Disponível em: <<http://www.rondon.ufpa.br/index.php/o-que-%C3%A9o-projeto-rondon.html>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

RIBEIRO, C. V. dos S. **Trabalho técnico-administrativo em uma instituição federal de ensino superior: análise do trabalho e das condições de saúde**. 2011. Tese – Doutorado em Psicologia – Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANFELICE, José Luís. História e historiografia de instituições escolares. **Revista HISTEDBR On-Line**. v. 9, n. 35, 2009.

SANTOS, Adelmária Ione dos (Org.), et al.. **A gestão pública na visão dos técnicos administrativos em Educação das Universidades Públicas e Institutos Federais**. São Paulo: Digital Books, 2014.

SANTOS, Évani Larisse dos. **Ganhos de produtividade e qualidade na UFAM**: um estudo sobre a capacitação dos servidores. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: <<http://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3527>>. Acesso em: 05 jun. 2016.

SAVIANI, D. Competência técnica e compromisso político ou (O pomo da discórdia e o fruto proibido). **Educação & Sociedade**. n. 15, p. 111-143, 1983.

SCHMIDT, Saraí. Discutindo a educação para o consumo em tempos de juventude líquida. In: **Cadernos Zigmunt Bauman**. Vol. 2, n. 4, ISSN 2236-4099, 2012.

SILVA, Maria José da. **A História do Campus Catalão UFG – 1983-2002**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

SILVA, Luiza Virgínia de Castro. **O papel do servidor técnico administrativo na gestão universitária do campus da Universidade Federal do Ceará no Cariri**. 2010. 88 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza-CE, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2801>>. Acesso em: 20 out. 2015.

SINF-IFES. Disponível em: <<http://www.sint-ifesgo.org.br/historia>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

SOUZA, Mariana Pecoraro de; GATTI JÚNIOR, Décio. História, História da Educação e Instituições Escolares: aspectos teórico-metodológicos. In: **II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais**: fontes, categorias e métodos de pesquisa em história da Educação, 6 a 9 de maio de 2003, Uberlândia – Minas Gerais – Brasil. Anais... Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/nephe/images/arq-indnome/eixo1/completos/historia-historia.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Disponível em: <<https://www.catalao.ufg.br/n/68817-relatorio-da-gestao-2011-2014-da-regional-catalaoesta-disponivel-para-download>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Disponível em: <<https://www.ufg.br/p/6405-historia>>. Acesso em: 02 abr. 2017.

CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE CATALÃO. Disponível em: <<http://www.cesuc.br/Historia-,INF,TnnpnPQ,TVE9PQ.rb>>. Acesso em: 03 abr. 2017.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Informação e conhecimento em organizações complexas. In: \_\_\_\_\_. **Gestão da informação e do conhecimento no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Polis Cultura Acadêmica, 2008.

VALLE, Arthur Schlunder. **Trabalhadores técnicos-administrativos em educação da UFMG**: inserção institucional e superação da subalternidade, 2014.

\_\_\_\_\_. ¿De nobis ipsis silemus?: epistemologia de la investigación biográfico-narrativa em educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**. Vol. 4, n. 1, 2002. Disponível em: <[www.redalyc.org/articulo.oa?id=15504103](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=15504103)>. Acesso em: 06 jul. 2015.



## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA (BOBY)

**Pesquisador 2<sup>20</sup>: de 13 de Abril de 2016. A entrevista é em função do projeto de pesquisa da Flávia, que é estudar a Regional Catalão da UFG a partir da perspectiva dos técnicos administrativos. Bom, para começar queria que você falasse um pouco de sua vida, onde nasceu, quando nasceu, família, nome completo, idade, essas coisinhas básicas.**

Boby: Então, eu nasci em Catalão mesmo, 5 de julho de 1978, a família é tradicional da cidade também. A família do meu avô veio de Minas, Patrocínio, e meu pai já nasceu aqui em Catalão. Meu pai foi o sexto filho então metade de 12, metade da família do meu avô nasceu em Minas e a outra metade nasceu aqui em Catalão. E tirando a filha mais velha todos moram aqui em Catalão. Então, a família é catalana, por assim dizer. Nasci e fui criado aqui, estudei só nas escolas daqui da cidade também.

**Pesquisador 1<sup>21</sup>: Públicas ou particulares?**

Boby: Só escolas públicas.

**Pesquisador 2: Quais escolas?**

Boby: Estudei no colégio Mãe de Deus.

**Pesquisador 1: Era conveniada?**

Boby: Era sim conveniada, mas era considerada escola pública. Estudei no Joaquim de Araújo, onde eu fiz o prezinho na época, primeira e segunda série. A terceira e a quarta série eu fiz no colégio Wilson Democh, que é Boca da Onça, chamado Boca da Onça<sup>22</sup>. Depois voltei para o Joaquim de Araújo. Não, perdão, pulei. Eu fiz a primeira e a segunda série no Joaquim de Araújo, fiz a terceira e a quarta no Boca da Onça, aí fui para o Mãe de Deus, lá eu fiz a sexta, a sétima e a oitava. Aí fui para o Polivalente, lá eu fiz o segundo grau, primeiro, segundo e terceiro ano no colégio Polivalente. Depois disso eu estudei no Anice Cecílio, fiz um ano de magistério e aí fiz o vestibular e vim fazer Geografia aqui na UFG.

**Pesquisador 2: Você nasceu em que ano?**

Boby: Em 78.

**Pesquisador 2: Em 1978. E sua escolarização foi com reprovação ou sem reprovação?**

Boby: Eu tive uma reprovação no primeiro ano, mas essa reprovação foi totalmente malandragem.

**Pesquisador 2: 6 anos, 7 anos?**

---

<sup>20</sup> Professor Dr. Wolney Honório Filho

<sup>21</sup> Pesquisadora Flávia Velloso Alves

<sup>22</sup> Antiga denominação da região do Bairro São Francisco e sul do Bairro Nossa Senhora de Fátima.

Boby: Não.

**Pesquisador 1: No ensino Médio?**

Boby: No primeiro ano do ensino médio, de malandragem. Eu estava estudando de manhã, a gente tinha uma turminha de amigo, todos sem vergonha, e em vez de estudar, ficávamos jogando sinuca, brincando no boteco, ficava no boteco de frente, atravessava a rua.

**Pesquisador 2: Qual colégio mesmo?**

Boby: Polivalente. E eu queria estudar à noite e eu estudava de manhã, doidinho para estudar à noite.

**Pesquisador 2: Por quê?**

Boby: Porque a maioria dos meninos falava que à noite era bom demais, que à noite podia fazer muito mais farra e bobagem, bobagem, bobagem e não dei atenção. Tomei bomba em Biologia, nas outras matérias passei.

**Pesquisador 2: Então quer dizer que você não precisava trabalhar para estudar?**

Boby: Não. Na época trabalhava meio período, numa serigrafia.

**Pesquisador 2: A partir de quantos anos?**

Boby: Ah, na quinta série, uns 11 anos de idade comecei a trabalhar. Não por precisão, mas para ganhar um pouquinho. Ganhava meio salário, e comecei a trabalhar, gosto de contar isso para todo mundo. Porque um dia saí com os amiguinhos, saí assim, aí fui pedir um dinheiro para meu pai que nem deu para comprar uma coca média, aí disse não, ah, vou trabalhar! Aí fui trabalhar na serigrafia com 11 anos. Aí tinha um dinheirinho e eu achava bom. Quando eu fiz a conta do dinheiro, um namorado de uma prima minha, o Zé Maurício, me perguntou quanto eu queria ganhar, e para mim foi uma coisa, fiquei pensando quanto que quero, aí fiz a conta em gibi e desci lá na lojinha, que tinha banca que vendia gibi, muito bonita. Aí fui lá e vi os gibis que eu queria comprar todo mês, porque vinha mensalmente 4 ou 5 gibis, somei o valor dos gibis e mais a Coca-Cola do final de semana, que era o que dava. Aí eu levei escrito no papel e disse para ele o que queria ganhar, isso aqui.

**Pesquisador 2: E aí ele pagou?**

Boby: Pagou um pouco mais ainda, nossa me dei bem, estou ganhando bem demais.

**Pesquisador 2: Você trabalhou até quando?**

Boby: Eu trabalhei... comecei na quinta série, quinta, sexta série, aí fiquei um tempinho sem trabalhar, porque o Zé Maurício fechou a serigrafia dele, aí mas um tempinho mesmo, coisa de 3 meses sem trabalhar. Depois outro amigo meu, Zé Luís, tinha outra serigrafia e me chamou para trabalhar com ele, aí eu fui e trabalhei até o primeiro ano do segundo grau. Aí fui estudar no Polivalente e realmente não me lembro porque parei de trabalhar na serigrafia,

mas eu parei de trabalhar na serigrafia e fiquei por conta somente de estudar. Depois voltei, comecei a trabalhar com um tio meu, que é o Ronaldo Pato, que tinha uma empresa terceirizada na Copebrás e fui trabalhar com ele no escritório, pois ele precisava de alguém para ajudar no escritório

**Pesquisador 2: Isso no ano que você tomou bomba também?**

Boby: Foi depois, nesse ano que tomei bomba, engraçado o ano que tomei bomba é o que eu não estava estudando, só bobagem e tomei bomba.

**Pesquisador 2: Só estava estudando?**

Boby: Só estudando e não trabalhando, e tomei bomba.

**Pesquisador 2: Depois que tomou bomba fez de novo o primeiro e depois começou a trabalhar?**

Boby: Comecei a trabalhar com esse tio meu, o Ronaldo. E aí eu já estava estudando à noite, aí já fui para a noite porque queria ir para a noite. A noite tinha aquela coisa, que falavam de... minha mãe morria de medo de que era só droga, pois todo mundo falava que era só maconha.

**Pesquisador 2: Que ano que era?**

**Pesquisador 1: Você tinha quantos anos?**

Boby: Eu tinha 15 anos.

**Pesquisador 1: Você hoje está com uns 40?**

Boby: Não, que isso, estou com 37. Vou fazer 38 esse ano. Não me lembro o ano certinho.

**Pesquisador 2: Você começou a estudar com quantos anos?**

Boby: 7 anos na primeira série. Eu devia ter uns 17 anos, em 1995.

**Pesquisador 2: Você fez o vestibular com quantos anos?**

Boby: Que eu me lembre, em 1997, foi o ano em que terminei o terceiro ano à noite.

**Pesquisador 2: Aí você já fez o vestibular imediatamente?**

Boby: Não, fiz não, aí fui fazer o magistério.

**Pesquisador 2: Magistério? E fez?**

Boby: Não, fiz só um ano. E fui fazer porque o magistério só tinha menina e achávamos a coisa melhor do mundo. Aí um colega meu foi fazer... cada um foi para um lado. Nenhum da minha turma do segundo grau foi para o vestibular direto, todo mundo foi fazer um curso técnico, ou fazer alguma outra coisa, fazer contabilidade e a maioria foi para o magistério. Eu acho que tinha magistério também no João Netto de Campos.

**Pesquisador 2: A formação no ensino médio no Polivalente era Contabilidade?**

Boby: Não, Científico.

**Pesquisador 2: Em que ano você entrou na universidade?**

Boby: Entrei na universidade em 2001, três anos depois terminei aí fui fazer o vestibular.

**Pesquisador 1: E o que te despertou, ah, agora vou fazer uma universidade?**

Boby: Eu trabalhava com o tio meu, Ronaldo e fui trabalhar na Câmara de Vereadores, na época o presidente era o Carvalho. Lá eu conheci o Souza Filho, o Ricardão do Conselho Tutelar, eles trabalhavam lá também e falavam muito da universidade. Falavam que ia ser bom. E realmente eu estava parado, eu queria fazer, mas eu tinha uma tendência para História, eu gostava muito de História, mas eu tinha o Zé Luís, uma pessoa com quem trabalhei também na serigrafia, ele tinha acabado de entrar e estava fazendo Geografia e falando muito bem da Geografia. Mostrava os trabalhos que tinha feito no computador, eu achava muito legal, aqueles mapas, perfil geológico e até muito bonitos, porque ele fazia uns trabalhos muito bonitos mesmo. E minha irmã fez Geografia e tinha gostado do curso. Eu fiquei na dúvida entre História e Geografia, e vim para Geografia. Além disso, o Souza Filho com quem eu convivia bastante estava na Geografia, então acabei optando por Geografia e vim para cá.

**Pesquisador 2: Você trabalhou na Câmara quantos anos?**

Boby: Eu trabalhei dois anos.

**Pesquisador 2: E depois?**

**Pesquisador 1: O que você fazia na Câmara?**

Boby: Era atendente de gabinete, fazia de tudo, o que precisava fazer, fazia. Então fazia ofício, tirava fotocópia e fiquei muito tempo o homem que copiava, pois só eu podia mexer na máquina de xerox, todo mundo que mexia estragava. Mas aí eu trabalhei na Câmara 2 anos, passei no vestibular ainda na lá, eu estava na Câmara ainda. E aí mudou a prefeitura, entrou o Adib Elias, quem estava na Câmara e tinha apoiado o prefeito aí foi para a prefeitura, isso era até esperado, tradicional. Aí comecei a trabalhar na prefeitura na SMT, trabalhava com o Cleiton César, que era o chefe de gabinete na Câmara. O Cleiton é primo meu torcido, ele é filho bastardo do meu padrinho, mas a gente se dá muito bem, aprendi muito com ele. Ele era muito inteligente, sagaz para estas coisas da política, era bom estar junto com ele. Ele foi para a SMT e me chamou, e eu fui. E lá na SMT eu trabalhava na área administrativa. Eu fiquei de 2001 até 2006, que foi quando prestei o concurso aqui para a UFG.

**Pesquisador 2: Você fez o curso de Geografia em 4 anos?**

Boby: Foi, 4 anos.

**Pesquisador 2: Voltando um pouquinho no ensino fundamental e médio, o que te chamou a atenção na sua formação escolar nesse período?**

Boby: Você fala? ...

**Pesquisador 2: O que você aprendeu, o que não aprendeu, o que foi bom e o que foi ruim?**

Boby: Eu gostava muito de História, de Geografia gostava também, mas eu gostava mais de História, e Português sempre gostei. Eu tinha um professor que era o Roni Alexandre, que era muito... gostava de chamar atenção para o português, principalmente nas pegadinhas do português. Nessa época aprendi a diferença entre mal com l e mau com u, nunca mais esqueci. Isso é coisa que sempre cai em concurso público e o povo errava, e eu ficava besta que erravam essa coisa. E como estudei em escola pública, engraçado que eu conversava com uns colegas que estavam no Anchieta e eu tinha aprendido coisas que eles não tinham visto. Eu achava que a escola pública em parte era até melhor, ao escola particular tinha mais estrutura e tal, mas o ensino que era oferecido ali na escola pública, pelo menos a percepção que eu tinha, eu achava que era até melhor. E eu gostava muito de leitura, meus professores de Português incentivavam muito isso. De História eu sempre gostei muito, de ler principalmente enciclopédia, contava aquele resumo da história. Então eu achava muito legal. Nunca gostei de ciências exatas: Física, Química, Matemática. Física teve uma época que eu a achava muito interessante, mas era o que, uma professora muito boa. Ela usa muito os exemplos do cotidiano da gente e nessa época essa professora já usava, ela pegava e colocava os carrinhos para andar, aplicava a fórmula ali. Os de Matemática não, era aquela forma de Baskara, para que serve essa fórmula, diziam não aprendi.

**Pesquisador 2: Além das diversões que a escola proporcionava, ela também ensinava.**

Boby: Ensinava sim.

**Pesquisador 2: Você vê relação entre esses itens que chama atenção do seu aprendizado e o fato de você ter passado tanto no vestibular quanto no concurso?**

Boby: Acho que sim, mas principalmente essa é minha percepção. Os colegas chegavam em mim, era época de prova e ficava aquela tensão em sala de aula, isso foi desde o primeiro ano. Sempre aquela tensão, você estudou, você estudou e eu nunca estudava, chegava e fazia a prova. Nunca era notona, mas na época, teve uma época que eu chorei porque tirei 98, porque eu só tirava 100, 100, isso da primeira à quarta série, só tirava 100. Uma vez tirei 98 quase morri, porque achei muito ruim. E depois que fui da quinta série para frente, eu também relaxei. Quinta e sexta série comecei a ficar um pouquinho malandro e estudando no Mãe de Deus e tinha um primo meu lá, Paulo Renato, e ele era um capeta. Só que ele era muito bonzinho, muito simpático, mas matava aula, ele caçava briga com os meninos, fazia anarquia na escola e certa vez fez um vandalismo no Mãe de Deus. Eu estava sempre com ele porque eu era um trouxa, eu sempre acompanhava ele nessas coisas, aí ele me falava que eu não

precisava tirar 100, só ficar na média. Aí me deu um estalo, e disse é mesmo, só preciso ficar na média, não preciso ser o melhor aluno da sala. Ele me érguntava o que eu ganhava se eu tirasse a maior nota. O povo vai ficar com raiva de você e vão te chamar de mongol, porque na época tinha isso, o *bullying* era te chamar de mongol, de retardado e a escola deixava isso acontecer. Então, me chamar de mongol quero não. Enfim, eu nunca estudei, quando chegava uma prova saía bem e vim para a universidade aqui, era a mesma coisa. Uma coisa que me indignava demais era quando via meus colegas colando, e preferia tirar uma nota baixa do que colar, eu não colo. Sair bem ou mal na prova, eu não colo. E via meus colegas que tiravam nota maior do que eu, tudo colando. Desesperados para tingir a média, que era 7,5. E se eu não atingir a média 7,5, eu faço a quinta prova, não quero ser o melhor aluno. Aqui teve na universidade, não de professor, mas cobrança dos colegas, se seu histórico for muito ruim você não vai para o mestrado, você não vai conseguir fazer o mestrado, eles não pegam aluno abaixo da média, só o que está na média. Mas na época eu não ligava para isso, então assim foi e continuou. Nunca fui reprovado em nenhuma disciplina, mas raro era a disciplina que em eu não passava sem a quinta prova, praticamente todas.

**Pesquisador 2: Mas o nível de reprovação da Geografia era alto naquela época.**

Boby: Era alto, tinha muitos colegas. Na época que eu entrei, entravam 45 alunos, a turma era dividida em 2 turmas, na época tinha sala, tinha professor. Os próprios professores incentivavam uma turma a competir com a outra, era o trem mais engraçado. Era que a turma B tem uns alunos que estão com a média melhor e ficava nessa competição besta. E chegava no segundo ano, de 45 sobravam 20, 30m mas reprovava muita gente. Eu nunca fui reprovado não e nossa turma, depois que foi para o segundo ano, ficou muito boa, unida. Tinha o Gabriel de Melo que quando vinha na aula, que ele não vinha também, chamava a atenção, era liderança muito boa e ele também tinha esse discurso de não estudar, mas de passar com o mínimo. Durante a graduação tinha muita gente que colava, se esforçava, tirava média alta, queria agradar o professor. Lá o objetivo de vida de muita gente era agradar à Estevâne. A esposa do Idelvane, porque a Estevâne era muito exigente, então todo mundo queria tirar uma nota alta com ela. A Helena Angélica era outra que todo mundo queria impressionar, então eu não, estava lá, se passasse, passasse. Porque eu sabia que tinha chances demais, se você tomasse bomba na quinta prova ainda tinha segunda época, então eram chances demais, era muito difícil o sujeito reprovar.

**Pesquisador 1: Que ano mesmo você passou no vestibular?**

Boby: Eu comecei em 2001, meu número de matrícula era 0119978, que eu achava bom era que era o ano que eu nasci, achava engraçado. Achei bom também porque eu passei em

terceiro lugar, e na época Geografia era concorrida, porque tinha poucos cursos, mas era concorrido.

Acho que eram 7 por vaga que dava. O que era mais concorrido era Ciência da Computação, que era 10.

**Pesquisador 2: A formação do geógrafo, como você vê isso hoje, para você, para sua vida?** Bobby: Eu aprendi muito, principalmente a concepção política, a gente chega à universidade achando que entende, que sabe, então aqui aprendi bastante, realmente para ver o mundo. Por exemplo, eu era direitão, contra o sem-terra sem saber, sem conhecer. Se existisse o bolsa família, provavelmente eu ia ser contra também. Então aqui na universidade eu aprendi a enxergar a atualidade. Como eu gostava muito de História, grande parte da Geografia é ler a história também, os desdobramentos históricos no mundo atual. Então eu me dava bem nessas matérias que não tinham muita ciência exata envolvida. Porque realmente isso me dei muito bem na matéria da Estevâne, que trabalhava os índios, as linhas históricas, porque ela traçava desde a acumulação de riquezas no feudalismo, até a revolução industrial e tudo aquilo eu já tinha visto, só que tinha visto superficialmente. Aí vinha com a teoria em cima, acho que meus colegas morriam de raiva porque tinha os seminários e eu dava show. Porque eles ficavam muito vidrados na teoria e eu pegava todo aquele conhecimento da História mesmo e traduzia aquilo para o popular, para o informal e sempre tirava nota boa com ela. Mas eu não fazia isso porque queria impressioná-la, porque era fácil.

**Pesquisador 1: Então você foi mais para a geografia humana do que a geografia física.**

Bobby: É mais geografia humana.

**Pesquisador 1: Mas engraçado que você entrou na Geografia porque via os mapas do seu colega, era para você ter ido mais para a geografia física.**

Bobby: É porque eu achava os mapas que o Zé Luís fazia muito bonitos e tal.

**Pesquisador 2: Mas ali dentro do curso de Geografia você visualizava uma profissão, sei que você trabalhava desde menino, mas dentro do curso de Geografia você já visualizava, projetava uma profissão para você?**

Bobby: Não projetava.

**Pesquisador 2: Nem de geógrafo?**

Bobby: Nem de geógrafo e nem de professor de Geografia.

**Pesquisador 2: Porque não queria ser professor?**

Bobby: Não, não projetava. E na época eu estava trabalhando na prefeitura como servidor comissionado e não ganhava mal, ganhava até razoável, mas foi um dia que despertei e por mim eu continuaria assim, naquela vida de servidor comissionado. Mas um dia eu estava lá na

SMT, trabalhava muito lá porque o subentendente era o Cleiton, mas ele ficava cuidando mais dos afazeres particulares dele, ele tinha lancha, tinha outro comércio. Então ele ficava na rua e eu tomava conta de tudo ali dentro. E às vezes eu ficava muito cansado com aquilo. Então um dia chegou um senhor lá, hoje eu nem lembro o nome dele, e conversando essa coisa de ser comissionado, servidor público e tal, ele falou assim “mas eu acho muito bom essa vida, tem 20 anos que sou funcionário do doutor Adib, bom demais.” E ele na época tinha 40 anos. Falei então o senhor é mais velho que eu, ele tinha 40 anos e eu tinha 27 anos, falei assim que não quero chegar aos 40 anos e ser comissionado, dependente de emprego de prefeitura não. E aí fui fazer concurso público.

**Pesquisador 1: Então esse não o primeiro concurso público que você fez?**

Boby: Não, fiz não. Eu passei em um antes de passar na UFG, quando despertei que não queria ser servidor comissionado mais não, aí fiz o concurso público para bombeiro, passei nesse concurso do bombeiro, só que eu fui reprovado na prova física.

**Pesquisador 2: Bombeiro tem a ver com as brincadeiras de infância ou não?**

Boby: Não, tem não. É porque é o que surgia. Fiz o concurso para agente de trânsito da SMT, mas isso foi antes, esse fiz sem seriedade, só para fazer mesmo. Esse do bombeiro eu fiz sério, queria sair da SMT, fiz corpo de bombeiro, passei, mas tomei bomba na prova física. Aí tomei a decepção porque se tivesse prova física eu não faria mais. E aí logo surgiu o concurso da UFG, aí nesse concurso o salário inicial era mais baixo do que o que eu ganhava na prefeitura. Mas eu estava doidinho para sair da prefeitura. E fiz o concurso e vim para cá. Eu sempre tive uma facilidade muito grande de fazer avaliação, mas acho que isso é até uma coisa ruim. Porque eu não sei estudar, mas eu sei estudar, se você me der uma legislação ou alguma coisa assim que eu preciso descobrir uma brecha então eu pego, eu acho, estudo e vejo. Agora me dá um texto, eu tenho uma dificuldade tremenda, eu nunca estudei. Sempre fiz prova, passei e nunca estudei, nem na graduação estudava. Eu via as aulas assim, mas não colava. Minhas notas não eram as *top*, mas não eram. Mas hoje tenho uma dificuldade grande, quando me falam que eu tenho que estudar um conteúdo que eu não tenho interesse.

**Pesquisador 2: Você estudou para passar no concurso?**

Boby: Não.

**Pesquisador 2: Nem para técnico administrativo?**

Boby: Não.

**Pesquisador 1: E que milagre foi esse, não foi concorrido?**

Boby: Foi concorrido, deu na época, hoje são uns 300, mas foram na época uns 45.

**Pesquisador 1: Você fez pela sua vivência?**

Boby: É, a parte que pesava mais do concurso para técnico era justamente o direito administrativo, que eu conhecia muito, pois eu trabalhava na SMT nessa área administrativa, então conhecia muito legislação de trânsito. E também do trâmite do processo do administrativo, então tudo o que caiu eram coisas que já tinha visto. A parte de educação caiu muito pouco, assim muito pouco mesmo, e de 40 questões fiz 32. Até achei que não dava para passar porque a do bombeiro passei raspando, o que me salvou no concurso do bombeiro foi a redação. A redação eu fechei ela, a dos bombeiros. Porque até se fosse pelas questões mesmo no concurso de bombeiro eram 40 e acertei 27, mas a redação me jogou lá em cima, aí eu passei. Agora esse da UFG achei muito tranquilo.

**Pesquisador 2: Quando você entrou depois do concurso quais foram as funções que deram trabalhar aqui?**

Boby: Então aqui na época foi muito complicado porque a gente veio, passamos 5 pessoas.

**Pesquisador 2: Quem entrou com você?**

Boby: Eu, Wender, Sérgio, o João Paulo, o Cláudio e a Lilian da pesquisa. A Lilian era secretária executiva, então a função dela é ser secretária, os outros meninos eram administradores e eu era o único assistente administrativo. Então assistente era a função que eu tinha na SMT.

**Pesquisador 2: Você chegou aqui em 2006 no mandato do Manoel?**

Boby: Não, do Neto. Era o último ano do Neto.

**Pesquisador 1: Quem já tinha aqui de técnico administrativo federal?**

Boby: Tinha a Geaneliza, a Maria, a Mônica, a Glória, a Teresinha, o Plínio e a Neuza. Só essas pessoas.

**Pesquisador 1: Como foi a sua recepção?**

Boby: Foi boa, foi ótima. Assim diziam que tinha quase 10 anos que não tinha concurso para técnico.

**Pesquisador 2: Então eu me lembro, até então...**

Boby: Na UFG, aqui em Catalão, foi o primeiro.

**Pesquisador 2: Ah, aqui em Catalão.**

Boby: Até que eu me lembro do pessoal que estava aí, vieram todos de outros locais. Mas a recepção foi muito boa. Só que a gente chegou e não tinha função, inclusive a primeira reunião com o Neto que nós tivemos, ele fechou a gente numa sala e disse para a gente ficar lendo o regimento da universidade para entendermos o que é universidade, e não sair dessa sala não. E assim no primeiro dia a gente ficou e depois o próprio João Paulo, o pai dele era professor na UFG de Goiânia, lá do Instituto de Física. E ele ligou para o pai dele, disse que

estava aguentando isso aqui não, o primeiro dia o diretor já veio dizendo para a gente ficar fechado dentro de uma sala e ninguém podia ver a gente. E aí nós fomos sair, conhecer a biblioteca, conhecer os outros técnicos, nem isso o Neto fez, apresentar a gente, teve isso não. Vinha, conhecia ele e ficava fechado no gabinete dele, estudando o regimento. Então a gente não tinha função, ficamos quase um mês sem fazer nada. Aí teve um dia que estava mudando o gabinete, inaugurou o prédio da biblioteca lá em baixo, a direção desceu para lá e aí que a gente foi fazer a mudança do que tinha aqui em cima lá para baixo, mas não tinha função. E aí passaram uns 15 dias, e a gente começou a ficar incomodado com aquilo, você não tinha o que fazer aqui, então começou a ficar incomodado e a procurar serviço. Aí o Neto passava, tinha umas cadeiras quebradas, vê quantas cadeiras tinham quebradas, fazia esse tipo de coisa. Foi até que veio a eleição, eu acho que já tinha passado a eleição do Manoel, mas aí veio a posse dele, aí que começou a estruturar uma coisa diferente, de mudar as funções do pessoal. Aí eu e o Cláudio acho que, não, fomos eu e os meninos, foram os administradores para serem secretários de coordenação de curso e o Sérgio foi o único que ficou lá em baixo no administrativo, o Sérgio e a Lilian no administrativo, ele como administrador e a Lilian como secretária, e a gente foi para as coordenações de curso.

**Pesquisador 2: Você veio direto para cá?**

Boby: Já vim, direto para a Educação e na época era Pedagogia.

**Pesquisador 2: 2006?**

Boby: 2006, no segundo semestre. E assim era muito difícil porque não tinha ninguém para ensinar a gente, era completamente novo. Embora tivesse experiência administrativa, então era outra coisa, era outra vivência, tinha que conhecer o regulamento geral dos cursos de graduação, tinha vários trâmites em andamento e não conhecia. Mas isso foi uma coisa com o tempo, com o tempo a gente foi aprendendo, a gente também foi se aproximando dos colegas antigos que tinham aí. Aí todos explicavam, não é assim, é devagar mesmo. Toda universidade é assim, você tem que chegar e aprender de acordo com o tempo, não tem minicurso, e a gente ficava procurando as resoluções. As resoluções falavam que você tinha um período de integração, mas foi tranquilo, mas foi trabalhoso no sentido de não ter orientação nenhuma. Mas foi tranquilo, não teve conflito não, desse começo não.

**Pesquisador 2: Naquela época como é que você via essa profissão técnico-administrativo de nível superior em educação?**

Boby: Então, não tinha. Quando fiz graduação aqui eu não sabia o que era técnico, de verdade, eu achava que todo mundo era professor, inclusive o pessoal da biblioteca, a gente achava que era professor. Não tinha esse negócio de técnico administrativo, aí você chega e

pergunta para o diretor o que vai fazer e não sabe, então não tinha essa coisa do que o técnico faz. Depois que a gente estava aqui, há uns 2 meses, o pessoal do sindicato veio e explicou o que era técnico administrativo, a função do técnico na universidade, a separação das categorias, e aí que a gente começou a entender melhor isso, inclusive foi pesquisar o plano de carreira e tudo, isso foi em 2006. Em 2007 teve a primeira greve e eu nunca tinha feito greve, já foi a primeira greve. A gente ficou mais de 100 dias de greve e no estágio probatório, de fazer greve ou não, vai ser demitido, não vai passar no estágio probatório. O pessoal que estava aí há mais tempo nos orientou que não tinha nada a ver, que a gente tinha o direito de fazer greve. E depois que a gente foi com o tempo entendendo o lugar da gente no processo das atividades na universidade. **Pesquisador 2: Então o que te fez fazer o concurso então, se você não tinha uma ideia da profissão?**

Boby: Eu queria sair dessa empresa, eu fazia todo concurso que saía, até que eu fiz no bombeiro sem nenhuma aptidão para ele. Não tinha ideia do que era ser bombeiro.

**Pesquisador 2: Você acha que seus colegas tinham ideia diferente, ou só queriam tentar fazer?**

Boby: Não, também não.

**Pesquisador 1: Ter uma estabilidade?**

Boby: Todos, uma coisa engraçada, uma coisa que a gente conversou e que todos nessa época não tinham essa coisa de que o serviço público era algo para ter estabilidade. Eu tinha uma motivação que eu não queria ser mais comissionado, o Sérgio queria vir para cá porque queria sair do correio, ele era do correio, diz ele que não aguentava andar mais no sol, o Wender era agente de trânsito e não queria ficar no sol, como agente de trânsito, o João Paulo era o único que falava da estabilidade, talvez por conhecer, pois o pai dele já era professor e tal, era o único que falava que queria ser servidor público, ele não falava em ser outra coisa e a Lilian, a gente não conversava muito com ela.

**Pesquisador 2: Mas ela é filha de professora, a mãe dela também fez curso superior aqui, não é?**

Boby: Não sei, acho que é. A Lilian é formada em Letras.

**Pesquisador 2: A Lilian. Mas acho que a mãe dela fez curso aqui ou trabalhou aqui também, não sei, não lembro.**

Boby: Assim não tinha coisa de saber, depois...

**Pesquisador 1: Quando você olhou no edital para técnico administrativo, vaga para Catalão e você falou vou fazer só...**

Boby: Vou fazer esse.

**Pesquisador 1: Mas nem pensou em que poderia ser, o que ia fazer, você só... vou fazer porque estou cansado do serviço.**

Boby: Só por isso, essa é a motivação.

**Pesquisador 2: Então você entra, não sabe o que está fazendo, mas está lá trabalhando. Como é que vão sendo construídas essas relações, com os professores, logo depois que entra o mandato do Manuel vocês são disponibilizados para os cursos. Em 2006 está começando a expansão, mas ainda não tem os cursos novos.**

Boby: Já tinha os cursos novos, começaram em julho de 2006, nós entramos em agosto.

**Pesquisador 2: De 2006?**

Boby: Isso. Começou Química...

**Pesquisador 1: Biologia...**

Boby: E a gente como ficava muito tempo à toa, a gente ficava muito na ADCAC porque tinha cafezinho e tal. Então ali eu conhecia a maioria dos professores e acho que foi a Zezé, que era presidente na época. Ela que contava muito a história, em como se deu a história do campus para a gente e falava do que estava acontecendo, que era justamente o processo de expansão, ela quem falava, isso é inédito de vocês estarem aqui, não tinha concurso, há quanto tempo não tem concurso, é o primeiro concurso, vocês vieram para essas vagas dos cursos que estão aí e explicou o que era aquilo. Até então...

**Pesquisador 2: Então vocês vieram para as vagas dos cursos?**

Boby: Ela falava assim que a gente chegou que nossas vagas eram do processo de expansão, processo de expansão da universidade. As vagas de técnicos que estão chegando agora é porque os novos cursos estão abrindo.

**Pesquisador 2: Então vocês eram para serem destinados para os cursos novos...**

**Pesquisador 1: Então no seu caso você veio para um curso antigo?**

Boby: Sim, teve isso, inclusive no começo, eu ficava à disposição da Psicologia e da Pedagogia, a gente não tinha esse Conselho Diretor, não sabia como funcionava a universidade. Então teve uma reunião do Conselho Diretor, que o pessoal brigou pelas vagas inclusive o Neto falou para a gente nesse dia, olha vocês somem daqui porque se verem vocês vai ter briga. Aí eu imagina que eu ia aparecer lá e o povo ia me pegar lá, e ia sair me puxando, esse é meu, esse é meu. Então teve essa reunião do Conselho Diretor e ficou definido que cada servidor ia ficar à disposição de dois cursos, um novo e um antigo, realmente teve isso. Logo depois, em 2007 mesmo, chamaram os outros aprovados e ia disponibilizando para cada curso e isso ia ficando liberado. E aí eu optei por ficar na

Pedagogia porque minha visão por ser justamente um curso mais antigo e tal, mais estruturado.

**Pesquisador 2: Nós já estávamos aqui nessa época?**

Boby: Não, estavam lá na frente, na sala 36. Então optei por ficar na Pedagogia.

**Pesquisador 2: Foi em 2011? Logo após a reforma que foi feita?**

**Pesquisador 1: Acho que vocês sempre tiveram aqui.**

**Pesquisador 2: 2011 que o mestrado estava funcionando.**

**Pesquisador 1: Foi em 2009, pois eu cheguei e vocês já estavam aqui. Eu lembro que eu vinha atrás de vocês. Sempre foi aqui, eu não lembro de vocês em outro lugar.**

Boby: Em 2006 a gente entrou e ficou até... é capaz de ser 2009 mesmo.

**Pesquisador 1: O Manuel entre em 2006 e começa a reforma.**

Boby: Isso.

**Pesquisador 1: Logo depois...**

Boby: O Manuel entrou em 2007, em abril de 2007. Teve a eleição em 2006 e em abril de 2007 tomou posse. E deve ter começado a reforma aqui em 2008 e terminou em 2009.

**Pesquisador 1: É isso mesmo, beleza. Como é que vocês concebem essa ideia de técnico administrativo? Como que está vendo isso hoje pela experiência toda, pelas coisas da universidade. Sei que naquele momento você disse que era algo meio sem identidade, como vocês pensam isso hoje? Vocês estão em uma instituição pública, federal, educativa, tecnológica, etc.**

Boby: Então, hoje em dia a gente tem uma concepção da importância do nosso papel nesse processo, que é justamente para acontecer as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas na universidade, tem todo trabalho administrativo e técnico anterior ou concomitante, trabalhando junto. Antigamente a gente não tinha essa visão, achava que você estava ali para fazer o seu serviço e o professor o dele, e que o trabalho dele não dependia do seu, por exemplo. E foi sendo construído principalmente nas greves, nas visitas do sindicato. O pessoal mais antigo também eles passaram isso muito para a gente, para a gente não dar bola para professor, inclusive quando disse que tínhamos que trabalhar nos cursos, o pessoal quase dava os pêsames para a gente, nossa aquela professora é ruim demais, aquele é horrível, não sei o que... Então a gente vinha com a carga muito negativa, depois, com o tempo, você vai aprendendo que não é assim, você vai entendendo essa coisa. Hoje eu acho ainda que internamente no campus principalmente, a gente tem uma turma, uma grande parte, principalmente daquelas pessoas ligadas à gestão ou que trabalham no prédio da direção, principalmente o povo ligado à compra, à finança e tudo ali, eles não se veem inseridos nesse

processo não, eles acham que o trabalhos deles não têm nada a ver com as atividades de ensino, pesquisa não, eles ainda têm essa visão separada, eu vejo isso muito. Ao ponto de eles falarem que o professor tem o serviço dele e eu o meu, e não é. Ele tem que ver que o trabalho dele impacta.

**Pesquisador 1: Então você sente um profissional que trabalha com a educação?**

Boby: Sim. Inclusive a gente conversa fora daqui, a gente sempre costuma discutir isso. Eu, o Vinícius e o Elisiário, o Elisiário não se vê como parte desse processo e o Vinícius tem uma concepção diferente, que a gente é parte do todo, da universidade, do que desenvolve, o trabalho da gente tem importância. E a gente fala que a licitação, que é a área que o Elisiário trabalha, tem que estar com tudo pronto para começar o ano, todos os processos tem que estar prontos quando começa o ano. É um absurdo você chegar no meio do ano e precisar de um ônibus para fazer um trabalho de campo e a licitação não estar pronta, a gente pega no pé deles e fala é claro que não depende dele, mas você trabalha com licitação numa instituição de ensino e não tem o ônibus para levar o pessoal para o trabalho de campo? E até hoje ele não se enxerga lá, acha que isso não tem nada a ver e o trabalho dele, depende de outros fatores. Então ainda falta esse esclarecimento para muita gente.

**Pesquisador 1: Então você acredita que sua participação faz parte do processo de aprendizagem dos alunos?**

Boby: Acho que sim, porque principalmente quando eu estava atendendo mais às alunas na Pedagogia, não é me gabando, mas eu era muito bem visto por elas. A gente sempre recebia elogio pelo tratamento que dava para as outras pessoas, porque eu tenho uma concepção de que o servidor público tem que atender bem ao público e não pode mentir. Por exemplo, chegar uma, e dizer eu estou reprovada nessa matéria, ela está sendo ofertada aqui nesse ano, eu posso fazer? Se puder fazer eu falo que pode, se não, tem outros locais que tem que esperar até ano que vem. Mesmo porque se eu mentir para a pessoa ela vai lá na frente e descobre que eu soneguei informação, então eu acho que esse reconhecimento também, desde que eu cheguei aqui, eu sinto que estou fazendo parte da banca dos homenageados nas formaturas da Pedagogia principalmente. E depois que vim para o mestrado essa parte distancia, distancia das pessoas.

Antes eu conhecia o nome de todas ali, todo mundo.

**Pesquisador 1: E você se sente sempre preparado para as funções que lhe são atribuídas?**

Boby: Sim, tranquilamente.

**Pesquisador 1: Você também chegou a fazer especialização, porque você buscou mais transformação?**

Boby: Então a especialização ela realmente foi pelo ganho salarial que tinha na época e eu esperei sair o curso de Gestão Pública, foi o que nós fizemos justamente para fazer esse curso aparecer porque até então eu poderia ter feito qualquer curso de especialização e receber o incentivo à qualificação, mas aí a gente tinha a ideia de forçar o curso de Administração a iniciar esse curso de Gestão Pública para inserir outros técnicos que fossem chegando e tal. Isso era uma conversa, uma concepção minha, do Wender, do Samuel, a gente tinha essa concepção de provocar uma situação que fosse para mais tempo, para ter algo mais específico na área. Então por isso que a gente demorou a fazer essa especialização, para forçar o surgimento desse curso e para ter o segmento nos outros anos. Mas aí na hora que a gente, a primeira turma que começou com 17, porque a gente chamou o pessoal da prefeitura que estava aí para participar do curso e a maioria desistiu, porque para eles não tinha incentivo salarial na carreira do pessoal da prefeitura que está no campus. Então desistiram, o próprio curso, a Administração que fez o curso e que era responsável por ele ofertou uma turma única. Então eu esperei muito tempo para criar uma situação, um curso que fosse durar, ser repetido e acabou não sendo, teve só uma edição.

**Pesquisador 2: Essa perspectiva hoje tomando como referência o quantitativos de técnicos administrativos federais, qual a porcentagem que você vê dessa separação entre aqueles que pensam que o trabalho técnico administrativo é um trabalho com a educação e aqueles que pensam que não, que são puramente técnicos?**

Boby: Eu acho que 50%.

**Pesquisador 1: Isso devido especialmente à falta de informação, instrução ou por opção?**

Boby: Eu acho que quem está nos cursos, por exemplo, técnico em laboratório, pessoal que está nas coordenações, até o próprio pessoal que trabalha nas coordenações de Graduação, Pesquisa, eles tem um entendimento melhor do que é o cargo de técnico, da função do cargo, porque estão vivenciando aquelas situações, ou sabem o que a função deles acarreta no processo de ensino, pesquisa e extensão. Eu acho que as pessoas que ocupam essas funções elas têm essa visão, justamente por conviverem mais com os professores e os alunos. Agora o pessoal que está afastado, que convive com a parte só burocrática eles não têm, inclusive um exemplo disso é a Fernandinha, que trabalha no transporte, o Caio e o Tércio, eles trabalhavam nas coordenações das engenharias. O que fizeram eles saírem das coordenações é que eles não queriam se relacionar com aluno, eles não suportavam porque aluno está ali o tempo todo, mas eles não queriam se relacionar com os alunos e são 3 formados em

Administração, pediram para ir para áreas administrativas e foram atendidos. Foram para essas áreas administrativas e ali eles acham que o serviço deles não tem nada a ver, não depende mais de professor, nem de estudante, mas eles também não enxergam que tem impacto, mas porque estão na área administrativa. Quem está só na área administrativa também tem uma visão de racha com a categoria de professor, porque o professor é sempre o chefe, e ninguém gosta de chefe. Então eles ainda mantêm essa visão de racha da categoria e das funções, agora quem trabalha mais diretamente ligado entende mais a dinâmica disso.

**Pesquisador 2: Falando de categoria, como você vê o plano de carreira, o salário da categoria?**

Boby: O nosso plano de carreira eu considero ele muito bom, o vencimento inicial é baixo e essa concepção eu tenho a partir das orientações dos sindicatos, das greves, de entender como se deu o surgimento desse plano de carreira, que está sempre sendo aprimorado, salvo engano, é a terceira versão, que já está caminhando para a quarta.

**Pesquisador 1: Só abrindo parênteses que você entrou na parte do sindicato, como que é, você é o nosso representante dos técnicos administrativos, representante sindical, em que momento te deu esse despertar, tipo eu vou ser o representante?**

Boby: Na realidade foi na nossa primeira greve, até então, em 2007, a representante do sindicato que era a Glória, assim que chegamos, a turma nova, a Glória já queria passar o bastão. Ah, eu estou cansada... toda vida sou eu e tal, e passou para o João Paulo que precisava de um vice, eu fiquei sendo o vice do João Paulo. E aí o João Paulo, nessa greve de 2007, ele ficava muito em Goiânia e passava os informes que eu retransmitia para o pessoal. Depois da greve o João Paulo ficou em Goiânia, que ele é de lá e queria ir embora e tal, ficou em Goiânia. No que ele foi embora, eu fiquei como representante sindical, e não queria ficar como representante, fiquei ficado, não queria. Mas aí ficou porque é uma coisa que ninguém quer assumir também.

**Pesquisador 1: O Vinícius ficou temporariamente...**

Boby: Então, aí o que acontece, sempre tem a indicação, sempre tem alguém, o João Paulo foi embora e eu fiquei, aí veio a próxima eleição do sindicato. O Wender entrou como vice, também não queria ficar à frente, veio uma nova eleição do sindicato, o Vinicius veio como vice, também ele estava terminando a graduação e não queria ficar à frente. Quando saiu candidato o Vinicius assumiu, mas assumiu somente no período em que fiquei 3 meses afastado e voltei. E aí veio uma nova eleição do sindicato, a tendência era que o Vinicius, isso a gente não tinha conversado só entre nós, mas com pessoas que movimentam mais a parte sindical, que sou eu, o Regrs, o Wender, o próprio Vinícius e que o Vinícius assumiria a

cabeça de chapa, isto para mim é muito tranquilo, não tem vaidade nenhuma com isso não. Mas o Vinícius estava de licença para o mestrado, aí nós queríamos o Regesrs, além dele ser técnico administrativo, tem vivência como professor da rede e dessa área de educação, de trabalhar em instituição educacional, então a gente avaliava que o nome dele era muito bom. Mas o Reges justamente por isso, por ter dois vínculos, eu vou ficar de vice e você fica de novo, aí estou desde 2007 até hoje como representante sindical.

**Pesquisador 2: Ad eternum.**

Boby: Ad eternum, mas vamos ver, acho que ano que vem isso muda.

**Pesquisador 2: Você tem a pretensão de continuar na UFG até aposentar?**

Boby: Sim. Não tenho pretensão de sair não.

**Pesquisador 2: Você estava falando da carreira da categoria, o que você pensa da carreira hoje?**

Boby: Eu acho que ela é muito boa, gosto muito da carreira, a nossa carreira, comparando com as outras do serviço público federal, que depois que eu vim para a UFG tomei o conhecimento de o que é ser servidor efetivo, que até então não tinha isso, simplesmente comissionado e tal, que eu fui entender o que é uma carreira no serviço público, de comparar os planos de carreira de outras categorias. O nosso plano é muito bom, o nosso plano de carreira é muito bom, principalmente se comparado com os servidores do judiciário, o que é a diferença de 6 mil e aposenta com 15, a gente ganha 2 e aposenta com 6.

**Pesquisador 2: 6 mesmo tendo doutorado?**

Boby: Não, aí no nosso plano que está a diferença. Um cara da justiça por exemplo, na parte administrativa, se ele fizer um mestrado é 5%, se fizer um doutorado é 10. O nosso caso não, o mestrado é 52 e o doutorado é 75, então é um incentivo muito bom.

**Pesquisador 2: O teto da carreira chega 15 também?**

**Pesquisador 1: Chega a uns 12 em nível superior.**

**Pesquisador 2: Bruto?**

Boby: Bruto.

Pesquisador 2: E o nível médio?

Boby: O nível médio chega ao uns 9. E assim no começo a diferença salarial entre os níveis era pequena, não chegava a 15 reais, chegava a 500, não chegava a 300 reais a diferença quando nós entramos. Isso foi um dos motivos que me fizeram optar por cargo em nível médio, primeiro porque para os cargos do nível superior a entrada estava para o meio de 2007, no nível médio era imediata e eu estava doido para sair da SMT, doido mesmo. Aí poderia ter feito os cargos de nível superior mas...

**Pesquisador 1: Técnico de assuntos educacionais?**

Boby: Técnico em assuntos educacionais, só que a diferença salarial era menos de 300 reais, eu tinha que esperar um ano praticamente.

**Pesquisador 1: E na época não tinha carreira, não tinha um plano de carreira?**

Boby: Tinha só que eu nem olhei plano de carreira, só que a diferença salarial era muito pequena. Foi na greve de 2007, no final da greve, que a diferença que veio a correção do nível superior, que o salário aumentou quase 87% do nível superior, aí a diferença foi para 1000 reais, era 300 foi para 1000, essa diferença veio se mantendo desde então.

**Pesquisador 2: Se você tivesse a oportunidade hoje queria ser professor universitário?**

Boby: Não me vejo como professor.

**Pesquisador 1: Nem pela questão salarial?**

Boby: Nem pela questão salarial.

**Pesquisador 1: Você acha que o professor aqui dentro tem privilégios?**

Boby: Não, privilégios não. Eu acho que inclusive trabalha muito, tem que fazer isso tudo, ensino, pesquisa e extensão, levar serviço para casa.

**Pesquisador 1: Qual é a sua relação com os professores daqui?**

Boby: É muito boa, muito harmoniosa.

**Pesquisador 1: Mesmo você trabalhando como representante sindical, não só com os professores dos cursos que você trabalha, sua relação com os professores da instituição permanece boa?**

Boby: Sim, permanece. Inclusive por estar sempre à frente do sindicato acabo sendo conhecido por todo mundo, por muita gente mesmo, tendo conflitos em época de greve que acontece, logo em seguida é superado. Falei que nunca pensei em ser professor, às vezes passa pela cabeça, mas não é aquela vontade não. Talvez um dia lá na frente e tal, mas tenho não.

**Pesquisador 1: Você já fez a especialização e pretende continuar a formação, mestrado, doutorado, pós?**

Boby: Quero, mas justamente a parte que me fala que tenho que estudar isso aqui para fazer um projeto, é essa coisa que não sei estudar, não dou conta. Então, se falar que eu tenho que fazer a prova eu faço, beleza, mas é uma coisa que tenho que superar e fazer. Inclusive tem um edital aberto do mestrado da História que eu tenho afinidade com a área, penso em participar da seleção. Ainda tenho que olhar o edital, eu nem olhei ainda, principalmente a questão salarial e dar seguimento. A gente quer, está numa instituição de ensino, tem todas as

condições, você pode se licenciar, então é uma lerdeza você não fazer isso. Não tem dificuldade nenhuma, a instituição vai pôr empecilho, mas incentiva a gente a sair, então tem que fazer. Mas é lerdeza e essa coisa de pensar que tenho que me debruçar em cima dos livros e estudar, é custoso!

**Pesquisador 1: Você já falou qual a sua relação com os alunos, que você era homenageado quando você estava na graduação e como é sua relação com a gestão, com as gestões desde quando você entrou?**

Boby: Sempre foi harmoniosa também, sempre.

**Pesquisador 1: Você estava aqui com o Neto, duas vezes com o Manoel...**

Boby: Duas vezes com o Manoel e agora com o Thiago. Sempre foi uma relação boa, falar assim que teve conflito com a gestão por conta da relação sindical também nunca teve. Uma vez, pode-se dizer, não pode-se dizer que foi um conflito, foi um desencontro que foi na campanha de reeleição do Manuel, que eu apoiei o Cláudio e por estar na frente do sindicato, virou uma grande confusão. Porque acaba parecendo que o sindicato está apoiando um outro candidato, mas o desconforto foi essa vez. Mas então nunca teve de falar que você foi perseguido por isso, jamais, sempre foi uma relação harmoniosa. Até agora na eleição que foi essa última também do Thiago, teve desconforto durante a campanha. Eu e o Vinicius fomos acusados de favorecer a candidatura do Wolney, a gente tem essa preferência, mas nós estávamos na comissão, não tinha nada a ver aquilo, mas depois que passou o processo eleitoral também, isso se apaziguou, até me dou muito bem com o Thiago hoje, pessoal. Meus colegas reclamam muito dele, muito mesmo. Toda vez ele tratou a gente bem, inclusive os pedidos que a gente faz para ele, não tenho nada a falar dessa gestão, de negativo do atendimento dele com a categoria levando a relação que eu tenho com ele, não.

**Pesquisador 1: O que significa ser técnico administrativo para você?**

Boby: É uma profissão que eu gosto, que aprendi a gostar. Como no começo a gente chegou e não sabia o que fazer e tal, era até assim, nossa vou fazer outro concurso e sair daqui! Mas hoje não, hoje eu gosto da relação que a gente tem, de estar na instituição de ensino. Eu acho muito bom estar aqui e não penso em sair não.

**Pesquisador 2: A respeito da Regional como você vê a história, eu sei que em sua fala trouxe bastante elemento de desde quando você entrou, como você vê a história de que a UFG está de acordo com o estatuto?**

Boby: Então eu acho que a gente está participando, vivendo um processo histórico, eu saí daqui tinha 7 cursos, sai da graduação tinha 7 cursos aqui dentro. Quando voltei como técnico já havia 9 e um mestrado, que era da Geografia, não sei se estava na primeira turma ou na

segunda, mas já tinha o mestrado, e peguei o processo de expansão, REUNI, entendo o que estava acontecendo e caminhando para esse processo de emancipação que está vindo aí. Eu estou muito empolgado com essa coisa de estar participando desse processo, vivendo esse processo. Embora eu tenha, como é que fala, um pé atrás sobre o que pode acontecer, acho que caminha forte, mas também penso que para a UFG vai ser uma pancada porque quando falar assim emancipou, ela vai perdendo uns 300 doutores, 3000 mil alunos, na época que aconteceu 100 técnicos. Então eu acho que por mais que o discurso oficial seja que apoie a separação tenho um pezinho atrás com isso. Estou achando muito bom estar vivendo esse, participando desse processo e sempre participei das comissões, do conselho. A gente fez parte do processo de elaborar a minuta do projeto do último ano do Manuel, participou desse negócio...

**Pesquisador 1: Da universidade do cerrado...**

Boby: Da universidade do cerrado, do processo de revisão do estatuto, do PPI da universidade, então eu acho que o fato de eu ter participado disso tudo me dá essa visão mais completa do que é a função do técnico lá dentro, que talvez isso falte aos colegas, entender como se dá, como funciona isso tudo.

**Pesquisador 2: Mas 24 horas do dia você não vive só universidade...**

Boby: Não.

**Pesquisador 2: Você tem outras vidas, como que é essa relação?**

Boby: É de boa.

**Pesquisador 1: O que você faz fora daqui, quando você não é técnico administrativo, que é o “Boby”?**

Boby: O “Boby” vai embora para casa, agora está andando de bicicleta porque está ficando muito ocioso.

**Pesquisador 1: Você é casado, que ano você casou falando nisso?**

Boby: Eu casei em 2005...

**Pesquisador 1: Antes de vir para cá...**

Boby: Antes de vir para cá, casei em 2005 e quando casei era comissionado da prefeitura. Nem pensava estou casando e preciso de uma estabilidade, não pensava nisso. Então, mas aí depois que vim para cá, que eu fui pensar nessa coisa, realmente a estabilidade do serviço público é muito boa, te dá possibilidade de pensar a longo prazo. Por exemplo, hoje a gente tem a casa, graças ao meu emprego federal, não só por causa da estabilidade mas porque tem toda uma linha de crédito diferenciado para você comprar sua casa. Tenho carro, essas coisas que eu segundo a prefeitura não podia pensar nisso, só poderia pensar em pagar aluguel.

Então muito bom, eu não tenho filho, eu gostaria de ter um bebezinho, bebezinho não, um filho. Brinco muito com a Monia que se a gente não enrola tanto já poderia ter um filho de 17 anos, que é o tempo que a gente está junto, mas tranquilo também, assim se vier veio, se não vier de boa. **Pesquisador 2: Você vê interferências de uma coisa na outra, da vida profissional com a vida pessoal?**

Boby: Não.

**Pesquisador 2: Não consegue equilibrar essas coisas, primeiro que você falou que não leva serviço para casa...**

Boby: Justamente.

**Pesquisador 1: Coisa que professor não faz...**

**Pesquisador 2: O professor chega em casa e quer trabalhar mais...**

Boby: É, então, não tenho interferência não, é bem tranquilo.

**Pesquisador 1: E você já falou que se afastou por motivos políticos, para tentar uma carreira política e você acha que a política interfere no seu trabalho?**

Boby: A política você fala em nível local?

**Pesquisador 1: Local, municipal, estadual, federal.**

Boby: No meu trabalho como técnico não, na universidade impacta principalmente o que acontece no governo federal, vê o que está acontecendo com os cortes esse ano. Mas na função desempenhada não.

**Pesquisador 1: No dia-a-dia não.**

Boby: No dia-a-dia não. Mas a gente sempre tem que estar de olho no que está acontecendo, por exemplo, processo de universidade, autonomia, universidade Catalão, se houver o *impeachment* vai para o taxa e as pessoas não têm essa visão. Assim, por exemplo, o Thiago continua adulando o Jardel Sebba, porque é política, inclusive sei da opção política dele, que é diferente, mas ele trata bem o prefeito, porque é um parceiro institucional, mas continua babando com o Marconi liberando os deputados da base dele para votarem pelo *impeachment*, mesmo sabendo que o *impeachment*, vai mudar o MEC inteirinho, vai travar todos os processos, inclusive este de autonomia, porque de imediato a autonomia é melhor que a situação que a gente está de dependência de recursos de Goiânia. Mas mesmo assim parece que as pessoas não estão enxergando isso, estão achando que mudou o governo o processo anda, o processo sai, não vai. A tendência é piorar tudo o que está em andamento aí.

**Pesquisador 1: Pelo menos aqui na universidade de Catalão...**

Boby: Porque o que tinha que ser cortado também já foi.

**Pesquisador 1: E você enquanto cidadão catalano, que você saiu daqui tinha 7 cursos e voltou quando tinha 19, mas quando você não tinha vínculo nenhum com a universidade qual era a visão que você tinha da universidade?**

Boby: A universidade na época que eu fui estudante, ela era muito mais presente na vida municipal do que é hoje, estranhamente. Parece que os professores eram mais engajados em levar os alunos para a rua, inclusive tinha uma maior mobilização em época de política, se envolvia mais, a visão que eu tenho. Hoje em dia, talvez pela mudança, porque os cursos que faziam esses movimentos eram justamente Geografia e História, então tinha muito aluno nessa época. Hoje como deu essa esvaziada e os alunos estão em Administração, Engenharia, Psicologia, esses alunos, talvez os professores não chamam para reflexão do município, tem uma reflexão a nível federal, isso tem. Agora local não tem e vejo a universidade se afastando, a universidade teve uma época em que eu a vi e depois que voltei aqui parecia que era uma ilha, justamente por isso. Eu acho que na época que eu estudava a prefeitura bancava quase 100% dos professores. Quando voltei para trabalhar como técnico, tinha caído pela metade e hoje são o que, 300 professores, 20 ou 18 pagos pela prefeitura. Então teve esse afastamento mesmo, parece que essa coisa de se livrar dessa dependência da prefeitura fez as pessoas se afastarem da política local. Antigamente a opinião da UFG parece que ela era mais respeitada na política, politicamente falando, a UFG campus Catalão era mais respeitada, quando falava o professor da UFG falou isso, o professor da UFG está apoiando tal fulano, era diferente, hoje em dia não tem, não vejo mais isso, inclusive quando fala que tem um professor da UFG aqui é de forma depreciativa, então o que eles fazem com o Edir, que é um aliado do PMDB local, ele chega a ser hostilizado nas redes sociais, pelos militantes e não tinha isso, quando você ataca um professor da UFG, você ataca todo mundo. Hoje não, hoje internamente vejo um afastamento. **Pesquisador 1: E da sua história aqui na UFG, você tem algo que te marcou, você falou nossa eu passei por isso, assim, assim. Acho que deve ter várias, mas assim uma que nossa essa foi a que, uma ou duas...**

Boby: Eu acho que o que a gente teve de mais marcante aqui, realmente foram as greves que nós fizemos, que até então não tinha essa consciência. A primeira greve, segunda, terceira, quinta, mas principalmente a primeira greve não tinha essa concepção do que era greve, o que isso ia impactar, justamente na primeira que vi diferença, o salário praticamente dobrou, então faz diferença. Dobrou o salário, mudou o incentivo à qualificação, faz diferença o movimento.

**Pesquisador 2: Enquanto instituição de ensino superior, que forma trabalhadores, profissionais da educação, profissionais liberais, como você vê o papel desta instituição**

**ou que projeção você faz dessa instituição, cultura, e política local, conhecimento regional, etc.**

Boby: Principalmente na parte da educação, a presença da UFG é notada, faz-se notar, porque... Desde que eu me lembro a educação de Catalão, a educação pública de Catalão, ela é muito boa, está recebendo prêmios, ela está sendo referência em determinada área e de onde vem isso, o gestor fala que é das políticas que ele adota e tal, é dos professores que estão lá trabalhando. E os professores que estão hoje, em sua grande maioria, que estão na prefeitura, são formados aqui na UFG, então são 30 anos de formação de professor aqui atuando nas escolas de catalão e região, principalmente nas de Catalão, que eu me lembre desde 2001, que foi o primeiro mandato do Adib Elias, que comecei a atentar mais para isso, a educação de Catalão é premiada e de referência, seja do MEC, seja dos professores ganhando prêmios por projetos desenvolvidos, alunos e de uma forma vem daqui. Eu falei isso num discurso, porque fui paraninfo da Pedagogia, falei isso são 30 anos de formação de professores. Mas parece que é uma coisa que as pessoas se esquecem disso ou não falam, fica na mão do gestor da época, ninguém ressalta essa importância da UFG aqui para Catalão e região, principalmente na educação e agora com essa vinda dos novos cursos, os que formaram aqui em mestrado da Letras, da Educação até os que estão ali na História, eles estão dando aula no Cesuc, a maioria fez mestrado aqui dentro, então está repercutindo no ensino particular. E o pessoal que está formando em Engenharia, vindo a maioria aluno de fora, impacta diretamente no preço dos aluguéis, valorização dos imóveis. Isso às vezes...

**Pesquisador 1: Agora tem o curso de Medicina.**

Boby: É. E isso parece que não é sentido pela comunidade. A comunidade catalana me parece que não enxerga essa importância da UFG aqui, inclusive quando se anunciou que ia federalizar uma universidade autônoma, as pessoas da comunidade local de Catalão, passou assim que legal e pronto, não vê um impacto que isso vai gerar. É claro que esse impacto vai gerar, se o orçamento for investido na cidade, você desenvolver políticas para as licitações comprarem aqui e tal, fazer circular mais dinheiro, vai atrair mais pessoas, mais prestadores de serviço e tudo.

**Pesquisador 2: Qual é o papel do técnico administrativo nisso?**

Boby: Nesse processo, nesse processo de conscientização?

**Pesquisador 2: Nesse processo de universidade, de amadurecimento da instituição?**

Boby: Então, é um papel muito importante porque é o trabalho do técnico nos bastidores que faz isso tudo rodar. Inclusive nos projetos de estabelecer, por exemplo, o curso de Medicina tem uma técnica lá trabalhando para fazer o PPC do curso.

**Pesquisador 2: Porque nos bastidores?**

Boby: Porque é função técnica dar suporte para o desenvolvimento das atividades acadêmicas, é o trabalho do técnico, ele é essa função, é a função de possibilitar que tudo isso ocorra com o trabalho que ele desenvolve. Para ter essa caneta aqui, que escreve no quadro e tudo, ela está aqui a caneta, mas teve todo o trabalho técnico para ter essa caneta. Então às vezes, por isso que eu te falo, o técnico tem que comprar a sua caneta, o Manuel tem que comprar a minha caneta, isso é demorado, o professor não entende, o professor não precisa entender, ele precisa da caneta para escrever lá.

**Pesquisador 1: Você se sente valorizado?**

Boby: Sim.

**Pesquisador 1: Nas suas funções?**

Boby: Sim.

**Pesquisador 1: E você acha que todos os técnicos administrativos daqui são valorizados?**

Boby: Acho que sim.

**Pesquisador 1: A função técnica administrativa, não é todos que têm seus cargos particulares, mas assim só técnico administrativo?**

Boby: Acho que sim, embora como eu falei para você, principalmente o pessoal que trabalha com a direção, a gestão, são só reclamações de desvalorização, de retirada de funções, mas acho que assim em sua maioria o pessoal se sente sim valorizado. **Pesquisador 2: O que a instituição podia fazer para melhorar?**

Boby: Acho que tinha que ouvir mais, às vezes por exemplo mudar a gestão, a gestão tem uma concepção de que faz. Uma crítica que a gente tem da gestão do Thiago é porque tinha técnicos lá embaixo que tinham funções de chefia, ele colocou professores para ocuparem essas mesmas funções, com a função gratificada e manteve o técnico que sabia fazer o trabalho, continua no setor mais recebe ordens de outra pessoa que não sabe, que não é técnico, não desenvolve a função técnica, mas está ali. Então, assim, se a gestão assume, diz como funciona isso daqui e o técnico deve se manifestar, dizendo é assim, às vezes isso não ocorre. Eu acho, por exemplo, em Goiânia que já está estruturada ou até na UFU, isso não se dá, porque tem as funções definidas e cada um sabe o seu papel. Por exemplo, é a mesma coisa se eu quiser da aula.

**Pesquisador 1: Você acha que até hoje 2016, existem funções indefinidas do técnico?**

Boby: Acho que sim.

**Pesquisador 1: Devido à falta de técnico, por exemplo?**

Boby: A falta de técnico, a falta de conhecimento do funcionamento da instituição. Porque o técnico já acaba acumulando funções ou desviado de função. Por exemplo, vou citar o caso do Hewerton, que é técnico em assuntos educacionais e desde o começo foi desviado de função, primeiramente ele trabalhava como secretário da direção, depois foi para o protocolo, também não é função dele e agora está no financeiro. Todas as funções ele desempenhou com competência, mas nenhuma é a função para a qual ele foi concursado, que é trabalhar diretamente com a graduação ou com a pesquisa ou extensão, no desenvolvimento dos projetos políticos pedagógicos.

**Pesquisador 2: Isso te deixa infeliz, profissionalmente falando?**

Boby: Eu acho que sim, talvez não hoje porque hoje ele tem uma função de confiança e é depositada muita responsabilidade nele. Eu acho que sim, que até ele assumir essa função de hoje, ele não era satisfeito com o trabalho que desempenhava. Esse é um exemplo, pode-se pensar em outros.

**Pesquisador 2: Tomando isso como referência, o que é a instituição na perspectiva do técnico?**

Boby: A instituição é um local de trabalho do técnico e eu acho que é também um local que ele quer ver crescer. O técnico, quando se fala desse projeto de autonomia, os técnicos ficaram empolgados, empolgados por participarem desse momento de ver a universidade crescer. Eu não sei, mas é porque talvez a maioria se formou aqui e vê como me formei na instituição e agora estou vendo ela transformar, não sei se é por isso. Mas a maioria acha muito bom, estar aqui, gosta do local de trabalho.

**Pesquisador 1: Você acha que o número de técnicos que tem aqui hoje é o suficiente, está com déficit ou está defasado?**

Boby: Está com muito déficit, não é suficiente nem um pouco. Haja vista o acúmulo de funções e os desvios de funções que tem, são muitos, muitos mesmo. A gente pode pegar o pessoal do assistente administrativo, que é um exemplo dos terceirizados. Especializados assumem funções de técnico administrativo, e o que acontece você tem um técnico administrativo concursado ganhando 4 mil reais para pegar e devolver livro e você tem um terceirizado ganhando 1000 e pouco fazendo licitação. Isso está errado, não pode ser assim. É porque tem carência de técnico, as pessoas não gostam de mexer onde são felizes, então ninguém vai criar confusão, pois você tem que assumir mais funções porque você fez concurso para isso, mas se houvesse mais técnico, aí sim, poderia melhorar essa situação. Falar assim, o terceirizado tem que fazer funções de baixa complexidade justamente por isso, porque o vínculo dele é precário, ele vai embora, o técnico não, vai ficar a carreira toda, vir

20, 30 anos. Tem que aprender a executar a função que vai ficar no tempo, não o terceirizado. E a gente tem isso muito, tinha na gestão do Manuel e está na gestão do Thiago também, eu acho que na gestão do Thiago aumentou, porque aumentou o número de terceirizados. Com essa coisa do Thiago não conversar com as pessoas e tirar as funções gratificadas, ninguém vai assumir a responsabilidade que tinha anteriormente sem a devida remuneração. Então aí o terceirizado chega para ser recepcionista e acaba virando um gestor aqui dentro, isso acontece aqui, acontece em Goiânia. Em Goiânia menos, porque tem mais gente, mas acontece.

**Pesquisador 2: Por falar em Goiânia, como você vê a relação do técnico administrativo da UFG, eu sei que entre as regionais o quanto você faz referência a Goiânia, agora você fez referência de semelhança, agora as outras, as outras referências que você fez de diferenças, diferenças no modo de como atribui funções aos técnicos. Como você vê essa relação da UFG, por exemplo, com outras universidades que você conhece?**

Boby: Eu conheço da UFU por conta de greves que a gente esteve conversando. Aparentemente a UFG ela realmente não dá bola para os campus do interior, a sede não dá bola para os campus do interior, e é uma relação diferente, por exemplo a UFU tem quando abriu um campus estrutura ele melhor ou que o próprio instituto conhece também, os institutos de Urutaí, de Goiânia, de Itumbiara que o Fred aqui da psicologia foi para Itumbiara, uma relação completamente diferente. Não tem esse conflito de atribuições, não tem tanto desvio de função, tanto o técnico da UFU que eu conheço mais de perto e dos institutos, dos institutos porque tem mais vagas. O Instituto já começa com um monte de vagas de técnico, bem diferente da UFG. Aqui era para ter 200 técnicos e tem 70. O instituto de Itumbiara, onde o Fred fez o concurso, que é do tamanho campus Catalão, ele tem 150 técnicos. Então é uma diferença enorme.

**Pesquisador 2: Efetivos?**

Boby: Efetivos. E a UFU quando montou os *campi* dela, ela se preocupou em designar aos técnicos as vagas de técnicos para lá, para realmente fazerem andar. Igual te falei, eu tive a impressão de chegar, a gente chegou e não sabia o que fazer. Lá não, parece que você chega e tem, a sua função é essa, então parece-me que tem organização melhor, levando em conta do interior, dos *campis* afastados da sede. A UFG meio que largou, em Jataí também, pelo que a gente conversou com o pessoal de lá, quando encontra em reunião do sindicato em Goiânia, seguem as mesmas reclamações nossas são de Jataí, de ficar perdido, de Goiânia não dar bola, isso principalmente no começo. A partir do momento que vai trabalhando, construindo a identidade, o modo de trabalhar isso é superado, mas parece que é por isso que as pessoas se sentem realmente abandonadas. Em Goiânia não tem, onde conhece e sabe, Goiânia não tem

isso. Por exemplo, o Samuel, o Francisco, a Aline que saíram do campus para irem para lá, eles foram e chegaram e ninguém ficou quebrando galho, chegaram para funções específicas. Hoje, se chegar um técnico administrativo hoje, ainda tem disputa, a própria vaga do Sílvia, se a gente não dá o grito, ele teria sido raptado para outro lugar, porque o pessoal fica de olho, é a carência do servidor, aí todo mundo está esperando para acontecer.

**Pesquisador 1: Enfim é isso.**

**Pesquisador 1: Mas alguma lembrança? Queria dizer algo?**

Boby: Não, acho que está de boa, acho o que a gente conversou aqui.

**Pesquisador 2: Se precisar da gente marcar outra?**

Boby: Tranquilamente.

**Pesquisador 2: Tranquilamente. Obrigado.**

Boby: Não sei como vocês estão de quantidade de entrevista, mas se vocês de uma pessoa boa tem o Regis, tem uma concepção muito boa da função do técnico, do que é trabalhar numa instituição de educação, principalmente ligado à escola, porque ele é professor.

**Pesquisador 2: Porque ele tem a visão de professor e de técnico.**

Boby: Inclusive da ligação dessas duas funções, profissões. O Regis eu acho que é um cara que tem muito a acrescentar. Mas é isso, obrigadão.

**Pesquisador 2: Obrigada Roberto.**

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA (LIZ)

**Pesquisador 2: Catalão 27 de abril de 2016, entrevista com Geaneliza. Queria que você falasse para nós primeiro seu nome completo, onde nasceu.**

Liz: Geaneliza de Fátima Rodrigues Rangel Pimentel, nasci...

**Pesquisador 2: Geaneliza de Fátima Rodrigues Rangel Pimentel, nome de princesa...**

Liz: Quase, se fosse Joaquina. Não chega a ser nome de santo, mas de princesa pode ser. Nascida em Pinheiros, Espírito Santo. Mais algum detalhe?

**Pesquisador 2: Sim. Fale um pouco da sua família, quantos irmãos você tem, quem são seus pais, o que eles faziam, da onde você veio, um pouco desse contexto da família para nós. A gente quer te conhecer um pouco melhor.**

Liz: Bom, eu sou de família de pessoas muito humildes. Minha mãe era empregada doméstica, meu pai pescador, criada no interior do estado do Espírito Santo. Eles se separaram quando eu tinha 3 anos, meu irmão tinha 2, aí nós fomos morar com meus avós e cada um tomou o seu rumo. Minha mãe foi trabalhar em Belo Horizonte e meu pai casou de novo, e desse casamento teve mais 9 filhos, não conheço nenhum. Da minha mãe teve outro relacionamento, teve mais uma filha, dos dois somos eu e meu irmão.

**Pesquisador 2: Você entrou na escola com quantos anos?**

Liz: Eu comecei a ser alfabetizada de 4 para 5 anos porque minhas duas tias eram professoras, então acompanhava. Não sei se chamava admissão, mas era um negócio que era conjugado, que estudava gente de 5 anos até 30 anos, tudo na mesma sala.

**Pesquisador 2: Isso onde?**

Liz: No Espírito Santo, na área rural do Espírito Santo.

**Pesquisador 1: Qual era o nome da cidade?**

Liz: Eu não sei se era, eu tenho uma vaga lembrança, mas a gente falava que assim era um povoado que chamava Droga, era um povoadinho assim com comércio, igreja, tudo muito pequenininho, era um povoado. Meu avô tinha uma chácara nesse lugar, então a gente morava lá.

**Pesquisador 1: Era litorâneo?**

Liz: Não, não era litorâneo. Não chegava a ser litoral. Mas eu fui criada na região entre Pinheiros, Nova Venezia, Colatina, foi nessa região assim. Então nunca me atentei para esses detalhes, qual foi essa cidade, esse distrito, esse povoado era de que cidade, não me lembro. Mas depois se precisar.

**Pesquisador 2: Mas esse processo de alfabetização foi feito em casa, então?**

Liz: Não, na sala de aula com minhas tias porque elas davam aula e eu frequentava junto.

**Pesquisador 2: E eram salas muito seriadas?**

Liz: Sim. Porque tinha gente que fazia 4ª série, era primário, tinha gente que fazia o 2ª, a 3ª, e eu fui alfabetizada com elas, com duas tias.

**Pesquisador 2: Quanto tempo você estudou ali?**

Liz: Eu acho que uns dois anos, um tempo que elas ficaram lá, depois a escola fechou, saíram. Então me lembro muito vago, muito distante. Mas eu lembro de apresentações teatrais, de musiquinhas com que minhas tias incentivavam os alunos. Essa lembrança eu tenho porque eu era muito pequenininha e eu também participava das apresentações. Então são lembranças muito vagas que eu tenho.

**Pesquisador 2: Você nasceu em que ano?**

Liz: Eu nasci em 1961.

**Pesquisador 2: Depois que elas fecharam a escola, você foi estudar onde?**

Liz: Eu fui para o Mato Grosso, na cidade Salto do Céu, eles mudaram para lá, do Espírito Santo para o Mato Grosso, minha mãe ficou em Belo Horizonte e eu e meio irmão viemos para cá com meus avós, depois chegamos em Salto do Céu. Minha tia foi dar aula, e eu continuei com ela, então fui para o 1ª ano, o 2º ano, tudo primeirinho mesmo, de não saber contar quanto que era  $8 + 4$ , que são 12 e eu sofria muito assim porque eu não gosto de matemática. Então eu me lembro, tenho essas lembranças estudando com minha tia, do 1ª, 2ª ano, depois a 3ª, 4ª série, a gente começou em diante com outros professores.

**Pesquisador 2: E tudo lá Salto do Céu?**

Liz: Em Salto do Céu estudei até a metade do ano 7ª série em Salto do Céu e depois a gente veio para Rondônia.

**Pesquisador 2: Rondônia?**

Liz: Rondônia.

**Pesquisador 2: Qual cidade?**

Liz: Ouro Preto do Oeste em Rondônia, aí eu terminei meu ensino fundamental e o ensino médio em Outro Preto.

**Pesquisador 2: Porque essas mudanças de lugares? Os seus avós faziam o quê?**

Liz: Meu avô era muito ambicioso com terras, então no Espírito Santo tinha cidade muito antiga, muito pequenininha, ele com mais de 60 anos e meu tio já morava no Mato Grosso. Nessa época, na década de 60, 70 distribuía muitas terras, então se alguém ouvia que alguém estava dando terra, todos viravam tudo para lá. Nós fomos acompanhando meu avô querendo terra, mas chegou e ele já essas terras eram distribuídas assim ou ganhava, ou comprava mais

baratas. Mas tinha que ter filhos homens solteiros em casa e meu avô não tinha mais, era eu e meu irmão. Então ele não conseguiu essa terra, porque meu tio não conseguiu essa terra, não era casado para dar essa terra para meu avô. E meu avô veio atrás dele achando que ia conseguir, chegamos em Salto do Céu e não conseguimos, nós fomos para Rondônia, Ouro Preto do Oeste, que era um projeto integrado de colonização agrária, pico de Ouro Preto. Aí em Ouro Preto, em 74 nós fomos para Ouro Preto, chegou em Ouro Preto, meu avô tentou, tentou e não conseguiu.

Meus tios todos conseguiram e meu avô não conseguiu porque ele tinha mais de 70 anos.

**Pesquisador 2: Ouro Preto em Rondônia?**

Liz: Ouro Preto do Oeste, Rondônia. Chegou lá pelo mesmos critérios, mas queria mais facilidade para conseguir terra, pois tinha muitos filhos homens de preferência para derrubar. A época era essa plantar muito, cultivar muito, produzir, trabalhar. E meu avô já tinha passado da idade e meu tio tinha família de novo, e a gente acompanhando esse tio. Chegando lá não tinha família, e não conseguimos terra. Nós ficamos um ano e meio em Ouro Preto, na área rural, na rosca mesmo em 74, e aí a gente voltou para o Salto do Céu de novo, ficamos lá. Meu avô aposentado e eu e meio irmão ficamos com ele.

**Pesquisador 2: E lá você terminou o ensino médio?**

Liz: Não, foi lá que eu fiquei. Esse período fiquei lá, fiquei sem estudar na área rural, fiquei sem estudar.

**Pesquisador 2: Então você terminou o ensino médio no Céu?**

Liz: Em Rondônia, na segunda etapa, em 77 eu voltei para Rondônia definitivo.

**Pesquisador 2: Ah tá. E voltou para Ouro Preto...**

Liz: Ouro Preto na área urbana.

**Pesquisador 2: E lá você terminou o ensino médio?**

Liz: Terminei o ensino médio, comecei técnico em agropecuária, fiz 2 anos. Aí a gente preparando para o 3ª ano para a formatura, descobriu que o curso não era reconhecido pelo Mec. O curso fechou e fui para o magistério, e comecei o primeiro ano do magistério. Fiz o magistério em Ouro Preto e fiquei de 81, 82 até chegar aqui no campus sem estudar, então terminei o ensino médio em 82, fiquei mais de 30 anos, 20 anos, sei lá...

**Pesquisador 2: Que ano você chegou aqui no campus?**

Liz: No campus cheguei em 96.

**Pesquisador 2: Então foram 14 anos.**

Liz: 14 sem estudar.

**Pesquisador 2: Lá você casou ou veio casada aqui?**

Liz: Casei lá, porque o Plínio é de Orizona e as pessoas saíam daqui para trabalhar lá, em Rondônia. Isso quando deixou Rondônia era território federal, então eles saíram daqui para trabalhar em Rondônia, os empregos eram mais fáceis, terminavam os cursos técnico agrícola aqui e tinha técnico em agropecuária e conheci Plínio lá.

**Pesquisador 2: Ele é técnico?**

Liz: Técnico em agropecuária, nos casamos em 80.

**Pesquisador 2: Em 80?**

Liz: 30 anos.

**Pesquisador 2: Você tem quantos filhos?**

Liz: 2: 2 e estou satisfeita, e uma netinha linda, linda.

**Pesquisador 2: Porque vocês vieram de lá?**

Liz: De onde?

**Pesquisador 2: De Rondônia?**

Liz: Então, em Rondônia eu comecei a trabalhar no serviço público em 80.

**Pesquisador 1: Como passou a entrada no serviço público?**

Liz: Na época era assim... quando começamos em 80 era território federal de Rondônia, acho que Acre e Roraima.

**Pesquisador 2: Municípios?**

Liz: Não, territórios federais. Então a gente começou a trabalhar no território federal de Rondônia. Eu comecei trabalhando no ministério do interior porque o ministério do interior tinha promoção social, tinha os órgãos nessas capitais, e nessas capitais a gente trabalhava. Eu trabalhei no fundo rural, uns 2 anos e meio, através do fundo rural eu descobri a ação social que estava entrando em Ouro Preto, que trabalhava com grupos na comunidade, na cidade, comunidades rurais e a promoção social precisava de auxiliares sociais, no caso sou uma auxiliar social. Eu tenho uma tendência para fazer serviço social, comunicação, adoro. Fui trabalhar como voluntária inicialmente na promoção social e depois quando surgia vagas, aí nós fomos contratados efetivos. Quando foi em 83, 84 por aí, Rondônia deixou de ser território, virou estado e os funcionários federais, o nosso salário era diferente dos funcionários do estado, então se criou uma política de equiparar, igualar os salários, os estaduais queriam salários quase iguais aos nossos, e a gente trabalhava como eles, mas a gente trabalha e eles ganhavam menos, e Brasília, no caso o ministério do interior, disse assim, já que vocês estão trabalhando no estado, um serviço para o estado, vocês vão receber pelo estado, nós não temos dinheiro para arcar, temos que dar salário igual para todo mundo. Então quem quiser voar, que todo mundo achou logo para se encaixar, só tinha INSS, receita

federal na capital, assim tinha 2, 3 órgãos federais. Aí o que aconteceu, todo mundo começou a procurar lugares pelo país inteiro onde tinha vaga federal.

**Pesquisador 2: Então a entrada não foi pelo concurso?**

Liz: Sim, depois que nós entramos, 2 anos, nós precisamos ser efetivados por concurso. Aí teve um concurso para todo mundo, todos tiveram que fazer concurso.

**Pesquisador 2: 84?**

Liz: 84, 85 por aí. Na época, eu me lembro que até aquele João Figueiredo foi vice em Ouro Preto. Então teve que fazer concurso porque nós éramos contratados sem concurso, não tinha assim garantia, precisava regularizar essa situação. Então teve concurso para o estado inteirinho, todas as pessoas, de professores, técnico administrativo, engenheiro agrônomo, técnico agrícola, todos tiveram que passar por concurso, todo mundo tinha que fazer concurso.

**Pesquisador 2: Então você fez o concurso, foi aprovada..**

Liz: Fui aprovada no concurso.

**Pesquisador 2: Mas continuou lá.**

Liz: Continuei lá, eu entrei em 80, meu contrato foi 25 de fevereiro de 80 e quando foi nesse período a gente formalizou isso. Mas meu contrato conta de 80. Não foi um concurso para o país, mas para os funcionários, um concurso fechado.

**Pesquisador 2: Para o público interno.**

Liz: Público interno para regularizar a situação de todos os funcionários, em 83, 84 por aí.

**Pesquisador 2: Aí você ficou até 90?**

Liz: Em 91 viemos para Urutaí, porque o Plínio já tinha estudado em Urutaí, o pai dele mora em Orizona e embarquei.

**Pesquisador 2: O Plínio já era funcionário público?**

Liz: Funcionário federal. Ele era da EMATER, depois da secretaria de agricultura, exposição da EMATER, que depois tirou esse grupo que tinha de onde ele trabalhava e mandaram para outro lugar. Ele não quis mudar e voltou para a secretaria de agricultura, aí nós viemos para cá e veio para a escola, estudando na escola de Urutaí em 91.

**Pesquisador 2: 91.**

Liz: Aí em 95, 96 vim embora, fiquei 5 anos em Urutaí e vim embora. Deixei o Plínio para trás e vim com meus meninos.

**Pesquisador 1: E porque você resolveu vir para Catalão?**

Liz: Porque Urutaí é uma cidade muito pequenininha, as pessoas de lá ou estudavam na escola, que não era faculdade, era ensino médio e o técnico, ou estudavam lá, ou iam para

Goiânia, para Brasília, para São Paulo, para Uberlândia e nós achamos assim que eu e o Plínio a gente não ganhava o suficiente para isso, para manter filho, para preparar filho. Porque as pessoas que fazem isso lá são nascidas e criadas em Urutaí, ninguém estuda em Urutaí, todos eles estudam fora. E eu falei assim, gente eu não vim, saí lá de Rondônia, morava em área rural, núcleo luar, 62 km da cidade, estrada de chão, saí daquele lugar para vir para Urutaí, não é nada com o técnico agrícola. Só que assim, eu acho que eu saía daquele lugar, eu sempre tinha que procurar coisa melhor, eu sempre via os filhos dos funcionários, todo mundo ia estudar fora. A gente não tinha condições e vou atrás, eu achava que eu também deveria estudar, e não é só isso que quero para mim, meu magistério. O que é isso aqui? Não é nada, isso em 96. Hoje não era mais nada mesmo.

**Pesquisador: Então você veio como redistribuição para Catalão?**

Liz: Vim de redistribuição de Rondônia, para Urutaí e de Urutaí para Catalão.

**Pesquisador 2: 96 era a Elza?**

Liz: Era a Elza, Soraia, Idelvone sempre, desde quando cheguei já estavam em 96, de outros tempos mais antigos.

**Pesquisador 2: Então sua entrada em Catalão foi 96.**

Liz: Dezembro de 96.

**Pesquisador 2: Então vamos passar um pouco para isso, o que você achava do campus aquela época?** Liz: Em que sentido?

**Pesquisador 1: Sentido amplo, de como era, estrutura, trabalho, as pessoas, quem trabalhava aqui, quem era a gestão, os alunos, professores...**

**Pesquisador 2: Oportunidade de trabalho...**

Liz: Particularmente falando, eu vi uma oportunidade para estudar, não só para mim, mas para os meus filhos também. Eu morava numa cidade que tem uma estrutura educacional porque tinha o campus e o Cesuc, uma cidade pequena. Em 96 era uma cidade tranquila, confortável para se morar, um desenvolvimento de saúde muito bom, tinha 3 hospitais, a gente pensa nisso tudo. Então foi por isso que tomei essa decisão. Assim, em primeiro lugar seria eu e meus filhos, para a gente voltar a estudar. Eu pensava em voltar a estudar exatamente por eles, para acompanhar, ajudar, incentivar e por isso comecei a pensar. E por isso vim para estudar, pelos meus filhos. O campus foi uma porta escancarada que eu tinha que aproveitar, se eu conseguisse a oportunidade eu vinha. Mas eu tive um choque muito grande, meu choque não foi só aqui não, um choque muito grande de onde eu trabalhava, nos lugares em que eu trabalhei. Trabalhei na saúde, na educação, trabalhei na ação social, mas o choque foi muito grande, a realidade foi dura, foi muito sofrida.

**Pesquisador 2: Por quê?**

Liz: Porque eu tinha um ritmo de trabalho, não trabalhava atrás de uma mesa, não trabalhava com papel, eu trabalhava com um grupo de pessoas, trabalhava com pessoas, eu respeitei pessoas, eu era respeitada como pessoa. E tomei um choque muito grande com isso, mas não foi só aqui, começou em Urutaí. Tomei choque quando as pessoas deixam de respeitar o outro como funcionário, deixa de ouvir como pessoa, isso me choca muito, isso até hoje. Eu tenho uma dificuldade muito grande de lidar com essas coisas, situações assim eu tenho. Eu gosto muito de respeitar e ser respeitada, de ouvir e ser ouvida, porque eu trabalhei com pessoas, com grupo de mulheres, com grupo de crianças, com grupos de jovens, com grupos de produtores rurais, extensão rural, eu trabalhei com esses grupos. Então são pessoas que você tem que ouvir, se você não ouvir não faz trabalho. E quando eu fui trabalhar com a parte burocrática, apesar de ser técnica administrativa, que eu entrei como assistente administrativa no serviço público, mas eu tive essa afirmação para trabalhar com grupos, então eu tomei um choque muito grande. Eu trabalhei muito pouco como técnica administrativa, eu trabalhei 1 ano e meio, 2 anos, eu trabalhei mais nessas formações de grupos. E isso me impactou muito, quando cheguei aqui que eu vi o que eu tinha que fazer, eu tinha que ouvir e não ser ouvida, me assustei muito, muito, muito, muito. Isso me deu um trauma muito grande, comecei a ver o serviço público, não sei só o serviço público, mas com outro olhar, eu comecei a falar que as coisas não são do jeito que eu pensava, as coisas mudam, você muda de cidade, as pessoas mudam, você muda as pessoas com quem você vai trabalhar, isso para mim foi muito duro e é muito duro ainda, sou meio sofrida com essas situações, certa dificuldade.

**Pesquisador 2: Qual foi o dispositivo legal que foi usado para você vir com redistribuição para cá?**

Liz: Para o campus?

**Pesquisador 2: Na época?**

Liz: Porque....

**Pesquisador 2: Para vir de Urutaí, do Instituto...**

Liz: Do Instituto Federal....

**Pesquisador 2: Na época era Instituto Federal Goiano?**

Liz: Não. Era Escola Agrotécnica.

**Pesquisador 2: Qual foi o dispositivo que utilizaram para vir, porque o diretor liberou assim facilmente?**

Liz: Não, nunca.

**Pesquisador 2: Então o que houve, o que aconteceu?**

Liz: Para ele liberar, porque foi considerado em duas. Quando uma instituição redistribui que eu saiba quem redistribui perde a vaga, o funcionário vai com uma vaga, então ele ganhou duas vagas e ele queria reter essas duas vagas. E quando foi para liberar ele tinha que liberar 3 pessoas, ele tinha que liberar a Mônica, a Mônica tinha família aqui, ela não era muito antiga de serviço porque eu já vim com meus anos acumulados, contados e ela era aposentada. Mas assim ela era de Urutaí, tinha família aqui e isso pesa, quando você tem família é um fator que pesa, o esposo dela morava aqui. Aí eu viria com o Plínio então ele ganhou duas vagas, mas ia perder três, aí ele chamou o Plínio e fui lá e me manifestei, e falei para o professor estou querendo ir embora, eu penso assim, assim, tenho que fazer isso, isso, preciso fazer isso e isso, encontrei um lugar e quero sair, ele falou assim vou pensar. No outro dia ele chamou o Plínio, que a gente trabalhava os dois na mesma instituição, e chamou o Plínio. E falou para o Plínio assim, você quer ir embora também, mas não é questão de querer é a lógica, ela vai, ela quer e precisa ir, eu vou acompanhando. Para que o Plínio falou isso, então você não vai, vamos ver se ela vai. Aí o Plínio chegou assim para mim em casa e disse o professor diretor me chamou, e o que ele queria com você, saber se eu queria ir embora. Aí eu falei a ele que te acompanhava, que eu era o chefe da família, que se eu quisesse eu iria sozinho. Então o Plínio chegou para mim e eu vou, você vai se você quiser, Catalão é pertinho mas eu vou com as crianças. Aí depois voltei lá porque ele me chamou, a senhora tem consciência de que a senhora vai sozinha, porque o Plínio não vai, tenho, e o Plínio pode ficar aqui com o senhor, não tem problema nenhum. Eu acho que nesse momento ele é mais importante para o senhor do que para mim e para meus filhos, pode ficar tranquilo, não tem problema, para mim não faz diferença, pode ficar, se o senhor acha que nesse momento ele é importante pode ficar, segura mesmo, ele tinha esse poder.

**Pesquisador 2: Aí vieram você e a Monica?**

Liz: Nos duas e ele segurou o Plínio lá 6 anos, ficamos 6 anos com os meninos e viemos nós duas para cá.

**Pesquisador 2: Quando vocês chegaram em Catalão, só tinha a Soraia de técnica federal e a Maria...**

Liz: A Glória...

**Pesquisador 2: E a Glória...**

Liz: Isso. Eu e a Mônica formamos 5.

**Pesquisador 2: Vocês se entrosaram quando chegaram?**

Liz: Sim, porque a gente trabalhava, eram todas naquela salinha ali, todo mundo ali dentro.

**Pesquisador 1: Vocês foram para o mesmo setor, só tinha um setor?**

Liz: Só um setor, a Soraia era a secretária, a Elza a diretora, o Idelvone vice, a Glória responsável pela graduação, só tinha um computadorzinho, era o único que funcionava, eu e a Mônica a gente fazia outros serviços e a Maria no telefone, era só nós. A gente fazia outras coisas.

**Pesquisador 2: O pessoal da prefeitura estavam onde? Na biblioteca? Tinha a Neuza também.**

Liz: Tinha a Neuza na biblioteca, que era federal. Mas tinha a Keila e a Lígia também. E a Maria, Neuzinha e a Rita...

**Pesquisador 2: Em 96 a biblioteca não era aqui?**

Liz: Era aqui.

**Pesquisador 1: Que é onde você trabalha agora.**

Liz: Não, é onde é a Educação Física.

**Pesquisador 1: Sim.**

**Pesquisador 2: Então você chegou em 96, tem esse impacto do trabalho.**

Liz: É, eu já vim chocada de lá, porque a gente compara, porque você acaba comparando. Se você trabalhava em um lugar bom, você compara e num lugar que você está e não é tão bom, ou o outro é bom então você compara, a gente acaba comparando e tive esse impacto. Aí eu pensava assim que eu, gente, eu estou saindo do instituto, desse lugar que eu sofri desse choque tão grande, quando eu caí aqui vi que não era tão diferente.

**Pesquisador 1: A diferença de estrutura era assim, Urutaí é mais antigo...**

Liz: Tem estrutura maior, melhor do que aqui.

**Pesquisador 1: A diferença de estrutura era muito grande?**

Liz: Muito grande também, mas de atividades não, para mim não mudou muita coisa não. Mudou mesmo o que eu acho assim, mudou não continuou a mesma coisa, eu acho que foi mesmo o ambiente, pessoas mesmo assim, a forma de pensar, de agir, de trabalhar, isso para mim não...

**Pesquisador 1: Aqui na época tinha quantos cursos quando você chegou?**

Liz: Acho que 7, as licenciaturas e a computação, que era recente, tinha acabado de iniciar, mas era Educação Física, Letras, História, Geografia, Matemática.

**Pesquisador 2: Mesmo tendo esse impacto, você sentia assim que poderia crescer aqui, poderia melhorar, além da oportunidade de estudar?**

Liz: Sim, eu achava que sim. Eu via porque não era uma instituição de ensino médio, isso já fazia uma diferença muito grande, a faculdade que tinha aqui era particular, privada, as

peessoas não tinham tanto acesso. Eu particularmente nunca teria chance de pagar faculdade para mim e para meus filhos lá e sem contar assim que eu via que era uma cidade próspera, as pessoas buscam isso, não sei se é devido às empresas da redondeza, das mineradoras e assim por estar bem localizada. Apesar de que está próxima a Uberlândia que tem outras coisas, outros cursos, outras faculdades, mas acho assim que Catalão é uma cidade bem localizada. É uma cidade do interior, mas que consegue ter uma coisinha de interior, mas se procurar algo de uma cidade desenvolvida, ela tem também para oferecer. Então eu via isso, achava que não ia ficar só na licenciatura, quando veio o curso de computação eu já achava que seria possível essa busca, essa necessidade, essa possibilidade de ter outros cursos.

**Pesquisador 2: Como técnica administrativa, eu vou situar historicamente. Como você entra em 96 e o crescimento mínimo que teve de técnico foi a partir de 2005, 2006. Nesse período de 96 até começar a chegar os novos técnicos, o que você achava que poderia mudar ali na instituição? Você lembra assim, de discussões que eram feitas, entre vocês principalmente.**

Liz: Não, eu não participei de nenhuma discussão.

**Pesquisador 2: Mas conversas entre vocês?**

Liz: Nunca.

**Pesquisador 2: Que poderia acontecer?**

Liz: Não.

**Pesquisador 2: Quando chegam os novos técnicos o que vocês sentem com isso, o que vocês pensam sobre isso naquele momento.**

Liz: Eu achei que seria um fortalecimento para nossa categoria, mas eu tive colegas que acharam, se sentiram ameaçadas, eu não senti ameaçada porque eu não tinha nada a perder, nunca tive. Agora quem tinha algo a perder, um espaço a perder, eu nunca tive, então eu nunca me senti ameaçada. Pelo contrário, será que vai chegar gente com nova mentalidade, com outra forma de pensar, não impactou em nada, não vi diferença, assim de chegar, sinceramente não pensei nisso assim, porque eu via assim alguns colegas antigos de ficarem apavorados, inseguros. Não sei se é porque eu já andei muito assim, não tenho raízes, eu não tenho assim para falar gente eu vou sair daqui do campus, por quê e vou perder isso, se eu não tenho isso comigo, eu não tenho esse apego, eu não tenho. Então eu já saí da saúde, da educação, da educação vim para Urutaí para a educação também, já saí da ação social. Então já tive esses momentos de vários locais, então não tenho assim de achar que você chega e eu não vou tirar férias, porque quando eu voltar você vai ter assumido meu lugar, não tem isso comigo. Então eu não tinha esse impacto. Eu percebi assim que seria, tem o sindicato desde

quando eu entrei... e eu achava que a gente era uma minoria, quando falava que ia ter greve, gente 4, 5 pessoas vão fazer greve. E eu pensava que nossa categoria, seria um momento de fortalecimento, da gente ser notado, realmente é ver diferença, mas eu ouvi de colegas, de tomar meu espaço, não sei, se tenho espaço aqui, não sei. Não vejo assim que alguém vai chegar e tomar meu lugar, que vai tomar minha atividade, que não vou tirar férias e quando eu voltar alguém vai me devolver e ter assumido o meu lugar e não vai devolver. Nunca pensei assim, não sei se é bom ou ruim, mas isso não me afeta.

**Pesquisador 2: de 96 para cá, quais foram os cargos que você ocupou aqui dentro?**

**Pesquisador 1: Onde você já trabalhou?**

## **Entrevista 2 – parte 2**

Liz: Eu trabalhei na direção há algum tempo, com a Elza, a Zelinda, com você, com o Jean, Idelvone, com aquele professor não sei também da computação, foi vice-diretor uma época, não sei se é Carlos, não sei.

**Pesquisador 2: Roberto.**

Liz: Roberto, mas teve um outro que tinha o cabelinho assim, que foi vice-diretor um tempo.

**Pesquisador 2: De quem?**

Liz: Do Neto, então eu passei por vários momentos. Eu trabalhei na direção quando eu fiz, aí teve, não me recordo o que aconteceu aqui no campus, eu fui fazer faculdade.

**Pesquisador 1: Qual curso você fez?**

Liz: Eu fiz Letras.

**Pesquisador 2: Quando você entrou na Letras?**

Liz: Eu entrei em 2000. Ainda era anual, fui fazer faculdade. Aí eu era a única funcionária aluna do campus e fiquei sem espaço para trabalhar porque eu era aluna e funcionária no campus, tinha uma norma que não podia trabalhar nem na direção e nem na biblioteca. Quase que eu fui para a rua.

**Pesquisador 1: Aluno?**

Liz: Aluno sim, não podia trabalhar na direção. Hoje é tudo diferente, eu sofri muito, isso me machucou muito, porque às vezes tinha alguma coisa para fazer, me chamavam e falavam assim, Liz você poderia fazer, mas você não tem curso superior, e nem está cursando e eu falava tudo bem. Aí quem tinha assumia ou procurava outra pessoa para fazer. Mas eu não entrei na faculdade por causa disso, eu já vim para cá pensando em estudar. Então, quando eu vi um curso matutino, a primeira turma matutina, eu fiz, o curso matutino e eu conversei com a direção, a direção concordou, ligou na UFG Goiânia, procurou saber direitinho se eu tinha

direito, se eu pudesse trabalhar fazendo 6 horas. Então achei o que eu queria, passei no vestibular direitinho e fui fazer um curso matutino. Aí eu não poderia trabalhar porque eu era aluna, mas isso me deu um conflito, me deu um mal estar, isso me causou uma sensação horrível porque primeiro eu não podia fazer as coisas, porque eu não tinha graduação, quando eu começo a fazer graduação não podia fazer porque eu era estudante, aí eu não podia ir para a biblioteca porque eu iria favorecer, isso com essas palavras, favorecer os alunos do campus, porque eu era aluna, para empréstimo de livros. Eu não podia ficar na direção porque tinha documentos em respeito a alunos e eu trabalhava com os funcionários e eu era aluna. Só tinha esses dois lugares, na época não tinha coordenação de curso, então me senti muito mal, eu era policiada.

**Pesquisador 2: Então o que você passou a fazer?**

Liz: Eu fiquei na biblioteca, mas eu não podia trabalhar no empréstimo de livros, fiquei na biblioteca durante um tempo. Hoje trabalhar na biblioteca, na época era status...

**Pesquisador 2: Porque hoje trabalhar na biblioteca é status?**

Liz: Porque só faz 6 horas e todo mundo queria ir para a biblioteca, todo mundo tem o sonho de ir para a biblioteca.

**Pesquisador 1: E tem 10% da insalubridade.**

Liz: Tem não a insalubridade tiraram.

**Pesquisador 1: Ah, desculpa.**

Liz: Então hoje trabalhar na biblioteca é status, não sei porque as pessoas... mas hoje é status.

**Pesquisador 2: Aí você ficou na biblioteca até quando?**

Liz: Até a biblioteca mudar lá para baixo, não me lembro. Não me lembro de data, mas fiquei um bom tempo lá, a graduação. **Pesquisador 1: Deve ter sido em 2004.**

Liz: É, aí fui para a pesquisa, eu estava na biblioteca e a Regma me chamou para trabalhar com ela na pesquisa, aí fui para a pesquisa na direção do Neto. Aí fiquei com a Regma 2 anos na pesquisa, aí ela saiu, venceu o mandato ela saiu, o Getúlio ficou um ano, fiquei 1 ano com o Getúlio, aí quando eles saíram entrou nova direção.

**Pesquisador 1: Manoel.**

Liz: Deixa eu respirar muito assim para medir minhas palavras. Aí entrou a nova direção e eu como funcionária, eu acho assim, você tem o direito de chegar e falar que gostaria de trabalhar com fulano e trouxesse uma pessoa para ser minha secretaria ou então para me auxiliar, eu gostaria. Eu boba, eu acho que, eu também como técnica tenho o direito de falar, como eu não tenho função gratificada, não tenho nada que me prende a ninguém, eu pensei assim que eu posso falar que não gostaria de trabalhar com fulano e falei que não gostaria.

Ah, mas você vai ganhar uma gratificação, mas eu não estou interessada nessa pessoa, não quero. Mas porque fulano vou fazer isso e isso, não vou fazer isso, eu não vou fazer então você não tem SIC, tudo bem. Eu estou recebendo meu salário, vou cumprir meu horário e fiquei uns dias debaixo de uma árvore ali, cumprindo meu horário.

**Pesquisador 2: Você não quer citar?**

Liz: Não.

**Pesquisador 2: Então está bom.**

Liz: Eu fiquei cumprindo por alguns dias. Aí a História precisava de gente a noite, mas gente eu não vou trabalhar à noite porque o curso é noturno. A Geografia precisava de gente à noite, mas para eu ir para a Geografia tinha que ser no extremo, eu olhava assim para um diretor, olhava para uma diretora, vice-diretora, a professora Natividade. E ela me falava assim, me chamou um dia, aí pensei meu Deus para onde vão me mandar. Aí fiquei à disposição da direção, mas para lá não iria porque não era, não caberia lá, não tinha espaço para mim lá dentro. Primeiro eu vi que ninguém ia me querer lá não, eu tinha certeza. Aí eu fiquei uns 3,4 dias. Fui um dia para casa e quando eu cheguei para trabalhar 2 horas, minha mesa e minha cadeira não estavam lá dentro da sala, estavam do lado de fora, na pesquisa porque o novo chefe já tinha assumido, o funcionário já tinha entrado, da confiança e acho até correto isso. Você trabalha com quem você confia, com quem inspira confiança, com quem você tem afinidade, facilita as coisas. Então eu cheguei e minha mesa e minha cadeira estavam do lado de fora, eu disse que não vou pegar porque eu pego os móveis da minha casa, eu não vou pegar. Peguei minha bolsa, meus trens e sentei debaixo da árvore e lá fiquei. Aí passou o Donizete e falou assim você quer ir lá trabalhar na Geografia e eu falei Donizete estou para trabalhar, não estou perguntando onde, eu só não vou trabalhar com fulano porque eu não quero trabalhar nesse local mais, eu não me sinto confortável para trabalhar lá. Aí ele falou assim, eu acho que eu quero você na Geografia, se eu conversar com o Manoel, aí vou. Quando, virando as costas o Donizete, o Getúlio já tinha saído da coordenação da pesquisa e falou assim estou assumindo a coordenação do curso, se você quiser trabalhar no curso você pode ir. À noite não venho não, eu tenho direito, eu tenho mais de 20 anos de casa, não quero trabalhar à noite, eu tenho criança, tenho filho em casa, eu tenho vida, eu estudo, não quero trabalhar à noite, não vou. Aí ele falou assim depois eu resolvo, e Donizete perguntou se eu quero, mas estou quase indo à noite, aí ele falou assim então você pode vir durante o dia, eu venho à noite. Aí o que eu vou fazer de dia nessa História, se o curso é noturno, aí fiquei. Quando teve uma reforma aqui geral, aí eu peguei e falei assim, durante o dia as pessoas trabalhando, aquele pó, muito cal, muita tinta, muita poeira e falei assim, Getúlio eu acho que

a partir de hoje não quero trabalhar mais de dia porque eu estou me sentindo muito mal aqui e à noite não tem ninguém trabalhando e eu venho. Ele disse, eu não acredito que estou ouvindo isso não, sim as pessoas mudam. Aí eu vim para a noite, quando começaram essa reforma resolvi trabalhar à noite. Achei mais fresco, os meninos estavam todos estudando, fazendo faculdade, já não precisavam mais de mim, aí eu disse que agora eu posso, aí eu vim para a noite, para a História e estou lá até hoje.

**Pesquisador 1: E você gosta de trabalhar hoje em dia à noite?**

Liz: Já gostei mais, vou ser bem sincera. É melhor que durante o dia, não se estou já num período mais cansadinha, então eu acho que estou trabalhando muito durante o dia em casa, estudando, então quando chega a noite já venho cansada para cá. Para trabalhar à noite você tem que estar mais tranquila, você tem que tirar um turno do dia para poder fazer, a noite eu estou meio acelerada, agitada com umas coisas, eu estou chegando cansada, eu já gostei mais de trabalhar à noite. Se for para escolher eu ainda prefiro à noite, estou bem à noite.

**Pesquisador 2: Uma curiosidade, você quando vem para a universidade, você entra na carreira dos técnicos da universidade?**

Liz: Sim.

**Pesquisador 2: Não é carreira de sua instituição de origem não?**

Liz: Não, da universidade.

**Pesquisador 1: E o que você acha da carreira dos técnicos administrativos hoje em dia?**

Liz: O que eu acho?

**Pesquisador 1: É que a gente tem um plano de carreira aqui...**

Liz: Eu acho defasado, desrespeitoso, acho que o nosso sindicato não move, não age, não faz nada porque já tem 12 anos que não sobe um nada por capacitação no meu rendimento, só por qualificação. Para mim só vale qualificação, especialização, mestrado e doutorado, mas em termos de capacitação só tem limites, então tem 12 anos que eu não tenho progressão nenhuma, são sei se é horizontal, vertical...

**Pesquisador 1: Horizontal.**

Liz: Não tem nada, então a gente não tem incentivo para nada. Então se eu quiser alguma coisa, eu já fiz uns 3 ou 4 cursos de 100hs, mas para mim não vale nada porque já tem mais de 10 anos que nossa carreira é defasada, desrespeitosa, é vergonhosa, eu vejo como uma vergonha um sindicato que cobra da gente e não faz nada, assim. Se faz é muito pouco, eu acho muito pouco, muito pouco, pelo tanto de funcionários que tem, da necessidade que tem e não ir atrás.

**Pesquisador 2: Você está na carreira de ensino médio...**

Liz: É ensino médio, não fui para superior. Então para superior é só quem está entrando agora também. Nos últimos 2, 3 anos que tem metas, aproveitamento por capacitação porque hoje não tem mais.

**Pesquisador 2: O pico da sua carreira do doutorado chega a uns 9 mil, 10 mil.**

Liz: Não, menos do que isso, não chega a isso tudo não.

**Pesquisador 2: Bruto chega.**

**Pesquisador 1: Chega.**

Liz: A bruto deve chegar, bruto hoje eu estou com 6.800, 7.800.

**Pesquisador 1: Mas hoje em dia você ganha como mestre?**

Liz: Como mestre.

**Pesquisador 1: Mas quando você começa a receber pelo doutorado, você vai chegar aos 9 bruto.**

Liz: É, muito pouco eu acho.

**Pesquisador 1: Mas sinceramente o que é um doutorado, né.**

Liz: E não tem aquele professor que produz e recebe.

**Pesquisador 2: Você fez mestrado onde?**

Liz: Fiz na UFU.

**Pesquisador 2: Doutorado lá também?**

Liz: Não, doutorado estou fazendo na Universidade do Porto, em Portugal.

**Pesquisador 2: Eu não sabia disso.**

Liz: Poucas pessoas sabem.

**Pesquisador 2: Você está indo lá?**

Liz: Já fui.

**Pesquisador 2: Já fez os créditos?**

Liz: Já fiz as disciplinas, já qualifiquei.

**Pesquisador 2: Presencial?**

Liz: Presencial.

**Pesquisador 2: Ah que bom, parabéns!**

Liz: Obrigada. Só não estou fazendo a pesquisa, porque a minha pesquisa é aqui no país. E meu doutorado...

**Pesquisador 2: Depois você vai ter reconhecimento de títulos?**

Liz: De títulos. Eu tive que passar pelo comitê de ética, meu projeto só ficou 7 meses no comitê de ética.

**Pesquisador 2: Parece que Portugal agora, estamos saindo um pouquinho do tema, mas não sei se Portugal está na lista, mas o reconhecimento de título é automático.**

Liz: Ah é?

**Pesquisador 2: Eu vi essa discussão na câmara superior...**

Liz: Eu ouvi muitos comentários comigo assim, alertas, não entendo de outra forma de um alerta para eu ficar muito atenta, porque lá não existe exigência de comitê de ética, mas aqui tem. Meu projeto lá tinha um formato, aí tive que adequar para cá, as pessoas sempre me alertando, toma cuidado com coordenador de pesquisa de Goiânia, cuidado na hora do reconhecimento, porque tem algumas universidades estrangeiras que estão fora da lista de reconhecimento. Mas se for o caso de não reconhecer na UFG, aí me submeti a ir embora da UFG. Não mas sei projeto é daqui não é do país, porque o doutorado é integral lá, não é sanduíche, é integral, meu projeto não é daqui, é de lá, não sei o que, não precisa passar pelo comitê de ética. Mas eu já tinha começado e eu não quero que isso seja usado depois como forma de barrar o reconhecimento do meu diploma.

**Pesquisador 2: Fez bem.**

Liz: Então eu tive esse período de 7 meses de muitos horrores, que esse comitê de ética não é coisa saudável, para desequilibrar a gente emocionalmente, psicologicamente, o comitê de ética é para isso. Não existe, de você mandar para o comitê de ética, uma plataforma Brasil, hoje com seu tema de projeto de seres humanos, quando manda você fazer alteração e manda você devolver vai cair lá no veterinário, no hospital da criança, materno e vai cair no hospital das clínicas, não sei aonde, se vou oferecer risco para as outras pessoas, gente como vou oferecer risco. Quem oferece risco é bicho, é inseto, sei lá, animais que oferecem risco para as outras pessoas, que perguntas, aquelas perguntas não podem ser direcionadas para minha pesquisa em que vou entrevistar professores, coordenadores, com as mesmas perguntas que fazem para como se fosse pesquisar pulga, carrapato, percevejo, não sei, não interessa na minha pesquisa. Então, assim, eu acho que é uma roubada, desequilibrar a gente, eu fiquei desestruturada com o comitê, mas enfim fui aprovada.

**Pesquisador 2: Seus filhos fizeram qual universidade?**

Liz: Aqui.

**Pesquisador 1: na UFG?**

Liz: Sim, um fez Educação Física e a menina fez Letras.

**Pesquisador 1: Estão trabalhando na área?**

Liz: Não. Ela está no doutorado em Linguística Aplicada na Floque, em Portugal também e ele está nos Correios, não quis.

**Pesquisador 1: Você sentiu diferença na qualidade do seu trabalho com a qualificação? Não estou dizendo reconhecimento, você enquanto pessoa...**

Liz: Sim, amadurecimento, eu acho. Amadurecimento, conhecimento, esclarecimento, sim, que isso. Eu tenho um divisor de águas antes e depois assim, de uma graduação, de um mestrado, de uma especialização, que eu fiz também especialização na Letras aqui em linguística, produção de texto, escrita e produção de texto. Fiz o mestrado em Dramaturgia na UFU, então assim para mim, um divisor de águas, não tem nem comparação. Eu acho que autoconfiança, eu diria que é maturidade, eu acho que a palavra correta seria maturidade mesmo. Eu acho que quando uma pessoa se posiciona e a que não se posiciona é imatura, não me vejo imatura não, eu talvez sempre fui uma pessoa com a maturidade precoce, mas agora eu tenho uma maturidade autoafirmada, talvez.

**Pesquisador 2: E você acha que a instituição hoje UFG Catalão te usa pouco ou te usa muito?**

Liz: Nada.

**Pesquisador 1: Relativo a seus conhecimentos.**

Liz: Sim. Não me usa não.

**Pesquisador 2: Como você acha que deveria te usar?**

Liz: Ah, eu acho que dar oportunidades, acreditar nas pessoas talvez, pode ser também que eu não passe credibilidade, não sei o que eu teria que fazer. Talvez teria que fazer um curso em como passar, transmitir credibilidade.

**Pesquisador 2: Como assim credibilidade, o que você quer dizer com isso?**

Liz: Porque as pessoas não acreditam em mim, eu acho isso, deve ser baixa autoestima, não sei, se fosse isso, seria isso. Mas me vejo como pessoa inteligente, me vejo uma pessoa capaz, eu me vejo uma pessoa de potencial, me vejo uma pessoa criativa, mas talvez eu não tenha me achado...

**Pesquisador 1: Marketing?**

Liz: O auto marketing. Eu levo por esse lado assim, eu gosto muito de recordar da professora Lívia, que falava assim para mim, muito bom lembrar da Lívia, ela foi minha orientadora na especialização. Ela falava assim para mim, Liz eu vejo você com tanto potencial, eu acho que às vezes você deveria exteriorizar isso, mas eu não vejo essa necessidade, talvez eu guardo para mim. Ela falava assim, eu vejo gente, que ela foi professora muitos anos aqui, orientadora muitos anos e falava que tem gente aqui que não tem 10% da capacidade do conhecimento que você tem, que eu ocupo espaços inacreditáveis. E a gente olha e fala assim gente que dificuldade da gente entender que as coisas são, então falta isso em mim. Eu não

quero me mudar, eu acho que assim não preciso mais, acho que cheguei numa fase da minha vida que eu não preciso de auto marketing, de me expor, de provar para as pessoas quem eu sou e do que sou capaz, eu não preciso disso. Desculpa.

**Pesquisador 1: Você quer uma água?**

Liz: Não, eu sabia, eu sabia, eu falei para ela para vocês não me cutucarem.

**Pesquisador 1: Você quer um lencinho?**

Liz: Não obrigada, estou bem.

**Pesquisador 2: Então desculpa por estar entrando nesses termos, que às vezes eu fico pensando que o projeto da Flávia ele tem essa característica forte.**

Liz: De teor, né?

**Pesquisador 2: Eu vou só explicar um pouquinho mais, quando a Flávia vem propor estudar a instituição a partir dos técnicos, o olhar do técnico, é uma novidade surpreendente não só do programa...**

Liz: Porque é muito subjetivo, convenhamos, querendo ou não, acho que você acaba mais subjetivando isso...

**Pesquisador 2: Mas é um olhar biográfico para a instituição que a gente não está acostumado a ver. E eu fico muito curioso com essa coisa do trabalho porque ele fala alto em relação à instituição, o que a instituição está fazendo com tudo isso.**

Liz: Até assim porque com meu olhar como técnica vê as pessoas da instituição como essas paredes e eu acho que a instituição não é parede, a instituição tem pessoas, somos nós, que trabalhamos, que cumprimos nosso horário, nossas obrigações, nós somos a instituição, amanhã se sair daqui, o campus sair daqui e implantar em outro lugar, o campus vai ser lá, a UFG vai ser lá porque as pessoas estão lá, aqui pode fechar, acabar. Então as pessoas deveriam, é uma instituição sim, mas as pessoas devem ser vistas como pessoas, pessoas instituições, mas não quero dizer que pessoas na instituição são institucionalizadas como matéria não, pessoas, seres humanos. Isso que quero dizer, que a instituição não são 4 paredes e a gente é visto como isso, eu acho. Nós somos muito além disso, nos transcende essas 4 paredes, a gente devia ser visto com outro olhar, eu penso assim, não sei.

**Entrevista 2 – parte 3**

**Pesquisador 2: Tem não Flávia?**

**Pesquisador 1: Tem. Se a instituição hoje fosse vista com outro olhar, como que ela seria vista?**

Liz: Eu acredito que não haveria tanta desigualdade, porque a gente vê desigualdade dentro da própria instituição, que prega desigualdade, que levanta bandeira de desigualdade e a gente vive a desigualdade.

**Pesquisador 2: Você pode dar exemplo?**

Liz: Dou, dou exemplo sim. Você aqui dentro da universidade, dentro do campus, em qualquer lugar você tem desigualdade, você vê tratamento diferente entre professores, com técnicos, com alunos, são tratamentos diferentes. Você vê tratamento entre chefe com funcionário, você vê tratamento de colega para colega porque ele trabalha, eu falei para você agorinha que trabalhar em determinados lugares é status. Sim, tem isso sim aqui dentro, tem. Não vou citar nem departamento, nem local, nem funcionário, mas não há necessidade de citar, mas que tem isso tem, diferença sim. Tem grupos, tem grupo do local tal, que não se mistura como o grupo do local tal, que não se mistura com o grupo do local tal.

**Pesquisador 2: Ah, dá nomes.**

Liz: Não precisa. Então são formados grupos, grupos que são de técnicos, não preciso falar porque não preciso participar do mesmo grupo de pessoas, professores, não, não penso assim. Eu acho que o grupo de professores tem um espaço deles, o momento deles, mas técnicos deveriam ter porque os professores eu não vejo grupo fazer uma festa de ADCAC com um grupo de professores da Pedagogia um dia, com o grupo da Letras outro dia, não, eles não fazem uma festa, nós não, nós temos diferença.

Liz: Então...

**Pesquisador 2: Isso eu não sabia.**

Liz: Então SIC eu acho que essas diferenças que a gente prega que não devem existir, não deveríamos vivê-las dentro da universidade. A universidade devia ter uma política, dentro da própria universidade, dentro do próprio campus, das pessoas serem mais pessoas, serem mais próximas, respeitar as pessoas, não ver as pessoas com diferença de cor aqui dentro, de tipo físico, de formação, eu acho que as pessoas deveriam ser vistas como as pessoas, não pelo que tenho, não pelo que fiz, ou pôr que deixei de fazer. Eu sinto isso assim, pode ser coisa da minha cabeça, mas eu não tenho mais 10 anos e nem tenho 5 anos de trabalho, tenho 36 anos de trabalho. Então eu já tive várias experiências, então eu posso fazer o comparativo de treinamento com pessoas, de locais de trabalho, de como trabalhar, de como você está sendo respeitada no seu trabalho, como você sendo aproveitado no seu trabalho, isso eu sei. Eu já trabalhei algumas horas na minha vida, se multiplicar 36 anos em horas dá umas 1000 horas, então eu tenho um pouquinho de cadeira em relação a isso. Eu tenho dificuldade, eu fico pensando assim se nesses 36 anos não mudou, não vai mudar e eu acho que é a minha forma

de pensar, eu penso assim. Então eu acho que a diferença de tratamento, isso pesa dentro da instituição, pesa muito, pesa muito, eu vejo assim. A mesma coisa, ao mesmo tempo eu digo que é uma coisa que não quero participar, eu nunca quis, talvez seja por isso. Eu fico de fora, eu tenho outro olhar, mas como uma observadora das coisas, então talvez de fora eu tenho esse olhar assim. As pessoas estão muito envolvidas como outros tipos de tratamentos, de conhecimentos, de vivências, elas não percebem, mas eu percebo de fora. Eu prefiro esse olhar de cá.

**Pesquisador 2: O que não te fez aposentar ainda?**

Liz: Meu doutorado, porque eu já havia começado, aí eu não vou me aposentar sem meu sonho. Aí a gente pensa assim eu nunca vou me aposentar, mas quando você faz 30 anos de trabalho você vê muita coisa na sua vida, porque você fala assim será que ainda vou conseguir contribuir para que mude alguma coisa, eu cheguei à conclusão de que eu não vou mais contribuir para a mudança, de nada. Como técnico administrativo dentro da instituição, não, não vou mudar, não vou dizer outra função, talvez seria professora, mas isso pode ser em qualquer outro lugar, não precisa ser na universidade. Com minha formação posso ir, prestar um concurso, ir para qualquer lugar, vou trabalhar de voluntária, eu posso mudar alguma coisa, mas aqui na instituição não vejo possibilidade de mudar, de contribuir para mudar, de mudança não, não eu não vejo. Mas eu vejo fora e então quando eu liguei em Goiânia, quando tinha acabado de chegar do mestrado, tinha um ano que tinha saído do mestrado e passei no doutorado, e aí liguei em Goiânia para saber se eu poderia pegar licença. Aí o rapaz falou assim para mim, você olhou na minha ficha, no meu cadastro, liguei no mês de julho, aí tinha acabado de entrar na seleção e ele falou assim para mim: você não pode pegar licença porque primeiro você só tem um ano que você voltou do mestrado, você tem que pagar, são no mínimo 2 anos e, segundo, você pode até aposentar até dia 20 de agosto, a qualquer hora você pode aposentar, 2013. Meu chão assim abriu porque eu não estava nunca preparada, nunca para a minha vida com todo o meu desamor, o meu cansaço, eu não estava preparada para ouvir a palavra aposentadoria, eu nunca tinha colocado no meu dicionário assim, com tanta convicção, com tanta aproximação assim. Aí quando ele falou você pode aposentar a partir do dia 20 de agosto, você não tem tempo hábil para pagar os 4 anos que você vai ficar fora, você tinha que ter pelo menos 8 anos para você pegar uma licença, me deu um desespero ouvir muita coisa, esse doutorado de lá, você aposenta, eu falei nunca busquei aposentadoria para mim, vou continuar e continuei no doutorado ...

**Pesquisador 2: Como você fez os créditos se você não tinha licença?**

Liz: Fui lá, fiquei lá para fazer o segundo...

**Pesquisador 2: Você tirou licença particular?**

Liz: Não, eu peguei férias, acumulei férias, eu tinha férias porque eu saí para o mestrado, quando você sai para o mestrado você não pega férias, 2 meses de férias do mestrado. Como eu voltei em julho, tinha 2 meses de férias do mestrado, entrou de greve e eu peguei mais as férias de janeiro de 2014 e fiquei quase 6 meses.

**Pesquisador 2: E você conseguiu fazer os créditos todos?**

Liz: Consegui fazer os créditos porque lá não tem essa gama de disciplina que nós temos, você faz 3 ou 4 disciplinas só porque elas são agregadas, você tem 8 professores, você tem aula com 3 professores, eles todos passam conteúdo, para 3 professores eles ministram aula e então você não faz 12,15, 20 disciplinas como fiz no mestrado, 8 disciplinas, 10,12 disciplinas no mestrado.

**Pesquisador 2: Até onde eu sei só tem um doutor que é técnico aqui.**

Liz: O Ismael e a Diana.

**Pesquisador 2: A Diana também.**

**Pesquisador 1: Tem a Vanessa também. Só que ela já entrou doutora, a Vanessa da Biologia.**

Liz: Da Biologia?

**Pesquisador 2: É técnico de laboratório?**

Pesquisador 1: Não, ela é bióloga, ela fez concurso para Biologia e ela trabalha na secretaria da Biologia. Ela meche com compras, hoje em dia ela trabalha na secretaria do IBIOTEC, então ela trabalha...

Liz: Nem sei onde a Vanessa trabalha, mas eu conheço ela sim.

**Pesquisador 1: Agora ela trabalha com as contas, com as licitações do IBIOTEC em si, mas ela entrou em princípio para a Biologia, o cargo dela é de nível superior...**

Liz: Doutora.

**Pesquisador 1: Doutora, maravilhosa ela.**

Liz: Ela é novinha, mais nova que eu, eu conheço muito a mãe dela, com ela eu não tive muito... **Pesquisador 1: Ela é muito minha amiga, nos conhecemos, a gente trabalhava no mesmo corredor, ela é um encanto de pessoa.**

**Pesquisador 2: Liz, como você vê essa expansão que a UFG teve depois de 2005?**

**Pesquisador 1: Os novos cursos, os novos professores, os novos técnicos.**

Liz: Eu vejo como um balão, deu um sopro e encheu, que explodiria a qualquer momento. É a minha visão que tenho assim, eu acho que assim foi um “boom”, todo mundo se encantou, mas eu não vi o preparo para que isso acontecesse. Eu vi assim que deveria crescer “boom”,

todo mundo quis isso rapidamente e parece que quanto mais cabeças mais dinheiro, parece que as cabeças não estão ficando suficientes. Então eu tenho uma ligeira sensação que assim, vão faltar recursos, estão faltando recursos para a universidade. Foi um “boom” de cheia, encheu e agora acho que vai murchando, encolhendo, eu tenho experiência pelo nosso curso, era para ter 50 cabeças, 50 alunos, chamando de cabeças aqui porque é assim que são tratados, então era para ser 50 alunos e fechou matrícula de ingressantes com 21 alunos. E o recurso vem para cobrir esses 50 alunos, será que vem, eu me pergunto, não sei como funciona isso não, mas as poucas palestras, as poucas conversas que eu ouvi, presenciei nessa época da explosão, esse monte de curso então você olha os cursos de elite assim, matricular 12 alunos na 1º chamada, então é muito pouco, não é pelo “boom”, pela explosão, a dimensão, a proporção.... **Pesquisado 2: Isso na História ou nas Ciências Sociais?**

Liz: Nos 2 cursos, pouquíssimos alunos, quando era só 7 cursos tinha muito mais alunos, tudo bem que a gente distribuía, mas se vem recurso, se os recursos são destinados pela quantidade de aluno, pela quantidade de curso, pela quantidade de professor, eu acho que assim...

**Pesquisador 2: Então recurso é basicamente pela quantidade de alunos, a maioria deles.**

Liz: Então, se não tem. Não é só com a História, que é da área de humanas, ou com a Letras, ou a Pedagogia, ou a Geografia. Gente eu dei isso nos cursos de exatas, nos novos cursos também.

**Pesquisador 2: Eu acho que aqui está fazendo matrícula de 45...**

Liz: Ainda?

**Pesquisador 2: 45 ou 50, acho que 50 ou até mais.**

Liz: Nós temos 3 ou 4 matrizes, nós temos bacharelado, licenciatura e grau não definido. Você vai fazer matrícula assim, já foi bacharelado e licenciatura, agora são os 3, o grau não definido. **Pesquisador 2: O que é o grau não definido?**

Liz: O grau indefinido é uma entrada que o aluno tem no 1º período, quando ele entra como ingressante, aí ele cursa até o 4º período sem nada, comum, aí, quando chega no 3º, 4º período ele define, para a licenciatura ou bacharelado. Agora assim talvez por chamada pública, na 2º chamada pública, portador de diploma, um monte de coisa, deve dar um pouquinho mais. Mas é muito pouco, eu acho muito pouco, pouco, pouco, pouco, se for pensar em recurso relacionado a aluno, foi uma coisa assim que não sei se seria um caminho não.

**Pesquisador 1: E o que você está achando além dessa expansão, agora tem um novo momento que está surgindo aí, que está vindo o curso de Medicina, tem o novo campus e agora que a gente não sabe se vai se consolidar, que é a questão da nova universidade, que está aí para se formar. E aí o que você está achando desse momento?**

Liz: Não sei nada disso, se for no mesmo caminho da expansão ...

**Pesquisador 2: Outro balão.**

Liz: Outro balão que vai murchando depois, sinceramente. Porque as coisas são muito tomalada-cá, político, querendo ou não, a universidade é lugar de política, de discutir política, de politiquices e acaba refletindo lá na frente.

**Pesquisador 1: Você acha que seu trabalho é influenciado pelas políticas, tanto municipal, estadual.**

Liz: Sim, claro.

**Pesquisador 1: Federal.**

Liz: Sim, nosso trabalho é influenciado pela política federal também ...

**Pesquisador 1: Só federal?**

Liz: Não, de jeito nenhum. Todo mundo, nós estamos na esfera municipal, nosso trabalho é influenciado, o campus principalmente porque tem professores municipais até hoje, pelo município, pelo estado, nós temos um anfiteatro, uma biblioteca tudo com nome de mãe, avó, bisavó de governador, então é influenciado pelo município, pelo estado, pelo governo federal, eu vejo assim como um conjunto.

**Pesquisador 1: E a atual conjuntura política você acha que vai dar nessa, da nossa vida aí.**

Liz: Coisa boa não vai ser, eu não vejo como uma boa coisa, mas para pior SIC não sei se está tão ruim assim. Nós já tivemos momentos muito piores do que a gente conseguiu e agora não sei, sinceramente. Eu não acredito muito assim que vai ser um passe de mágica que vai curar todas as feridas não, a hora que assumir outro governo, vice ou uma eleição não vejo como um estalar de dedos assim, nossa mudou tudo, amanhã vai ter feijão de 2 reais o quilo, inflação de 0, o dólar e o euro de 1,59, não vejo assim não. Minha perspectiva é bem pessimista, só se acontecer um milagre, mas ultimamente não estou acreditando em milagre, sou mais real, não vejo.

**Pesquisador 1: E Jane, você se acha uma profissional que trabalha com educação? Você acha que seu trabalho, é um trabalho relativo à educação?**

Liz: Sim, sim, pois mexo com pessoas, com seres humanos, eu tenho que ser educada porque senão eu não recebo educação do outro, eu estou numa instituição de educação, eu tenho que trabalhar com educação.

**Pesquisador 1: E você se sente educadora?**

Liz: Educadora sim, responsável pela educação, sim.

**Pesquisador 1: Você acha que é um espaço de formação e você contribui de alguma forma.** Liz: Contribuí, poderia contribuir mais. Mas o que depende de mim, como pessoa, eu Liz, como funcionária, como prestadora de serviço público, a sociedade requer e me paga o meu trabalho, eu me vejo uma pessoa competente, respeito minha clientela, que são os alunos, professores, são os pais com os quais eu trabalho, com a comunidade, com a sociedade, respeito isso e procuro tratá-los como gostaria de ser tratada, só isso. E quando uma pessoa me trata mal em algum lugar, eu fico possessa, assim eu nem sei o que falar, assim pode a gente não pode descer do salto, senão você se torna igual ao outro, mas eu fico indignada. Então eu só tento tratar as pessoas da forma como eu gostaria de ser tratada, só isso. Eu não gostaria de ser maltratada, de ser mal recebida, de alguém grosso comigo em lugar nenhum, assim as pessoas me confundem, mas eu tenho assim um jeito de viver muito peculiar meu, eu sou assim, eu não sou igual a você, ao Wolney, não quero ser igual a ninguém, não quero ser unanimidade, porque eu tenho muito medo de unanimidade, eu não quero ser. Quero que as pessoas me enxerguem como eu sou, eu sou a Liz só, simplesmente Liz.

**Pesquisador 1: E como é sua relação com os professores?**

Liz: Tranquila, não tem problema nenhum, não guardo pendências, se tiver alguma coisa para falar que eu não gostei, tem reunião de curso eu falo, não gostei disso, eu sugiro, eu quero ouvir, se não gostar também falo, tenho voz ativa nas reuniões, nos departamentos de curso, eu falo como qualquer outra pessoa, normal não tem assim. Tem uns que tenho mais afinidade e outros menos, e também ninguém é obrigado. Nem eu sou obrigada, mas assim tranquilo, não tenho problema com nenhum professor, com ninguém. Nem com minhas colegas de trabalho, assim, já trabalhei com algumas pessoas aqui, umas eu converso e outras nem preciso conversar porque eu não tenho assunto para falar, de trabalho não preciso, eu não tenho amizade, não participo de grupos só para não dizer que vai reunir. Então, mas eu convivo, com uns com mais e outros menos, mas tranquilo.

**Pesquisador 1: E como é sua relação com os técnicos administrativos?**

Liz: Sim, já fui mais presente, não sei se depois que entrei no mestrado eu fiquei 2 anos de licença, então quando eu voltei tinha uma gama de funcionários recém-chegados. Então tem funcionários que eu não conheço até hoje. Já voltei em 2013 e tem funcionários que eu não conheço. Assim, esses funcionários trabalham durante o dia e eu trabalho à noite, então de dia não vou conhecer ninguém, então eu não vou, não faço sacrifício não.

**Pesquisador 2: Mas o Plínio trabalha durante dia, né?**

Liz: Meu marido lá de casa trabalha durante o dia.

**Pesquisador 2: Então vocês estão igual a sol e à lua, só na madrugada.**

Liz: Só na madrugada. Então porque eu venho à noite e por causa do meu doutorado, o curso concedeu que eu fizesse meio período, porque eu não tenho licença. Então eu não trabalho durante o dia, só à noite. Como não tem ninguém que quer trabalhar à noite, não tem funcionário, não tem estagiário, não tem terceirizado, ninguém quer trabalhar à noite, aí eu trabalho, faço minha jornada do trabalho reduzida, no período da noite. Eu vejo o Plínio à tarde, à tarde meu marido está em casa. A gente sai para fazer as coisas de rua, de comércio, a gente resolve nossa vidinha à tarde, descanso um pouquinho.

**Pesquisador 1: E como é sua relação com os alunos?**

Liz: Tranquila, não tenho nada a reclamar daqueles meninos não, o índice deles maior de frequência é 15 para as 7, até 8 horas eles estão lá...

**Pesquisador 2: Você é funcionária do curso de História ou da Unidade?**

Liz: Da Unidade.

**Pesquisador 2: Mas você trabalha só com o curso de História?**

Liz: Só curso de História.

**Pesquisador 2: A Ciências Sociais tem outra pessoa?**

Liz: A Daiane.

**Pesquisador 2: Ah, tá.**

Liz: Quando começamos era eu e só 2 cursos, e eu saí para o mestrado e a Daiane foi chamada para trabalhar porque era concursada e saí para o mestrado e ela ficou com os 2 cursos, durante os 2 anos que fiquei fora. Quando voltei nós 2 trabalhamos cada uma em um curso, mas eles desmembraram. Foram para outro curso, para o outro prédio e eu fiquei, ela ficou em Ciências Sociais e eu em História.

**Pesquisador 2: E o Thimóteo?**

Liz: É da Unidade, é secretário da unidade, do Rogério, chefe de departamento.

**Pesquisador 2: Entendi.**

Liz: Da Unidade, tudo.

**Pesquisador 2: Mais alguma coisa?**

**Pesquisador 1: O que te marcou, você tem alguma história aqui do campus... Ah, esqueci de te perguntar antes dessa pergunta, como é sua relação com as gestões?**

Liz: Que gestões?

**Pesquisador 1: Como que foi, você passou por várias, como é sua relação com a atual gestão?**

Liz: Não sou muito próxima não, as pessoas trabalham durante o dia e eu à noite, então eu vi, conheço o diretor porque vai ter colação de grau SIC e me falaram quem era ele, então assim

não precisei. Eu não venho aqui durante o dia, esses assuntos são mais com chefes, direção, com coordenadores, tantas outras coisas aí. Então quem mexe são os coordenadores de curso e eu trabalho à noite, então por eu trabalhar à noite sou um pouco distanciada, por isso que não conheço muita gente ainda e muita gente não me conhece ainda.

**Pesquisador 1: E tem algo dessa história, dessa longa história aqui no campus...**

Liz: Está me chamando de arquivo?

**Pesquisador 1: Eu adoro arquivo, por isso que eu te adoro.**

**Pesquisador 2: 20 anos.**

**Pesquisador 1: Algo que te marcou, que te chamou atenção, o que mais te marcou aqui, que você gostaria de dizer ou não, você acha que já falou tudo.**

Liz: Já falei tudo.

**Pesquisador 1: É?**

Liz: Uhum. Muito obrigado a vocês.

**Pesquisador 1: Obrigado.**

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA (MARGOT)

**Pesquisador 2: Catalão, hoje são 11, né? 11 de maio de 2016, entrevista com Mônica...**

Margot: Inês de Castro Neto...

**Pesquisador 2: Mônica então vamos começar, fala para a gente um pouco como foi, sua família, onde você nasceu, como foram as primeiras experiências de infância, essas coisas.**

Margot: Bom, meus pais são de Catalão, o meu pai é daqui mesmo, minha mãe morou boa parte da infância, da adolescência, ela estudou aqui no Colégio Mãe de Deus, foi interna e quando ela terminou a 8ª série, não sei se na época era 8º série, mas meu avô, minha mãe era filha mais velha e queria que os filhos estudassem. E ele se mudou para Anápolis para que ela, minha mãe, e os irmãos dela estudassem. A minha mãe já tinha um namorado que era meu pai daqui e meu pai ficou naquela época difícil, a distância era maior do que hoje e ela logo casou e não estudou. Ela terminou a 8ª série e não estudou, e meus tios continuaram estudando, então minha mãe não seguiu, mas voltou para Catalão e meu pai trabalhava com, mexia com fazenda, ele tinha fazenda. Então morava na fazenda, na roça e minha mãe estudou e começou a dar aula, então do que eu conheço desde sempre é minha mãe como professora. Minha irmã é 6 anos mais velha do que eu, só tenho uma irmã, nós duas não nascemos em Anápolis, mas fomos para Anápolis para minha mãe dar à luz e voltava, a gente morava nunca cidadezinha aqui perto, na fazenda, de uma cidade perto daqui.

**Pesquisador 2: Você nasceu em que ano?**

Margot: 71, em 71. E minha mãe sempre dando aula, trabalhando em escola para ajudar meu pai e comecei a estudar com 4 anos, nessa época a gente já morava em uma cidade pequeninha, mas era uma cidade, minha irmã estudava na fazenda. Minha mãe trabalhava naquela escola que era...

**Pesquisador 2: Multiseriada.**

Margot: Multiseriada que tinha alunos de todas as idades, minha irmã estudou e eu não. Fui para Urutaí e com 4 anos comecei a estudar, fiz pré, 1ª ano.

**Pesquisador 2: Em Urutaí?**

Margot: Urutaí, e minha mãe foi a minha professora da 1ª até a 3ª série do ensino fundamental.

**Pesquisador 2: Como foi a experiência?**

Margot: Não, foi uma experiência para mim foi boa, não foi ruim não, foi uma experiência boa. Minha mãe sempre foi muito, teve muita paciência, muito carinho, ensinava. Eu sempre lia muito desde pequenininha, assim, por causa da minha mãe porque sempre lia muito então

foi uma experiência muito boa. Tanto que sofri quando ela deixou de ser minha professora na 4ª série, eu sofri um pouco porque era professora nova na cidade, nova de idade, apesar que minha mãe era nova, naquela época 40 anos, e minha mãe tinha 40, 30 anos, ela já tinha as feições de gente mais velha e chegou a ser professora super novinha. Foi minha professora na 4ª série SIC, mas então a minha experiência mudou, minha história mudou radicalmente na 4ª série e foi a até a 8ª série em Urutaí. Eu mudei de escola, a escola era só até a 4ª série, que era conveniada com a igreja Católica e nossos trabalhos eram sempre avaliados, ia para Goiânia naquela época, secretaria de educação. A gente sempre tinha os cadernos organizadinhos para as provas, de 5ª a 8ª série foi outra escola, que era outra realidade, que era maior e estudei lá até a 8ª série e 1ª ano fiz em Urutaí também, que é técnico em magistério e técnico em contabilidade, mas aí minha mãe queria que eu viesse para Catalão, eu acho que também tinha um pouco de vontade, apesar de gostar de estudar lá. Aí vim para Catalão e fiz científico, 2ª e 3ª ano aqui, aí passei no vestibular da UFG, acho que foi na 2ª turma do curso de Letras, até hoje tenho dúvida se é a 1ª ou a 2ª ...

**Pesquisador 2: 87?**

Margot: 87, 2ª turma acho que 1ª de Pedagogia.

**Pesquisador 2: A 1ª de Pedagogia.**

Margot: Isso, 2ª de Letras e a 1ª de Pedagogia junto a Geografia, que era 2ª. Aí fiz 6 meses do curso de Letras aqui depois eu acho que, por empolgação, meu pai também achava que o curso de Letras, minha mãe era professora e não queria que as filhas dele fossem professoras e passei no vestibular para direito e fui fazer direito, fui lá para o CESUC, que hoje, assim, eu penso que foi um dos meus, pode-se dizer, erros porque a gente também mesmo eu não tendo seguido, tirei muito proveito do curso que fiz, mas eu deveria ter continuado no curso de Letras, eu gostava, sempre gostei muito e um pouco de arrependimento disso. Acho que minha carreira talvez tivesse tomado outro rumo se eu tivesse continuado aqui no curso de Letras, quis fazer Direito e fui, aí depois eu fiz o curso de Letras aqui.

**Pesquisador 2: Que ano?**

Margot: Eu não me lembro muito bem em que ano que eu entrei no curso de Letras, mas eu já, depois que eu terminei o curso de Letras eu fiquei acho que 1 ou 2 anos sem estudar, fiz mestrado tem 2 anos que terminei o mestrado, eu não sei que ano.

**Pesquisador 1: Você emendou logo o curso de Letras quando você formou, você já foi para o mestrado ou não?**

Margot: Não fui, eu fiquei não sei se foi 1 ou 2 anos sem estudar.

**Pesquisador 1: Você chegou aqui, só para lembrar um pouco da sua história que eu li, acho que você chegou aqui em 96, 97...**

Margot: Eu cheguei aqui em dezembro de 96.

**Pesquisador 1: Isso você lembra quanto tempo mais você demorou para entrar no curso de Letras ou você já era funcionária ou não?**

Margot: Já era funcionária, não porque assim eu fiz o curso de Letras mais recente, fiz depois da Geaneliza, minha turma é posterior a da Geaneliza.

**Pesquisador 2: Aqui não foi o seu primeiro emprego não?**

Margot: Não, eu trabalhei, eu me casei muito nova e fui para Goiânia, trabalhei em Goiânia, quando eles construíram a rodoviária teve o executivo na rodoviária, aí eu trabalhei no grupo executivo da rodoviária. Aí eu dei à luz, já estava grávida e fui para Rio Verde, lá trabalhei como professora de inglês numa escola de línguas no CCEE e numa escola da rede, que era o Objetivo, trabalhei 2 anos e me mudei para Catalão, e trabalhei em Catalão no CCEE também, trabalhei por um ano e no CCPA trabalhei por 1 ano, que foi quando eu passei no concurso.

**Pesquisador 1: Então você passou lá em Urutaí.**

Margot: Passei em Urutaí.

*Pesquisador 2: Mas aí você foi para Goiânia, você casou aqui.*

Margot: Casei aqui.

**Pesquisador 2: Catalão?**

Margot: Antes de terminar minha graduação.

**Pesquisador 2: Direito.**

Margot: Uhum.

**Pesquisador 2: Você foi para Goiânia porque foi acompanhar seu esposo?**

Margot: Acompanhar meu esposo.

**Pesquisador 2: Tá.**

Margot: Meu esposo morava em Rio Verde na verdade, e eu fui para Goiânia que era mais próximo de Rio Verde, até ter o meu filho e ele completar um ano eu acho, quando ele completou um ano mudei para Rio Verde.

**Pesquisador 2: Aí depois de Rio Verde ele veio para cá, para Catalão?**

Margot: Ele veio para Catalão trabalhar, ele se formou, fazia faculdade aí, depois nós viemos para Catalão.

**Pesquisador 2: Mas o concurso que você fez em Urutaí foi em que ano?**

Margot: O concurso que eu fiz foi em 94, o concurso, e eu tomei posse em 95, em janeiro de 95.

**Pesquisador 2: E era concurso para?**

Margot: Era concurso para técnico administrativo no que hoje é IF, que era Escola Agrotécnica Federal de Urutaí.

**Pesquisador 2: Em nível superior?**

Margot: Não, em nível médio. Eu nem tinha curso superior ainda, não tinha concluído.

**Pesquisador 1: Então você entrou na classificação D.**

Margot: Entrei na classificação D.

**Pesquisador 2: Você tinha concluído Direito?**

Margot: Não, casei antes de concluir, tranquei matrícula e fui, depois que eu voltei. Nessa época que voltei para cá, quando eu passei no concurso em Urutaí e os últimos 6 meses do meu curso, estava de licença maternidade quando eu tinha passado em concurso lá em Urutaí, por isso que eu concluí. Estava de licença maternidade, deu para eu conciliar, o curso era aqui em Catalão, eu trabalhava em Urutaí.

**Pesquisador 2: Quanto tempo você foi técnica?**

Margot: Fiquei em Urutaí de janeiro de 95 até, fiquei 2 anos até dezembro de 96. Foi em 96 que vim para cá em dezembro.

**Pesquisador 2: Como foi esse processo de transferência de técnico para cá? Porque ele foi feito, como foi feito, você lembra?**

Margot: Lembro, você fala do processo aqui...

**Pesquisador 2: De transferência.**

**Pesquisador 1: O que te despertou...**

Margot: Eu vim para Catalão porque eu mudei para Urutaí, meus pais moravam lá, meu pai não tinha filho, só tinha 2 filhas e quando foi nascer meu pai quis meu filho para ele. Tanto é que meu filho morou na casa do meu pai por um tempo, que eu fiquei nessa transição Goiânia Rio Verde por 1 ano mais ou menos, meu filho mais velho, ele ficou na casa do meu pai. Aí tive a oportunidade de fazer o concurso e meus pais moravam lá, meu marido não tinha emprego assim muito certo, ficava muito na fazenda e aí fui para Urutaí em janeiro de 95, dei a luz em março, fiquei aqui em Catalão até julho, em julho voltei para Urutaí. Aí no início de julho comecei a trabalhar, pois eram só 4 meses de licença maternidade naquela época. Meu pai morreu em agosto, meu pai foi assassinado, então foi assim uma história muito triste, eu tinha voltado por causa dele, ele faleceu. E quando meu pai faleceu foi motivação para eu vir embora, eu não queria que meu filho ficasse lá, crescesse naquela cidade e eu vim embora em dezembro. Eu consegui, era difícil aquela época o processo de redistribuição, não era fácil como hoje, não exigia que tivesse código de vaga em contrapartida, então a redistribuição

aconteciam se o reitor quisesse, se o diretor, no caso, era diretor e não reitor, dependia mesmo do apoio político dos diretores, dos gestores, um pouco difícil de conseguir. A Geaneliza foi na mesma época que eu, o Plínio não conseguiu na época, o diretor inclusive fez um, não sei se a Geaneliza contou isso, fez um acordo com ela assim desses bem, foi na mesma época, e a Geaneliza veio e a nossa portaria foi publicada de redistribuição, a gente descobriu que a Geaneliza ficou em cima, nossa portaria foi publicada na mesma época, a gente demorou um tempinho para descobrir porque eles não contaram para nós que tinha sido publicada nossa portaria e ele também fez comigo o que fez com a Geaneliza. A Geaneliza veio embora e ele exigiu que eu ficasse lá em Urutaí, até eu concluir o trabalho que eu estava fazendo. Aí saí de lá, demorei mais de um mês para vir, a Geaneliza veio depois que eu vim. Era bem sofrido o processo de redistribuição.

**Pesquisador 2: Você chega aqui em 96, quem que está? A Elza?**

Margot: A Elza era a diretora.

**Pesquisador 2: Diretora Elza, a Soraia estava lá?**

Margot: A Soraia estava na secretaria.

**Pesquisador 2: Estava na secretaria.**

Margot: A Soraia ajudou muito, eu fui em Goiânia, ele era reitor na época e a Elza era diretora.

**Pesquisador 2: E como foi esse impacto ou não houve impacto?**

Margot: Houve.

Pesquisador 2: Como que foi isso?

Margot: Eu trabalhava numa escola muito rica, o meu primeiro concurso eu trabalhava no gabinete do diretor e assim cada um tinha um computador já naquele ano. A gente tinha uma máquina eletrônica porque naquela época estava começando a usar o computador, se a gente tivesse documento que precisava fazer, era uma máquina toda chique, parecia computador, papel à vontade, tudo à vontade. A gente trabalhava com tudo do bom e do melhor, cheguei em Catalão não tinha nada. Eu trabalhava numa sala, era eu, a chefe de gabinete e o vice-diretor, o diretor tinha uma sala do lado da nossa, vim para cá. E a gente trabalhava todo mundo em uma sala só.

**Pesquisador 1: Todos os técnicos administrativos?**

Margot: Todos os técnicos administrativos, com exceção dos que trabalhava na biblioteca. O resto era poucos, tudo numa sala só.

**Pesquisador 2: Quem estava aqui quando você chegou?**

Margot: Era a Keila, a Lígia, a Glória, a Soraia, o Roberto...

**Pesquisador 2: Geaneliza?**

Margot: Geaneliza

**Pesquisador 1: O Roberto já estava aqui, não?**

Margot: O Roberto, é outro Roberto.

**Pesquisador 1: Ah, outro Roberto.**

Margot: A Maria, acho que só. A Elza era diretora.

**Pesquisador 2: Neuzinha...**

Margot: Na biblioteca, Neuzinha, Maria do Carmo, e o pessoal da biblioteca. A equipe da biblioteca já era a Neuzinha, a Maria do Carmo, a Rita.

**Pesquisador 1: E aí você chegou aqui, a realidade era diferente.**

Margot: A realidade era diferente, a gente não tinha, até quando a última pergunta que vocês colocam aí, que eu dei uma olhadinha para contar uma história, fiquei tentando imaginar uma história que me marcou na época, vou antecipar um pouquinho.

**Pesquisador 1: Pode.**

Margot: Isso me marcou muito, aí eu trabalhei um pouco junto com as meninas na secretaria, aí depois o Ovídio criou a coordenação de pesquisa aqui, eu acho que ela já existia, eu acho, mas ela não tinha servidor, era tudo um pouco...

**Pesquisador 2: SIC 92.**

Margot: De 92? Se foi o primeiro, a coordenação tinha todos os arquivos, as pastas, as caixas, era coordenação de pesquisa, pós-graduação e extensão, tudo junto e aí eu fui para lá trabalhar junto com o Ovídio. Aí o Ovídio estava começando o primeiro curso de especialização em matemática, até tem muitos professores nossos aqui que são dessa turma. Comecei a secretariar esse curso de especialização e a ajudar o Ovídio na coordenação de pesquisa. Aí não sei se você se lembra que mudou, a coordenação era aqui numa sala de frente para os banheiros, aí depois ela foi lá para frente, virada para a rua mesmo e depois mais para frente virou a direção. Aí nos mudamos para essa sala, eu e o Ovídio e os nossos apetrechos, aí não tinha internet aqui no campus, a gente não tinha internet. O Ovídio veio de Goiânia e trouxe o *notebook*, nossa era uma coisa assim, mas ele ligou e cheio de gente na coordenação de pesquisa, no quadradinho, nós ficamos tudo lá para a gente ver a primeira vez que a gente ia ver alguém entrar na internet, eu nem sabia o que que era, navegava na internet, aí ele fez o anúncio e foi todo mundo para lá, você lembra disso. Aí nós fomos todos para a sala dele, era um negócio que assim digitava WWW, demorava 5 minutos ou mais para abrir a página.

**Pesquisador 2: Era discada?**

Margot: Era discada, então isso me marcou demais. O tanto que hoje as coisas são diferentes, e eu vim de um lugar muito melhor, mas também a gente não tinha internet, não sei se a gente lá em Urutaí tinha internet, não me lembro.

**Pesquisador 2: Provavelmente tinha discada.**

Margot: Eu acho que nem tinha.

Pesquisador 2: Eu lembro que eu terminei meu mestrado em 96, foi quando eu saí de licença porque eu comecei o doutorado em 94 e em 96 eu peguei um ano e meio de licença. Mas quando eu já estava terminando o mestrado em 92 já tinha, já fazia acesso discada daqui. Tinha um PC daqueles antigos XP, era demorado mesmo.

Margot: Nossa era muito lento, eram 5 minutos ou às vezes até mais para acessar, abrir uma página e você clicava lá e tinha, eu lembro direitinho, tinha lá a plataforma lattes e a gente via as fotos das pessoas, era tudo assim coisa de outro mundo. Aí nós ficamos lá, aí nessa época você devia estar afastado, tinha um grupo de professores que me lembro bem, até do processo que vocês entraram de licença, como a gente fazia, os formulários que a gente tinha que preencher, não me lembro, mas parece que o Edir estava também de licença. O Edir ia muito lá porque tinha um computador dos professores.

**Pesquisador 2: O Edir devia estar fazendo o mestrado naquela época.**

Margot: Mestrado, todo mundo estava fazendo o mestrado, inclusive, você já era doutorado?

**Pesquisador 2: Já era.**

Margot: Já era, porque você estava um pouco à frente, mas a maioria era mestrado mesmo. Eu acho que quase todos os professores que saíram de licença tinha bolsa, não era? Não lembro direito como era.

**Pesquisador 2: Bolsa não.**

Margot: A gente também fazia esse trabalho.

**Pesquisador 2: A bolsa da CAPES?**

Margot: Da CAPES.

**Pesquisador 2: Mas como professor da prefeitura?**

Margot: Como professor da prefeitura.

**Pesquisador 2: A minha não foi, ou foi. Eu recebi bolsa, mas foi da PUC.**

Margot: Foi da PUC.

**Pesquisador 2: Foi da PUC, não foi da CAPES. Foi da PUC, inclusive recebia a bolsa e pagava a mensalidade da PUC, não foi da CAPES não, acho que não. Pois então, você foi trabalhar na pós, até quando?**

Margot: Fiquei pouco tempo na pós, acho durante o tempo que o Ovídio ficou como coordenador fiquei lá, depois o Ovídio saiu e não me lembro quem entrou.

**Pesquisador 2: Foi a Helena, da extensão.**

Margot: Eu não me lembro quem entrou depois do Ovídio, só sei que não era a Ana Maria.

**Pesquisador 2: Acho que foi.**

Margot: A Imaculada.

**Pesquisador 2: Ela teve um tempinho lá, na época da Elza, no final do ano ela largou também.**

Margot: Eu também eu já...

**Pesquisador 2: Quando você saiu da pós...**

Margot: Já foi para a secretaria.

**Pesquisador 2: Secretária.**

Margot: Secretária.

**Pesquisador 1: Quem foi o próximo diretor? Você foi para a secretaria, já ficou lá até.**

Margot: A Elza não sei se quando eu voltei a Elza tinha saído ou estava saindo, e a Zelinda veio. Na época da Zelinda veio foi bastante assim tumultuado também para nós, porque não sei se você lembra, a Zelinda quando ela chegou teve problemas com a Soraia e fui eu nessa época que fui para a secretaria. Eu fui até para o lugar da Soraia, a Soraia teve um problema muito sério com ela. A Soraia foi para o conselho tutelar e não voltou mais para cá. E eu fiquei na secretaria no lugar da Soraia, já era a Zelinda a diretora, primeiro vice da Zelinda.

**Pesquisador 2: Eu fui vice em 97, voltei em dezembro aí fui para a coordenação em 99, 2000 eu acho, que eu fui vice dela.**

Margot: Eu lembro que foi você e o Jean.

**Pesquisador 2: O Jean.**

Margot: Ad eternum. O Idelvone era vice diretor da Elza, ele continuou.

**Pesquisador 2: Idelvone é uma peça.**

Margot: Mas essa época foi difícil, essa mudança da Elza a gente tinha uma relação muito boa, todo mundo tinha relação muito boa com ela, e a Zelinda chegou e eu lembro como foi esse processo, não teve eleição.

**Pesquisador 2: Não.**

Margot: Ela chegou, primeiro foi sem eleição, depois que teve eleição, não teve eleição.

**Pesquisador 2: Acho que não, nem da Elza.**

Margot: A Elza também não.

**Pesquisador 2: A única eleição que teve aqui foi do Neto, que eu me lembre.**

Margot: Do Neto. Eu acho mesmo que por isso e a Zelinda chegou, não sei se ela teve problema com a Elza anterior, ela demorou muito para enxergar a gente como servidor mesmo não como, sei lá. Ela tinha uma dificuldade muito grande, muito grande, até a gente se adaptar ou ela se adaptar, não sei. E nesse tempo a Soraia saiu, foi uma perda muito grande eu acho, até para nós enquanto técnicos mesmo. Para nossa categoria na época foi muito difícil.

**Pesquisador 1: Ela era servidora técnica federal...**

Margot: Era.

**Pesquisador 1: Federal mesmo.**

Margot: Federal.

**Pesquisador 1: E hoje em dia ela está em Goiânia.**

Margot: Ela estava em Goiânia, quase aposentando também.

**Pesquisador 1: E depois da Zelinda como que foi, porque você tem que falar que a gestão dela era isso, porque foi difícil a adaptação e depois veio o Neto.**

Margot: É, depois da Zelinda veio o Neto.

**Pesquisador 1: Como que foi com o Neto?**

Margot: O Neto era aquele professor que enquanto professor que ele passou no concurso que ele chegou aqui, ele era não sei se pode usar essa expressão, era gaiato, mas era. Quando ele falou que ia se candidatar à direção, nós todos achamos isso super estranho, ninguém acreditava porque ele falou assim que ele ia candidatar, que fosse o diretor SIC, mas assim eu tive uma relação muito boa com o Neto enquanto professor, pessoa, gosto dele. E só acho assim que o perfil dele não é perfil para assumir cargo de gestor.

Pesquisador 1: Diz que ele ligava em todos os setores antes das 6h da tarde, ligava para todos os setores para tirar os computadores da tomada, mas porque era bem pequeno mesmo, tinha possibilidade de fazer isso. Hoje em dia não existe essa.

**Margot: Ele teve a importância dele.**

**Pesquisador 2: O período do Neto já foi um período em que já houve um professor daqui como diretor.**

**Pesquisador 1: Que teve eleição.**

**Pesquisador 2: Que foi o primeiro diretor.**

**Pesquisador 1: Então foi importante.**

**Pesquisador 2: Foi com o Neto também que houve mudança da secretaria, passou lá para a biblioteca não é? Então já houve algumas coisas importantes no campus. Durante esse período de 96 em diante quando você está aqui, o que vocês pensavam a respeito da universidade, como vocês pensavam isso, enquanto técnico administrativo, como vocês**

**viam essas coisas que iam acontecendo. O primeiro impacto foi que você veio de uma instituição bem mais rica, como você já disse, mas internamente vocês discutiam, eram sindicalizados?**

Margot: Bom sindicalizados sim, mas a gente não discutia não, pois o nosso sindicato, a sede sempre foi em Goiânia, então a gente na época não tinha nenhum grupo aqui, como tem hoje, bem ou mal, eles fazem uma ponte.

**Pesquisador 1: Dizem que antigamente era a Glória.**

Margot: A gente revezava por um acordo entre a gente porque tinha alguém que tivesse encabeçando aqui de Catalão e a gente revezava, eu, a Glória, a Geaneliza, mas assim a gente não tinha realmente nenhuma, acho que para nos era só SIC, a gente não tinha discussão nenhuma, nenhuma, às vezes quando acontecia um movimento de greve, a gente até ia, se dispunha a ir a Goiânia, participava das reuniões em Goiânia, mas nesses momentos, tirando isso a gente não tinha participação nenhuma mesmo no sindicato, ao menos que eu me lembre.

**Pesquisador 2: Mas vocês tinham impressão na universidade?**

Margot: Não, tínhamos.

**Pesquisador 2: Como que vocês pensavam isso? Que é diferente hoje ou não é, enfim.**

Margot: Então, eu acho que a gente, a universidade até hoje não acredito muito que a gente vai se tornar uma universidade muito rápido porque a gente sempre teve, quanto funcionário, Goiânia, sempre foi, a gente sempre aqui, não sei se vou saber explicar, a gente não era praticamente nada.

**Pesquisador 1: Como se fosse matriz e filial.**

Margot: É, então a gente sempre sofreu muito isso até hoje, estamos nesse processo de descentralização das atividades e a gente sente assim demais, muito forte, não sei em relação aos outros setores mas o DP, que é o setor em que eu trabalho hoje, a gente sente de forma muito forte mesmo, como as pessoas enxergam a gente como nada. Algumas atividades que a gente sabe, que a gente tem capacidade, potencial e pessoal para desenvolver, elas não são liberadas para a gente desenvolver aqui, a gente tem que ficar pedindo mesmo. A Elida às vezes chega até a ser um pouco rude com o pessoal lá em Goiânia mas a gente vê que eles nos veem como nada mesmo. Isso para mim sempre foi, pelo menos por enquanto começa se tornar universidade, eu penso que eu não vou participar muito disso, não vou ver muito isso, também não estou muito longe de me aposentar.

**Pesquisador 1: Falta quanto tempo para você se aposentar?**

Margot: Acho que menos de 10 anos.

**Pesquisador 1: E você investiu em um novo cargo agora, é em 2014, né.**

Margot: É.

**Pesquisador 1: Você saiu do cargo do nível D e foi para de nível E.**

Margot: Nível C, meu cargo era de nível C.

**Pesquisador 1: A tá seu cargo era de Nível C e você foi para o cargo de nível E. A que se deve essa mudança e, mesmo assim, isso não vai ter impacto na sua aposentadoria?**

Margot: Não, eu acho que já passei no concurso. E fiz esse concurso assim no limite mesmo, no que eu poderia fazer para não ser prejudicada na aposentadoria, eu tenho que ficar 10 anos no cargo e vai dar 10 anos certinho, acho que por isso que vou ter que trabalhar um ano a mais ou talvez até não SIC, mas vou ficar pelo menos 10 anos da minha posse. Eu já vou fazer 2 anos em julho que estou no meu novo cargo e o que me motivou foi que fiz mestrado, fiz mestrado no meu cargo antigo e não foi nesse porque o cargo que eu estava dava essa possibilidade, porque antes não podia fazer mestrado, mas não progredia aí a partir da lei...

**Pesquisador 1: SIC.**

Margot: Fiz o mestrado no cargo antigo e ter graduação, mestrado, especialização, então acho que deveria, portanto, de você ser melhor reconhecido mesmo porque o cargo de nível C hoje e/ou de nível D, mesmo de nível E, a gente sabe que sofre bastante e o de nível C e o de nível D então você.

**Pesquisador 1: Essa questão de visibilidade você acha que pelo fato de você ter o mestrado, a sua visibilidade quanto servidora mudou aqui dentro?**

Margot: Acho que muda sim gente, tudo o que a gente aprende, tudo o que a gente lê, tudo o que a gente estuda faz com que a gente modifique tudo. Acho que sou uma Mônica antes de fazer o mestrado e uma Mônica depois de ter feito o mestrado.

**Pesquisador 2: Você acha que a instituição reconhece isso?**

Margot: Não, acho que não reconhece.

**Pesquisador 2: Por quê?**

Margot: Porque ela não reconhece ou o que eu acho?

**Pesquisador 2: O que você acha.**

**Pesquisador 1: O que você acha.**

Margot: Eu acho que por causa da forma mesmo que a gente é, como as pessoas lidam com a gente, a gestão, estou falando de gestão porque eu trabalho muito próxima da gestão e tenho certeza absoluta de que não reconhecem isso de jeito nenhum.

**Pesquisador 2: Como seria, como deveria ser na sua opinião? Como deveria ser o reconhecimento além da carreira.**

Margot: É, Wolney, eu acho assim que a gente, eu passo aqui no campus 8 horas do meu dia, vamos dizer 8, mas passo boa parte da minha vida aqui dentro e assim devo muita coisa à UFG. E eu penso que todos os gestores que passaram pelo campus até hoje, talvez assim com mais ou menos intensidade, todos são professores, se é professor, já trabalhei com você como gestor e conheço seu trabalho, mas eu acho que enquanto técnica administrativa sempre vai ser diminuído, essa é a visão que pelo menos eu penso do professor enquanto gestor, com todos os nossos gestores são professores, então é difícil mudar isso, é difícil, parece que tem que ser professor. Até quando a pessoa ela se sobressai um pouco no trabalho, ela é chamada de professor, isso eu já vi aqui no campus inúmeras vezes, o técnico administrativo sendo chamado de professor, quando ele desenvolve um trabalho que aparece, porque acho que tem da nossa categoria, acho que em todos os trabalhos tem aquelas pessoas que trabalham, que fazem com que as coisas aconteçam e tem aquelas que são mais políticas, que aparecem na hora que precisam aparecer, e trabalham tem vezes que não. E sempre são os professores também, mesmo que eles não sejam.

**Pesquisador 1: Eu queria entender melhor isso porque acho que isso é fundamental aqui no que a Flávia está querendo refletir sobre a universidade, o que significa ser diminuído?** Margot: Significa ser tratado diferente mesmo, se você tem, por exemplo, um trabalho de peso para ser feito, um técnico raramente vai ser procurado para fazer, raramente.

**Pesquisador 1: Mesmo que ele tenha formação...**

Margot: Eu, por exemplo, hoje mesmo que ele tenha formação para isso e capacidade.

**Pesquisador 1: Capacidade.**

Margot: A gente vê isso em vários setores aqui do campus, diversos, não é só no setor onde eu trabalho não.

**Pesquisador 2: Deixa ver se eu estou entendendo, por exemplo você vai criar uma comissão para uma determinada tarefa, quem vai coordenar é um professor?**

Margot: Normalmente sim. Por exemplo, existe um cargo comissionado que, nem vou dizer de função não.

**Pesquisador 1: Gratificado.**

Margot: Não estou falando de gratificado não.

**Pesquisador 1: De reconhecimento.**

Margot: De reconhecimento mesmo, se o cargo está aqui e precisa ser desenvolvido por uma pessoa, mesmo que o técnico ele tenha mais conhecimento, porque em algumas coisas, é claro que o técnico que está ali trabalhando todo dia vai ter mais conhecimento que uma outra pessoa que não está ali trabalhando, que vai assumir um cargo mais político, o professor é

chamado e o técnico não, mesmo que o técnico tenha ensinado. Já aconteceu muito isso e isso pode acontecer ao contrário também, mas assim eu falo que o técnico nunca é reconhecido ao ponto dele ser, do gestor ter a confiança de passar essa atribuição para ele. Isso a gente vai ver quando for criada a universidade, a gente, isso é um ponto que a gente vai ver assim com muita força.

**Pesquisador 2: Principalmente pelos cargos comissionados.**

Margot: Isso, principalmente com...

**Pesquisador 1: Com as reitorias, por exemplo, hoje em dia um diretor, o técnico administrativo não pode ser diretor, normal.**

Margot: Isto está no regimento.

**Pesquisador 1: Isso está no regimento, às vezes tem pró-reitorias que técnicos administrativos podem assumir e isso aí a gente né, a gente não sabe como vai ser, a gente meio que suspeita.**

Margot: Lá no departamento pessoal tem um evento que acontece anualmente que se chama Congresso Nacional de Dirigentes de Pessoal e Recursos Humanos, ele acontece todo ano e eu já participei algumas vezes, eu já participei, a Tânia já participou, e é um congresso em que se discute tudo de pessoal e recursos humanos, tudo. Às vezes uma coisa que chega lá eles discutem e nossa nunca imaginei que uma situação dessa viesse para cá, coisas assim, de concurso, de nomeação, discute-se tudo lá dentro, e acontece em 4 dias ou até 5 dias, assim vai muita gente do MEC e dirigentes de todas as universidades do país, muitos pró-reitores, o nosso professor SIC já foi uma vez a gente e depois que o atual diretor assumiu, já conversei e aconteceram 2 eventos. Primeiro evento falei com ele que eu gostaria muito de participar, que era muito importante, e ele sempre pensa que, imagino que sim, que a gente quer ir para passear, eu passeio com meu dinheiro, não quero dinheiro da universidade para passear de jeito nenhum, nem sei se é isso, eu que fico pensando. Porque a pessoa simplesmente ignora, esquece, no primeiro ano foi assim. No segundo ano eu pedi novamente, eu falei com ele inclusive que eu gostaria de ir, SIC nós duas estávamos lá dentro, na falta de uma a outra resolve as coisas e aconteceu do mesmo jeito, a gente entrou em greve, que foi ano passado e a gente ficou pensando que talvez teria uma punição porque a gente entrou em greve, sei lá. Esse ano imagino que vai ser do mesmo jeito, tem novamente o evento. Nessa gestão nós ainda não fomos em nenhum congresso, coisas dessa natureza que para o servidor que está aqui dentro do departamento pessoal, depois acontece que a Marluce tem que ficar passando as coisas para a gente da reunião em Goiânia, e tem que passar tudo para a gente, mas assim

muita coisa passa e é coisa do dia a dia, do trabalho da gente, do dia a dia mesmo, que é super importante a gente participar.

**Pesquisador 2: Vocês já fizeram algum movimento interno, talvez não sei se o último da semana passada, mas que apontaram esse tipo de reivindicação, das gestões que já passaram pela Regional.**

Margot: Não sei se fora de momentos de campanhas, mas sempre.....

**Pesquisador 1: Porque ninguém...**

Margot: Porque tem uma sensação de que a pessoa está desconfiando de você o tempo todo. E assim desconfiar do trabalho, o trabalho está ali, o negócio está ali, não tem....

**Pesquisador 2: Curioso isso...**

Margot: Muito curioso.

Pesquisador 2: Porque a Zelinda era muito centralizadora, talvez mais do que a Elza, do que todos esses que a gente conheceu aí durante os anos 90 e 2000. Mas eu senti assim, o problema da Zelinda, isso é uma avaliação que eu estou fazendo, ela dava ouvidos muito para uma única pessoa, mas ela não tinha essa coisa assim não. As pessoas sempre chegavam, conversavam, muito durona para tratar, mas ela estava sempre ouvindo, eu sempre conversava muito com ela, era difícil. Mas essa coisa que você estava falando, é uma coisa interessante porque o crescimento da universidade vai trazendo também outras questões para a universidade, que atingem não só os professores...

Margot: Eu até penso, isso sou eu que penso também, o diretor deveria passar por vários, assumir coordenação de curso, assumir coordenação de estágio para depois ele ser eleito diretor, ser diretor porque a impressão que a gente tem é essa, que falta conhecimento e por falta de conhecimento aí a desconfiança está o tempo todo, a gente fica o tempo todo nessa, pisando em ovos. E assim, eu repito isso novamente, o Thiago foi mais fácil de superar isso com o Thiago, não sei se ele por algum motivo passou a confiar mais, a ver as coisas de uma outra forma. Mas quando a gente precisou do Denis, quando a gente precisa do Lincoln, eu acho super difícil, super difícil, evito de todas as formas mesmo, de todas as formas porque a gente sente a desconfiança quando a pessoa fala, a gente sente a desconfiança até no corpo mesmo. É muito, nós sofremos demais, hoje a gente já...

**Pesquisador 1: É uma energia muito ruim mesmo. Uma última pergunta, você gostaria de frequentar a universidade de uma outra forma, que não fosse como técnica administrativa, você já frequentou como aluna, eu acho que ainda o único cargo que falta ainda você frequentar seria como professora, você gostaria?**

Margot: Não, quando assim eu comecei a fazer o curso de Letras, eu até tinha em vista fazer mestrado e depois um concurso futuramente, eu dei aula no centro de línguas, então eu pensava que eu ia ter o curso de Letras Português-Inglês, então eu tinha a vontade de fazer o concurso, mas depois que eu fiz o mestrado, não estou te desanimando não Flávia.

**Pesquisador 2: Doutorado é para aposentar?**

Margot: Doutorado é só para aposentar, queria um doutorado assim.

**Pesquisador 2: Mesmo que na carreira SIC.**

**Pesquisador 1: É.**

**Pesquisador 2: A carreira com nível superior, com doutorado o salário é bem melhor.**

Margot: O salário é bem melhor, o salário é mais de 25% para o doutorado né Flávia.

**Pesquisador 2: Bruto chega a 11 mil?**

**Pesquisador 1: É.**

**Pesquisador 2: Eu vi lá na tabela na última vez que olhei, era uns 11 mil reais bruto.**

**Pesquisador 1: A quantidade de tempo que você está na carreira também isso influencia.**

**Pesquisador 2: E tem também as progressões.**

**Pesquisador 1: É as progressões. E o que você acha do nosso plano de carreira hoje em dia Mônica? Você acha satisfatório?**

Margot: Flávia eu já estou meio que para o fim.

**Pesquisador 1: De meio-dia para tarde.**

Margot: Eu digo que nem estou esperando a universidade mais.

**Pesquisador 1: Eu acho que não faz parte dos seus sonhos.**

Margot: Não.

**Pesquisador 2: Mônica, você vê diferença entre técnicos administrativos entre si, dentro desse contexto de multiplicação de técnicos que houve a partir de 2005?**

Margot: Diferenças como?

**Pesquisador 2: Diferenças de tratamento, diferenças, enfim, há formações diferentes, etc., que como você diz hoje vocês não se conhecem tanto mais, mas pelo que vocês conhecem uns dos outros, você percebe diferenças?**

Margot: Não, percebo sim.

**Pesquisador 2: Que tipo de diferenças?**

Margot: É claro que muitos servidores estão mais acomodados e muitos já têm a intenção de seguir a carreira, muitos estão acomodados. Nós viemos de um grupo, grupo lá trás era todo mundo muito junto, inclusive o pessoal da limpeza, até a Lia que está na biblioteca, não sei se você lembra das discussões da Lia, que você era vice-diretor, ela sempre foi de buscar correr

atrás. Essa semana mesmo ela foi lá na minha sala, a Mônica passei do nível 1 para o nível 2 e eu era para ter tido um aumento de 50 reais e até hoje não tive, então a Lia é uma das poucas assim do pessoal mais antigo, não digo do pessoal da limpeza, a Maria do Carmo, Rita são mais acomodadas, Luiz e a Lia estão sempre, apesar de ter um nível de escolaridade até não sei se interfere, acho que não porque tem ensino médio também, mas está sempre ali. Parece que tem, se ela tivesse uma formação talvez superior, ela talvez pudesse até assumir algumas funções, pensando na luta mesmo política talvez ela até pudesse e outros eu já acho que não. Eu sou umas dessas também que sou mais acomodada, mas o nosso grupo hoje a gente vê as nossas reuniões, nossos encontros com o grupo mais nas reuniões são mesmo na época de greve, a gente tem o que falta, eu acho que falta aqui no campus um centro de convivência ou uma sala do sindicato como vocês tem da ADCAC, nós não temos do sindicato, talvez se tivesse, falta esse momento da gente reunir, a gente só se reuni em época de movimento de greve, de paralisação, tirando isso não tem. Mas esse grupo novo, de servidores mais novos, acho que muitos assim são bem, bem mais ativos assim nesse sentido do que eu, por exemplo, que acho que estou muito mais para trabalhar, para estudar do que para ficar pensando muito em política de capacitação, de qualificação, não faz muito parte das coisas que eu tenho como prioridades, mas são importantes.

**Pesquisador 2: O que é uma universidade sem técnico?**

Margot: Não existe, não é.

**Pesquisador 2: O que um técnico pode fazer por uma universidade?**

Margot: Sem o técnico a universidade não funciona, como não funciona sem professores e sem aluno. A universidade, ela é formada por esse grupo de servidores técnico administrativos, de servidores professores e de alunos. Técnico ele faz muito pela universidade, ele cuida. Acho que se a gente for parar para pensar, de cuidar mesmo, não sei que outra palavra poderia usar para isso, mas técnico ele cuida mesmo, vocês viram pelo meu discurso que eu gosto muito de trabalhar na universidade, é sempre. E assim eu estou me sentindo hoje, assim eu não quero ser professora e não acho que ser professora é melhor do que técnico e a universidade precisa de nós e nós precisamos dela.

**Pesquisador 1: Depois que você se aposentar, o que você pretende fazer? Ficar em casa ou pretende atuar de outra maneira, você está muito nova.**

Margot: Não tenho pensado muito nisso, eu passei por alguns problemas bastante sérios agora recentemente e aí fiquei pensando no que vou fazer depois de me aposentar, se eu vou continuar trabalhando, não como a Glória, mas tenho a formação de Direito, fiz o curso de Direito. Então eu quero estudar, quando estiver na hora mais próxima de aposentar e quero

trabalhar mesmo, atuar como advogada, já fiz a prova da OAB e voluntariamente.

**Pesquisador 1: Então você vai retomar sua carreira de Direito...**

Margot: O que eu sofri agora me levou a ter esse desejo e quero fazer isso. Hoje o meu plano é esse.

**Pesquisador 1: Aí você não pretende fazer mais nada ligado à educação, você quer ir para a área de direito.**

Margot: Quero assim porque quero ter tempo.

**Pesquisador 1: Não quer ter uma obrigação.**

**Pesquisador 2: Correr.**

Margot: Correr sempre.

**Pesquisador 1: Atleta.**

Margot: Correr sempre, acho que falta isso aqui no campus, essa parte de RH deveria implementar isso. Acho que falta essa parte de...

**Pesquisador 1: Qualidade de vida.**

Margot: Qualidade de vida, tem muito servidor que pratica muitas atividades que poderiam ser inseridas e infelizmente não tem, não sei se na UFG em Goiânia tem?

**Pesquisador 1: Tem.**

Margot: Eu lembro que no final do ano tinha algumas atividades como corrida, mas ano passado procurei para participar mas não tinha, então eu acho que isso é um pouco fraco na UFG, porque é o que a gente pode mudar na UFG-Cat. A universidade é formada por pessoas e muitas vezes a gente esquece disso, muita gente esquece disso, acha que só estamos aqui para trabalhar, e só, e não somos pessoas, somos seres humanos, não é só para trabalhar não.

**Pesquisador 1: Muitos dados, obrigada Mônica. Gostaria de falar mais alguma coisa, se lembrou mais de alguma história.**

Margot: Não.

**Pesquisador 1: Além do computador, do evento.**

**Pesquisador 2: Mônica muito obrigado pela entrevista, foi excelente.**

Margot: Obrigada vocês.

## **APÊNDICE D – TEXTO ELABORADO A PARTIR DO QUESTIONÁRIO (KATE)**

Ingressei na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como servidora efetiva por meio de concurso público realizado em 2006 para o cargo de Técnico Administrativo – Técnico em Assuntos Educacionais, Nível E. Minha posse ocorreu em fevereiro de 2007.

No início da carreira me deparei com inúmeros empecilhos, como: falta de capacitação para realização das atividades, carência de servidores e equipamentos no setor, excesso de atribuições desempenhadas pelo setor, entre outras. Com o tempo e a experiência, pude desempenhar melhor minhas funções. Hoje trabalho em um setor de relevância dentro da Regional e ocupo uma função gratificada graças ao desempenho e comprometimento no trabalho.

Considero-me uma profissional que trabalha com a educação haja vista ser servidora em uma instituição de ensino superior e desempenhar atividades que lidam diretamente com a graduação. De forma geral, vejo que ser técnico administrativo em educação na Regional Catalão ainda é algo que me causa um pouco de desgaste, sobretudo, físico, pois no meu setor trabalhamos com um contingente pequeno de servidores e atendemos à uma demanda muito extensa, composta por 26 cursos de graduação presenciais e 2 a distância. Nesse contexto, o público da Coordenação de Graduação em que atuo envolve docentes, discentes, coordenadores de curso, chefias das Unidades Acadêmicas Especiais, comunidade e todas as demandas da graduação na Regional Catalão. Também percebo esse excesso de trabalho em vários outros setores. Além disso, observo que os técnicos administrativos não recebem o respeito e a consideração que devem por uma parte da comunidade acadêmica. Não são raras as vezes em que escutamos comentários desagradáveis sobre a competência de alguns técnicos, sobre as greves, sobre ociosidade no trabalho e tantas outras coisas, como, por exemplo, o porquê de um técnico buscar a formação em nível de pós-graduação para atuar no serviço administrativo.

Afora esta questão, acredito que os técnicos têm participação no processo de aprendizagem dos alunos, não de forma direta, mas por meio do desenvolvimento de suas atividades. No meu caso, por meio da orientação aos alunos sobre questões relativas à graduação, desenvolvimento de estudos sobre temas relativos à graduação, como evasão, por exemplo, e também por meio da aplicação/instrução do/sobre o Regulamento Geral dos Cursos de Graduação e das/sobre as legislações relativas ao ensino superior e no âmbito da UFG, e da contribuição no desenvolvimento de eventos voltados à graduação.

Nesse contexto, minha relação com alunos, professores e técnicos administrativos é sempre muito boa. Cotidianamente procuro atendê-los bem e resolver, da melhor forma possível, suas demandas. Quanto aos colegas servidores (professores e técnicos), há aqueles com os quais mantemos uma relação mais próxima e pessoal e há aqueles com os quais mantemos uma relação estritamente profissional, mas marcada pelo respeito e pelo bom atendimento.

Quanto ao relacionamento com os colegas de trabalho no setor em que atuo, tenho me dado muito bem com todos com os quais já convivi. Em nosso setor sempre atuaram pessoas capazes e dedicadas com as quais é bem fácil conviver.

Com a atual gestão mantenho uma relação profissional, haja vista que não possuímos qualquer tipo de relação interpessoal diferente daquela estabelecida pelo vínculo profissional.

A exceção é com minha chefia direta, com a qual mantenho relação profissional e também de amizade. Com a gestão anterior meu vínculo era um pouco mais estreito, haja vista conhecê-los antes de serem gestores.

Gosto muito do que faço. Sinto-me bem e realizada. Consegui alcançar o ápice do que meu cargo me permite, pois trabalho em uma coordenação geral, sou coordenadora administrativa, com função gratificada com valor igual ao recebido pelas coordenações de curso e coordenações específicas, recebo, ainda, a gratificação por qualificação de mestrado e doutorado. Não tenho ambições de assumir outros cargos de *status* mais elevado, como algumas pró-reitorias ou coordenações que são possíveis para os técnicos administrativos. Ressalto que pretendo trabalhar na UFG até me aposentar, pois desenvolvo uma atividade que gosto, em um ambiente que me satisfaz profissional, financeira e intelectualmente.

Para mim, a melhor parte de trabalhar na Regional Catalão é me sentir incluída em um ambiente cultural e politicamente desenvolvido. Assim, nada é melhor do que encontrar pessoas esclarecidas, pioneiras, pesquisadoras em qualquer cantinho e poder trocar uma conversa. Participar, de perto, de descobertas e pesquisas que podem mudar alguma coisa em alguma parte do mundo! A pior parte é o excesso de trabalho e a carência de funcionários para realizá-lo.

Desta feita, acho que meu salário é compatível com as funções atribuídas ao meu cargo, que é Técnico em Assuntos Educacionais, nível E (curso superior). Além disso, possuo incentivo à qualificação pelo mestrado e pelo doutorado, no entanto, quando penso nas funções que desempenho, que vão bem além daquilo que é previsto para o cargo, haja vista a escassez de servidores na Regional Catalão, então, penso que o salário poderia ser melhor ou as atribuições diminuídas.

Entendo que minha escolarização me auxilia bastante nas atividades profissionais que desenvolvo, principalmente devido à minha área de formação, que é a linguagem. A formação na área da linguagem me proporciona grande facilidade para compreender o que leio, produzir relatórios e redigir documentos em geral, realizar estudos, fazer exposições orais publicamente, enfim, realizar uma gama de atividades que tem a linguagem, tanto oral quanto escrita, como fundamento principal.

Destaco que não tenho mais vontade de frequentar a UFG/RC como aluna, porque já concluí o doutorado, além disso, já me graduei em dois cursos superiores (Letras/Português e Biologia). E, ser professora em uma universidade também não é minha ambição, haja vista que sou muito realizada com meu cargo e minha função.

A educação superior para mim é o grau mais elevado da educação formal brasileira e possui como finalidades principais promover o desenvolvimento cultural, científico, intelectual e reflexivo do indivíduo, por isso, inclui a realização de estudos, pesquisas, investigações, trabalhos práticos e outras atividades que possibilitam ao mesmo desenvolver-se como cidadão ativo, atuante, profissional. Por isso, entendo que a educação superior é de extrema relevância para a vida do indivíduo, pois ela não interfere apenas no aspecto financeiro e intelectual, mas também nos diversos âmbitos da vida social e coletiva.

Trabalhar em uma instituição que forma pessoas em nível superior é algo que me completa, pois, gosto muito de estudar e me qualificar. O estudo sempre fez parte da minha vida e ver as pessoas no ambiente universitário buscando por conhecimento e se tornando multiplicadoras de saberes, desenvolvendo pesquisas, criando, recriando, inovando, buscando por novas descobertas é algo que me causa um imenso prazer. E sinto que, de certa forma, e talvez de uma forma bem humilde, faço parte dessas conquistas.

Reconheço que a política nacional, regional e local influenciam praticamente todos os ambientes de trabalho e na UFG não seria diferente. Talvez essa influência seja um pouco menor do que em outros setores, mas ainda assim ela existe. Só para citar alguns exemplos, há alunos que deixam de estudar para trabalhar e ajudar nas despesas de casa, isso faz com que os índices de evasão aumentem; com a economia em crise, as verbas se tornam mais escassas, havendo, portanto, cortes, causando prejuízo na compra de equipamentos e materiais; problemas no pagamento do contrato de prestadores de serviços, ente outros.

De modo geral, a UFG tem importância fundamental em minha vida, pois, como disse em momento anterior, tive uma infância e adolescência muito simples, fui, financeiramente pobre, sem recursos para estudar e a UFG apareceu para mim como uma oportunidade de mudar minha realidade, pois ela estava ali, à minha frente, só dependendo de mim o ingresso

no curso e sua conclusão. Formei-me em Letras, fiz especialização, ingressei como servidora federal efetiva, tive licença para cursar mestrado e doutorado e bolsa para qualificação durante todo o curso de doutorado. Diante disso, posso afirmar que a UFG é parte da minha vida e de quem sou hoje.

Do mesmo modo, também entendo que a UFG contribuiu/contribui de forma relevante para o desenvolvimento da cidade de Catalão, uma vez que ela forma profissionais bastante capacitados para suprir o mercado de trabalho na cidade e na região, contribuindo para a movimentação da economia. Temos ótimos professores atuando nas redes de ensino particular e pública, enfermeiros, engenheiros, químicos, psicólogos, geógrafos, educadores físicos, etc. que se formaram nesta instituição.

Na Regional Catalão construí muitas amizades que deslizaram para minha vida pessoal. São amigos que frequentam minha casa, com os quais participo de eventos, festas, barzinhos, entre outros. São pessoas que, assim como eu, valorizam a oportunidade de trabalhar na Universidade e com os quais desenvolvi um laço de afinidade e amizade.

Minha história de vida foi construída tendo a UFG como um dos alicerces, pois nela realizei meu primeiro curso de graduação e, imediatamente à sua conclusão, ingressei no mercado de trabalho como docente contratada, passei no concurso público para a Secretaria Estadual de Educação graças à formação teórica que recebi no curso, fiz especialização em Letras para me capacitar ainda mais para atuar na educação básica, ingressei no serviço público federal por meio de concurso, o que me foi facilitado pela formação teórica e prática sólida que recebi e que me abriu as portas para inúmeros conhecimentos que me serviram/servem, recebi incentivo para cursar mestrado e doutorado, inclusive com licença remunerada e bolsa. Assim, posso dizer que minha história de vida é permeada pela UFG e, quiçá, pela própria história da UFG em Catalão, pois esta também foi uma história de luta, desafios e conquistas. Diante disso, penso que também contribuí para a história da UFG em Catalão, uma vez que nela estive presente como discente de graduação e de especialização, técnica administrativa e pesquisadora.

Nesse processo histórico, passei por duas gestões. A primeira estava atuante quando tomei posse, em 2007. A segunda teve início quando retornei do afastamento para cursar doutorado. A primeira gestão era mais democrática, mais próxima dos servidores e menos burocratizada. A segunda gestão, que é a atual, é composta por gestores que eu não conhecia, pois alguns ingressaram na Regional quando eu estava em período de licença para qualificação. Quando retornei, eles haviam sido eleitos. Eu a vejo como mais pautada nos preceitos legais e burocráticos, não há a abertura para o mesmo tipo de relacionamento que

era dispendido aos servidores na gestão anterior. Entendo que cada uma foi boa a seu modo e em seu contexto.

Durante os meus anos na UFG, de 1992 até hoje (2016), algumas pessoas marcaram minha caminhada. Como a professora Livia Abrahão, que era um exemplo de profissional e em quem eu me espelhava, queria ser uma professora espontânea e criativa como ela! Lembro-me que era muito tímida e achava que nunca ia conseguir concluir o estágio obrigatório. E ela sempre dizia que eu era muito mais capaz do que acreditava ser. Com o tempo, e concluído o estágio, tornei-me professora e o interessante é que nos meus quase 15 anos de atuação tanto na rede pública quanto na particular de ensino sempre recebi elogios dos alunos, coordenadores e até colegas de trabalho, justamente pela minha criatividade e espontaneidade. O que eu sempre admirei na Livia. Realmente, compreendo agora que ela fez parte da minha história de vida.

E a Sirlene Duarte. Outra professora do curso de Letras. Foi minha amiga dentro e fora dos muros da Universidade. Orientadora, co-orientadora, participou como membro na minha banca de defesa de mestrado e me escreveu uma carta maravilhosa na ocasião. Fiz o convite e ela me prometeu que estaria presente em minha banca de defesa de doutorado, mas isso não foi possível, pois ela ficou doente e acabou falecendo. O que deixou a mim e à comunidade acadêmica muito tristes.

Outras pessoas passaram pela minha vida acadêmica e profissional no âmbito da UFG e foram importantes em minha formação, mas as duas foram, sem dúvida, as mais significantes. Não tenho histórias interessantes sobre minha vida na UFG, pois sempre fui uma aluna muito séria e quieta. Mas lembro-me de um fato bem marcante que sempre conto para as pessoas. Quando ingressei no curso de Letras só havia poucos prédios. A iluminação era precária nos pátios, principalmente entre o prédio do curso de Letras e o da Pedagogia, que eram os que eu mais frequentava. Quando acabava a energia elétrica (fato bastante comum na época quando chovia!), pela minha perspectiva de aluna ainda muito jovem o campus parecia uma cena de filme de terror. Era tenebroso! A chuva caía, o pátio ficava todo enlameado, tínhamos medo de ir embora, pois a avenida Lamartine ficava toda escura. Hoje quando penso em nós alunas correndo pelo corredor escuro, com os cadernos nos braços, pisando em poças de lama pelo pátio, imaginando que alguém ou alguma coisa iria encostar em nosso ombro a qualquer momento, acho graça! Como éramos imaturas naquele tempo!

Enfim, penso que se não tivesse me ocorrido a oportunidade de ingressar em um curso superior na UFG em Catalão, talvez minha vida tomasse outro rumo, mas, com certeza, acredito que não teria sido o rumo que eu sempre desejei, pois, como mencionado em outro

momento, desde que era aluna da graduação eu pensava que seria minha realização trabalhar em uma universidade, que é um local em que eu me sinto muito bem.

## APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO RESPONDIDO (GEORGINA)

### \* Atuação Profissional

1- Quando começou a trabalhar na UFG-RC?

Comecei a trabalhar na UFG-RC no ano de 1988.

2- Qual a forma de ingresso?

Fui removida da Escola de Engenharia/UFG de Goiânia para a regional Catalão.

3- Se sente preparado para exercer as funções que lhes são atribuídas?

Sim, são mais de 30 anos trabalhando na área acadêmica. Já vivenciei todas as mudanças pelas quais o CGA passou no decorrer desses anos trabalhados. Passamos de uma simples secretaria acadêmica à Seccional do CGA. Aprendemos muito com as dificuldades do dia a dia e, com isso, as experiências foram sendo somadas.

4- Se sente um profissional que trabalha com a educação?

Sim.

5- O que é ser técnico administrativo em educação na Regional Catalão?

Penso que se trata de ser um servidor o qual, por força da lei - contratado ou através de qualquer outro ato jurídico - preste serviço em um órgão público de natureza permanente ou temporária. Além disso, é necessário que o servidor seja uma pessoa de respeito, sempre envolvida com todas as atividades inerentes ao cargo e ao setor, executando com qualidade e responsabilidade todas suas funções.

Não se deve esquecer também que diz respeito a um servidor público de educação. Sendo assim, deve atender bem e indistintamente a todos que o procuram, de modo que, quando solicitado pela comunidade acadêmica ou por qualquer outra pessoa da sua própria instituição, possa transmitir informações ou realizar seu trabalho dentro da legalidade, respeitando os prazos estipulados e, evitando dessa forma, que o interessado venha sofrer algum dano moral ou material por parte do servidor.

6- Acredita que tem participação no processo de aprendizagem dos alunos?

Sim.

7- Como é sua relação com os alunos?

Muito tranquila e de modo cordial. Nosso contato com os alunos começa no ato da matrícula e permanece durante toda graduação. Além disso, muitos deles, anos depois, ainda retornam em busca de informações ou para solicitar alguma documentação. Não me lembro de ter tido incidente grave com nenhum discente. Na medida do possível, quando somos procurados por eles, tentamos solucionar as dúvidas ou orientá-los para que possam sanar seus problemas da melhor forma.

8- Como é sua relação com os professores?

É uma relação de respeito e, na maioria das vezes, formal. Durante toda minha trajetória na universidade, também não me lembro de já ter tido algum incidente com os professores. Frisa-se que nosso contato maior continua sendo com os Coordenadores de Curso ou Chefes de Unidades.

Por conseguinte, com o crescimento da Regional, hoje ainda nem conhecemos muitos dos novos docentes. Todavia, quando somos procurados por eles no CGA, a referida relação é bem tranquila.

9- Como é sua relação com os técnicos administrativos?

Relaciono-me bem com todos os colegas. Mas é claro que, por afinidade de trabalho e também pela convivência ao longo desses anos, a relação com os colegas do CGA se torna mais fortalecida.

10- Como é sua relação com seus colegas de trabalho?

A melhor possível. Somos uma grande família e procuramos cultivar o respeito, coleguismo e o espírito de coletividade. Nesse sentido, quando surgem pequenos atritos, estes são contornados sem problemas.

11- Como é sua relação com a atual gestão? E com as anteriores?

Sempre tive boas relações com todas as gestões.

12- Gosta do que faz?

Sim, são muitos anos de trabalho no mesmo setor. Se não houvesse identificação, acredito que já teria buscado outro caminho. Às vezes até brinco que não saberia fazer outra coisa

caso deixasse a Universidade, sem falar em como é prazeroso trabalhar com os alunos. Aqui temos a oportunidade de conviver de perto com as dificuldades humanas, contradições, conquistas e diversidades, enfim, é um verdadeiro celeiro de aprendizagem e não tem como não gostar.

13- Se sente valorizado?

Nem sempre. Acredito que muitos de nós, servidores, às vezes nos sentimos um pouco frustrados. Passamos uma vida trabalhando com zelo, responsabilidade e dedicação para que o nome de nossa instituição seja respeitado lá fora. Por outro lado, quando se trata de um problema relacionado ao servidor, não vemos o mesmo empenho e preocupação por parte dos administradores e governantes para tentar solucioná-los. Sem falar de anos e anos sem um aumento digno de salário e de alguns deles concedidos tão somente através de inúmeras e longas greves.

14- Quanto tempo mais pretende trabalhar na UFG-RC?

Por pouco tempo.

15- Qual é a melhor parte de trabalhar na UFG-RC?

Acho o ambiente de trabalho muito bom e rico em informações, sem falar que não temos o que chamam de “perseguição política”. Trabalhamos sem pressão psicológica e, ao final, temos o privilégio de estar o tempo todo em contato com pessoas que ensinam e buscam o saber.

16- Qual a pior parte?

Considero a pior parte quando não temos o suporte necessário para atendimento e cumprimento de nosso trabalho. Como temos prazos a cumprir, muitas vezes isso se torna inviável se não trabalharmos além do nosso horário de trabalho.

17- Acha que seu salário é compatível com as funções lhe são atribuídas?

Acho que ganho pouco pelos meus mais de 30 anos de trabalho na UFG.

18- Acha que sua escolarização te auxilia nas atividades profissionais?

Como trabalhamos com o ensino superior, penso que o fato de ter passado por uma graduação e pós-graduação ajudou-me a compreender melhor esse universo. Sendo assim, acredito que a

escolarização me auxilia sim nas atividades profissionais, mas não é o fator principal para o bom desempenho da função.

19- Tem vontade de frequentar a UFG-RC como aluno? E como professor?

Como aluno, talvez. Como professor, não.

Biografia institucional:

### \* **Concepções**

1 - Qual o significado de educação para você?

Compreendo a educação, de maneira geral, como um conjunto de hábitos, costumes, valores e conhecimentos que são compartilhados, (re)aprendidos entre gerações, sendo um processo contínuo de constantes aprendizagens e troca de experiências.

2- O que é a educação superior para você?

Entendo a educação superior como mais um nível de ensino que, infelizmente, nem todos tem acesso. A referida etapa, além de ampliar o conhecimento, também nos conduz a uma formação específica qualificada e especializada.

3- Acha a educação superior importante?

Muito, pois é através da educação superior que começamos a ver o mundo de uma forma diferente. Uma boa formação nos leva a despertar nossa consciência crítica e a emitir nossas próprias opiniões.

4- Como é trabalhar em uma instituição que forma pessoas em nível superior?

É muito bom. Recebermos o aluno no ato da matrícula e acompanhamos sua vida acadêmica do início ao fim do curso. É notório e satisfatório ver o crescimento da maioria deles.

5- Acha que de alguma forma a política nacional, regional ou local influencia seu trabalho?

Sim, principalmente a política nacional.

6- Qual a importância da UFG-RC na sua vida?

Representa crescimento, conquistas e vitórias.

7 - Para você qual a importância da UFG em Catalão?

É uma instituição de grande alcance social. Através dela várias famílias puderam sonhar - e vivenciar este sonho se tornando realidade - com a possibilidade de ver seus filhos e netos fazendo um curso superior. Há alguns anos isso não seria possível, uma vez que a maioria das famílias não tinha condições de mandar seus filhos estudarem fora de Catalão.

#### \* **Percepções**

1- O que tem a falar a respeito da Regional Catalão?

Trata-se de uma instituição séria. Existem vários tipos de problemas, todavia, isso é esperado quando se trata de uma instituição em pleno crescimento. Hoje temos um quadro de servidores técnicos administrativos e de docentes extremamente competente, bem como qualificado, o que muito pode contribuir para uma boa formação de nosso alunado.

2- Qual a relação da UFG-RC com a sua vida pessoal?

A UFG/RC representa grandes conquistas para minha vida pessoal. Eu e meu esposo trabalhamos na UFG Catalão há mais de 29 anos. Tudo que tenho hoje foi construído com o fruto do nosso trabalho prestado nessa instituição. Isso, sem falar que meus filhos tiveram a oportunidade de estudar aqui, assim como várias pessoas do meu círculo familiar. Vale destacar, inclusive, que vários deles hoje estão trabalhando e ganhando bons salários.

3- Como se deu a sua história de vida, enquanto trabalhava na UFG-RC?

O Campus nos deu e tem dado muitas alegrias. Foi aqui que encontrei minha alma gêmea: dois jovens ainda inexperientes que vêm trabalhar em Catalão se conhecem, casam-se e formam uma linda família. Tivemos três filhos, muitas alegrias e, também, várias dificuldades de diversas ordens. Passamos longos períodos de baixos salários. Durante esse período, meu esposo fez mestrado e doutorado. Anos depois, eu também fiz um curso de pós-graduação. Dessa forma, fomos trilhando e vencendo as dificuldades do dia a dia. Aqui também fizemos grandes e sólidas amizades, dentro e fora da universidade. Hoje posso dizer com muito orgulho que vencemos.

4- O que tem a falar sobre a história da UFG-RC?

É uma história muito bonita. Estou aqui praticamente desde o início da implantação do antigo Campus Avançado de Catalão. Pude acompanhar de perto diversas lutas e conquistas de pessoas de vários segmentos que aqui se passaram e, muitas delas, ainda permanecem até o presente momento. Tais cidadãos sonharam e acreditaram que “uma sementinha” estava sendo plantada e que, no futuro, certamente bons frutos haveriam de ser colhidos. E hoje esse sonho se tornou uma grande realidade. Temos ainda inúmeros problemas de uma grande instituição, mas também não podemos negar que muitos e muitos frutos foram e estão sendo bem colhidos.

5- De que forma acha que contribuiu para essa história?

Acredito que eu tenha contribuído mais a partir do momento em que pedi remoção para nosso antigo Campus Avançado de Catalão. Como ele estava sendo implantado, o quadro de servidores efetivos era muito pequeno. A minha chegada significou mais um servidor efetivo que veio integrar o quadro já existente neste Campus. Sabia que aqui encontraria vários problemas não vivenciados anteriormente, pois estava vindo de uma unidade consolidada. Mesmo assim, não desisti de ficar em Catalão e hoje posso falar que contribuí um pouco para a história de construção de uma grande universidade.

6- Já passou por quantas gestões nesta regional?

Passei por oito gestões.

7- Pode falar um pouco a respeito de cada uma delas?

Acredito que todas as gestões foram de grande relevância para a construção e consolidação da Regional Catalão. Cada uma com sua particularidade e em um determinado cenário político que, ora favorecia a gestão, ora era um entrave para continuidade e crescimento da nossa instituição. Mas não podemos negar que, de uma forma ou de outra, todos lutaram e buscaram melhorias para o crescimento da nossa Regional, aperfeiçoamentos esses que vêm sendo implantados com o decorrer desses longos anos.

8- Durante esses anos de trabalho alguém que participava deste processo de formação de pessoas te marcou?

Sim, foram muitas pessoas que deixaram um legado muito importante em nossa instituição, mas destaco o nome do Prof. Brás José Coelho como um grande ser humano, um intelectual qualificado que lutou muito pela construção da nossa Regional.

9- Tem alguma história interessante, ou um fato marcante, que tenha acontecido durante esses anos de trabalho na UFG-RC que gostaria de contar?

Existem vários. Dentre eles um fato marcante e ao mesmo tempo desagradável para mim, era quando chegava o final do ano/semestre letivo e, coincidentemente, acontecia algum problema com o nosso sistema acadêmico. Com isso, tínhamos que deixar nossa família, filhos pequenos e - algumas vezes em um estado avançado de gravidez - deslocar de Catalão para Goiânia. Ficávamos por lá até três dias para, no Departamento de Assuntos Acadêmicos/UFG, digitar incessantemente os mapas de notas dos cursos ministrados em Catalão que, naquela época, era de responsabilidade do CGA. Além de ser extremamente cansativo e desagradável, acrescento que isso se repetiu inúmeras vezes e por longos anos. Sem falar que, infelizmente, muitas vezes nossas vidas eram colocadas em risco em função da direção de alguns motoristas imprudentes da instituição.

10- Tem algo para acrescentar sobre a história da UFG em Catalão?

Friso que se refere a uma história de luta muito bonita, construída por diversos atores e inúmeras concepções.

11- Mais alguma coisa que deseja falar?

Agradeço pela oportunidade de participar da sua pesquisa e espero que eu tenha contribuído com meu simples relato.

## APÊNDICE F – ROTEIRO SEMIESTRUTURADO DAS ENTREVISTAS

### **Vida Privada**

Onde nasceu?

Quando nasceu?

Experiências/vivências/contatos com o mundo da escola?

Tem filhos? Quantos?

Qual o nível de escolaridade dos filhos?

### **O ingresso na Escola**

Onde começou a escolarização?

Quem era a professora? Formada? Era exigente? Como?

Estudou até que série? Na mesma Escola? Como era a Escola (aspecto físico)? Tem fotos ou algo que ficou guardado?

Na mesma cidade?

O que eram os materiais didáticos? Todos tinham? Onde e como eram adquiridos?

Havia uniformes? Como era?

Grau de escolaridade?

### **Atuação profissional**

Quando começou a trabalhar na UFG?

Já trabalhou em outros lugares?

Algum ligado a educação?

Se sente preparada para exercer as funções que lhes são atribuídas?

Se sente uma profissional que trabalha com a educação?

Acredita que tem participação no processo de aprendizagem dos alunos?

Como é sua relação com os alunos?

Como é sua relação com os professores?

Como é sua relação com os técnicos administrativos?

Como é sua relação com seus colegas de trabalho?

Como é sua relação com a atual gestão e as anteriores?

Gosta do que faz?

Se sente valorizada?

Acha a educação superior importante?

Como é trabalhar em uma instituição que forma pessoas em nível superior?

Tem vontade de frequentar a universidade como aluna?

Durante esses anos de trabalho alguém que participava deste processo de formação de pessoas te marcou?

Quanto tempo mais pretende trabalhar na UFG?

Qual é a melhor parte de trabalhar na UFG?

Qual a pior parte?

Acha que de alguma forma a política nacional, regional ou local influencia seu trabalho?

Acha que seu salário é compatível com as funções lhes são atribuídas?

Acha que sua escolarização te auxilia nas atividades profissionais?

Tem alguma história interessante que tenha acontecido durante esses anos de trabalho na UFG que gostaria de contar?